

DO MESMO AUTOR DE
A VERDADE SOBRE O CASO
HARRY QUEBERT



JOËL DICKER

OS ÚLTIMOS DIAS DE NOSSOS PAIS





Joël Dicker

OS ÚLTIMOS DIAS
DE NOSSOS PAIS

TRADUÇÃO DE ANDRÉ TELLES

Copyright © Éditions de Fallois / L'Âge d'Homme, 2012

TÍTULO ORIGINAL

Les Derniers Jours de Nos Pères

PREPARAÇÃO

Janaína Senna

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Breno Barreto

CAPA

Victor Burton

IMAGEM DE CAPA

© iStockPhoto

FOTO DO AUTOR

© Jeremy Spierer

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-702-0

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA

Minion

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)
[Epígrafe](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)

[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)

[QUARTA PARTE](#)

[59](#)
[60](#)

[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)

[EPÍLOGO](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro livro do autor](#)

[Leia também](#)

Para minha querida Maminou e meu querido Jean.

Em memória de Vladimir Dimitrijević.

*“Nunca pense que a guerra, não importa quão necessária nem quão justificada,
não é um crime.
Pergunte aos soldados e aos mortos.”*

ERNEST HEMINGWAY
Introdução a *Treasury for the Free World*

PRIMEIRA PARTE

Que todos os pais do mundo, quando prestes a nos deixar, saibam o enorme risco que corremos sem eles.

Eles nos ensinaram a andar, não andaremos mais.

Eles nos ensinaram a falar, não falaremos mais.

Eles nos ensinaram a viver, não viveremos mais.

Eles nos ensinaram como nos tornar Homens, nem sequer seremos mais Homens. Não seremos mais nada.

Sentados, ao amanhecer, eles fumavam, contemplando o céu escuro que dançava sobre a Inglaterra. E Pal recitava seu poema. Escondido na noite, lembrava-se do pai.

No morro onde estavam, só a bituca dos cigarros brilhava na escuridão; haviam adquirido o hábito de fumar ali nas primeiras horas da manhã. Fumavam para fazer companhia um ao outro, fumavam para resistir, fumavam para não esquecer que eram Homens.

Gordo, o grandalhão, fuçava os arbustos como um vira-lata, latindo para afugentar pequenos roedores na relva encharcada, e Pal repreendia o falso cão: — Pare, Gordo! Hoje é um dia triste!

O amigo obedeceu depois de três reprimendas e, fazendo manha feito criança, rodopiou em torno do semicírculo formado pelas dez silhuetas até ir se sentar ao lado dos taciturnos, entre Rã, o depressivo, e Ameixa, o gago melancólico que amava secretamente as palavras.

— Em que está pensando, Pal? — perguntou Gordo.

— Em algumas coisas...

— Não pense em coisas ruins, pense em coisas belas.

E, com sua mão engordurada e rechonchuda, Gordo procurou o ombro do colega.

Da escadaria do velho solar que se erguia diante deles, alguém os chamou. O treinamento ia começar. Imediatamente, todos se apressaram; Pal se permitiu permanecer ali por mais um instante, escutando o murmúrio da névoa. Estava pensando outra vez em sua partida de Paris. Pensava nisso sem parar, todas as noites e manhãs. Principalmente pela manhã. Naquele dia, fazia dois meses exatos que ele se fora.

Acontecera no início de setembro, logo antes do outono. Era preciso agir: ele devia defender os Homens, defender os pais. Defender seu pai, quem, não obstante, ele jurara que nunca abandonaria desde aquele dia, alguns anos antes, quando o destino levava sua mãe. O bom filho e o viúvo solitário. Mas a guerra os pegara de surpresa, e, ao escolher as armas, Pal decidira abandonar o pai. Desde agosto já sabia que iria embora, mas fora incapaz de lhe contar. Covarde, não tivera coragem de se despedir senão na véspera da partida, depois do jantar.

— Por que você? — indagara o pai com a voz embargada.

— Porque, se não for eu, não será ninguém.

Em um arroubo de amor e sofrimento, o pai abraçara o filho para lhe dar coragem.

Ao longo de toda a noite, arrasado, o pai chorara em seu quarto. Chorava de tristeza, mas também achava que o filho, então com vinte e dois anos, era o mais corajoso de todos. Pal ficara parado diante da porta do quarto do pai, ouvindo os soluços. E subitamente passara a sentir um ódio de si mesmo por fazê-lo chorar, o que o levou a cortar o peito com a ponta de seu canivete até sair sangue. Diante de um espelho, contemplara o corpo ferido, xingara-se e perfurara ainda mais a pele na altura do coração para se certificar de que a cicatriz nunca iria sumir.

No dia seguinte de manhã, seu pai, vagando de roupão pelo apartamento, com a alma dilacerada, preparara um café forte. Pal estava sentado à mesa da cozinha, já de chapéu e com os sapatos calçados. Tomara o café lentamente, para adiar a partida. O melhor café que beberia na vida.

— Está levando roupas boas? — perguntara o pai, apontando para a mochila do filho.

— Estou.

— Deixe-me ver. Você precisa de roupas bem quentes porque o inverno vai ser rigoroso.

E o pai acrescentara algumas roupas na bagagem, além de salame, queijo e um pouco de dinheiro. Depois, esvaziara e enchera a mochila três vezes. “Vou arrumar melhor”, repetia a cada vez, tentando protelar o inexorável destino. E quando já não tinha mais nada a fazer, deixara-se invadir pela angústia e pelo desespero.

— O que será de mim? — indagara.

— Voltarei logo.

— Vou sentir muito medo por você!

— Não precisa...

— Vou sentir medo todos os dias!

Sim, enquanto o filho não voltasse, o pai ficaria sem comer nem dormir. Seria, a partir daquele momento, o mais infeliz dos Homens.

— Vai escrever para mim?

— Claro, papai.

— E eu estarei sempre esperando você.

Apertara o filho contra o peito.

— Deve continuar a aprender — acrescentara. — O aprendizado é importante.

Se os homens fossem menos burros, não haveria guerra.

Pal assentira com a cabeça.

— Se os homens fossem menos burros, não estaríamos aqui.

— Sim, papai.

— Coloquei alguns livros...

— Eu sei.

— Livros são importantes.

O pai então agarrara o filho pelos ombros, furiosamente, num rompante desesperado.

— Prometa-me que não vai morrer!

— Prometo.

Pal pegara a mochila e dera um beijo no pai. Pela última vez. E, no hall, ele ainda retivera o filho.

— Espere! Você esqueceu a chave! Como vai voltar se não tiver chave?

Pal não a queria: os que não voltam mais não levam chave. Para não magoar o pai, murmurara simplesmente: — Não queria correr o risco de perdê-la.

O pai tremia.

— Claro! Seria um estorvo... Como você voltaria... Preste atenção, vou colocá-la debaixo do tapete. Vou guardá-la aqui, debaixo do tapete, está vendo? Vou deixar sempre esta chave aqui, para quando você voltar. — Ele refletiu por um instante. — Mas e se alguém pegar? Hum... Vou avisar a zeladora do prédio, ela tem uma cópia. Eu direi a ela que você foi embora, e que a chave deve ficar sempre na portaria se eu não estiver aqui, da mesma forma que não devo sair sem deixá-la na portaria. Isso, direi a ela para ficar atenta e dobrarei as gorjetas.

— Não diga nada à zeladora.

— Não direi nada, é claro. E não trancarei mais a porta de dia nem de noite, nunca mais. Assim não haverá risco de você não conseguir entrar. — Houve um longo silêncio. — Até logo, meu filho.

— Até logo, papai — respondera.

Pal ainda murmurara “te amo, papai”, mas seu pai não ouvira.

2

Nas noites de insônia, Pal saía do dormitório, onde seus companheiros, exaustos depois dos exercícios, dormiam pesado, e vagava pelo solar gelado, no qual o vento entrava como se não houvesse portas nem janelas. Sentia-se um fantasma escocês, ele, o francês furtivo; passava pela cozinha, pelo refeitório, pela grande biblioteca; consultava seu relógio de pulso, depois os na parede, calculando quanto tempo faltava para ir fumar com os colegas. Às vezes, a fim de expulsar os pensamentos lúgubres, inventava uma história engraçada para se divertir sozinho e, se a considerasse boa, anotava-a para contar aos recrutas no dia seguinte. Quando não sabia mais o que fazer, ia molhar suas entorses e feridas e, na solidão do banheiro, dizia o próprio nome, Paul-Émile, Pal, como o chamavam ali, pois quase todo mundo recebera um apelido. Vida nova, nome novo.

Tudo começara meses antes em Paris, quando, em duas ocasiões, acompanhado por um de seus amigos, Marchaux, ele pintara cruzes de lorena em um muro. Na primeira vez, tudo correria bem. Então os dois fizeram de novo. A segunda incursão acontecera em um fim de tarde, num beco. Marchaux ficara de tocaia, enquanto Pal pintava. Estava trabalhando quando percebera uma mão agarrar seu ombro e ouvira: “Gestapo!” Sentira o coração parar de bater e se virara: um sujeito alto o segurava com firmeza com uma das mãos e a Marchaux com a outra.

— Seus idiotas — vociferara o homem. — Querem morrer por causa de uma pichação? Pichação não serve para nada!

O cara não era da Gestapo. Ao contrário. Marchaux e Pal voltaram a encontrá-lo duas vezes. A terceira reunião acontecera nos fundos de um bar em Batignolles, com um homem que eles nunca tinham visto, aparentemente um inglês. O tal sujeito dissera estar à procura de franceses corajosos, dispostos a se juntar ao esforço de guerra.

Pal e Marchaux, então, partiram. Uma rede de intermediários os ajudou a chegar à Espanha, passando pelo sul do país e pelos Pireneus. Marchaux decidira seguir para a Argélia. Pal queria continuar até Londres. Dizia-se que era lá que as coisas estavam acontecendo. Chegara a Portugal; depois, de avião, à Inglaterra. Já em Londres, passara pelo centro de interrogatório de Wandsworth — parada obrigatória para todos os franceses que desembarcavam na Grã-Bretanha — e, misturado aos covardes, corajosos, patriotas, comunistas, brutos,

veteranos, desesperados e idealistas, se apresentara perante os serviços de recrutamento do Exército britânico. A Europa fraternal afundava, como um barco construído às pressas. A guerra já durava dois anos, nas ruas e nos corações, e todos reclamavam sua parte.

Não ficara muito tempo em Wandsworth. Fora rapidamente levado a Northumberland House, um antigo hotel ao lado da Trafalgar Square requisitado pelo Ministério da Defesa. Lá, num cômodo despojado e gélido, tivera longas conversas com Roger Calland, francês como ele. O assunto estendera-se por vários dias: Calland, psiquiatra de formação, virara recrutador para a Executiva de Operações Especiais, uma seção de atividades clandestinas do serviço secreto britânico, e tinha interesse em Pal. O rapaz, ignorando o destino que lhe reservavam, limitara-se a responder aplicadamente às perguntas e aos formulários, feliz em poder dar sua pequena contribuição ao esforço de guerra. Se o considerassem útil como metralhador, viraria um, ah!, como metralharia bem de sua torrezinha; se fosse como mecânico, se tornaria um e apertaria os parafusos como ninguém jamais fizera; e se as cabeças pensantes inglesas lhe reservassem um papel de pequeno burocrata numa gráfica de propaganda, carregaria paletas de tinta com entusiasmo.

Calland, no entanto, logo percebera que Pal reunia as qualidades dos bons agentes de campo da Executiva de Operações Especiais, a SOE, na sigla em inglês. Era um rapaz tranquilo e discreto, com rosto meigo, bonito até, e de constituição forte; era um ardoroso patriota, sem ser um daqueles esquentadinhos capazes de levar ao fim uma companhia inteira, nem um daqueles apaixonados deprimidos que foram desprezados e que queriam a guerra porque desejavam a morte. Expressava-se bem, com lógica e veemência, e o psiquiatra divertira-se ao ouvir sua explicação de que, sim, aceitaria trabalhar na gráfica, mas teria que aprender um pouco porque, de gráfica, não entendia muito, apesar de gostar de escrever poemas e pensar que daria tudo para fazer belos, magníficos panfletos a serem lançados estrepitosamente dos bombardeiros e que os pilotos declamariam em seus cockpits com emoção, pois, afinal, fazer panfletos também é participar da guerra.

E Calland escrevera em suas anotações que o jovem Pal pertencia ao rol das pessoas valorosas que frequentemente ignoram isso, o que acrescenta modéstia às suas qualidades.

*

A SOE tinha sido idealizada pelo próprio primeiro-ministro Churchill no dia

seguinte à derrota inglesa em Dunquerque. Consciente de que não poderia enfrentar os alemães com um exército regular, decidira inspirar-se nos movimentos de guerrilha para combater no interior das linhas inimigas. E seu conceito era notável: a Executiva, sob direção britânica, recrutava estrangeiros na Europa ocupada, treinava-os e formava-os na Grã-Bretanha, depois os enviava a seus países de origem, onde eles passavam despercebidos em meio à população local, para executar operações secretas na retaguarda das linhas inimigas, como divulgação de informações, sabotagens, atentados, propaganda e formação de redes.

Efetuada todas as verificações de segurança, Calland finalmente falara sobre a SOE com Pal. Foi no fim do terceiro dia em Northumberland House.

— Você estaria disposto a realizar missões clandestinas na França? — perguntara o médico.

O coração do rapaz ficara acelerado.

— Que tipo de missão?

— Assuntos de guerra.

— Coisa perigosa?

— Bastante.

Em seguida, em tom de confiança paternal, Calland explicara muito sucintamente o que era a SOE, ao menos o que a nuvem de segredos que cercava a Executiva lhe permitia revelar, pois convinha que o rapaz apreendesse todo o alcance daquela proposta. Sem compreender tudo, Pal compreendia.

— Não sei se serei capaz — confessara.

Estava lívido, ele, que se imaginara um mecânico todo satisfeito ou um tipógrafo feliz da vida, e que estava recebendo a proposta, em meias palavras, de se juntar ao serviço secreto.

— Vou lhe dar um tempo para refletir — dissera Calland.

— Claro, um tempo...

Nada impedia Pal de dizer não, de voltar à França, reencontrar sua tranquilidade parisiense, abraçar novamente o pai e nunca mais deixá-lo. Contudo, no fundo de sua alma atormentada, já sabia que não recusaria. O que estava em jogo era extremamente importante. Ele percorrera todo aquele caminho para participar da guerra, então não podia mais desistir. Com o estômago embrulhado e as mãos trêmulas, Pal voltara ao quarto no qual o haviam instalado. Tinha dois dias para pensar.

Depois desses dois dias, Pal tivera outra conversa com Calland, em Northumberland. Pela última vez. Mas não o levaram à sinistra sala de interrogatórios, mas a um cômodo agradável, bem-aquecido, com janelas que davam para a rua. Em cima de uma mesa, haviam deixado biscoitos e chá, e,

como Calland se ausentara por um instante, Pal avançara na comida. Estava faminto, pois não comera praticamente nada nos últimos dois dias, por causa da angústia. Devorou o que podia, engolindo sem mastigar. De repente, a voz de Calland fizera-o sobressaltar.

— Desde quando você não come, rapaz?

Pal nada respondera. Calland o analisara detidamente: considerava-o um rapaz sedutor, educado, inteligente, sem dúvida o orgulho dos pais. Mas reunia também as qualidades de um bom agente, o que certamente o levaria à perdição. Perguntara-se por que diabo aquele jovem aparecera ali, por que não ficara em Paris. E, como se quisesse desafiar o destino, levava-o a uma cafeteria próxima para lhe oferecer um sanduíche.

Comeram em silêncio, sentados ao balcão. Depois, em vez de voltarem diretamente para Northumberland House, vagaram pelas ruas do centro de Londres. Pal declamara, sem motivo, um poema de sua autoria sobre seu pai, inebriado pelos próprios passos. Londres era uma bela cidade, os ingleses eram um povo muito ambicioso. Calland parara de repente no meio da avenida e o segurara pelos ombros.

— Vá embora, meu filho — dissera. — Corra para reencontrar seu pai. Nenhum Homem merece o que o espera.

— Os Homens não fogem.

— Vá, pelo amor de Deus! Vá e não volte nunca mais!

— Não posso... Aceito sua proposta!

— Pense um pouco!

— Já decidi. Mas o senhor precisa saber que nunca participei de uma guerra.

— Nós lhe ensinaremos... — O médico suspirou. — Pelo menos tem consciência do que está prestes a fazer?

— Acredito que sim, senhor.

— Não, você não faz ideia!

Então Pal olhara fixamente para Calland. Em seus olhos brilhava a luz da coragem, aquela coragem dos filhos que deixa os pais desesperados.

*

À noite, portanto, no solar, Pal só pensava em seu ingresso na equipe da Seção F da SOE, à qual se juntara por recomendação do Dr. Calland. Sob comando geral inglês, a organização se subdividia em diversas seções, encarregadas das operações nos diferentes países ocupados. A França contava com várias, por causa de suas distorções políticas, e Pal fora integrado à Seção F, a dos franceses

independentes que não eram ligados nem a De Gaulle — Seção DF —, nem aos comunistas — Seção RF —, nem a Deus ou a ninguém. Recebera como disfarce uma patente e uma matrícula no Exército britânico. Se lhe fizessem perguntas, bastaria responder que trabalhava para o Ministério da Defesa, o que não tinha nada de excepcional, sobretudo numa época como aquela.

Passara algumas semanas solitárias em Londres, esperando que sua formação de agente começasse. Trancado em seu quartinho, amadurecera sua decisão: ele havia abandonado o pai, preferira a guerra. *Quem você ama mais?*, perguntava-lhe sua consciência. A guerra. Mas não conseguia deixar de se questionar se um dia voltaria a ver o pai que tanto amara.

Tudo começara de fato no início de novembro, próximo a Guilford, em Surrey. No solar. Ia completar duas semanas. Wanborough Manor e seu grupo de fumantes da madrugada. A primeira etapa da escola de formação dos recrutas da SOE.

3

Wanborough era um lugarejo que ficava a poucos quilômetros da cidade de Guilford, ao sul de Londres. O acesso se dava por uma única estrada, que serpenteava entre as colinas até casas esparsas, construções de pedra, algumas datando de vários séculos, erigidas na época para o serviço de Wanborough Manor, um domínio ancestral criado no ano mil, que fora, ao longo do tempo, feudo, abadia, fazenda, até se tornar, sob sigilo, uma escola de treinamento especial da SOE.

A formação conferida pela SOE levava, em poucos meses, os recrutas aos quatro cantos da Grã-Bretanha, para as quatro escolas que deviam instruir os futuros agentes na arte da guerra. A primeira, onde eles permaneciam cerca de quatro semanas, era uma escola preliminar — *preliminary school* —, cuja função principal consistia em descartar os componentes menos aptos a se tornarem membros da Executiva. As escolas preliminares haviam sido instaladas nos solares disseminados pelo sul do país e nas Midlands. Wanborough Manor recebia apenas as escolas preliminares da Seção F. Oficialmente, e para os curiosos de Guilford, aquele lugar não passava de um campo de treinamento de tropas do Exército britânico. Era um belo local, uma propriedade aristocrática, num terreno verde entremeado por arvoredos e colinas, tendo uma floresta nas adjacências. O prédio principal erguia-se entre compridos álamos, e, nos arredores, havia alguns anexos: um amplo celeiro e até uma capela de pedra. Pal e os outros recrutas começaram a criar uma rotina.

O processo de seleção era implacável: dos vinte e um que haviam se apresentado, no frio de novembro, restavam apenas dezesseis, incluindo Pal.

Stanislas, quarenta e cinco anos, o decano do grupo, era um advogado inglês, francófono e francófilo, e ex-piloto de combate.

Aimé, trinta e sete anos, um marselhês com sotaque cantante, sempre afável.

Dentista, trinta e seis anos, trabalhava como dentista em Rouen. Quando corria, arfava feito um cão.

Frank, trinta e três anos, um lionês atlético, ex-professor de ginástica.

Rã, vinte e oito anos, vítima de crises de depressão que não o haviam impedido de ser recrutado. Parecia uma rã devido aos seus grandes olhos saltados no rosto magro.

Gordo, vinte e sete anos, cujo nome verdadeiro era Alain, mas fora apelidado Gordo por ser gordo. Afirmava que isso se devia a uma doença, mas sua doença

resumia-se a comer muito.

Key, vinte e seis anos, vindo de Bordeaux, um ruivo alto, forte e carismático, munido de dupla nacionalidade, francesa e britânica.

Faron, vinte e seis anos, um brutamontes de dar medo, com uma imensa massa muscular, talhado para a luta e que, aliás, servira nas fileiras do Exército francês.

Slaz, o Porco, vinte e quatro anos, um francês do Norte, de origem polonesa, atarracado e ágil, de olhar ardiloso, tez estranhamente bronzeada e nariz parecido com um focinho.

Ameixa, o gago, vinte e quatro anos, nunca falava porque sua língua vivia travando.

Couve-Flor, vinte e três anos, tinha esse apelido por causa de suas imensas orelhas de abano e da testa grande demais.

Laura, vinte e dois anos, uma loura de olhos faiscantes e um jeito encantador, oriunda dos bairros elegantes de Londres.

Grande Didier e Max, ambos com vinte e um anos, pouco dotados para a guerra, que juntos vieram de Aix-en-Provence.

Claude, o padre, dezenove anos, o mais jovem de todos, um doce de pessoa, que renunciara ao seminário para lutar.

Os primeiros dias tinham sido os mais duros, pois nenhum dos candidatos imaginara a dificuldade dos treinamentos. Puxadíssimos, exaustivos. Os recrutas eram acordados de madrugada e, morrendo de medo, vestiam-se às pressas em seus quartos gélidos e dirigiam-se imediatamente à sessão matinal de combate corpo a corpo. Em seguida, tinham direito a um café da manhã farto, pois não estavam sob racionamento. Depois, aprendiam um pouco de teoria, código Morse ou comunicação via rádio, e, por fim, os fatigantes exercícios físicos começavam: corridas, ginásticas variadas e novamente o combate corpo a corpo — combates violentos que tinham como única regra não haver regras para exterminar o inimigo. Os candidatos jogavam-se um em cima do outro, berrando e distribuindo socos sem cerimônia; às vezes se mordiam para se desvencilhar de uma imobilização. As lesões não eram poucas, mas todas sem gravidade. E o dia seguia assim, entrecortado por algumas pausas, terminando, no fim da tarde, com sessões mais técnicas, durante as quais os instrutores ensinavam os recrutas a aplicar golpes simples, mas temíveis, e a usar só as mãos para desarmar um adversário portando uma faca ou uma pistola. E os recrutas, exauridos, podiam finalmente ir tomar banho, antes do jantar, que era cedo.

No começo, no refeitório do solar, eles comiam no silêncio dos famintos, sem conversar, sentados juntos, mas ignorando-se, como animais; o *fressen* dos alemães. Depois disso, solitários, extenuados, com medo de não suportar mais, desabavam em seus dormitórios. Fora nessas ocasiões que haviam estabelecido

relações e que as primeiras afinidades tinham sido declaradas. Na hora de irem se deitar, contavam piadas e casos, revivendo o dia para amenizar o clima. Às vezes, partilhavam suas angústias, o medo dos combates do dia seguinte, mas não muito, por pudor. Dessa forma, Pal rapidamente fizera amizade com Key, Gordo e Claude, com quem dividia o quarto. Gordo distribuía a seus colegas um monte de biscoitos e salame inglês que ele trouxera na mochila, e, mordiscando os biscoitos e fatiando o salame, conversaram até que fossem vencidos pelo sono.

Após a refeição da noite, na cantina, todo mundo embarcava em longos carteados; de madrugada, no morro, fumavam juntos, para ganhar coragem. E não demorou muito para que todos os recrutas fizessem amizade.

Key, forte e dotado de um caráter incisivo, tornou-se um dos primeiros amigos de verdade de Pal no seio da Seção F. Dele emanava uma calma serena e tranquilizadora: era um bom conselheiro.

Aimé, o marselhês, inventor de um jogo parecido com bocha que contava também com pedregulhos redondos, procurava frequentemente a companhia de Pal. Repetia o tempo todo que ele lhe lembrava o próprio filho. Dizia-lhe isso quase todas as manhãs, no alto do morro, como se a memória lhe fugisse.

— De onde você é mesmo, rapaz?

— Paris.

— É verdade... Paris. Bela cidade, Paris. Conhece Marselha?

— Não. Não tive oportunidade, pelo menos desde ontem.

Aimé caía na risada.

— Estou sendo repetitivo? É que vocês lembram meu filho.

Key dizia que o filho de Aimé havia morrido, mas ninguém ousava lhe perguntar.

Rã e Stanislas costumavam se isolar para jogar xadrez numa mesinha portátil que Stanislas trouxera na sua bagagem. Rã, um jogador temível, ganhava a maioria das partidas, e seu adversário, mau perdedor, ficava uma fera.

— Xadrez de merda! — berrava, jogando os peões pelo quarto.

Todos reagem dando risada, e Slaz, impertinente, gritava para Stanislas que ele estava gagá e já não tinha mais cabeça, então Stanislas prometia paternalmente dar-lhe uns tabefes, o que acabava nunca acontecendo. Nesses momentos, Gordo corria atrás de Stanislas e recolhia as peças espalhadas pelo chão.

— Não precisa quebrar seu belo jogo, Stan — repetia ele, que se preocupava com todos os colegas.

Gordo era certamente o mais simpático dos recrutas, cheio de boas intenções, que às vezes chegavam a incomodar. Por exemplo, para animar os colegas

durante o aquecimento individual de manhã, em frente ao solar, sob o nevoeiro úmido e gélido, ele cantava a plenos pulmões uma cantiga infantil horrorosa: *Rougnagni tes ragnagna*. Pulava, já transpirando, ofegante, e dava tapinhas nos ombros dos recrutas recém-acordados, berrando no ouvido deles, cheio de ternura amigável: “*Rougnagni tes ragnagna, choubi, choubi, choubi, choubidouda.*” Costumava receber uns tapas, mas no fim do dia, debaixo do chuveiro, os recrutas surpreendiam-se cantarolando aquele refrão.

Já Faron, o brutamontes, garantia que nunca ficava cansado com os treinamentos. Chegava até a sair para correr sozinho a fim de exigir mais dos seus músculos, e todas as noites fazia flexões sobre as vigas do celeiro e massagens faciais no seu dormitório. Numa noite de insônia, Pal o encontrara no refeitório, onde, como se estivesse possuído, continuava a se exercitar.

O jovem Claude, que pretendia ser padre antes de voltar atrás e ingressar quase que por acaso no serviço secreto britânico, transbordava uma gentileza doentia, sugerindo que ele não fora feito para a guerra. Rezava todas as noites, ajoelhado ao lado da cama, indiferente às zombarias. Dizia rezar para si mesmo, mas orava sobretudo por *eles*, seus colegas. Chamava-os às vezes para rezar com ele, mas, como todos recusavam, desaparecia e se enfurnava na pequena capela de pedra da propriedade, explicando a Deus que seus companheiros não eram pessoas ruins e que seguramente tinham um monte de boas razões pelas quais não queriam mais rezar. Claude era muito jovem, e sua aparência o fazia parecer ainda mais novo; era de estatura mediana, muito magro, sem barba, os cabelos castanhos cortados curtos e o nariz achatado. Tinha olhos fugidios, de gente tímida, e às vezes, no refeitório, quando tentava se juntar a um grupo em plena discussão, curvava as costas, constrangido e desajeitado, como se desse jeito ficasse mais discreto. Pal sentia pena daquele sujeito singelo, e certa noite foi com ele até a capela. Gordo, como um cão fiel, ia atrás cantarolando, contando as estrelas e mastigando um palito para enganar a fome.

— Por que você nunca vem rezar? — perguntou Claude.

— Porque rezo mal — respondeu ele.

— Não se pode rezar mal quando se é fervoroso.

— Não sou fervoroso.

— Por quê?

— Não acredito em Deus.

Claude pareceu estupefato e, sobretudo, constrangido perante o Senhor.

— Em que acredita, então?

— Em nós, que estamos aqui. Acredito nos Homens.

— Ah, os Homens não existem mais. É por isso que estou aqui.

Houve um silêncio embaraçoso, pois cada um havia criticado a religião do

outro, então Claude deixou escapar sua indignação:

— Você não pode não acreditar em Deus!

— Você não pode deixar de acreditar nos Homens!

Pal, por simpatia, ajoelhou-se ao lado de Claude. Por simpatia, mas acima de tudo porque no fundo temia que o colega tivesse razão. E, aquela noite, rezou pelo seu pai, de quem sentia muita saudade, para que ele fosse poupado dos horrores da guerra e dos horrores que eles se preparavam para cometer, eles, que estavam aprendendo a matar. Mas matar não era tão fácil: Homens não matam Homens.

*

Os grupos de aspirantes à SOE eram chefiados por um oficial do serviço secreto britânico, militar experiente e encarregado de guiá-los em sua formação, acompanhar sua evolução e orientá-los mais tarde. O grupo de Pal estava sob a responsabilidade do tenente Murphy Peter, ex-agente de ligação do Serviço Secreto de Inteligência, em Bombaim. Era um inglês alto e muito magro, com cinquenta e poucos anos, inteligente, um psicólogo severo, porém sutil, e muito afeiçoado a seus recrutas. Era o tenente que os acordava, que se preocupava e zelava por eles. Discreto em meio ao nevoeiro, sua silhueta angulosa vigiava os aprendizes de guerreiro durante o treinamento; fazia anotações sobre seus desempenhos, apontava suas forças e fraquezas e, quando tinha a impressão de que um deles não resistiria mais por muito tempo, era obrigado a cortá-lo da lista final, o que era um grande suplício para ele. Como o tenente Peter não falava francês e a maioria dos recrutas não dominava o inglês, o grupo também tinha a companhia de um intérprete, um escocês poliglota, de quem nada se sabia e que se apresentava sobriamente como David. Quanto aos três anglófonos, Key, Laura e Stanislas, eles foram categoricamente proibidos de se comunicar em inglês para que seu francês ficasse acima de qualquer suspeita e não os traísse quando estivessem em ação. Portanto, David era constantemente solicitado para traduzir as instruções, perguntas e conversas desde que acordavam até a noite, e suas traduções geralmente eram sonolentas de manhã, brilhantes durante o dia e cansadas e lacunares à noite.

Quando anoitecia, o tenente Peter passava as instruções para o dia seguinte; de manhã, dava o sinal para o início dos exercícios e arrancava os retardatários da cama. O treinamento começava ao raiar do dia. Os recrutas seguiam um programa de fortalecimento com exercícios físicos puxados: corrida individual, em grupo, alinhados, em fila; rastejar no chão, na lama, nos arbustos; jogar-se

em riachos congelados; subir em cordas até queimar as mãos. Havia também sessões de boxe, luta de solo, combates desarmados contra armas de fogo. Os corpos ficavam cheios de hematomas, braços e pernas marcados por escoriações. Tudo doía.

Após o último exercício, era hora do banho. Os corpos nus e tiritando de frio, com cortes e lesões, amontoavam-se nos banheiros exíguos, e, sob o jato da água morna, na intimidade de um denso vapor branco, os recrutas emitiam suspiros de cansaço. Pal considerava a ducha um momento privilegiado: deixava a água correr lentamente pelo corpo exausto, levando embora o suor, a lama, o sangue, lavando as escoriações. Ensaboava-se sem pressa, massageando os ombros doloridos, sentindo-se um homem novo após se enxaguar, certamente esgotado, porém mais forte, mais resistente, mudando de pele como uma serpente; tornava-se outro. Perdia-se ainda um pouco sob a água, submergia a cabeça e o cabelo, pensava em seu velho pai, esperando que estivesse orgulhoso do filho. Seu espírito ficava em paz, com aquela sensação inebriante de dever cumprido, que duraria até o jantar, até Peter aparecer no refeitório ruidoso para fornecer o programa e os horários do dia seguinte. Então, a apreensão diante da dificuldade dos exercícios do dia seguinte voltava a tomar conta de todos. Menos, talvez, de Faron.

Todo mundo aproveitava o banho para observar os colegas nus e assim avaliar os mais fortes entre eles, os que convinha evitar durante os exercícios corpo a corpo. Faron, com sua alta estatura e seus músculos avantajados, era certamente o mais temível; dava medo, e sua feiura peculiar aumentava a selvageria que emanava de sua corpulência. Seu rosto era quadrado e antipático, sua cabeça, raspada e áspera como se ele tivesse sarna, e o rapaz balançava os braços ao lado do corpo como os grandes símios. Contudo, querendo avaliar os mais fortes, percebiam sobretudo os mais fracos, os que provavelmente não resistiriam por muito tempo, os mais despreparados, franzinos ou marcados por ferimentos profundos. Pal achava que os próximos seriam Rã e Claude. Claude, o melancólico, que parecia não ter consciência de seu novo destino e que às vezes perguntava a Pal: — Mas, no fundo, o que faremos depois?

— Depois iremos para a França.

— E o que faremos na França?

E ele nunca sabia o que responder. Em primeiro lugar, porque desconhecia o que fariam lá, e em segundo, porque Calland o avisara: nem todos retornariam. Então, como dizer a Claude, que acreditava tão piedosamente em Deus, que talvez fossem morrer?

No fim da segunda semana de treinamento foi a vez de Dentista ser eliminado. Na noite de sua partida, como Key havia proposto a Pal que fossem fumar no morro, embora ainda não houvesse amanhecido, o rapaz lhe perguntou o que acontecia com os que eram desqualificados na seleção.

— Não voltam mais — respondeu Key. — A princípio, Pal não compreendeu, e o colega acrescentou: — São isolados.

— Isolados?

— Os que fracassam aqui são isolados. Para não revelarem nada do que sabem.

— Mas nós não sabemos nada.

Key deu de ombros, pragmático. Não adiantava se perguntar o que era justo ou injusto.

— Como sabe disso?

— Apenas sei.

Key ordenou que Pal não reproduzisse nada daquilo, pois poderia trazer aborrecimentos para ambos, e ele lhe prometeu. No entanto, estava tomado por um profundo sentimento de revolta: iam confinar Dentista e os outros porque eram *inaptos*. Mas inaptos para quê? Para guerra? Eles nem sequer sabiam o que era a guerra! E Pal chegou a se perguntar se os ingleses eram mesmo melhores que os alemães.

A chuva, britânica e pontual, desabou sobre Wanborough Manor: uma chuva fria, pesada e interminável. O céu inteiro transpirava. O solo ficou encharcado, e os recrutas ensopados viram sua pele ganhar um tom lívido, enquanto suas roupas, sem tempo para secar, mofavam.

Além dos treinamentos físicos e dos exercícios militares, a formação concedida nas escolas preliminares da SOE englobava tudo o que pudesse ser útil no campo. Os exercícios físicos eram entremeados por diversos cursos teóricos e práticos. Ao longo dos dias, os recrutas aprenderam rudimentos de comunicação, como sinais codificados, código Morse, leitura de mapas ou utilização de um radiotransmissor. Aprenderam também a atravessar descampados e a permanecer horas a fio imóveis na floresta, bem como a dirigir carro e caminhão, nem sempre com muito sucesso.

No início da terceira semana, sob uma chuva insistente, os aspirantes tiveram aulas de tiro de pistola, com calibres .38 e .45, e metralhadoras Browning. A maioria manejava uma arma pela primeira vez, e, alinhados de frente para um monte de terra, atiravam, concentrados, com maior ou menor destreza. Ameixa era um verdadeiro desastre: por diversas vezes quase deu um tiro no próprio pé, depois de quase atirar no instrutor, ao passo que Faron mirava com grande precisão, acertando suas balas no centro dos alvos de madeira. Couve-Flor, por sua vez, tremia a cada tiro, e Rã fechava os olhos logo antes de apertar o gatilho. Ao fim da primeira jornada de tiro, todos cuspiram um catarro preto, cheio de pólvora. O tenente Peter assegurou que aquilo era perfeitamente normal.

Novembro ia ficando para trás, mas Pal sentia o espectro da solidão sempre presente. Não parava de pensar no pai. Queria muito lhe escrever, contar que estava bem e que sentia saudade. Mas em Wanborough era proibido escrever aos pais. Sabia que não era o único a chafurdar na solidão, que todos a padeciam, que se resumiam a míseros mercenários! Naturalmente, à medida que os dias passavam, os recrutas iam ficando mais fortes: a névoa lhes parecia menos uma névoa, a lama, menos lama, o frio, menos frio, embora sofressem moralmente. Então, para se sentirem melhor, censuravam os outros para não censurarem a si próprios. Zombavam de Claude, o devoto, dando-lhe chutes nas nádegas quando ele estava ajoelhado rezando, chutes que não machucavam o corpo, mas o coração. Caçoavam de Stanislas, que vagueava num grande camisolão nos momentos de descanso, na tentativa de secar suas roupas. Implicavam com

Ameixa, o gago inepto, que se atrapalhava ao atirar e acertava tudo menos os alvos. Zoavam Rã e suas questões existenciais, que nunca se misturava aos outros para comer. Sacaneavam Couve-Flor e suas orelhas de abano, que ficavam escarlates quando o vento as fustigava. “Você é nosso elefante!”, diziam, dando-lhe tapas muito fortes no lóbulo da orelha. Hostilizavam Gordo também, o obeso. Todo mundo sentia necessidade de zombar pelo menos um pouco, para se sentir melhor, até de Pal, o filho fiel, de Key, o leal, e de todos os outros, menos da meiga e maternal Laura, que, por sua vez, nunca ria de ninguém.

E nenhum deles era indiferente a Laura. Nos primeiros dias, em Wanborough Manor, todo mundo havia duvidado de sua capacidade, por ser a única mulher no meio de todos aqueles homens, mas, no momento, os recrutas morriam secretamente de prazer quando, no refeitório, ela vinha sentar-se à sua mesa. Pal não tirava os olhos dela, parecia-lhe a mulher mais bonita que já vira: era deslumbrante, tinha um corpo lindo e um sorriso magnífico, mas acima de tudo emanava um encanto, um estilo de vida, uma ternura no olhar que a faziam especial. Nascida em Chelsea, de pai inglês e mãe francesa, conhecia bem a França e falava a língua sem qualquer sotaque. Estudara literatura anglo-saxã em Londres durante três anos, antes de ser pega pela guerra e recrutada pela SOE na faculdade. Muitos aspirantes eram convocados nos bancos das universidades inglesas, sobretudo os com dupla nacionalidade, que ofereciam a segurança de ser ingleses, ao mesmo tempo que não eram completamente estrangeiros nos países para os quais acabavam sendo enviados.

Muitas vezes, quando um recruta do qual zombavam ia se isolar, era Laura que o consolava. Vinha se sentar perto do companheiro, lhe dizia que não era nada grave, que os outros afinal não passavam de homens e que no dia seguinte todos já teriam esquecido os resultados ruins no tiro, a fragilidade da alma, os pneuzinhos na barriga e o gaguejo, que tanto os fizeram rir. Depois ela abria um sorriso, daqueles que curavam todas as mágoas. Quando Laura sorria, todo mundo se sentia melhor.

Ela dizia a Gordo, que era o homem mais feio de toda a Inglaterra: “Não acho que você seja gordo. Você é forte e, para mim, é muito charmoso.” Ele, então, durante uma fração de segundo, julgava-se atraente. E, mais tarde, no chuveiro, esfregando suas gordurinhas, jurava que depois da guerra nunca mais transaria com putas.

Ela dizia a Ameixa, o gago: “Acho bonitas as palavras que você diz, não importa como as pronuncia, porque são bem bonitas.” E Ameixa, durante uma fração de segundo, considerava-se um orador. Sob o chuveiro, fazia longos e impecáveis discursos.

A Claude, o padre, o contrito difamado, ela dizia: “Felizmente você acredita em Deus. Peça e continue pedindo por todos nós.” E o rapaz encurtava seu banho para poder rezar mais algumas ave-marias.

Já a Rã, que era ridicularizado por querer ficar sozinho e desfrutar de sua tristeza, ela falava que também costumava se sentir triste, por causa de tudo o que estava acontecendo na Europa. Os dois passavam um tempo juntos, ombro a ombro, e depois se sentiam melhor.

*

Em uma manhã da terceira semana, quando Pal, Ameixa, Gordo, Faron, Frank, Claude e Key fumavam no morro encharcado como de costume, atravessaram a névoa que no momento contava com o vulto de uma raposa, longilínea, sarnenta, que os saudou com um terrível rosnado. Claude arriscou uma resposta amistosa, com as mãos formando um funil para imitá-la melhor, mas o animal chispou dali.

— Raposa miserável! — vociferou Frank.

— Não se preocupe com ela — disse Gordo.

— Ela pode estar com raiva.

— Como pode ficar com medo de uma raposa se não tem medo dos alemães?

Frank semicerrou os olhos para fazer cara de mau e não passar por covarde.

— Mas... ela pode estar com raiva.

— Ela, não — garantiu Gordo. — Georges, não.

Todos se viraram para Gordo, incrédulos.

— Quem? — perguntou Pal.

— Georges.

— Você deu um nome para aquela raposa?

— Dei. Volta e meia esbarro com ela.

Gordo deu uma tragada no cigarro, com ar displicente, exultante porque estavam demonstrando interesse nele.

— Ninguém batiza uma raposa com o nome de *Georges* — disse Key. — *Georges* é para humanos.

— Chame-a de *Raposa* — sugeriu Claude.

— *Raposa* não quer dizer nada — resmungou Gordo. — Quero chamá-la de Georges.

— Tenho um primo com esse nome! — declarou Slaz, indignado.

E todos caíram na gargalhada.

Dessa forma, ficaram sabendo que Gordo costumava perambular pelos

arredores do solar atrás de comida, sendo possível vê-lo de madrugada e no crepúsculo debaixo de um grande salgueiro de tronco oco. E a raposa de Gordo foi o grande assunto de Wanborough naquele dia. Laura quis saber de qualquer jeito como ele fizera para adestrar uma raposa, o que encheu de orgulho o gorducho. “Não se pode dizer que eu a adestrei, só lhe dei um nome”, explicou com modéstia.

Na manhã seguinte, o grupo todo foi fumar, não no morro de sempre, mas a poucos passos do famoso salgueiro, na esperança de ver Georges. Gordo, que se tornara nessas circunstâncias o guia massai do safári, ruminava em voz alta: “Não sei se ela virá... Tem muita gente... Sem dúvida está assustada...” E se sentiu muito importante e achou formidável se considerar muito importante, pois era uma sensação de felicidade extrema, a mesma dos ministros e presidentes.

Georges, por duas manhãs consecutivas, apareceu para os fumantes, sempre sob o grande salgueiro. E de tanto observá-la, constatando que a raposa ficava sentada mastigando o tempo todo, Slaz notou que o animal encontrava comida dentro do tronco oco.

— Ela está se empanturrando! — exclamou ele, baixinho, pois Gordo tinha lhes dito para sussurrarem a fim de não espantar Georges.

— Do que ela está se empanturrando? — indagou um deles.

— Não faço ideia, não estou vendo.

— Será que são minhocas? — sugeriu Claude.

— Raposas não comem minhocas! — corrigiu Stanislas, que conhecia bem esses animais por tê-los caçado com cães. — Comem várias coisas, mas minhocas, não.

— Acho que aquela é a despensa dela — declarou Gordo, num tom convencido. — É por isso que vem sempre aqui.

Todos concordaram, e Gordo considerou-se formidável de novo.

Mas não era por acaso que Georges, a raposa, ia para debaixo do salgueiro: fazia dez dias que Gordo deixava restos de comida lá para atraí-la, os quais ele escondia nos bolsos durante as refeições. No início, agira assim para poder ver de perto o animal: ficara à sua espera, de tocaia, pelo simples prazer de observá-lo. Nos últimos dois dias, contudo, deleitava-se com sua iniciativa, que fizera da raposa e dele mesmo o centro da atenção geral. E, ao nascer do dia, com todos espremidos à sua volta para ver o bicho, Gordo abençoou amorosamente sua nobre raposa vagabunda, que na verdade era franzina e doente, o que ele evitou revelar, é claro.

No último dia da terceira semana, o tenente Peter concedeu uma tarde de descanso aos recrutas, que estavam exaustos. A maioria foi se deitar nos dormitórios. Pal e Gordo começaram uma partida de xadrez na cantina, perto do fogão, e Claude foi para a capela. Faron, irritado com a agitação que reinava em torno de Gordo e de sua raposa, aproveitou o tempo livre para desemboscar o animal em sua toca, bem debaixo do celeiro.

Por duas vezes, o brutamontes observara que a raposa desaparecia atrás de uma tábua baixa: não teve nenhuma dificuldade em erguê-la, deparando com a entrada de uma toca não muito funda. Lá estava o bicho. O rapaz sorriu, satisfeito consigo mesmo, pois nem todo mundo era capaz de rastrear raposas. Com a ajuda de uma vara comprida, começou a dar violentas estocadas no buraco. Enfiava sua arma ao longo do túnel e batia no fundo com toda a sua força até golpear o animal, que gemia, e, quando Georges, ferida e sem outra saída, aventurou-se a tentar fugir, Faron, com destreza, chutou-a com suas botas e golpeou-a com a tábua, matando-a sem dificuldade. Gritou de alegria: era tão fácil matar... Ergueu-a e contemplou-a, um pouco decepcionado, porque, de perto, era muito menor do que ele pensara. Contente, apesar de tudo, levou seu troféu até a cantina deserta, onde Pal e Gordo se curvavam sobre o tabuleiro de Stanislas. Faron entrou no recinto, triunfante, aterrador, e jogou o cadáver da raposa arrebitada aos pés de Gordo.

— Georges! — berrou o rapaz. — Você... você matou Georges?

E Faron sentiu um certo deleite ao descobrir nos olhos esbugalhados de Gordo uma centelha de terror e desespero.

Pal, tremendo, extravasou sua raiva. Jogou o tabuleiro no rosto de Faron, que ria à beça, e, correndo em sua direção, derrubou-o ao chão, gritando: “Você não passa de um filho da puta!”

Faron, o rosto ficando subitamente vermelho de fúria, levantou-se de um pulo e agarrou Pal com um gesto efusivo, um dos que aprendera ali, torceu-lhe o braço e, usando-o como alavanca, bateu a cabeça do colega na parede. O brutamontes, com os olhos ardendo de raiva, deu uma gravata em Pal e, com um dos braços, ergueu-o do chão para começar a bater no homem com a mão que estava livre. Pal sufocava, tentava defender-se, mas em vão; a única coisa a fazer contra aquela força prodigiosa era cruzar os braços para proteger o corpo e o rosto na medida do possível.

A cena durou apenas alguns segundos, o tempo do tenente Peter acorrer e intervir, alertado pelos barulhos da briga, seguido por David e pelo resto do grupo, que veio dos dormitórios. Pal recebera uma saraivada de socos, o próprio sangue queimava-lhe a garganta, e o coração batia tão acelerado que parecia prestes a parar.

— Que balbúrdia é essa?! — exclamou o tenente, puxando Faron pelo ombro.

Ordenou-lhe que saísse dali imediatamente, depois dispersou os recrutas, ameaçando recomeçar os treinamentos se a tranquilidade não fosse retomada logo. Então Pal ficou a sós com Peter e, por um instante, pensou que ele fosse espancá-lo também, ou mandá-lo para a prisão por ter perdido a cabeça com tanta facilidade. O rapaz começou a tremer, queria retornar a Paris, voltar para junto do pai, nunca mais sair da rue du Bac, pouco se importando com o que aconteceria fora dali, pouco se importando com os alemães e com a guerra, contanto que estivesse com o pai. Era um filho sem pai, um órfão longe de sua terra e queria que aquilo acabasse. Mas o tenente Peter não levantou a mão.

— Você está sangrando — disse simplesmente.

Pal limpou os lábios com o dorso da mão e passou a língua nos dentes para verificar se não quebrara nenhum. Sentia-se triste, humilhado e fizera um pouco de xixi na calça.

— Ele matou a raposa — revelou Pal, com seu inglês capenga, apontando para a pele do animal ensanguentada.

— Eu sei.

— Eu lhe disse que ele era um filho da puta. — O tenente riu. — Vou ser punido?

— Não.

— Tenente, não devemos matar os animais. Matar animais é igual a matar crianças.

— Tem razão. Está ferido?

— Não.

O tenente pôs a mão em seu ombro, e Pal sentiu a tensão diminuir.

— Estou com saudade do meu pai! — disse o rapaz com a voz esganada e os olhos tão marejados que chegavam a brilhar.

Peter assentiu com compaixão.

— Isso faz de mim um fraco? — indagou Pal.

— Não.

O oficial ainda manteve a mão no ombro do órfão por um tempo, depois estendeu-lhe um lenço.

— Vá passar uma água no rosto, você está suando.

Não estava suando, e sim chorando. Pal não conseguiu comer no jantar. Key, Aimé e Frank tentaram reconfortá-lo, em vão. Claude ofereceu-se para narrar alguns episódios bíblicos gloriosos na tentativa de melhorar seu humor. Ameixa contou piadas incompreensíveis, e Stanislas lhe propôs uma partida de xadrez. Mas nenhum deles podia fazer nada por Pal.

Então o rapaz afastou-se dos demais. Escondeu-se atrás da capela, num lugar

que só ele conhecia, um esconderijo entre duas muretas de pedra, ao abrigo da chuva. Contudo, assim que se acomodou ali, Laura apareceu. Ela não falou nada, simplesmente sentou-se ao seu lado e lançou-lhe seu lindo olhar; seus olhos verdes riam em silêncio. Pal achou-a tão meiga que chegou a se perguntar se ela sabia da surra que Faron lhe dera.

— Ele acabou comigo, não foi? — murmurou ele, encabulado.

— Isso não tem importância.

Ela fez sinal para que Pal se calasse. E foi um belo momento. Ele fechou os olhos e inspirou fundo o cheiro bom de Laura sem deixar que ela percebesse: seu cabelo cuidadosamente lavado cheirava a damasco, sua nuca exalava um perfume delicado. Aquela mulher se perfumava. Estavam em plena escola de guerra, e ela passava perfume! Escondido na penumbra, aproximou-se do rosto da moça sem que ela visse e inspirou novamente. Fazia tempo que ele não sentia um cheiro tão delicioso.

Laura deu um tapinha amistoso no braço de Pal, para que ele se sentisse melhor, mas o rapaz não conseguiu reprimir um gesto de dor. Arregaçando as mangas, descobriu, à luz de seu isqueiro, dois enormes hematomas roxos no antebraço, causados pelos socos de Faron. Ela pousou suavemente as mãos frias sobre os ferimentos.

— Dói?

— Um pouco. — Doía terrivelmente.

— Venha até meu quarto daqui a pouco. Cuidarei de você.

Ao dizer essas palavras, saiu, deixando pairar no imenso parque de Wanborough Manor eflúvios de seu delicado perfume.

*

Como Pal não sabia quanto tempo *daqui a pouco* significava, aproveitou que todo mundo ainda estava ocupado no refeitório para trocar de roupa no seu quarto. Examinou o rosto num pedaço de espelho, vestiu uma camisa imaculada, vasculhou as mochilas dos companheiros em busca de um perfume, mas não achou nada. Depois esgueirou-se até o quarto de Laura, tomando cuidado para não ser visto pelos outros. Ninguém ia ao dormitório da moça, e esse privilégio o fez esquecer por um instante a humilhação que Faron lhe impusera.

Bateu duas vezes à porta. Perguntou-se se duas vezes não era demasiado insistente. Ou talvez muito impessoal. Deveria ter batido três vezes, com mais leveza. Sim, três batidinhas, como três passos de dança furtivos e elegantes. *Pam pim pom*, e não o horrível *pam pam* que ele martelara! Ah, estava com raiva de si

mesmo! Ela abriu a porta e ele entrou naquele santuário.

O quarto de Laura era idêntico aos demais, mobiliado com quatro camas e um grande armário. Só que ali apenas uma cama era utilizada e, diferentemente dos outros dormitórios, sujos e atulhados, aquele era bem-arrumado.

— Sente-se aqui — disse ela, apontando para uma das camas.

Ele obedeceu.

— Arregace as mangas.

Obedeceu novamente.

Laura pegou numa prateleira um pote transparente contendo uma pomada clara, sentou-se ao lado do rapaz e, com a ponta dos dedos, aplicou-a em seus antebraços. Quando ela mexia a cabeça, seu cabelo solto acariciava as bochechas de Pal sem que ela se desse conta.

— Isso deve aliviar a dor — murmurou ela.

Pal não estava mais escutando, pois contemplava aquelas mãos: eram magníficas, bem-cuidadas apesar da lama do cotidiano. E, no instante em que ela tocou os braços dele, sentiu vontade de amá-la. Também teve vontade de gritar para Claude vir ver que eles não estavam fodidos, desde que Laura estivesse ali naquela casa sórdida de treinamento para guerra. Então se lembrou de que Claude quis ser padre, e não disse nada.

E veio a quarta e última semana em Wanborough Manor. As primícias do inverno envolviam lentamente a Inglaterra, e Stanislas, que conhecia seu país, logo previu fortes geadas. Os recrutas passaram várias dessas últimas noites treinando em percursos noturnos, testando os conhecimentos físicos e teóricos que lhes haviam ensinado. Porém, ao chegarem ao fim de seu estágio em Surrey, e a despeito de todos os exercícios que tinham praticado, continuavam sem saber nada sobre a SOE ou seus métodos de ação. Tinham, no entanto, mudado radicalmente: seus corpos haviam se tornado mais musculosos e resistentes, tinham aprendido luta corpo a corpo, boxe, um pouco de tiro, código Morse, determinados *modus operandi* simples, e, sobretudo, começavam a ganhar uma imensa autoconfiança, pois os progressos haviam sido incríveis, considerando que eles, em sua maioria, ignoravam tudo acerca da guerra secreta ao chegarem ali. Sentiam-se capazes.

Naqueles últimos dias, sendo forçados até o limite, alguns pifaram, exauridos: Grande Didier foi eliminado da seleção, com problemas nas pernas, e na hora do banho Pal notou que Rã estava se desmilinguindo. Numa tarde, o grupo foi levado por um instrutor para correr na floresta. O ritmo era terrível, e várias vezes tiveram que atravessar um rio a vau. As pessoas se espalharam aos poucos, e Pal, mais atrás da tropa, ao entrar pela terceira vez na água gelada, escutou o grito de uma criança cortando o silêncio. Ao se virar, viu Rã estendido na margem, gemendo, quase sem força.

O resto do bando já estava longe, atrás das árvores. Pal ainda conseguiu avistar Slaz e Faron e gritou por eles, mas Faron, que corria com duas pedras pesadas nas mãos para ficar mais forte, berrou: “Não paramos por causa de babacas, os Boches os enforarão!” E desapareceram na trilha enlameada. Então Pal, patinhando com água até os quadris, retrocedeu. O vau lhe pareceu ainda mais frio naquele sentido, a corrente, mais forte.

— Não pare! — gritou Rã, ao ver o corajoso rapaz vindo em sua direção. — Não pare por minha causa!

Pal não lhe deu ouvidos e alcançou a margem.

— Rã, você precisa continuar.

— Meu nome é André.

— André, você precisa continuar.

— Não aguento mais.

— André, precisa continuar. Eles mandarão você embora se desistir.
— Então eu desisto! — retrucou com um gemido. — Quero voltar para casa, quero rever minha família. — Colocou as mãos na barriga e flexionou as pernas.
— Dói! Dói muito!
— Onde dói?
— Em toda parte. — Seu desespero era visível. — Quero morrer — sussurrou Rã.
— Não diga isso.
— Quero morrer!
Desamparado, Pal passou os braços calejados em volta do companheiro e lhe dirigiu algumas palavras de consolo.
— Desisto — repetiu Rã. — Desisto, vou voltar para a França.
— Se desistir, *eles* não deixarão você voltar.
E Pal, considerando que aquele era um caso de força maior, quebrou a promessa feita a Key e revelou o segredo intolerável: — Você vai para a prisão. Se desistir, vai para a prisão.
Então Rã começou a chorar. Pal sentiu suas lágrimas escorrerem pelos braços, lágrimas de medo, raiva e vergonha. E o rapaz arrastou Rã consigo para se juntarem aos outros.

*

A escola preliminar terminou junto com o mês de novembro, após um exercício final de rara intensidade, que foi realizado na noite gélida. Max, debilitado havia vários dias, foi eliminado durante o percurso. Ao retornarem dessa última prova, os recrutas remanescentes foram reunidos na cantina para um lanche, e o tenente Peter lhes comunicou que eles haviam terminado seu período de treinamento em Surrey. Todos se parabenizaram mutuamente naquela cantina que parecia vazia, considerando que três semanas antes eles eram duas vezes mais numerosos. A seleção havia sido impiedosa. E foram fumar um último cigarro no morro.

Naquela noite, Pal decidiu não ir para o seu dormitório, onde os colegas já dormiam. Atravessou o corredor e foi bater à porta do quarto de Laura. Ela a abriu e sorriu para ele. Pôs um dedo diante da boca indicando que ele não fizesse barulho e acenou para que entrasse. Sentados numa das camas, os dois ficaram se contemplando por um instante, orgulhosos do que haviam realizado, apesar de estarem física e moralmente esgotados. Depois deitaram-se um ao lado do outro, Pal abraçou-a e ela pousou as mãos sobre as dele, que as apertaram.

6

Em Paris, o pai se angustiava, solitário, sem o filho.

Era fim de novembro. Fazia dois meses e meio que Paul-Émile se fora. Será que chegara bem? Certamente... Mas que diabo poderia estar fazendo naquele momento?

Volta e meia peregrinava até o quarto do filho, para contemplar suas coisas. Perguntava-se por que não colocara tal roupa, tal livro ou aquele bonito retrato em sua mochila. Não raro se xingava.

Em um domingo, tirara do sótão os brinquedos da infância de Pal. Instalara na sala o grande trenzinho elétrico, pegara os túneis de cartolina e os bonequinhos de chumbo. Mais tarde ele mesmo acabou comprando novos cenários.

Pensava no filho e fazia seu velho trenzinho apitar. Era isso ou morrer de angústia.

Estavam em Inverness-shire, no centro-norte da Escócia, uma região selvagem, flanqueada a oeste por um mar agitado e cujas terras, atapetadas por um verde resplandecente, sufocavam sob uma redoma de nuvens cinzentas e pesadas. A paisagem era de cair o queixo, ondulante por suas colinas, agressiva por seus rochedos e penhascos, magnífica a despeito do furor dos ventos dos primeiros dias de dezembro. No compartimento de um trem que ligava Glasgow a Lochailort, encaminhavam-se para sua segunda escola de formação. Como simples passageiros.

Já viajavam fazia um dia e uma noite. Tudo parecia bastante normal. O tenente Peter, conversando com David, o intérprete, vigiava os recrutas com um olhar distraído. A maioria dormia serenamente, uns recostados nos outros. O dia mal amanhecera. Gordo, Couve-Flor e Ameixa faziam barulhos durante o sono, amontoados num mesmo banco de terceira classe. Ameixa, sendo esmagado pelo corpulento Gordo, roncava como o diabo, fazendo a alegria dos que já estavam acordados.

Pal, com o nariz na janela do vagão, permanecia dominado pela calma extraordinária do país que ele contemplava: a vegetação, densa e desorganizada, era permeada em determinados pontos por velhas macieiras enfileiradas, cujos troncos ternamente enlaçados pelo líquen lhes deixavam com um tom cinza. As pastagens viscosas eram território de estranhos carneiros de lã felpuda, que pastavam sob a garoa, sendo que os machos contavam com enormes chifres enroscados em si mesmos.

O trem atravessava lentamente toda a região de Glasgow para chegar até a cidade de Inverness, no extremo norte do país, parando em cada uma das pequenas estações. Após as terras, a ferrovia juntou-se à costa, passando a margeá-la. Pal extasiou-se mais uma vez diante das ondas gigantescas de água verde que rebentavam nos penhascos formando uma espuma selvagem. Em volta, revoadas de gaivotas e biguás.

Pela manhã desembarcaram em Lochailort, um vilarejo simples, aninhado entre colinas e gigantescos rochedos, margeado por um lago comprido e estreito e cuja estação, salvo as proporções, não passava de uma plataforma irrisória cercada por uma barreira de madeira e uma placa que a anunciava. O ar gélido entrava pelos casacos. Dentro do trem, nenhum recruta imaginara quanto frio fazia lá fora, um frio violento e devastador, reforçado pelo vento cortante.

Eles não sabiam mais ao certo onde estavam. A viagem de Londres até ali fora

longa. Dois furgões descaracterizados os aguardavam na beira da estrada esburacada que cortava o vilarejo. Embarcaram rapidamente e logo desapareceram atrás das colinas, por uma pequena pista de terra — não se poderia chamar propriamente de estrada — que parecia não levar a lugar algum. Durante todo o trajeto, não viram ninguém nem qualquer tipo de construção. Nenhum deles conhecia o deserto, mas aquilo se parecia com um.

Foi nesse dia que o grupo de recrutas realmente descobriu a SOE e sua amplitude, ao chegar em um imenso solar, escondido por uma floresta de pinheiros, que se erguia diante do mar agitado, no meio de lugar nenhum. Estavam em Arisaig House, o quartel-general da SOE para as escolas especiais de reforço, *roughning schools*, como eram chamadas em inglês. O lugar, às voltas com uma grande agitação, transbordava de gente. Diferentes seções iam e vinham, às vezes em passo militar, outras vezes numa algazarra animada. Falavam-se todas as línguas: inglês, húngaro, polonês, holandês, alemão. Os recrutas em trajes de camuflagem dirigiam-se para os estandes de tiro e para as áreas de exercícios. Embora os quartéis-generais da SOE ficassem em Londres, a Escócia tornara-se um dos seus centros nevralgicos para a formação de recrutas, por estar bem protegida, devido ao isolamento natural do país.

As seções tinham sido acomodadas nos pequenos solares que rodeavam Arisaig House. Não havia ninguém num raio de quilômetros. O governo decretara aquele lugar como *zona de acesso restrito* para a população civil, aproveitando a presença próxima de uma base da Marinha Real Britânica para justificar a medida sem despertar a curiosidade geral. Dessa forma, nenhum dos habitantes da região imaginava que, no coração da floresta, bem diante do mar, erguia-se uma verdadeira cidadezinha secreta, onde voluntários vindos de toda a Europa aprendiam ações de sabotagem. Pal, Key, Gordo, Laura e os outros perceberam então que, a despeito de sua intensidade, a escola preliminar de Wanborough Manor não era nada: coisa simples, frágil, apenas um cenário para descartar os elementos inaptos e conservar os bons potenciais. Após terem passado pelo estágio seletivo, todos os recrutas de todos os países convergiam para Arisaig House, local único de aprendizagem dos métodos de ação da Executiva. Só então eles estavam tendo acesso ao imenso segredo da SOE, eles que, poucos meses antes, jamais teriam imaginado ingressar no serviço secreto britânico.

*

O solar que os treze recrutas da Seção F ocuparam era um pequeno prédio de

pedras escuras, localizado num plano abaixo dos penhascos, num pedaço de terreno cercado pelo mar e com os rochedos formando uma espécie de península, além de salpicado de árvores compridas e retorcidas, cujos troncos úmidos vergavam perigosamente.

Percebia-se ao longe a silhueta do solar da Seção Norueguesa — Seção SN — e, na floresta próxima, o da Polonesa — Seção MP.

Acomodaram-se nos quartos e ligaram os aquecedores. Key e Pal, fumando na janela, contemplavam os poloneses treinando. Sentiam certo orgulho por terem chegado até ali, o núcleo das ações de resistência, e tinham a impressão de já serem agentes ingleses, ou quase isso, o que os tornava homens com um destino à parte. Eles existiam.

— Formidável — disse Pal.

— Extraordinário — reforçou Key.

Notaram Couve-Flor do lado de fora, parecendo voltar de uma expedição, com as bochechas coradas.

— Tem garotas! Tem garotas! — gritou ele.

Nos dormitórios, todos correram para as janelas, para escutar o mensageiro arfante.

— Couve-Flor quer aprender a trepar! — zombou Slaz, provocando uma gargalhada geral.

Mas o rapaz prosseguiu, sem dar importância, as mãos formando um megafone para que o ouvissem bem.

— Tem um grupo de norueguesas no solar ao lado. Elas trabalham no Código e na Informação.

Código eram as comunicações cifradas.

Os homens sorriram, pois a presença feminina era um colírio para os olhos. Mas nem tiveram tempo para pensar nisso, porque o tenente Peter já dava o toque de reunir na pequena cantina, no térreo.

Ele estava com dois novos recrutas, que se preparavam para integrar o grupo: Jos, um belga de uns vinte e cinco anos, que vinha da escola preliminar da Seção Holandesa, e Denis, um canadense de uns trinta anos, que, por sua vez, vinha do Campo X, o campo inicial dos voluntários da América do Norte, com base em Ontário. Ambos estavam se juntando à Seção F.

8

A escola de reforço durou o mês inteiro de dezembro, começando, para todas as seções, por uma pavorosa marcha em meio à caótica paisagem escocesa. Isso aconteceu na primeira manhã. Os recrutas puseram-se a caminho na escuridão da madrugada, sob a chuva insistente e gelada, sendo guiados pelos instrutores. E caminharam durante todo o dia, em linha reta, na direção do horizonte, rastejando em meio a arbustos e urzes, víboras em meio a outras víboras, escalando colinas íngremes, atravessando rios quando preciso. O rosto deformado pelo esforço ficava coberto de suor, sangue, caretas de dor, lágrimas, sem dúvida, e a pele, ainda não recuperada da primeira escola, rasgava-se como papel molhado.

A marcha do primeiro dia era uma prova eliminatória na qual nenhum membro do grupo fracassou. Mas era apenas um aperitivo do que os esperava em Lochailort, pois foi em Inverness que Pal e seus companheiros de armas realmente aprenderam os métodos de guerra da SOE: propaganda, sabotagem, atentados e formação de redes. Além da condição física adquirida, o sucesso conseguido na primeira escola, onde tantos outros haviam fracassado, insuflava nos aspirantes um moral elevado: eles tinham passado a acreditar em si mesmos. E isso era importante, porque os treinamentos se sucediam num ritmo infernal, do amanhecer ao fim da tarde, e às vezes à noite também, a ponto de perderem rapidamente suas referências temporais, dormindo e comendo quando era possível. A paisagem escocesa que Pal considerara deslumbrante não demorou a virar um inferno enevado de chuva glacial e lama. Os recrutas sentiam frio o tempo todo, os dedos dos pés e das mãos ficavam entorpecidos, e, como nunca se secavam, tinham que dormir nus em suas camas para não mofar dentro dos uniformes.

Os dias eram supervisionados, energicamente, por um tenente Peter alucinado. Começavam ao amanhecer. Alguns recrutas preparavam-se para ir fumar em grupo e ganhar coragem, antes que as sessões físicas tivessem início: luta, corrida, ginástica. Treinaram como matar, com as mãos ou com uma faquinha de guerrilha, descobrindo técnicas de combate corpo a corpo ensinadas por dois ex-oficiais ingleses da polícia municipal de Xangai.

Em seguida, vinham as aulas teóricas: cursos de comunicação, código Morse, rádio, aulas de toda e qualquer coisa que pudesse ser útil na França, de tudo que pudesse salvar a vida deles, e assim Denis, Jos, Stanislas e Laura acabaram inclusive sendo incluídos nos cursos de cultura francesa para garantir que não

despertariam a mínima suspeita quando estivessem na França.

Em geral, depois do almoço, havia aulas de tiro. Aprenderam a manejar submetralhadoras, de fabricação alemã e inglesa, e em especial a metralhadora Sten, que era prática, pequena e leve, mas tinha como principal defeito travar com facilidade. Aprenderam a atirar por reflexo com a pistola, apontando para o alvo sem realmente mirar para abrir fogo mais rápido. Era preciso disparar sempre pelo menos dois tiros para ter certeza de ter liquidado o inimigo. Havia em Arisaig House um estande de tiro onde eles podiam treinar em alvos móveis do tamanho de um humano, fixados em um trilho.

Certa tarde, um velho e exímio caçador, requisitado pelo governo, foi ensinar aos recrutas como sobreviver em ambientes hostis e isolados, a arte de passar dias inteiros escondido nas florestas, bem como técnicas de caça e pesca. Eles passaram várias horas, em duplas, enroscados nas folhagens, emaranhados nas redes de camuflagem, tentando agir como fantasmas. Alguns dormiram imediatamente; Gordo e Claude, escondidos juntos, cochichavam para passar o tempo.

— Acha que vamos encontrar uma raposa? — perguntou Gordo.

— Não faço ideia...

— Se virmos uma, vou chamá-la de Georges. Trouxe pão, por via das dúvidas.

— Estou arrasado por causa do outro Georges.

— Você não teve culpa, Carola.

Gordo chamava Claude carinhosamente de Carola, que aceitava sem problemas.

— Faron é uma baita puta — disse Gordo.

Os dois colegas caíram na gargalhada, infringindo a norma da discrição. Contentes de ter encontrado um público em Claude, Gordo reforçou: — À noite veste calcinhas de mulher e rebola nos corredores — disse, imitando uma voz grotesca de mulher. — *Ui, sou uma puta e gosto disso.*

Claude riu mais ainda. Gordo pegou nos bolsos o pão das raposas e algumas guloseimas, pois notara que o companheiro tiritava de frio.

— Coma, Carola, coma. Vai lhe aquecer.

Claude comeu de bom grado, depois recostou-se no corpo macio de Gordo para captar seu calor.

— Por que estamos aqui, Gordo?

— Exercício de sobrevivência.

— Não é isso. Por que nos metemos nessa confusão? Aqui, na Inglaterra.

— Às vezes não faço ideia, Carola. E outras vezes entendo alguma coisa.

— E quando isso acontece, é por qual razão?

— Para que os Homens permaneçam Homens.

— Ah.

Claude deixou pairar o silêncio dos filósofos por um instante, depois acrescentou: — E eles não encontraram mais ninguém para fazer isso no nosso lugar?

Deram outra risada. Depois caíram no sono, um escorado no outro.

*

Em meio aos cursos, exercícios e treinamentos, todos tinham sua pequena rotina. Quando sobrava um pouco de energia nos futuros agentes, eles faziam de tudo para se divertir. Gordo visitava os solares das outras seções para beliscar algum tira-gosto, Key jogava um pouco do seu charme para as norueguesas, Aimé iniciava Claude e Jos em seu jogo de bocha-pedregulho, enquanto Pal e Laura esgueiravam-se discretamente para um dos dormitórios, no primeiro andar, e Pal, sussurrando para não serem flagrados, lia um romance que o pai colocara na sua bagagem, uma história parisiense que fizera um pequeno sucesso.

Às vezes, o tempo livre era ensejo para alguns trotes de bom ou de mau gosto: Jos e Frank desaparafusaram os pés das camas, que, à noite, desmontaram quando seus ocupantes se deitaram. Faron prendeu a cueca de Couve-Flor nos galhos baixos de uma árvore morta, em frente ao solar. Slaz, no meio de uma noite, acordou todo o dormitório, fingindo ter sido encarregado pelo tenente Peter de anunciar um exercício surpresa. Todos se apressaram, se vestiram e ficaram do lado de fora durante uma boa meia hora esperando o oficial, sem notar que Slaz, achando a maior graça, voltara a dormir. E quando, por fim, Claude foi bater à porta do quarto do tenente, que dormia profundamente e, é claro, não tinha programado absolutamente nada, ele ficou furioso com aquela algazarra e levou todo o grupo para dar uma corrida noturna à beira-mar. O tenente continuava em grande forma física e, em determinadas situações, chegava a impor a seus recrutas punições coletivas envolvendo prática de esportes, as quais ele mesmo supervisionava, para dar o exemplo. Uma das mais penosas foi consequência de uma tarde de ventania, durante a qual, julgando ter enviado seus recrutas para um exercício de rádio em conjunto com outras seções, encontrou Key num quarto do solar com uma norueguesa no colo.

Nas noites de folga, predominava no pequeno solar um clima sossegado e tranquilo. Alguns liam livros da biblioteca, outros cochilavam nas velhas cadeiras da cantina, jogavam cartas ou fumavam na janela, conversando sobre as norueguesas. O tenente Peter, sem que se soubesse como, arranjava quase diariamente um jornal, que os recrutas eram autorizados a ler depois que ele o

houvesse folheado. Ficavam sabendo então as novidades do front, o avanço dos alemães na Rússia, e, não raro, Denis, parodiando os locutores da BBC, lia em voz alta e todos escutavam, impassíveis, como se estivessem diante de um rádio que de humano só tinha a obediência plácida e divertida às ordens da plateia: “mais alto!”, “outra vez!”, “menos rápido!”. E se alguém não entendesse — em geral essa pessoa era Gordo, que não falava uma mísera palavra de inglês —, o leitor paciente se safava ao traduzir o que considerava os elementos essenciais do artigo. Antes de começar, Denis chamava os mais chegados sempre da mesma maneira: “Venham, vou lhes contar a tristeza da guerra.” E os recrutas se reuniam em torno de uma poltrona para escutá-lo, preocupados, pois os alemães não paravam de progredir nem o conflito de se alastrar pelo mundo: em 7 de dezembro, os japoneses bombardeavam a base de Pearl Harbor, na ilha de Oahu, no arquipélago do Havaí; no dia seguinte, entravam em guerra com a Grã-Bretanha; em 10 de dezembro, dois encouraçados da Marinha Real Britânica, o *Repulse* e o *Prince of Wales*, eram afundados na costa de Cingapura pelo Exército imperial. Os japoneses eram os novos inimigos, e, entre duas matérias, os recrutas se perguntavam se a SOE iria criar uma Seção Japonesa.

Os dias se passavam. Os recrutas tinham apenas cinco semanas para aprender os métodos de ação e conhecer os procedimentos e as armas. Familiarizaram-se com o espantoso material de guerra de que a SOE dispunha, aperfeiçoado por suas estações experimentais espalhadas por cidades e campos ingleses. Havia uma parafernália de engenhocas mais ou menos sofisticadas: rádios, armas, veículos ou armadilhas, para todas as necessidades. Apresentaram-lhes bússolas cuja aparência era idêntica ao botão de um casaco; canetas dotadas de uma lâmina afiada ou capazes de atirar projéteis e balas como uma pistola; serras minúsculas para metais, escondidas às vezes no interior de um relógio de pulso e que permitiam serrar as grades de uma cela; rastelos, pequenos mas temíveis, para emboscadas ou para destruir veículos de eventuais perseguidores; iscas em forma de caixas de frutas pintadas com esmero e contendo granadas ou tocos de lenha modelados no gesso escondendo metralhadoras Sten.

Foram igualmente iniciados nos rudimentos da navegação marítima; aprenderam a pilotar um barco, a dar nós resistentes, a montar com rapidez e colocar na água pequenos botes que lhes permitiriam chegar na terra a partir das canhoneiras utilizadas pela SOE. E logo estavam realizando incursões e operações noturnas, que precisavam preparar e executar sem pregar o olho sequer por um segundo, no limite de suas últimas forças. Ao fim de alguns dias nesse ritmo, houve as primeiras deserções: Couve-Flor, esgotado pelo cansaço, foi o primeiro a desistir. Logo depois, foi a vez de Ameixa, o gago, ser afastado. Antes de ir, escoltado pelo tenente Peter, abraçou cada um dos seus

companheiros, murmurando que nunca os esqueceria. Todos sabiam que a seleção era inevitável, até mesmo edificante; não resistir ali significaria morrer na França. Contudo, pela primeira vez, aquelas partidas os afetaram profundamente. Pois aos poucos iam se afeiçoando uns aos outros.

*

Na Escócia, o frio foi certamente o maior inimigo dos aspirantes a agente: quanto mais dezembro avançava, mais frio fazia. Frio ao se levantar, frio ao lutar, frio ao caminhar. Frio do lado de fora e do lado de dentro. Frio ao comer, rir, dormir, sair em meio à escuridão da noite para realizar uma incursão de treinamento, frio quando os aquecedores remendados dos quartos davam problema, liberando uma fumaça grossa que lhes deixava com dores de cabeça infernais. Para escaparem, ao saírem da cama no frio da noite, os recrutas combinaram um revezamento: todas as manhãs, antes do toque de alvorada, um deles acordava e atizava o fogo. E, quando às vezes o encarregado da calefação continuava dormindo, ele era premiado com uma onda de palavrões que podia durar até a noite seguinte.

No fim de uma tarde, no meio de dezembro, ganharam uma licença surpresa. Após o treinamento de tiro, como tinham tempo livre, os recrutas, todos juntos, foram até a foz de um rio próximo pescar salmões. O sol do oeste, detrás das colinas, irradiava uma luz cor-de-rosa no céu. Eles entraram naquela água congelante, molhando os uniformes até a altura das coxas, e, apoiando-se nas pedras, fazendo piadas e se empurrando alegremente, tentaram agarrar, sem levarem muito jeito, os peixes que se aventuravam nos redemoinhos. Conseguiram capturar quatro enormes salmões, monstros de escamas com a boca torta, que Frank matou golpeando-os em um tronco. À noite, assaram os peixes na lareira do solar. Aimé foi o cozinheiro improvisado e colocou enormes batatas nas brasas. Slaz, acompanhado de Faron e Frank, organizou uma incursão à cantina dos poloneses, que não estavam no solar, para roubar bebida alcoólica. Laura sugeriu convidar as norueguesas, o que deixou Gordo extremamente nervoso.

Aquela noite, na cantina, acomodados em torno da imensa mesa de carvalho, os recrutas fizeram da guerra um belo momento, bem ao abrigo do mundo, perdidos na Escócia selvagem, comendo, rindo, fazendo graça, falando alto, espiando as norueguesas. Estavam um pouco bêbados. David, o intérprete, e o tenente Peter juntaram-se a eles. Peter ficou falando da Índia, até tarde da noite, enquanto David foi requisitado por Gordo, que estava sentado entre duas

norueguesas, para traduzir suas cantadas.

No dia seguinte, quando os treinamentos recomeçaram e a sensação inebriante de retorno à vida normal chegou ao fim, Pal caiu numa depressão e perdeu-se em pensamentos, pensamentos sobre seu pai, pensamentos funestos de esquecimento e de tristeza. À noite, no solar, em vez de jantar com os colegas, ficou sozinho no quarto e abraçou a mochila que seu pai arrumara. Cheirou as páginas dos livros e o tecido das roupas, impregnou-se dos aromas, acariciou a cicatriz no peito e apertou novamente a mochila, como gostaria que o pai fizesse com ele. Então pôs-se a chorar. Pegou um pedaço de papel e começou a escrever uma carta ao pai, uma carta que nunca chegaria às mãos do velho. Arrebatado pelas próprias palavras, não ouviu Key entrar no quarto.

— Para quem está escrevendo?

Pal levou um susto.

— Para ninguém.

— Vi você escrevendo uma carta. É proibido escrever cartas.

— É proibido enviar cartas, não escrevê-las.

— Então para quem não está escrevendo?

O rapaz hesitou por um instante antes de responder, porque Key estava com uma voz desconfiada, e Pal não queria ser acusado de traição.

— Para o meu pai.

O colega parou e ficou lívido.

— Sente saudades dele?

— Sinto.

— Também sinto do meu — murmurou Key. — Roubei os óculos dele antes de vir para cá. Toda vez que uso, penso nele.

— Trouxe uns livros do meu — contou Pal.

Key sentou-se na cama do rapaz e suspirou.

— Saí como se estivesse indo viajar. Mas nunca mais vou vê-lo, não é?

Ah, que arrependimento ele sentia depois de roubar os óculos do pai para enganar seu desespero.

— Como podemos sobreviver longe de nossos pais? — perguntou Pal.

— É o que me pergunto todo dia.

Key apagou a luz. Do lado de fora, apenas o espectro claro da garoa vaporosa iluminava o recinto.

— Por favor, não acenda — pediu Key.

— Por quê?

— Para podermos chorar no escuro.

— Vamos chorar então.

— Vamos chorar pelos nossos pais.

Silêncio.

— Acho que Rã é órfão, então vamos chorar por ele também.

— Principalmente por ele.

Só restou um longo murmúrio, um lamento abafado: Pal, Key e todos os outros, até mesmo Rã, o órfão, eram os filhos amaldiçoados, os homens mais solitários do mundo. Tinham ido para a guerra e mal haviam se despedido dos pais. Por isso, reinava um vazio no recôndito de suas almas. E na noite inglesa, na penumbra de um quartinho de militares com cheiro de mofo, Pal e Key se arrependiam. Juntos. Amargamente. Pois talvez já tivessem vivido os últimos dias de seus pais.

E aprenderam a preparar atentados.

O ensino da sabotagem com explosivos constituía parte importante do currículo escocês. Os recrutas passaram longas horas descobrindo o poderosíssimo explosivo à base de hexógeno, argamassa e plastificantes, desenvolvido pelo arsenal real de Woolwich, que os americanos tinham batizado de *plástico* depois de receber da SOE uma amostra inicialmente destinada à França cujo invólucro trazia a menção, em francês: *explosif plastique*. O *plástico* era o explosivo mais utilizado pela SOE, que o apreciava acima de tudo pela sua grande estabilidade: resistia a choques violentos, altíssimas temperaturas e podia inclusive ser queimado. Convinha assim perfeitamente às condições de transporte às vezes caóticas dos agentes em missão. Pelo aspecto, era uma substância semelhante à manteiga, maleável a ponto de adquirir qualquer forma e que tinha um cheiro parecido com o de amêndoas. Na primeira vez que os recrutas modelaram alguns pedaços, Gordo, enfiando o nariz, inalara profundamente e declarara: “Eu comeria com certeza! Fácil, fácil!”

Após assimilarem as bases teóricas necessárias, explodiram troncos de árvores, rochas e até mesmo pequenas construções, utilizando bombas que eles mesmos haviam montado, equipadas com um detonador por controle remoto ou com um sistema de detonação manual que tornava possível deflagrá-las a distância por meio de um cabo. Nesse último exercício, verificou-se que o melhor artífice do grupo, rápido e ágil, era justamente Laura, cujas aptidões o tenente Peter ressaltara diversas vezes. Seus companheiros ficavam observando-a preparar sua carga, concentrada, franzindo a testa e mordendo o lábio. Ela colocava o explosivo sob uma pedra, depois levava consigo o cabo que acionava o detonador e o desenrolava com agilidade, enquanto o resto do grupo, enfeitado, observava-a a uma boa distância, com o binóculo, para admirar melhor seus gestos: seu atentado era elegante. Laura percorria depressa os últimos metros, chegando ao monte de terra atrás do qual todos se achavam, grudados no chão, e rolava sobre os colegas, geralmente caindo em cima de Gordo, por ser macio — depois Gordo passava o resto do dia com cara de bobo —, e olhava para o instrutor, que, divertindo-se, aprovava com um sóbrio meneio da cabeça. Ela então deflagrava uma baita explosão, cujo impacto deslocava as árvores e assustava os passarinhos estrepitosos, que revoavam numa nuvem cacofônica. E só nesse instante seu rosto finalmente relaxava.

Em seguida, passaram para o aprendizado da sabotagem ferroviária, que permitia atrasar os deslocamentos das tropas alemãs pela França. A companhia ferroviária West Highland Line, a pedido do governo britânico, instalara não só trilhos, como um trem inteiro em Arisaig House, de forma que os agentes da SOE pudessem praticar em condições reais. Os recrutas aprenderam a retorcer trilhos, descarrilar vagões, plantar explosivos nos trilhos, debaixo de uma ponte, no trem, de dia, de noite. Aprenderam também a escolher entre acionar pessoalmente o dispositivo na passagem do comboio, posicionando-se próximo ao atentado, ou utilizar, para sabotar ferrovias ou depósitos de trens, uma das melhores criações das estações experimentais: *The Clam*, uma bomba pronta para uso, presa num ímã para aderir aos trilhos e cujo controle remoto deflagrava uma explosão trinta minutos após ser acionado. Existia uma produção variada de armadilhas, como bombas de ar para bicicleta que explodiam assim que eram utilizadas ou cigarros recheados de explosivo, desenvolvidos principalmente pela estação experimental XV, *The Thatched Barn*, em Hertfordshire, mas sua eficácia às vezes deixava a desejar. No trem de treinamento, os recrutas fizeram inclusive um curso rudimentar de condução de locomotiva.

Dezembro debulhou seus dias atormentados e violentos. Escurecia cada vez mais, como se, dentro em breve, a noite não fosse mais chegar ao fim. Os recrutas continuavam treinando, e seus progressos eram fulgurantes: dava gosto vê-los, com suas granadas e seus explosivos, nos percursos com obstáculos, consertando as metralhadoras Sten... Dava gosto ver Claude pedindo perdão a Deus ao trocar seus carregadores; Rã, que, para ganhar coragem, ao atravessar pântanos de lama gelada, soltava um monte de palavrões; Faron, o brutamontes, que podia derrotar qualquer um usando só as mãos, caso decidisse não alojar-lhe uma bala exatamente entre os olhos; Frank, magro e inquieto, rápido como a tempestade. Dava gosto ver Stanislas, Laura, Jos, Denis, os estrangeiros; Aimé, Gordo e Key, sempre fazendo graça, mesmo em pleno exercício de guerrilha. Quem, entre eles, ao deixar a França, poderia imaginar que se sentiriam tão rapidamente preparados para a guerra? Pois é preciso dizer: sentiam-se fortes e capazes, totalmente capazes, de abater regimentos inteiros; achavam até que poderiam vencer os alemães. Que insensatez. Ainda ontem eram filhos da França, agredidos e humilhados, e hoje eram um povo renovado, um povo de combatentes, cujo futuro estava em suas mãos. Era verdade que haviam deixado para trás o que mais prezavam, só que não sofriam mais. Em vez disso, causariam sofrimento. E, em volta deles, a guerra ganhava uma amplitude desmesurada, alucinada e indomável: na Europa, a Wehrmacht estava se aproximando de Moscou e, no Pacífico, Hong Kong era alvo de uma violenta batalha desencadeada pelos japoneses. Em 20 de dezembro, Denis leu para os

companheiros uma reportagem contando como os ingleses, ajudados por canadenses, indianos e forças voluntárias da defesa de Victoria-Hong Kong, resistiam heroicamente havia vários dias às forças nipônicas.

*

Em 25 de dezembro, fazia mais de três semanas que estavam na Escócia. Slaz, o Porco, exausto e doente de cansaço, fora eliminado da seleção: o grupo então tinha sido reduzido a doze indivíduos. A exaustão, aos poucos, prevalecera sobre o moral: as fisionomias estavam ruins, cansadas, preocupadas. À medida que os dias de treinamento iam passando, a guerra se aproximava inexoravelmente. Quando Pal pensava na França, era tomado por um sentimento que misturava confiança e medo: sabia do que o seu grupo era capaz, os recrutas tinham aprendido a matar com as próprias mãos, a degolar sem fazer barulho, a metralhar, a fuzilar, a plantar bombas e a explodir prédios, trens e comboios de soldados. Mas ao olhar para os colegas, ele se perdia em seus semblantes, meigos a despeito dos arranhões dos combates, e não conseguia se impedir de pensar que grande parte deles ia morrer no campo, nem que fosse para dar razão ao Dr. Calland. E Pal não podia conceber que Gordo, enrabichado pelas garotas, Claude, o amável carola, Rã, o fraco, Stanislas e seu xadrez, Key e seu grande charme, Laura, a inglesa maravilhosa, e todos os outros talvez não tivessem um futuro diferente senão o horizonte daquela guerra. Tal pensamento o minava: estavam dispostos a dar a vida, sob as balas ou sob tortura, para que os Homens permanecessem Homens, e não sabia mais se aquilo era um ato de amor altruísta ou a maior imbecilidade que jamais lhes ocorrera; pelo menos sabiam para onde iam?

O Natal aumentou sua angústia.

Na cantina, Gordo recitava cardápios imaginários:

— Filhote de javali assado com molho de groselha, perdizes recheadas, queijos e bolos gigantes de sobremesa.

Mas ninguém queria escutá-lo.

— Estamos nos lixando para os seus cardápios — vociferou Frank.

— Podemos ir pescar — retorquiu Gordo. — Teríamos postas de salmão ao molho de vinho.

— Está tarde e frio. Pare, porra!

Gordo se isolou para recitar seus cardápios sozinho. Se ninguém queria comer, ele comeria imaginariamente e ainda comeria bem. Esgueirou-se em seu dormitório e, vasculhando a cama, pegou o pedacinho de plástico que roubara.

Cheirou-o. Gostava daquele cheiro de amêndoa. Pensou em seu javali assado, sentiu o cheiro de novo, e, salivando, com os olhos fechados, lambeu o explosivo.

Os recrutas estavam irascíveis. Aimé, Denis, Jos e Laura jogavam cartas.

— Merda, merda — repetia Aimé, baixando ases.

— Por que diz *merda* se tem ases? — perguntou Jos.

— Digo merda quando quero. Não se pode fazer nada aqui? Nem comemorar o Natal, nem falar merda, nem porra nenhuma?!

Nos cantos, os solitários olhavam para o nada passando de mão em mão a última das garrafas roubadas dos poloneses. Rã e Stanislas, por sua vez, jogavam xadrez, e Rã estava deixando seu adversário ganhar.

Key, sentado mais distante, vigiava de forma discreta a cantina e as conversas, temendo que os ânimos se exaltassem. Embora não fosse o mais velho do grupo, era o mais carismático e, tacitamente, considerado o líder. Se ele os mandava calar a boca, os recrutas obedeciam.

— Nossos amigos estão nervosos — sussurrou Key a Pal, acomodado ao seu lado, como sempre.

Aqueles dois gostavam muito um do outro.

— Poderíamos ir atrás das norueguesas — sugeriu o rapaz.

Key fez uma careta.

— Não sei, não. Não acho que vá ajudar. Eles vão querer se exhibir, só para impressionar. Sabe como são...

Pal esboçou um sorriso.

— Principalmente Gordo...

Dessa vez foi Key quem sorriu.

— Onde ele se meteu, aliás? — perguntou.

— Está lá em cima — respondeu Pal —, de mau humor. Por causa dos tais cardápios de Natal. Sabia que ele come plástico? Falou que era igual a chocolate.

Key ergueu os olhos para o teto e os dois amigos riram.

À meia-noite, Claude fez uma procissão solitária no solar, empunhando o grande crucifixo que trouxera na sua bagagem. Entoou um cântico de esperança e desfilou entre os desventurados. “Feliz Natal!”, exclamava ao passar. Quando passou ao lado de Faron, este lhe arrancou o crucifixo das mãos e o partiu ao meio, gritando: “Morte a Deus! Morte a Deus!” Claude permaneceu impassível e recolheu os dois pedaços sagrados. Key quase pulou em cima do brutamontes.

— Eu o perdoo, Faron — disse Claude. — Sei que você é um homem de bom coração e um bom cristão. Senão, não estaria aqui.

Faron estava morrendo de raiva.

— Você não passa de um maricas, Claude! Vocês todos são uns fracotes! Não

aguentarão dois dias em operação! Nem dois!

Todo mundo fingiu não ouvir, a calma retornou ao solar e, pouco depois, os recrutas foram dormir. Esperavam que Faron estivesse enganado. Um pouco mais tarde, Stanislas foi até o quarto de Key, Pal, Gordo e Claude e pediu ao carola, que trouxera na mala todo tipo de remédios, que lhe desse um sonífero.

— Esta noite eu gostaria de dormir feito um bebê — disse o velho Stanislas.

Claude olhou de esguelha para Key, que aprovou sobriamente com a cabeça, e deu um comprimido ao piloto, que foi embora muito agradecido.

— Coitado do Stanislas — disse Claude, balançando as metades do crucifixo ao redor da cama como se exorcizando a má sorte.

— Pobres de nós — retrucou Pal, deitado ao lado dele.

Hong Kong, naquele mesmo dia de Natal, caiu nas mãos dos japoneses após terríveis combates. Os soldados ingleses e os reforços canadenses — dois mil homens haviam sido enviados ao front — foram ferozmente massacrados.

*

Em 29 de dezembro, todos haviam esquecido a crise de angústia do Natal. No meio do dia, os doze recrutas estavam acomodados na cantina, afundados nas poltronas e nos tapetes grossos em torno do aquecedor, mais confortáveis que as camas frias e com manchas de mofo. O tenente Peter mandara os aspirantes descansarem, pois exercícios noturnos os aguardavam. Todos dormiam ruidosamente, só Pal estava acordado, mas, como Laura apagara ao seu lado, ele não ousava se mexer. Naquela tranquilidade da casa, ouviu subitamente passos aveludados: era Rã, que parecia se preparar para sair do solar, vestindo seu casaco. Tinha tirado as botas para não fazer o assoalho estalar.

— Aonde vai? — perguntou-lhe Pal, em voz baixa.

— Vi umas flores.

O rapaz olhou para ele sem entender.

— Flores que perfuraram o gelo — explicou Rã. — Flores!

Os roncoss foram a única resposta: todos estavam se lixando para suas flores, mesmo tendo desabrochado na neve.

— Quer vir? — perguntou ele.

Pal sorriu, divertindo-se.

— Não, obrigado.

Não queria deixar Laura.

— Até logo, então.

— Até logo, Rã... Não volte muito tarde. Temos treinamento esta noite.

— Ok, entendido.

Rã foi divagar na floresta ao redor, com suas flores. Seguiu na direção de Arisaig pela trilha dos penhascos, apreciando a vista. Alegre, pegou uma bifurcação na mata. As flores não estavam muito longe. Porém, ao desviar-se de um monte de troncos secos, esbarrou em um grupo de cinco poloneses da Seção MP, bêbados de vodca. Os poloneses ficaram sabendo da incursão dos franceses em seu solar, do roubo das garrafas de bebidas, e estavam fúrios da vida. Rã foi a vítima de suas represálias; deram-lhe socos, jogaram-no na lama, depois o obrigaram a tomar grandes goles de vodca, que queimaram seu estômago. Rã, intimidado e humilhado, bebeu, acreditando que o deixariam em paz depois. Pensava em Faron. Esses caras mal perdiam por esperar para ver o que o brutamontes faria com eles quando ficasse sabendo.

Mas os poloneses queriam que ele bebesse mais.

— *Na zdrowie* — gritavam em coro, enfiando o gargalo em sua boca.

— Mas o que foi que eu fiz a vocês? — gemia Rã em francês, cuspiendo de volta metade da bebida que tinha na boca.

Os poloneses não entendiam nada e respondiam apenas com palavrões. E, como se não bastasse, começaram a espancá-lo, desferindo-lhe chutes e pauladas, todos juntos, entoando. Enquanto apanhava, Rã berrou tão alto que seus gritos alertaram os militares de Arisaig House, que foram esquadrihar a floresta, de armas em punho. Quando o infeliz foi encontrado, ensanguentado e sem os sentidos, o levaram para a enfermaria.

Seus colegas lhe fizeram companhia até o fim da tarde, depois voltaram para os exercícios noturnos. Pal, Laura, Key e Aimé foram os últimos a estar com ele. Rã recobrou a consciência, mas mantinha os olhos fechados.

— Está doendo — repetia.

— Eu sei — respondeu Laura.

— Não... Está doendo aqui.

Indicava o coração: era lá dentro que doía.

— Diga ao tenente que não posso mais continuar.

— Mas é claro que pode. Já fez tanta coisa — tranquilizou-o Key.

— Não posso continuar. Não aguento mais. Não vou poder mais lutar.

Rã perdera a autoconfiança, fora derrotado em sua guerra pessoal. Por volta das duas da manhã, acabou caindo no sono, e os colegas retornaram ao solar para dormir um pouco.

Rã acordou ao raiar do dia. Ao notar que estava sozinho, saiu da cama e esgueirou-se para fora da enfermaria. Entrou escondido no estande de tiro de Arisaig e, arrombando um dos armários de ferro, roubou uma Colt calibre .38. Em seguida, vagou através das rajadas da neblina que se misturava à geada e foi colher suas queridas flores. Andou até o solar da Seção F. E encostou a pistola no peito.

O tenente Peter, David e os recrutas acordaram assustados com o disparo. Pulando da cama, correram para o lado de fora, seminus. Diante da casa, na lama, jazia Rã, em meio a suas flores, esmagado pela própria vida. O tenente Peter e David agacharam-se perto dele, aterrados. Rã tinha disparado a arma bem no coração, seu coração que sempre lhe doera tanto, e presenteara-se com a morte.

Pal, perplexo, precipitou-se em direção ao corpo e levou a mão aos olhos de Rã para fechá-los. Mas achou que havia notado um tênue estertor.

— Ele está vivo! — berrou para o tenente, para que este fosse chamar um médico.

Porém, Peter balançou a cabeça, lívido: Rã não estava vivo, simplesmente ainda não estava morto. Ninguém podia fazer mais nada por ele. Pal então o abraçou para que ele se sentisse menos só em seus últimos instantes, e Rã teve inclusive força para chorar um pouco, delicadas lágrimas quentes escorrendo por suas faces sujas de lama e sangue. Pal consolou-o, até que André Rã se foi. E, na floresta, ressoou um cântico fúnebre.

Os recrutas permaneceram imóveis, trêmulos, aniquilados, com a alma dilacerada e um grande sofrimento. Laura aconchegou-se em Pal.

— Me abraçe — pediu, soluçando.

Ele o fez.

— Precisa me abraçar mais forte, tenho a impressão de que vou morrer também.

Ele abraçou-a com mais força ainda.

O vento da alvorada ficou duas vezes mais forte, agitando os cabelos malcortados de Rã. Ele parecia sereno. Mais tarde, oficiais da polícia militar vindos da base adjacente da Marinha Real Britânica levaram o corpo, e foi a última vez que se ouviu falar de Rã, esse triste herói de guerra.

Ao pôr do sol, nas colinas de Arisaig House, no ponto em que os penhascos decaíam no mar, seus companheiros de vida e de luta homenagearam sua memória. Dirigiram-se para lá numa longa procissão. Laura segurava as flores que ela mesma colhera, Aimé, uma camisa de Rã, e Faron, alguns pertences que haviam encontrado em seu armário no dormitório. Claude carregava as duas partes de seu crucifixo. Stanislas, seu tabuleiro de xadrez. No cume, banhados

pelo crepúsculo alaranjado e dominando o horizonte do mundo, todos permaneceram quietos, paralisados pela dor.

— Silêncio, silêncio absoluto — ordenou Frank, o implacável.

Depois, em meio à doce homilia da rebentação, jogaram no mar, um a um, os pertences de Rã.

Aimé jogou sua camisa.

Laura jogou suas flores.

Key jogou seu relógio de pulso, que ele nunca usava, com medo de danificá-lo.

Pal jogou seus óculos.

Frank jogou seus cigarros.

Faron jogou um velho livro rasgado.

Gordo jogou fotografias amassadas.

Denis jogou seu lenço bordado.

Claude jogou seus mata-borrões.

Jos jogou seu espelhinho.

Stanislas jogou seu tabuleiro de xadrez.

Mais atrás, o tenente Peter e o intérprete David choravam. Todos choravam. A Escócia inteira chorava.

A garoa voltou a cair; as aves marinhas recomeçaram seu alarido. Lentamente, os pertences de Rã desapareceram no mar, restando ainda fugazmente o ramalhete violeta de suas flores, antes que uma última onda o engolissem.

Londres, manhã de 9 de janeiro. Estavam de volta à capital. O grupo contava apenas com onze recrutas: Stanislas, Aimé, Frank, Key, Faron, Gordo, Claude, Laura, Denis, Jos e Pal. Após cinco semanas em Lochailort, tinham concluído o curso de sobrevivência. Porém, enlutados pela morte de Rã, o sucesso tinha um ranço de amargura.

Era noite, a Inglaterra ainda dormia. A estação Victoria estava deserta e congelada pelo frio. Os outros raros passageiros andavam depressa, com a gola levantada e o rosto fustigado pelo vento. Do lado de fora, as calçadas estavam cobertas de gelo, e os carros avançavam com cautela pelas ruas. Um ar puro e forte varria a cidade. Nenhuma nuvem manchava o céu.

Os recrutas haviam concluído aproximadamente metade de sua formação: restavam-lhes ainda três semanas de treinamento de paraquedas, depois quatro semanas de formação nas técnicas de segurança operacional. No momento, estavam se beneficiando de uma semana de folga, e todos queriam desfrutar do que mais haviam sentido falta naquelas duas primeiras escolas: boates, bons restaurantes e quartos de hotel limpos. Gordo falava em ir ao bordel. Claude queria uma igreja.

Quando o grupo se dispersou, após as saudações tradicionais e as recomendações do tenente Peter, Pal ficou a sós com Laura; um esperava pelo outro.

— O que pretende fazer? — perguntou ela.

— Não sei direito...

Ele não tinha família, nem nenhum desejo especial. Seguiram um tempo pela Oxford Street: as lojas estavam abrindo, as vitrines sendo acesas. Ao chegarem a Brompton Road, perto de Piccadilly, pediram um café da manhã num restaurante contíguo a uma loja de departamentos. Acomodados e aquecidos em imensas poltronas, pela grande sacada envidraçada contemplaram Londres, que cintilava com mil luzes na redoma ainda escura da manhã. Pal comentou que aquela era uma cidade magnífica.

Laura preparava-se para passar seu tempo de folga em Chelsea, na casa dos pais, os quais achavam que a filha tinha sido recrutada pela FANY numa base de Southampton. A First Aid Nursing Yeomanry era uma unidade composta exclusivamente por mulheres, todas voluntárias, alistadas como enfermeiras ou trabalhando na logística para o Exército britânico ou ainda exercendo a função

de pilotos junto ao Auxiliary Transport Service. Algumas empresas atendiam inclusive no continente, em especial na Polônia.

— Você poderia vir comigo — sugeriu a ele.

— Não gostaria de atrapalhar.

— A casa é grande e temos empregados.

Pal esboçou um sorriso: *eles* tinham empregados. Esse esclarecimento, depois do que haviam passado, divertiu-o.

— E contaremos que nos conhecemos como?

— Basta você dizer que trabalhamos na mesma base. Em Southampton. Você é um voluntário francês.

Ele assentiu. Quase convencido.

— E o que fazemos lá?

— Funções gerais, isso basta. Ou então, podemos dizer que trabalhamos na parte burocrática. Isso, somos da parte burocrática, é mais simples.

— E nossas marcas?

Laura passou as mãos nas próprias bochechas. Ambos tinham, todos os onze recrutas, aliás, hematomas, escoriações, pequenas cicatrizes, que foram acumuladas durante os treinamentos nas mãos, braços, rosto, por todo o corpo. Ela fez uma expressão maliciosa.

— Passaremos pó de arroz no rosto, que nem as velhinhas. E se nos fizerem perguntas, diremos que sofremos um acidente de carro.

Laura considerava formidáveis suas invenções, e Pal sorriu para a colega. Aninhou furtivamente sua mão na dela. Sim, amava-a, tinha certeza. E sabia que não a deixava indiferente: soubera disso quando ela quisera que ele a abraçasse, depois da morte de Rã. Ele jamais se sentira tão homem quanto no momento em que a envolvera.

Passaram pelo estande de cosméticos da loja de departamentos para comprar maquiagem e aplicaram-na ligeiramente sobre algumas marcas no rosto. Depois pegaram o ônibus para Chelsea.

*

Era um casarão grande demais para os pais morarem sozinhos, um belo prédio quadrado, de tijolos vermelhos, cujas fachadas eram decoradas com luminárias de ferro e parreiras intocadas, no momento desfolhadas pelo inverno. Tinha dois andares, mais o térreo e as mansardas, uma escada principal e uma de serviço. Pal julgara compreender que o pai de Laura trabalhava com finanças, mas não entendia como as finanças de seja lá quem fosse podiam render dividendos

naquela época. Talvez no ramo das armas.

— Nada má, a sua casa — disse ele, admirando a fachada.

Laura deu uma risadinha e subiu a escada da entrada. Tocou a campainha. Como se fosse uma visita. Para fazer surpresa.

Richard e France Doyle, os pais dela, estavam terminando seu café da manhã. Eram nove horas. Entreolharam-se, espantados: quem poderia ser tão cedo? E na porta principal, ainda por cima? Talvez uma entrega, mas as entregas eram feitas sempre pela porta de serviço. Curiosos, correram até a entrada, ultrapassando a empregada, que era muito lenta. O pai alisou o bigode e apertou o nó da gravata antes de abrir.

— Laura! — exclamou a mãe, vendo a filha do outro lado da porta.

E os dois lhe deram um grande abraço.

— Ganhamos uma licença — explicou ela.

— Uma licença! — regozijou-se o pai. — Por quanto tempo?

— Só uma semana.

France pareceu decepcionado.

— Só uma semana? E você, que não manda notícias?

— Desculpe, mãe.

— Pelo menos nos ligue.

— Vou ligar.

Fazia dois meses que os Doyle não viam Laura; sua mãe achou-a mais magra.

— Não lhe dão comida!

— É a guerra.

A mãe suspirou.

— Vou ser obrigada a tirar as rosas dos canteiros. Vou plantar batatas.

Laura sorriu e beijou os pais novamente, antes de apresentar Pal, que ficara educadamente afastado, atrás da escadaria com as bagagens.

— Este é Pal. Um amigo. Voluntário francês. Não tinha para onde ir durante a licença.

— Um francês! — exclamou France em francês.

E afirmou que todos os franceses do mundo eram bem-vindos na casa dela, especialmente os corajosos.

— De onde vem? — perguntou a Pal.

— De Paris, senhora.

Ela ficou encantada.

— Ah! Paris... E quais são as novidades de Paris?

— Paris está bem, senhora.

Ela comprimiu os lábios, com remorsos nostálgicos, e ambos pensaram que, se Paris estivesse bem, Pal certamente não teria ido parar ali.

France Doyle observou o rapaz. Devia ter a idade de sua filha, era bonito, um pouco magro, mas dava para notar que era musculoso. Laura e Pal conversavam com Richard; France não escutava mais, limitava-se a observar, perdida nos próprios pensamentos. Ouvia fragmentos do inglês rudimentar do visitante: gostava de sua maneira polida e inteligente de falar. E, por conhecê-la bem, não duvidou nem por um segundo de que sua filha gostava daquele rapaz. Olhou para Pal novamente, ele tinha marcas nas mãos, no pescoço. Escoriações, cicatrizes de guerra. Nem ele nem Laura estavam em Southampton. Ela sabia disso, intuição de mãe. Mas onde serviam, então? Por que a própria filha mentira? E, para esquecer a preocupação, mandou a empregada ir arrumar os quartos.

Foi um dia deslumbrante. Laura levou Pal para conhecer Chelsea e, como o sol persistia, radiante, pegaram o metrô até o centro da cidade. Passearam no Hyde Park, em meio ao enxame de pessoas caminhando, sonhadores e crianças. No caminho cruzaram com alguns esquilos que desafiavam o inverno e com frangos-d'água nas margens dos lagos. Almoçaram tortas salgadas num restaurante à beira do Tâmis, depois foram passeando até a Trafalgar Square e, sem combinar nada, continuaram até Northumberland House. Onde tudo começara.

De volta à casa dos Doyle, no fim da tarde, Pal se acomodou num belo quarto do segundo andar. Fazia tempo que não tinha direito à intimidade de um cômodo só para si. Espreguiçou-se um pouco na cama macia e em seguida tomou um banho pelando, livrando-se da sujeira do Surrey e da Escócia. No espelho do banheiro, examinou demoradamente seu corpo, coberto de lesões e calombos. Depois de se enxugar, já barbeado e penteado, mas ainda sem camisa, circulou um pouco a esmo pelo quarto aquecido, afundando os pés descalços no espesso tapete. E parou diante da janela para contemplar o mundo. Estava anoitecendo, e aquele crepúsculo era idêntico à alvorada, banhando as ruas e as belas e sossegadas casas numa atmosfera azul-escura. Admirou os jardinzinhos varridos pelo vento que soprava e as grandes árvores desfolhadas da avenida, vergadas ritmicamente pelas rajadas. Soprou na vidraça fria e, no círculo de vapor, escreveu o nome de seu pai. Estavam em janeiro, mês do aniversário dele. Ah, a solidão de seu pai, como ele devia se sentir triste e abandonado! Eram uma pequena família, e Pal a desfizera.

Laura entrou no quarto sem fazer barulho, e o filho desgarrado só percebeu quando ela colocou as mãos em suas costas cheias de hematomas.

— O que está fazendo? — interrogou ela, intrigada ao vê-lo seminu na janela.

— Pensando.

Ela sorriu.

— Sabe o que Gordo diria, não sabe?

Ele balançou a cabeça, alegre, e os dois declamaram juntos, imitando o tom nervoso e melancólico do colega: “Não pense em coisas ruins...” Riram.

Laura trouxera um pequeno estojo de maquiagem e fez alguns retoques no rosto de Pal, insistindo naquele estratagema que não iludia ninguém. Ele permitiu, deleitando-se com a mão dela em seu rosto. Elegante e sobriamente maquiada, ela vestia uma saia verde-maçã e usava brincos de madrepérola. Tão linda...

Quando Pal se virou, ela notou a longa cicatriz que riscava seu peito, bem onde ficava o coração.

— O que foi isso?

— Nada.

Ela pousou a mão em cima da marca. Amava aquele homem, mas nunca teria coragem de confessar. Tudo bem que haviam passado bastante tempo juntos durante o treinamento escocês, mas ele continuava sério, muito preocupado com os assuntos do mundo, e sem dúvida não notara seu jeito de olhar para ele. Ela percorreu a cicatriz com a ponta do dedo.

— Essa marca não parece ser dos treinamentos.

— É de antes.

Laura não insistiu.

— Vista uma camisa. O jantar está pronto.

Saiu do quarto, sorrindo para seu francês.

*

Pal passou uma semana maravilhosa em Londres. Laura o levou para conhecer a cidade. Embora houvesse ficado várias semanas ali durante a época de seu recrutamento, Londres era uma desconhecida para ele. Laura mostrou-lhe todos os estragos da Blitz e os quarteirões em ruínas; os bombardeios haviam causado enormes danos, até o Buckingham Palace fora atingido, e, enquanto a Luftwaffe triturava a cidade, os ingleses eram por vezes forçados a se abrigar no metrô. Fora isso que levava Laura a tomar a decisão de ingressar na SOE. Esquecendo a guerra e seus estigmas, foram ao cinema, ao teatro, aos museus. Foram ao zoológico real, onde jogaram miolo de pão para as grandes girafas e saudaram os velhos leões, patéticos reis de suas jaulas. Numa tarde, cruzaram na rua por acaso com dois agentes austríacos que haviam conhecido em Arisaig House, mas fingiram que não os conheciam. Às vezes Pal se perguntava pelo paradeiro de seus amigos de Paris; com certeza estudavam, preparando-se para se tornar

professores, médicos, engenheiros, especuladores, advogados. Qual desses poderia imaginar o que ele andava fazendo?

Na véspera de ir embora, Pal descansava em seu quarto, sozinho, deitado na cama. France Doyle bateu à porta e entrou, com uma bandeja na qual havia um bule e duas xícaras. Pal levantou-se educadamente.

— Então vocês vão amanhã, hein? — murmurou France.

Sua voz tinha as mesmas nuances que a de Laura. Ela se sentou na cama, ao lado de Pal. Com a bandeja no colo, serviu as xícaras em silêncio. Estendeu-lhe uma.

— O que está acontecendo de verdade?

— Desculpe, não entendi.

— Sabe perfeitamente do que estou falando.

Ela avaliou o rapaz.

— Vocês não estão num quartel em Southampton.

— Estamos, sim, senhora.

— Em qual base?

Surpreendido com a pergunta, de início Pal permaneceu calado. Não havia se preparado para um interrogatório sem a presença de Laura. Se estivesse ali, ela saberia o que dizer. Ele tentou se recompor, mas sua hesitação tinha sido notável. Inventar um nome não adiantava mais.

— Isso não tem importância, senhora. Nossos superiores não gostam que a gente dê informações sobre a base.

— Sei que não estão em Southampton.

Um silêncio demorado invadiu o quarto. Não de constrangimento, mas sim de confiança.

— O que sabe exatamente?

— Nada. Mas vi as marcas nos corpos de vocês. Sinto que Laura mudou. Não para pior, ao contrário... Sei que ela não está na FANY, transportando caixas de repolho. Carregar legumes não muda ninguém assim em dois meses. — Outro silêncio. Depois France prosseguiu: — Estou com tanto medo, Pal. Por ela, por vocês. Preciso saber.

— Isso não a tranquilizará.

— Desconfio que não. Mas pelo menos saberei por que me preocupo.

Pal olhou para ela. Viu seu pai. Se France fosse seu pai e ele fosse Laura, ele iria querer que ela contasse. Pal não suportava o fato de que seu pai não sabia nada. Como se ele não existisse mais.

— Jure que não vai contar para ninguém.

— Juro.

— Jure melhor. Pela sua alma.

— Juro, meu filho.

Ela o chamara de *filho*. Subitamente sentia-se menos só. Levantou-se, certificou-se de que a porta estava bem fechada, sentou-se novamente ao lado de France e murmurou: — Fomos recrutados pelo serviço secreto.

A mãe colocou a mão diante da boca.

— Mas vocês são tão jovens!

— É a guerra, senhora. E não há nada que possa fazer. Não pode impedir Laura. Não lhe diga nada, finja que não sabe nada. Se acredita em Deus, reze. Se não acredita mais, reze mesmo assim. Fique tranquila, não acontecerá nada com a gente.

— Cuide dela.

— Pode deixar.

— Jure também.

— Juro.

— Ela é tão frágil...

— Menos do que a senhora pensa.

Sorriu para tranquilizá-la. Continuaram juntos por mais um tempo, em silêncio.

No dia seguinte, Pal e Laura deixaram a casa de Chelsea depois do almoço. A mãe fingiu que nada acontecera. No momento da partida, aproximou-se de Pal para cumprimentá-lo e enfiou discretamente algumas libras esterlinas no bolso de seu casaco.

— Compre chocolate para ela — murmurou. — Ela gosta muito de chocolate. Ele aquiesceu, esboçando um último sorriso. E os dois se foram.

O pai se informava atentamente sobre o curso da guerra. Tinha muito medo. Toda vez que ouvia falar em mortos, pensava no filho. No rádio, os boletins informativos o deixavam sobressaltado. Analisava, em seguida, o mapa da Europa e se perguntava onde seu filho poderia estar. E com quem? Lutava em nome de quem? Por que filhos tinham que ir à guerra? Não raro se arrependia de não ter ido em seu lugar. Deveriam ter trocado os papéis: Paul-Émile teria ficado em Paris, bem protegido, ele teria ido para o front. Não sabia como, mas teria feito isso se pudesse deter o filho.

Àqueles que fizeram perguntas, ele simplesmente dissera: “Paul-Émile teve que se ausentar.” Não acrescentava mais nada. Aos amigos do filho que vinham tocar a campainha, à zeladora do prédio que estranhava não esbarrar mais com o rapaz, repetia sempre o mesmo bordão: “Ele não está, teve que se ausentar.” E fechava a porta ou seguia adiante para encerrar a conversa de uma vez por todas.

Frequentemente se arrependia de não o ter trancado num quarto. E o filho permaneceria assim durante toda a guerra. Trancado a chave, para que não fosse embora nunca. Contudo, como permitira que ele partisse, não trancava mais a porta do apartamento, para ter certeza de que ele podia voltar. Todas as manhãs, ao sair para o trabalho, certificava-se conscienciosamente de que não trancara a porta. Às vezes voltava para verificar de novo. “Nunca é demais ser prudente”, pensava.

*

O pai era um “funcionário subalterno”; carimbava documentos, era um burocrata. Esperava que o filho se tornasse um grande homem, pois ele próprio não se considerava interessante. Quando seu chefe lhe enviava documentos para serem corrigidos, com algumas observações desagradáveis nas margens, o pai pensava: “Imbecil! Imbecil!”, sem saber direito se estava se dirigindo ao chefe ou a si próprio. Sim, seu filho seria alguém importante. Chefe de gabinete ou ministro. Quanto mais o tempo passava, mais orgulho o pai sentia dele.

Na pausa para o almoço, precipitava-se em direção ao metrô, voltava para casa e se apressava para pegar a correspondência; seu filho prometera lhe escrever. Esperava desesperado por suas cartas, mas nunca chegavam. Por que ele não escrevia? Preocupava-se por não ter notícias, rezava para que nada lhe

houvesse acontecido. O pai, mais magro, verificava novamente a caixa de correio para ter certeza de que não se enganara, e depois erguia os olhos com tristeza para o céu de janeiro. Em breve ele faria aniversário e seu filho decerto daria um sinal. Seu filho nunca esquecera seu aniversário, então daria um jeito de entrar em contato.

12

Numa estrada deserta de Cheshire, na escuridão do blecaute, Gordo caminhava, solene, com o pente na mão. Ofegando, parou um instante e penteou o cabelo terrível. Apesar do frio glacial de janeiro, ele suava em suas roupas justas demais. Não devia ter corrido tanto. Secou o rosto na manga da camisa e respirou fundo para reunir coragem. Percorreu os últimos metros que o separavam do pub, consultou o relógio de pulso e viu que eram onze e meia. Tinha duas boas horas pela frente. Duas horas de extrema felicidade. À noite, quando todos dormiam, ele fugia.

*

Ao fim da licença, os onze recrutas da Seção F reuniram-se na base aérea de Ringway, perto de Manchester, onde acontecia o último estágio da SOE. Deveriam permanecer lá até início de fevereiro. Todos os aspirantes da Executiva passavam por Ringway, um dos principais centros de treinamento de paraquedismo da Força Aérea Real, o paraquedas constituindo o meio mais eficaz de transportar os agentes da Grã-Bretanha para os países ocupados.

Chegaram lá com dez dias de antecedência, e se, de maneira geral, a formação deles, realizada na urgência da situação europeia, às vezes podia deixar a desejar — devido aos poucos meses de treinamento apressado entre ciência militar e improvisação —, a dúvida aumentaria no primeiro dia em Ringway, quando foram agraciados com uma demonstração calamitosa do método de paraquedismo que a SOE adotara. Graças a um engenhoso sistema de cabos, o paraquedista só precisava escorregar por um buraco no assoalho do avião: uma corda presa ao paraquedas e atada à cabine abriria automaticamente a lona na altitude correta, restando ao agente somente a função de aterrissar da forma que aprendera nos treinamentos. Assim, os recrutas, alinhados num terreno da base, haviam observado, atentos, um bombardeiro largar, em voos rasantes, sacos de terra equipados com o referido dispositivo. Porém, se um paraquedas se abrisse efetivamente acima do primeiro saco algumas dezenas de metros após este ter sido largado, o segundo e depois o terceiro sacos estouraram no chão, fazendo um barulho abafado como se nada tivesse acontecido. O quarto saco planara sob um belo paraquedas branco, mas o quinto arrebentara também. Em semicírculo, os recrutas observaram o espetáculo, abismados, imaginando seu futuro cadáver

tombando do céu.

— Senhor! — exclamara Claude com um gemido e os olhos arregalados.

— Porra! — xingara Aimé ao seu lado.

— Que sacanagem! — deixara escapar Key.

— É uma piada, por acaso? — perguntara Faron ao tenente Peter.

Mas o tenente balançara a cabeça sem se abalar, e David, igualmente pálido, traduzira: “Vai funcionar, vai funcionar, vocês vão ver.” No avião, a tripulação tampouco desanimava, continuando a lançar os sacos. Um paraquedas se abrira, depois outro, um sinal encorajador, e o tenente exultara. Mas sua alegria durara pouco: o saco seguinte se esborrachara lamentavelmente na grama úmida, deixando os recrutas com frio na barriga.

A despeito desse episódio, haviam treinado duro, como sempre, ocupando as pistas e hangares. A escola de Ringway certamente não formava peritos em paraquedismo, daí o sistema de abertura automática. Mas os agentes deviam estar preparados para saltar em condições difíceis, em baixa altitude e à noite. O mais importante era ser bem-sucedido na aterrissagem, com as pernas dobradas e encolhidas, os braços ao lado do corpo, efetuando um rolamento simples, mas que não podia dar errado, sob o risco de quebrarem os ossos. Tinham praticado primeiro no chão, depois em altitudes baixas, sobre uma cadeira, um banquinho e, na última etapa, numa escada. Depois da escada, Claude berrava todas as vezes em que se jogava. Em meio aos exercícios de salto, praticaram atividades físicas para não perderem a boa forma adquirida na Escócia, aprenderam sobre material aeronáutico e, principalmente, sobre aviões: os bombardeiros Whitley, que os largariam no espaço aéreo da França, e os Westland Lysander, pequenas aeronaves de quatro lugares, sem armamento, mas capazes de aterrissar e decolar em distâncias curtas, que viriam resgatá-los no campo ao fim da missão, debaixo do nariz dos alemães. Durante a visita aos aviões no solo, os recrutas, alegres como crianças, haviam se acomodado nos cockpits para brincar com os instrumentos de guerra. Stanislas tentara sem sucesso ensinar seus colegas a manejar os comandos, mas todo mundo se limitava a apertar aleatoriamente todos os botões, enquanto Gordo e Frank se esgoelavam sob os capacetes com microfones. O instrutor, impotente e desconcertado, permanecera na pista, só podendo constatar a debandada. Ao seu lado, Claude, preocupado, perguntara se havia risco de um de seus colegas, em meio à agitação, jogar uma bomba de várias toneladas diretamente na pista.

A SOE recusava-se a alojar seus recrutas em Ringway, onde também treinavam soldados do Exército britânico, destacamentos paraquedistas e tropas aerotransportadas: tal promiscuidade, mesmo em se tratando dos militares, era considerada perigosa para futuros agentes secretos. Portanto, todas as diferentes

seções concentravam-se em Dunham Lodge, em Cheshire, e os recrutas faziam diariamente o trajeto até a base em um furgão. Dessa forma, repararam num pub, na estrada de Ringway, e, como ao fim da primeira semana obtiveram uma licença de algumas horas, todos foram para lá. Assim que entraram no estabelecimento, espalharam-se entre alvos de dardos e mesas de sinuca, exceto Gordo, que permanecera plantado no assoalho viscoso, paralisado, subjugado: acabara de ver, bem atrás do balcão, a mulher mais extraordinária do mundo. Contemplara-a por vários minutos e fora subitamente tomado por uma felicidade inexplicável: amava-a. Mesmo tendo-a visto pela primeira vez havia apenas alguns instantes, amava-a. Então, timidamente, instalara-se no balcão e continuara admirando-a, aquela pequena morena que distribuía cerveja com uma graça infinita. Imaginava, sob a blusa justa, sua cintura fina e seu corpo magro. Queria envolvê-la com os braços e, inconscientemente, lá no banco em que estava, abraçara a si mesmo, prendendo a respiração durante vários minutos. Começara então a pedir cerveja, uma enorme quantidade de cerveja, balbuciando em seu inglês lamentável, só para atrair a atenção dela, e bebera todas as canecas de um gole só para pedir outra em seguida. Naquele ritmo, faltava pouco para Gordo ficar completamente embriagado e com a bexiga prestes a explodir. Key, Pal e Aimé o convocaram então para uma reunião de crise no banheiro do pub.

— Porra, Gordo, em que estado lamentável você está! — Key foi o primeiro a se exaltar. — Se o tenente vir você assim, vai ser o fim das licenças!

Não conseguiu deixar de rir diante do espetáculo que era Gordo de pileque. Com os olhos semicerrados, como os de um míope sem óculos, olhava para os colegas, agarrando-se nas paredes sujas do banheiro, procurando equilibrar-se, a cabeça rodando. Embolando as palavras, agitava as mãos para se explicar, mas seu corpanzil inteiro se mexia. Balançava a cabeça para trás e para a frente, movendo o enorme queixo, agitando o cabelo comprido, com gestos cômicos, falando alto e num tom sério e enfadonho.

— Estou mal, amigos — acabara declarando.

— Isso a gente está vendo — respondera Aimé.

— Não... Estou mal de amor. É por causa da garota do bar. — Ele separava as sílabas: — A-ga-ro-ta-do-bar.

— O quê, a garota do bar?

— Eu a amo.

— Como assim, ama?

— Eu a amo de paixão.

Eles riram. Até Pal, que no entanto conhecia o amor à primeira vista. Riram porque Gordo não sabia amar. Falava de garotas, das putas, do que conhecia. Mas de amor, ele não sabia nada.

— Você exagerou na bebida, Gordo — dissera Aimé, dando-lhe um tapinha no ombro. — A gente não pode amar quem não conhece. Até as pessoas que conhece bem, muitas vezes a gente tem dificuldade para amar.

Riram e levaram Gordo de volta para Dunham Lodge na intenção de curá-lo da bebedeira. Porém, no dia seguinte, sóbrio, Gordo ainda não se esquecera de seu amor. Enquanto os recrutas efetuavam seu primeiro salto de um bombardeiro Whitley, todos morrendo de medo, relembrando os sacos de terra, Gordo só conseguia pensar nela. De macacão verde, capacete na cabeça e óculos, o gorducho, planando acima da Inglaterra, estava literalmente nas nuvens.

Depois daquele primeiro salto, Gordo decidira tomar as rédeas de sua vida. Já fazia três noites que escapava secretamente de Dunham Lodge, infringindo as normas militares, para encontrar sua amada. Saía sorrateiramente do dormitório: se alguém se mexia ao vê-lo se levantar, ele alegava estar com dor de barriga e dizia que ia peidar no corredor, e o colega, sonolento e cheio de gratidão, voltava a dormir imediatamente. Então Gordo se esgueirava para fora. Na escuridão do blecaute, com o coração acelerado e correndo até o seu destino, seguia pela estradinha deserta que dava no pub. Corria desembestado, depois passava a caminhar, secando a testa, porque não queria que ela o visse suar, e em seguida voltava a correr, pois não queria perder mais um segundo sem vê-la.

Assim que entrava no pub, seu coração se enchia de medo e amor. Fazia uma expressão descontraída, depois vasculhava com os olhos a multidão de anônimos em busca de sua amada. Quando finalmente a via, seu coração irrompia de felicidade. Acomodava-se no balcão e esperava que ela viesse servi-lo.

Preparava umas palavras, mas não ousava dizê-las, pois a mulher o intimidava, e ele tinha um inglês incompreensível. Então fazia pedidos sem parar, só para criar a ilusão de uma conversa, e todo o seu soldo ia embora. Não queria saber nada sobre ela, pois, enquanto não soubesse nada, ela continuaria sendo a mulher mais extraordinária do mundo. Podia imaginar tudo a seu respeito: sua doçura, sua gentileza, suas paixões. Ela era delicada, encantadora, engraçada, deliciosa, sem qualquer defeito, absolutamente perfeita. Aliás, os dois tinham os mesmos gostos, as mesmas vontades. Era a mulher de seus sonhos. Sim, enquanto não se conhecessem, ele podia imaginar qualquer coisa: que ela o achava bonito, inteligente, corajoso e cheio de talentos. Que o esperava todas as noites, e se ele atrasava um pouco, ficava desesperada.

Assim, Gordo, um mestre da solidão, considerava que as mais belas histórias de amor eram as que ele inventava, porque os amantes de sua imaginação nunca se decepcionavam mutuamente. E ele podia sonhar que alguém o amava.

À noite, quando os recrutas dispunham de um tempo livre, Laura e Pal encontravam-se secretamente numa salinha contígua à cantina. Pal levava o romance iniciado em Lochailort, que os dois ainda não haviam terminado porque liam devagar, de propósito. No recinto havia apenas um grande sofá, e era Pal quem se sentava primeiro, depois Laura chegava e se recostava a ele. Ela soltava o cabelo louro, e, ao sentir seu perfume, ele fechava os olhos. Quando o surpreendia fazendo isso, beijava-o na bochecha; não um beijo furtivo, mas sim um demorado. Ele se extasiava e Laura se divertia com seu pequeno truque. “Vamos, leia agora”, dizia, fingindo impaciência. E Pal obedecia, conquistado. Às vezes, ele até mesmo levava um pouco de chocolate, comprado de um recruta holandês a um preço exorbitante com o dinheiro de France Doyle. Acreditavam estar sempre sozinhos na salinha. Nunca haviam notado um par de olhos espiando-os pelo vão da porta. Era Gordo quem os observava, comovido, considerando-os magníficos. Vendo-os, pensava em sua amada, e a imaginava recostando-se a ele, abraçando-o. Sim, um dia se abraçariam, se abraçariam sem jamais se cansar.

Gordo não pensava em mais nada além do amor. Achava que o amor podia salvar os Homens. Uma noite, após admirar Pal e Laura em seu esconderijo, juntou-se aos colegas nos dormitórios, onde sempre rolavam conversas intermináveis. Assim, encontrou Stanislas, Denis, Aimé, Faron, Key, Claude, Frank e Jos deitados em suas camas, as mãos atrás da cabeça, em plena discussão.

— Do que estão falando? — perguntou Gordo, ao entrar.

— De garotas — respondeu Frank.

Gordo esboçou um sorriso. Sem saber, seus colegas falavam de amor, e o amor os salvaria.

— Será que voltaremos a encontrar as norueguesas? — perguntou Jos. — Eu adoraria.

— As norueguesas... — principiou Key, suspirando alegremente. — Eu me pergunto o que teríamos feito em Lochailort se elas não estivessem lá.

— A mesma coisa — respondeu Denis, pragmático. — Correr sem parar.

Os mais jovens, Gordo, Key, Faron e Claude, sabiam que não era verdade, pois em certas ocasiões eles se arrumavam devido apenas à possibilidade de esbarrar com elas. Não queriam que elas os vissem com uma aparência miserável.

— Ah, meus meninos! — exclamou Aimé. — Vocês são umas crianças. Um dia, quando se casarem, essa aflição vai diminuir. Espero que eu seja convidado para os casamentos...

— Com certeza — disse Key. — Todos serão.

Denis sorriu, contente.

— Você é casado? — perguntou Aimé.

— Tenho uma mulher e dois filhos me esperando no Canadá.

— Sente saudades, não sente?

— Claro que sim. Nossa! É a minha família... Uma verdadeira maldição, se querem saber.

— Qual a idade dos seus meninos?

— Doze e quinze. — Dirigindo-se aos mais jovens: — Vocês me lembram um pouco dos meus filhos. Logo eles também serão homenzinhos.

— E você, Stan, não se casou? — perguntou Key.

— Não.

Houve um silêncio triste. Key retomou a conversa: — De qualquer jeito, aqui não é o melhor lugar para arranjar uma esposa.

— Ora, temos Laura — sugeriu Faron.

— Laura está com Pal — replicou Aimé.

— A propósito, onde eles estão? — perguntou Stanislas.

Todos riram. Gordo não dedurou o esconderijo dos dois: eram tão bonitos juntos... Não queria que os outros os importunassem. As pessoas não compreendiam nada do verdadeiro amor.

— Talvez estejam transando — zombou Faron. — Como é sortudo, esse Pal! Faz tempo que eu não transo com ninguém.

— Transar é uma boa prioridade — decretou Key, desencadeando certa exultação.

— Transar é secundário — retrucou Gordo. — É preciso mais do que isso...

— O quê, pode me dizer? — provocou Faron.

— Durante a licença, estive com as putas do Soho. Puta de manhã, puta de tarde, puta de noite. Nada além de putas, o dia inteiro. Então uma delas chamou minha atenção, uma garota de Liverpool que trabalhava na Whitefield Street. Pois saiba que não nos largamos depois disso, passamos dias inteiros na cama, quase como os apaixonados, e, quando eu lhe disse que estava indo embora de vez, ela me abraçou forte. De graça. Isso não é amor? — Ele se endireitou na cama e fitou os colegas. — Isso não é amor, hein? — repetiu. — Não é amor, porra?

Todos assentiram.

— É, Gordo — concordou Key. — Ela ama você, com certeza.

— Transar não é nada se não há carinho depois. Precisa ter amor!

Houve um silêncio, e todos notaram que Claude não emitira uma palavra sequer nos últimos instantes.

— Está tudo bem, Claude? — perguntou Aimé.

— Tudo bem.

E Gordo fez a pergunta que atormentava a todos:

— Carola, se você fosse padre, não transaria mais?

— Não.

— Nunca mais?

— Nunca mais.

— Nem com as putas?

— Nem com as putas, nem com ninguém.

Gordo balançou a cabeça.

— Por que é proibido transar quando se é padre?

— Porque Deus quer assim.

— Dá para ver que ele nunca teve os bagos cheios!

Claude ficou pálido, e os outros caíram na gargalhada.

— Você é um idiota, Gordo — disse Key. — É um idiota, mas me divirto com você.

— Não sou idiota, eu só pergunto. Porra, a gente tem o direito de querer saber por que os padres não transam. Todo mundo transa, todo mundo. Então por que os carolas também não teriam historinhas ousadas? Isso quer dizer o quê? Que ninguém quer transar com Claude? Ele não é feio. Tem o direito de transar como todo mundo. E mesmo se fosse o mais feio de todos, o rei dos feios, teria o direito de pagar algumas putas, putas gentis que cuidariam dele. Venha ao bordel comigo, Carola, se quiser, é claro.

— Não, obrigado, Gordo.

Deram mais risadas. Alguns começavam a cerrar as pálpebras; já era tarde, e todos se preparavam para ir dormir. Pal e Laura juntaram-se discretamente aos colegas. Gordo passou pelos quartos para dar boa-noite. Fazia isso todo dia, com o intuito de se certificar de que todos já estavam nos dormitórios e de que não seria pego de surpresa em plena fuga. Quando voltou para o quarto, Key cochilava, Pal parecia adormecido, e Claude mal teve forças para apertar o interruptor ao lado da sua cama e apagar a luz. No escuro, Gordo sorriu. Todos estariam dormindo profundamente em pouco tempo. E ele sairia da cama.

*

Ao fim da segunda semana, os recrutas foram obrigados a efetuar uma série de saltos que os deixaram nauseados. O terceiro estágio era o mais assustador e perigoso da formação da SOE: os paraquedistas treinavam saltos de risco, em baixa altitude, pois, para sobrevoar os países ocupados sem ser detectados pelos

radares inimigos, os bombardeiros da RAF voavam a aproximadamente duzentos metros de altitude. O salto durava apenas alguns segundos, uns vinte no máximo. O protocolo era bem rigoroso: do cockpit, o piloto e o navegador meteorologista tinham a responsabilidade de definir o momento do salto, levando em conta a latitude e a posição geográfica, e dar essa ordem à cabine, onde um expedidor, encarregado de autorizar a largada dos paraquedistas e do material, organizava a ordem de passagem. Uma luz vermelha se acendia quando o avião sobrevoava uma zona de largada. O expedidor colocava um agente de cada vez acima de uma abertura no assoalho do avião e, depois, com um tapinha no ombro, dava o sinal para o salto. O sujeito então se jogava no vazio, o cabo metálico se esticava, e o paraquedas abria sozinho, permanecendo no ar por mais alguns segundos. O tranco da abertura do paraquedas indicava que alcançariam o chão em poucos instantes. Encolhiam rapidamente as pernas e aterrissavam como haviam aprendido, o que, no melhor dos casos, equivalia a cair de uma altura de três ou quatro metros.

O fim da segunda semana de treinamento em Ringway coincidiu com o fim de janeiro. E chegou o aniversário do pai de Pal, que pensou nisso o dia inteiro, lamentando não poder lhe dar os parabéns: nem por carta, telefone, nada. Seu pai pensaria que ele havia esquecido. Estava triste. À noite, sentia-se tão atormentado que, apesar do cansaço, não conseguiu pegar no sono. Todos os seus colegas já roncavam havia uma boa hora, mas ele continuava pensando, com o olhar fixo no teto, deitado em sua cama estreita. Ah, que vontade de dar um abraço no pai... “Feliz aniversário”, ele lhe diria, “pai querido. Olhe o que me tornei graças à sua ótima educação!” E lhe daria belos presentes, um livro raro desencavado em um sebo nas margens do rio Sena, uma pequena aquarela que ele mesmo pintara, uma foto numa bela moldura para seu escritório triste. Com seu soldo do Exército britânico, poderia inclusive lhe dar um belo paletó de tweed, que lhe cairia muito bem. Tinha ideias para dar e vender e, a partir desse dia, economizaria para encher o pai de mimos quando se reencontrassem. Sonhava com a viagem que fariam juntos, indo de transatlântico até Nova York, de primeira classe, evidentemente, pois teria condições para isso. Ou, melhor ainda, pegariam um avião e, num piscar de olhos, descobririam novos horizontes. Nos dias chuvosos em Paris, iriam para o Sul, explorariam a Grécia ou a Turquia e tomariam banhos de mar. O pai o consideraria o melhor filho do mundo, e lhe diria: “Filho, que sorte a minha ser seu pai.” E Pal responderia: “O que sou, devo a você.” E lhe apresentaria Laura também. Talvez ela fosse morar em Paris. Em todo caso, aos domingos, iriam aos melhores restaurantes, o pai vestiria seu novo paletó inglês muito elegante. Laura colocaria seus brincos de madrepérola, e todo mundo — garçom, maître, sommelier, clientes, manobristas

— os consideraria esplêndidos. No fim da refeição, com as mãos unidas em cima da mesa, o pai, conquistado por Laura, rezaria em segredo pelo seu casamento e por netos. E essa seria a vida mais magnífica com a qual poderiam sonhar. Sim, Pal queria se casar com Laura, pois, quanto mais convivia com ela, mais se persuadia de que era a única mulher a quem poderia amar de verdade por toda a vida.

Sem se mexer na cama, escutava os roncos e rosnados até pouco tempo desconhecidos para ele, mas que, atualmente, estavam mais para melodias tranquilizadoras. E sonhava que formariam uma bela família: ele, seu pai e Laura. Foi então que notou na penumbra o enorme vulto de Gordo saindo da cama e andando na ponta dos pés em direção à porta do quarto.

Discretamente e em silêncio, seguiu Gordo pelos longos corredores de Dunham Lodge, no mais completo breu. Assim que saiu do quarto, Pal notara com irritação que Gordo vestia um casaco. Não ousara denunciar sua presença, dividido entre as dúvidas e o medo. Será que Gordo era um traidor? Não, ele não, não aquele homem tão amável. Talvez estivesse indo para o andar de cima, para os alojamentos dos iugoslavos, de onde poderia roubar comida. Mas por que de casaco? Quando Gordo, rastejando e se dissimulando, passou pela porta de entrada do Lodge e desapareceu na noite, Pal não sabia mais o que pensar. Será que devia dar o alerta? Decidiu segui-lo e saiu também. Não estava vestido para enfrentar o frio da noite, mas a adrenalina o fez esquecer esse contratempo. Gordo andava depressa, na estada deserta e escura, como se conhecesse o caminho. Avançava num passo ligeiro, começando inclusive a correr, mas depois diminuiu o ritmo. Pal arrastou-se para trás de um arbusto, achando que havia sido descoberto, mas Gordo não se virou. Ele vasculhava os bolsos e então pegou um pequeno objeto oblongo. Um radiotransmissor? Pal prendia a respiração: se Gordo-o-traidor o descobrisse naquele momento, com certeza o mataria. Mas o colega não tinha um rádio nas mãos. Era um pente, e Pal, estupefato, observou Gordo se pentear, no meio de uma ruela, no meio da noite. Aí é que não entendeu mais nada.

*

Gordo soltou um gritinho quase feminino e deixou o pente cair numa poça de lama; não ousava sequer se virar para ver quem gritara seu nome. Não era o tenente Peter, teria reconhecido seu sotaque, pois quando o tenente chamava Gordo, saía assim: “Goulo”. Talvez fosse David, o intérprete. Sim, era David. Teria que encarar então a prisão militar, a corte marcial, a pena de morte, quem sabe. Como explicar aos oficiais da SOE que ele saía de Dunham Lodge todas as noites para ir encontrar uma mulher? Seria fuzilado, publicamente, talvez, para servir de exemplo. Seu corpo inteiro começou a tremer, seu coração parou de bater, e as lágrimas brotaram em seus olhos.

— Porra, Gordo, o que você está aprontando?

Seu coração voltou a bater. Era Pal. O bom Pal. Ah, Pal, como gostava dele! Sim, e gostava ainda mais do que nunca naquela noite. Ah, Pal, valoroso

combatente, amigo fiel, eloquente, carismático e muito mais. Que rapaz incrível!

A voz de Pal reverberou novamente:

— Ei, Gordo! O que está acontecendo, caramba?!

Gordo respirou fundo.

— Pal, é você, Pal? Ah, Pal.

— Claro que sou eu! Quem achou que fosse?

O grandalhão correu na direção de Pal e o abraçou com toda a sua força. Estava contente por poder dividir seu segredo.

— Argh! Você está suado, Gordo!

— É porque estou correndo.

— Mas para onde? Sabe o que pode acontecer se o pegarem?

— Não se preocupe, faço isso o tempo todo.

Pal não estava acreditando.

— Vou vê-la — explicou Gordo.

— Ver quem?

— A moça com quem vou me casar depois da guerra.

— Quem?

— A garçonete do pub.

— O pub aonde fomos?

— Isso.

Pal ficou estupefato: Gordo a amava de verdade. Claro, já tinha dito isso no banheiro, mas ninguém acreditara, ele mesmo considerara aquilo só um papo de bêbado.

— E você vai vê-la? — perguntou, incrédulo.

— Sim. Todas as noites. Menos quando temos que fazer saltos noturnos. Esses saltos noturnos são um saco! A gente já faz isso o dia inteiro, e, tcharan, à noite ainda tem mais. Como me viu sair?

— Gordo, você pesa pelo menos cem quilos. Como quer passar despercebido?

— Ai, merda. Tenho que tomar mais cuidado nas próximas vezes.

— O treinamento termina daqui a uma semana.

— Eu sei. É por isso que preciso descobrir pelo menos o nome dela... Para encontrá-la depois da guerra, sabe?

Claro que Pal sabia. Melhor do que ninguém.

A garoa de sempre continuava caindo, e Pal foi subitamente tomado por uma desagradável sensação de frio. Gordo notou isso.

— Pegue meu casaco, você está tremendo.

— Obrigado.

Pal colocou o casaco e sentiu o cheiro da gola: perfume.

— Você passou perfume?

Gordo sorriu, quase encabulado.

— Roubei, não conte para ninguém, por favor.

— Claro que não. Mas quem é que tinha perfume?

— Você não vai acreditar.

— Quem?

— Faron.

— Faron usa perfume?

— Ele é uma mocinha! Uma mocinha! Não me admiraria se ele acabasse indo parar em certos cabarés de Londres, se entende o que quero dizer.

Pal caiu na gargalhada. E Gordo pensou que suas histórias de Faron como puta realmente divertiam a todos. Lamentou que sua garçonete não conhecesse o colega, pois aquela teria sido uma boa maneira de puxar assunto.

Naquela noite, Pal e Gordo foram juntos ao pub. Sentaram-se a uma mesa e Pal observou Gordo amar. Contemplou seus trejeitos apaixonados, seus olhos brilhando quando ela veio pegar o pedido, seus murmúrios, depois seu sorriso, pois sua amada prestara atenção nele.

— Vocês conversam um pouco? — perguntou Pal.

— Nunca, cara. Nunca. Jamais.

— Por quê?

— Porque assim posso acreditar que ela me ama.

— Talvez seja o caso.

— Ainda não enlouqueci completamente, Pal. Preste atenção, olhe para mim. Caras como eu estão destinados a ficar sozinhos.

— Não fale besteira.

— Não se preocupe comigo. Mas é por isso que quero viver na ilusão.

— Na ilusão?

— Na ilusão do sonho, ora essa. Sonhar é viver. Os que sonham não morrem, pois não se desesperam. Sonhar é ter esperança. Rã morreu porque não tinha mais nenhum sonho.

— Não diga isso. Que ele descanse em paz.

— Que ele descanse em paz, se quiser, mas é verdade. O dia em que você não sonhar mais, ou se tornou o homem mais feliz do mundo ou é capaz de meter uma bala na própria cabeça. Está pensando o quê? Que acho engraçado morrer feito um cachorro indo lutar com os Rosbifes?

— Lutamos pela liberdade.

— Está vendo! Pimba! A liberdade! Ora, a liberdade é sonho, meu camarada! Outro sonho! Nunca somos verdadeiramente livres!

— Então por que está aqui?

— Para falar a verdade, não faço ideia. Mas sei que continuo vivendo porque

sonho todos os dias. Sonho com a minha garçonete e que estamos juntos. Que venho encontrá-la durante as folgas, que trocamos cartinhas de amor. E quando a guerra acabar, celebraremos nosso casamento. E eu serei muito feliz.

Pal admirou aquele fervor, enternecido. Ignorava o que aconteceria com seu pequeno grupo de corajosos, porém, tendo sido convencido, sabia que Gordo viveria. Pois nunca vira alguém ser capaz de sentir tanto amor.

*

Pal prometeu guardar fielmente o segredo de Gordo e, nas noites seguintes, fingiu não notar o companheiro fugindo. Mas o treinamento em Ringway já chegava ao fim: era o estágio mais breve da formação, para evitar um risco muito grande de acidentes, estatisticamente inevitáveis. Faltavam apenas dois dias e duas noites, quando Pal perguntou ao amigo se havia conseguido falar com sua garçonete.

— Não, ainda não — respondeu o gorducho.

— Faltam só dois dias.

— Eu sei, vou falar com ela hoje à noite. Esta será a grande noite...

Mas naquela noite os recrutas foram obrigados a ficar na base, onde tiveram uma aula sobre os contêineres que deviam ser lançados junto com eles nos paraquedas. Chegaram tarde demais a Dunham Lodge para que Gordo tivesse oportunidade de escapar.

No dia seguinte, para desespero de Gordo, os recrutas tiveram que ficar novamente em Ringway para um último salto noturno. Eles fizeram o exercício com o coração disparado, pois sabiam que, em breve, dariam aquele salto para valer, sobre a França. Só Gordo estava se lixando completamente para isso: mais uma vez voltariam tarde demais, e ele não poderia evadir-se de novo. Não a veria mais. Preso pelo seu macacão, atravessando o céu, berrava: “Salto de merda! Escola de merda! Bando de paspalhões!” De volta a Dunham Lodge, infeliz e decepcionado, Gordo subiu direto até o quarto para dormir. Era o fim. Não notou que Pal havia reunido o resto dos colegas. Revelou para eles as fugas amorosas de Gordo e todos concordaram que seria uma tragédia se ele não falasse ao menos uma vez com a garçonete antes de ir embora. E decidiram que, assim que o tenente Peter pegasse no sono, todos iriam ao pub.

Os onze vultos rastejavam pela noite. Nas camas, almofadas os substituíam. Estavam bem diante de Dunham Lodge.

— Vamos pegar um carro — sussurrou Faron.

Key assentiu, Aimé riu em silêncio e Claude, lívido, fez o sinal da cruz: por que diabo deixara-se arrastar para aquela aventura?

Sem fazerem qualquer ruído, embora excitados por aquela pequena deserção, espremeram-se a bordo de um veículo militar. Faron instalou-se ao volante. Como sempre, as chaves estavam atrás do para-sol. Arrancou imediatamente, antes que alguém os notasse, e desapareceram na estradinha deserta que Gordo conhecia de cabo a rabo.

Assim que se afastaram de Dunham Lodge, o interior do carro foi invadido por uma balbúrdia infernal.

— É incrível o que vocês estão fazendo por mim — gritou Gordo, cheio de amor pelos companheiros.

— É sensacional você ter encontrado essa garota — respondeu Jos.

— Sensacional seria a gente não ser flagrado! — retrucou Claude com um gemido, sentindo uma pontada no estômago.

Gordo orientou Faron e em pouco tempo eles chegaram. Estacionaram diante do pub. O coração de Gordo estava acelerado. Os outros recrutas, vibrando com aquele passeio, arrependiam-se de não ter tido a iniciativa de fazer aquilo antes. Entraram em cortejo, como uma banda alegre, e se instalaram ao redor de uma mesa, enquanto Gordo sentava-se ao balcão, sentindo dez olhares fixos em suas costas. Quando se virava, os colegas o incentivavam com gestos.

Examinando o recinto com o olhar, Gordo a princípio não viu sua amada. Procurou disfarçar a preocupação que já o atormentava: e se ela não aparecesse aquela noite?

Ao redor da mesa, os recrutas observavam atentamente.

— Onde está ela? — perguntou Frank, impaciente.

— Não estou vendo — respondeu Pal.

— E ele faz isso todas as noites? — indagou Aimé, ainda perplexo com aquela história.

— Todas as noites.

— E como é que não percebemos nada...?

E permaneceram de tocaia em silêncio. Ela continuava sem aparecer.

Com os cotovelos no balcão, Gordo, para ganhar coragem, pediu uma cerveja, depois outra e então uma terceira. Nada mudou; ela não dava o ar da graça. Finalmente, Aimé foi até ele, como embaixador da impaciente delegação.

— Então, onde está sua garota? — perguntou.

Gordo deu de ombros; não fazia ideia. Olhou para todos os cantos na esperança de avistá-la em meio à fumaça dos cigarros, mas foi em vão. Sentiu gotas de suor brotando em sua testa. Secou-as rapidamente na manga da camisa e cerrou os punhos. Não podia se desesperar.

Quinze minutos mais tarde, Key e Stanislas foram se sentar ao seu lado para lhe fazer companhia, depois sugeriram ir procurá-la na multidão dos clientes.

— Descreva-a para nós, vamos encontrá-la para você.

— Ela não veio, não veio — disse Gordo, gemendo.

Estava arrasado.

Após meia hora, foi a vez de Claude incentivá-lo:

— Mexa-se e vá encontrá-la, Gordo. Se não voltarmos logo, vão nos pegar.

Uma hora depois, como continuava sem acontecer nada, os companheiros se dispersaram, cansados: alguns ficaram à mesa para jogar cartas, outros preferiram a sinuca e os dardos. Pal preocupou-se com a sorte de Gordo.

— Não entendo, Pal. Ela não veio. Mas sempre vem!

Mais uma hora, depois outra. Tinham que se render à evidência: ela não viria. Gordo agarrava-se ao balcão, agarrava-se a um fio de esperança. Porém, ao ver Key, Frank, Stanislas e Aimé se aproximando, deixou-se invadir por uma terrível tristeza: estava na hora de voltar ao Lodge.

— Ainda não — suplicou. — Agora não.

— Temos que ir, Gordo — disse Key. — Sinto muito.

— Se a gente for embora, nunca mais a verei.

— Você pode voltar. Durante as licenças. Todos nós vamos ajudar, se for preciso. Mas ela não vai vir. Pelo menos não esta noite.

Gordo sentiu o coração se encolher, minguar, secar.

— Temos que ir, Gordo. Se o tenente nos pega...

— Eu sei. Obrigado por terem feito isso.

Laura, retraída, assistia à cena, sentindo uma grande compaixão, e foi sentar-se ao lado do gorducho para consolá-lo. Gordo apoiou a cabeça no ombro delicado da colega, e ela passou a mão em seu cabelo suado.

— Tudo isso para nada... — comentou ele com um suspiro. — Nem o nome dela eu sei, nunca mais a verei.

Os olhos de Laura brilharam.

— Nada nos impede de saber seu nome.

Ela se levantou prontamente. Precisou atravessar a multidão de homens

bêbados, depois quase teve que subir no balcão para ser ouvida pelo garçom, que lavava os copos, distraído.

— Estou procurando Becky — disse.

Tinha acabado de inventar um nome.

— Quem?

Para escutar em meio àquele alvoroço, o funcionário teve que botar a mão em formato de concha no ouvido.

— É uma garota que trabalha aqui — articulou Laura com esforço.

— A única garota que trabalha aqui é Melinda. É Melinda que você está procurando?

— Isso mesmo, Melinda! Ela está?

— Não. Está doente. O que quer com ela?

Laura gaguejou uma explicação que o homem não entendeu e ele retornou sua atenção para os copos sem fazer mais perguntas.

Os recrutas observaram a cena, sem ouvir a conversa. Laura voltou, sorridente.

— Melinda — murmurou no ouvido de Gordo. — O nome dela é Melinda.

O gorducho ficou subitamente radiante de felicidade: — E ele disse mais alguma coisa?

Laura refletiu por um instante. Gordo parecia tão feliz, ela não conseguiu evitar mentir.

— Ele disse que ela tinha falado de você.

Gordo ficou exultante.

— De mim? De mim!

Ela mordeu o lábio. Não devia ter dito aquilo.

— Enfim... Ela reparou que você vinha.

— Eu tinha certeza disso! — berrou Gordo, parando de escutar.

E, louco de felicidade, abraçou Laura, depois Aimé, Pal, Key e todos os outros, até mesmo Faron.

Foram embora alegres, sempre em grupo, espremendo-se novamente no furgão. No banco, Gordo morria de amor e felicidade.

— Eu tinha certeza — repetia ele. — Afinal, às vezes a gente cruzava o olhar e era... especial. Enfim, vocês sabem o que quero dizer. Tinha alquimia.

— Química — corrigiu Aimé.

— Exatamente, química, uma química incrível!

Ao volante, Faron observava Gordo pelo retrovisor e sorria. Desconfiava de que Laura mentira, numa bela atitude, pois, diante do que talvez os esperasse na França, mentir para oferecer um pouquinho de felicidade não era realmente mentir.

Cerca de cem metros antes de Dunham Lodge, Faron desligou o motor e os recrutas empurraram o veículo em silêncio. Então, após uma última recomendação de Key, entraram na casa sem fazer barulho, em direção aos seus dormitórios. Quando estavam passando pela cantina, uma luz se acendeu. Diante deles, com o dedo no interruptor, estava o tenente Peter.

*

Cabisbaixos, disfarçavam o sorriso. O tenente Peter vociferava, e David, arrancado da cama pela circunstância, traduzia aproximadamente: — O tenente diz que não está nem um pouco feliz — berrou David entre duas explosões de gritos raivosos, vestindo um roupão e com os olhos ainda quase fechados.

— Na verdade, ele está xingando a gente — corrigiu Stanislas.

— Era o que eu imaginava — sussurrou Aimé.

O tenente continuava esbravejando, dando pulinhos e agitando os braços compridos e finos no ar.

Key então explicou em inglês que tinham saído à procura da namorada de Gordo, o que era um caso de força maior.

A explicação não alterou em nada a ira de Peter.

— Mas não se dão conta, caso tivesse acontecido alguma coisa, do lado de fora, no blecaute... Sou o responsável pelos senhores!

David traduzia para o francês mais aproximado possível.

— Não corríamos nenhum risco — respondeu Claude ingenuamente —, pegamos um carro.

Com a tradução, o rosto de Peter ficou vermelho.

— Um carro? Um carro! Eles pegaram um carro! Que carro?

Por uma das janelas, Claude apontou para o objeto do delito.

— Todo mundo para fora! — esgoelou-se o tenente.

Os recrutas o seguiram, um atrás do outro. No frio cortante da noite, Peter se instalou ao volante do carro e David, tiritando e suspirando em seu pijama, se sentou no banco do carona.

— Os senhores têm sorte, eu poderia mandar todos para a cadeia! Agora, me levem embora daqui! Me levem para bem longe! Também quero sair e me divertir!

E os recrutas, espremidos junto ao porta-malas e nas laterais, começaram a empurrar o furgão militar.

— Mais depressa — gritou o tenente, que baixara a janela —, quero sentir o vento bater no meu cabelo!

Na escuridão da madrugada, os recrutas sorriam. Tinha sido uma fuga memorável. E ainda repetiriam.

Peter sorria. Tinham roubado um carro, e só para encontrar a amada de Gordo. “Eles são incríveis”, pensava Peter, “são incríveis”. Pinçando entre as poucas palavras de francês que aprendera no convívio com os recrutas, gritou num tom autoritário: — Bando de inconsequentes! Bando de inconsequentes!

E voltou a sorrir. Aquelas eram as pessoas mais incríveis que já conhecera.

Na rue du Bac, o pai morria de solidão.

Seu filho se fora havia seis meses e não mandara nenhuma notícia: esquecera-se até do seu aniversário. O homenzinho definhava em aflição e inquietude. “Não devia existir guerra nem filhos”, pensava. Nos dias de grande desespero, chegava a afirmar que preferia não viver mais. E para não ceder à tentação do vazio, enfiava seu casaco, seu velho chapéu de feltro e vagava pela cidade. Imaginava o itinerário que o filho percorrera para deixar Paris. E, quase sempre, seguia na direção do rio Sena. Nas pontes, soluçava.

Na rue du Bac, o pai morria de solidão. Aos domingos, para não sucumbir, ia se sentar nos bancos das praças, onde passava o dia. Observava as crianças brincando. E questionava o futuro delas.

Todas as manhãs, ia à missa, numa igrejinha no sexto *arrondissement*. Rezava com toda a sua alma. “Se Deus existe, nunca estamos realmente sozinhos”, pensava. Todas as noites, ajoelhava-se em sua sala e rezava mais, para que o filho se saísse bem e voltasse para ele. Os filhos nunca devem morrer.

Na rue du Bac, o pai morria de solidão.

A família Montagu, oriunda da aristocracia britânica, ocupava havia quatro séculos uma imensa propriedade nos arredores de Beaulieu, um vilarejo de Hampshire, ao sul da Inglaterra. Era nessas terras que ficava a quarta e última escola de formação da SOE, a “escola final” — *finishing school* —, instalada num conjunto de casinhas, que passavam despercebidas na imensidão do local. Lorde Montagu colocara sua propriedade à disposição da SOE, à revelia de todo o vilarejo de Beaulieu e até da própria família, que não obstante morava num magnífico solar no meio do terreno. Ninguém imaginava que naquelas casinhas, cujos ocupantes haviam partido no início da guerra — fosse porque os homens haviam sido mobilizados ou porque tinham ido se abrigar mais ao norte —, o serviço secreto britânico formava voluntários provenientes de toda a Europa nas técnicas da clandestinidade.

Estavam em meados de fevereiro. A chuva pesada e glacial do inverno ia lentamente dando lugar à leve garoa da primavera. Em breve, os dias se tornariam mais longos e claros, a lama secaria, e, apesar do frio que perduraria um pouco, as primeiras plantas brotariam pela crosta congelada do solo. Stanislas, Denis, Aimé, Frank, Key, Faron, Gordo, Jos, Laura, Pal e Claude, os onze recrutas da Seção F, os onze sobreviventes da seleção, viviam ali seu último aprendizado, juntos, durante quatro semanas; a escola de Beaulieu era a última etapa antes da obtenção do status de agente da SOE. Em Wanborough, haviam enrijecido seus corpos; em Lochailort, estiveram às voltas com a arte da guerra; em Ringway, descobriram o salto de paraquedas. Em Beaulieu, aprenderiam a circular clandestinamente pela França, isto é, a permanecer anônimos entre os anônimos e não deixar-se trair, sequer por um gesto banal, mas excêntrico a ponto de ser capaz de despertar suspeitas. Acomodaram-se numa das onze casas da escola. O local fervilhava de recrutas de todas as nacionalidades, lembrando Arisaig House.

A formação em Beaulieu era dividida em setores encarregados de ensinar aos recrutas a arte dos serviços secretos: viver clandestinamente, segurança pessoal, comunicação no campo, manutenção e gestão de um disfarce, ou ainda como agir sob a vigilância da polícia ou como despistar alguém. As aulas eram ministradas por especialistas em cada disciplina e, além dos instrutores do Exército britânico, havia no corpo docente criminosos, atores, médicos, engenheiros, pois nenhuma experiência era desdenhada na formação dos futuros agentes.

Assim, os recrutas fizeram um curso de arrombamento ministrado por um exímio assaltante, que lhes ensinou a invadir casas, explodir cofres, forçar fechaduras ou ainda fazer cópia de uma chave, uma operação simples que consistia em utilizar uma caixa de fósforos cheia de plasticina que servia de molde da chave original.

Um ator os iniciou na arte de se disfarçar e mudar rapidamente de aparência. Era uma artimanha sutil, não era questão de usar barba falsa ou peruca, e sim de se concentrar nas pequenas mudanças: usar óculos, mudar o penteado, modificar sua aparência, nem que fosse desenhando no rosto uma falsa cicatriz com colódio, um produto semelhante à cera e que secava depressa.

Um instrutor do Exército se encarregou de ensinar técnicas de assassinato silencioso com o objetivo de eliminar um eventual perseguidor ou um alvo com toda a discrição; estrangulamento, uso de faca e pistola em miniatura com silenciador, em determinados casos.

Um médico abordou algumas noções de cirurgia plástica. A SOE dispunha de cirurgiões capazes de modificar a aparência física de agentes em perigo, que acabassem tendo o disfarce comprometido.

Um oficial da Executiva introduziu-os na arte da comunicação secreta. Embora os contatos com Londres fossem efetuados por meio dos rádio-operadores e mensagens em código, os agentes eram muitas vezes obrigados a se comunicar no campo com outros agentes ou com redes de resistência. Com o telégrafo vigiado, assim como os telefones, e o envio de telegramas se mostrando impossível sem a revelação da identidade, era preciso burlar. Os recrutas aprenderam então criptografia, os códigos dissimulados no texto das cartas ou cartões-postais, uso de tinta invisível, sistemas e caixas de correio, dissimulação de documentos em miniatura dentro de um cachimbo, de um botão de casaco, ou inseridos com uma agulha dentro de cigarros, os quais podiam ser fumados tranquilamente em caso de prisão. Havia também o S-Phone, um transmissor-receptor de ondas curtas que permitia a um avião ou embarcação se comunicar, num raio de dezenas de quilômetros, com um agente em terra, dotado de um aparelho receptor dentro de uma maleta. Usando esse equipamento, as conversas soavam tão claras como as que eram feitas com a telefonia local, e o S-Phone ainda podia ser usado para guiar um bombardeiro até uma zona de lançamento, bem como para colocar um agente no campo em contato com membros do Estado-Maior em Londres, o avião servindo de relé de rádio para a capital. Mas o teste do S-Phone feito pelos recrutas não se revelou promissor, pois, afora os quatro anglófonos, nenhum deles falava inglês fluentemente para ser compreendido por um piloto. E, durante um exercício de orientação fictícia de um avião, o pobre Aimé balbuciou algo incompreensível que lhe rendeu uma

reprimenda do instrutor, lhe ordenando que parasse de bancar o palhaço.

Foram igualmente abordadas duas questões que os próprios futuros agentes deveriam ensinar mais tarde às redes de resistência locais: como receber os Lysander no solo e como delimitar as zonas de largada dos paraquedistas e dos equipamentos. No caso desta última missão, era preciso acender três pontos luminosos no chão. Dessa forma, a tripulação do bombardeiro só precisava dar rasantes na região acima da qual a largada estava prevista, o que por si só já constituía um exercício perigoso. Quando o piloto ou o navegador percebia o triângulo desenhado no solo, ao qual se acrescentava um sinal luminoso de segurança — uma letra do alfabeto repetida em código Morse, constituindo o sistema de identificação estabelecido previamente —, ele prevenia o expedidor acendendo uma luz vermelha e avisando, assim, que estavam sobrevoando a zona de largada. Em caso de dúvida, o piloto também podia se comunicar por meio de um S-Phone com o agente no solo, contanto que esse agente também dispusesse de um aparelho.

Para receber os Lysander era preciso encontrar terrenos adequados, pastos ou plantações, que servissem como pista improvisada. Os quartéis-generais da SOE utilizavam para as operações aéreas os mesmos mapas Michelin de que os agentes em missão dispunham, a fim de poder estabelecer, via rádio, um local preciso para a aterrissagem. Era igualmente primordial fornecer pontos de referência no terreno — pontes, morros, rios —, sendo possível permitir aos pilotos, em voos noturnos, a vista e a baixa altitude, orientar-se com facilidade. Seria preciso também, nos minutos anteriores à aterrissagem, marcar a pista improvisada, espalhando tochas em forma de “L” de acordo com o sentido do vento, e emitir, tal como para as largadas, um código Morse de identificação. O piloto poderia então pousar por alguns minutos apenas, o tempo de desembarcar ou embarcar passageiros, deixando os motores ligados para poder voltar a decolar prontamente.

*

Um sentimento de nostalgia reinava ao longo dos dias em Beaulieu, pois os recrutas viviam ali seus últimos dias juntos: a guerra estava mais próxima do que nunca, e a separação deles também. No início, em Wanborough, não haviam simpatizado mutuamente; desconfiaram uns dos outros, zombaram-se, às vezes exagerando de propósito nos golpes durante os treinamentos. Mas como estavam prestes a se separar, antecipavam a saudade que viriam a sentir. Frequentemente, à noite, jogavam cartas: não faziam isso só pelo jogo, jogavam para ficar juntos,

para esquecer a angústia. Para se lembrar de como se divertiram juntos, apesar da dureza dos treinamentos. E quando cruzassem o céu da França, quando a euforia do salto se dissipasse e o terror ainda não os tivesse atingido, teriam passado vários segundos durante os quais compreenderiam quão desamparados e solitários estavam, e como sentiam falta uns dos outros.

Certa noite, após um jogo de baralho, Gordo e Pal foram caminhar pela propriedade dos Montagu. Anotecera havia várias horas, mas a noite estava clara: uma lua cheia iluminava o imenso parque, e o musgo que tomava os troncos dos pinheiros embalsamava o ar com uma fragrância precoce de primavera. Perceberam ao longe a silhueta de uma raposa.

— Um Georges! — exclamou Gordo, emocionado.

Pal cumprimentou a raposa.

— Sabe, Pal, penso o tempo todo em Melinda. — O rapaz balançou a cabeça.
— Acha que a verei novamente?

— Com certeza, Gordo.

Pal sabia que Laura mentira para ele.

— Digo isso porque sei que você também pensa em Laura. É o tempo todo?

— O tempo todo.

— E o que vai fazer? Quer dizer, depois, quando nos separarmos.

— Não sei.

— Porque você entende que nossas histórias são sérias. Você com Laura e eu com Melinda. Ela *reparou* em mim. Re-pa-rou. Isso não é um joguinho!

— Joguinho...

— Isso mesmo. É sério, caramba. Assim que eu tiver uma licença, voarei para vê-la. Afinal, você sabe como é quando o coração se apaixona por uma bela mulher.

Pal assentiu novamente. E pensou que Gordo lhe faria falta, e Gordo imaginou que sentiria saudade de Pal, pois nunca conhecera alguém tão leal e fiel.

— Você é um irmão para mim, Pal — disse Gordo.

— Também penso isso a seu respeito — respondeu Pal.

Conversaram sobre depois da guerra.

— Vou me casar com Melinda. Abriremos nossa pousada. Olhe, já desenhei a planta.

Tirou do bolso um pedaço de papel cuidadosamente dobrado e o entregou a Pal, que o estendeu na direção do luar para enxergar melhor. Assobiou de admiração. Não entendia nada da planta, mas via que o desenho tinha sido executado com rara dedicação.

— Nossa! Que lugar lindo!

Gordo discorreu sobre o croqui, mas suas explicações não ajudaram muito.

Depois levantou a cabeça, ansioso, e foi direto ao ponto:

— Tem uma pergunta que todo mundo está fazendo: você e Laura transam?

— Não — respondeu o rapaz, um pouco envergonhado por não ser um homem completo. Inclinou-se na direção do ouvido de seu colega obeso e sussurrou: — É que... não sei transar.

Gordo sorriu para ele.

— Não se preocupe, você fará um bom trabalho.

E esmagou o ombro do rapaz com seu braço grandioso.

Pal contemplava as estrelas cintilantes, no céu sem nuvens. Se o seu pai estivesse olhando para o mesmo céu naquele momento, veria Beaulieu, veria seus amigos, veria que o filho estava bem acompanhado. “Amo você, papai”, murmurou ele ao vento e às estrelas.

Em Beaulieu, além do curso geral, os recrutas eram orientados para uma formação específica, segundo as aptidões destacadas pelo oficial que acompanhara sua evolução. Frank, Faron, Key e Pal foram levados para a sabotagem industrial, Stanislas e Claude, para o arrombamento, Aimé, para o reconhecimento das forças inimigas, e Gordo, para a propaganda branca e negra. Quanto a Jos, Denis e Laura, o tenente Peter decidiu que se tornariam rádio-operadores — “pianistas” no jargão da Executiva. A comunicação do campo era um mecanismo complexo de mensagens radiocriptografadas, transmitidas por relés clandestinos instalados nos países ocupados, permitindo contato direto com Londres e, por conseguinte, a transmissão de dados ou instruções. Apenas alguns agentes eram especificamente formados nessa atividade.

Separados segundo sua futura atribuição, os onze recrutas passaram a se ver cada vez menos, só vindo a se encontrar no tempo livre.

Um fim de tarde, de volta à casa da Seção F, os recrutas encontraram Gordo e Claude prostrados no dormitório. Bêbados. Uma hora antes, os dois infelizes haviam se encontrado por acaso, sozinhos na casa, e Gordo sacara um pequeno frasco de uísque.

— Onde achou isso? — perguntara Claude.

— Peguei dos holandeses.

— Eu não bebo...

— Só um gole, Carola. Para me deixar feliz. Porque daqui a pouco não nos veremos mais.

— Eu nunca bebo.

— Bebe pelo menos vinho na missa. Então pode imaginar que é o seu vinhozinho da missa.

Claude acabara sendo convencido. Pela amizade. E então beberam. Um gole, depois outro e um terceiro. Embriagados, contaram piadas e em seguida viraram o gargalo novamente. Subiram para seus quartos, aos gritos, e Gordo vestira o robe de Stanislas.

— Sou Faron, sou uma mulher! Uma mulherzinha! Gosto de me fantasiar!

Circulara por entre as camas. Claude rira e arrependera-se logo em seguida.

— Não zombe de Faron — dissera ele a Gordo. — Não devemos fazer isso.

— Faron é um idiota.

— Não, Gordo. Não somos mais os mesmos agora.

Gordo tirara o robe. Houvera um longo silêncio. E os dois amigos, completamente bêbados, haviam se contemplado com angústia, sendo subitamente golpeados por uma imensa tristeza, que o álcool tornara patética.

— Vou sentir sua falta, Carola! — dissera ao gorducho, com um gemido.

— E eu a sua, Gordo! — respondera o padre em meio a soluços.

Haviam se abraçado, terminado a bebida e, quando os recrutas os encontraram, eles dormiam no chão. A situação, a princípio, divertiu a todos. Até o tenente Peter entrar na casa e gritar, do térreo: — Exercício! Exercício!

Os instrutores de Beaulieu haviam convencido Londres a enviar um avião para que fosse realizado um exercício de balizamento de uma zona de largada. O tenente designara aleatoriamente Claude e Gordo, da Seção F, para participarem da atividade.

Denis e Key desceram correndo para distraí-lo.

— Exercício? — perguntou Key, em pânico, sentindo-se responsável por cada membro do seu grupo.

— Você, não — respondeu o tenente. — Claude e Gordo.

— Só os dois?

— Afirmativo. Eles devem me encontrar na casa do Comando Geral daqui a dez minutos.

Key engasgou. Se fosse um treinamento com armas de fogo ou faca, os dois ébrios sem dúvida assassinariam alguém, isso caso não se matassem antes. Sugeriu, então, meio sem jeito: — Não poderia ser Denis e eu?

O tenente olhou para ele, desconfiado. As ordens nunca eram questionadas. Principalmente por Key.

— O que foi que disse, Key?

— Nada, senhor. Vou avisá-los. É um exercício de quê?

— Orientação aérea.

O recruta sentiu certo alívio. No pior dos casos, só haveria um acidente de bombardeiro.

— Vou avisá-los, tenente — repetiu Key, para que Peter saísse.

Faron e Frank acordaram os dois com tapas e água gelada, Pal e Aimé os ajudaram a trocar de roupa e a escovar os dentes. Laura passara perfume neles para disfarçar o cheiro do álcool e, nesse meio-tempo, Denis e Jos montavam guarda na cantina para deter um eventual retorno surpresa do tenente.

Foi dessa forma que, no fim daquele dia, na penumbra da noite que se aproximava, os recrutas assistiram com o binóculo a Claude e Gordo, bêbados, mas aplicados, realizando o exercício de orientação com recrutas holandeses e austríacos. Ninguém notara o estado lamentável dos dois.

— O que fazer com eles? — perguntou Key, suspirando.

— São impossíveis — reforçou Stanislas.

Riram.

No mesmo instante, um bombardeiro Whitley da RAF sobrevoava Beaulieu e, no cockpit, o piloto xingava os recrutas incapazes. No solo, Gordo agitava uma lanterna no breu quase completo, errando a letra que descrevia em código Morse para o avião. A algumas dezenas de metros, Claude, encarregado de se comunicar com a tripulação por meio de um S-Phone, xingava o piloto, que reclamava que o código de confirmação não estava validado. E Claude, sem forças, repetia: “*Sorry, sorry, we are français. I repeat, we are français.*”

*

Na terceira semana de fevereiro, os recrutas trataram sobre a segurança durante as operações. Aprenderam como encontrar um contato no campo, formar laços, buscar refúgio ou uma casa segura. Além disso, foram alertados para os métodos das polícias locais e a contraespionagem alemã; aprenderam como despistar um perseguidor, o que fazer em caso de prisão e o comportamento a ser adotado durante um interrogatório. Um dos piores exercícios que tiveram que praticar foi um confronto de verdade com carcereiros com uniforme da SS, que os arrastaram para um recinto escuro e atroz e os maltrataram durante um dia inteiro, sem misericórdia, para testá-los. Pois um dos desafios mais importantes de sobrevivência dos agentes era a manutenção do disfarce fornecido pela SOE, com a ajuda de documentos falsos. Deveriam desconfiar de todas as coisas, sobretudo dos detalhes, porque não era preciso muito para despertar suspeitas e ser desmascarado. Bastava, por exemplo, não saber como funcionava o racionamento na França. Um agente já se comprometera simplesmente ao pedir “café puro”: o café puro era o único servido nas cafeterias, pois o leite estava sendo racionado. Assim, todos, até mesmo os recrutas franceses, foram informados dos detalhes mais insignificantes da vida cotidiana na França ocupada.

A guerra nunca lhes parecera tão próxima quanto nos primeiros dias de março, que marcaram o fim de sua terceira semana em Beaulieu, quando os onze recrutas abordaram o protocolo das operações: tiveram um *briefing* em Londres, depois foram para um aeródromo secreto da RAF. O salto de paraquedas ocorreria durante os dois dias anteriores ou seguintes a uma lua cheia — conforme as condições meteorológicas permitissem —, para que os pilotos pudessem voar com boas condições de visibilidade. Tão logo aterrissasse no solo ocupado, o agente deveria enterrar o paraquedas e seu macacão de salto, que

tinha uma pazinha presa no tornozelo, tornando-se assim um simples cidadão anônimo, pelo menos aparentemente. E então juntos a um comitê de recepção de resistentes, que o esperava com muita impaciência. Uma vida nova se iniciava.

*

Os preparativos aproximavam-se do fim. Após quatro meses puxados de aprendizagem, os recrutas da Seção F estavam prontos para se tornar agentes da SOE. Decerto sentiam-se aliviados pelo fim daquilo, embora já saudosos da convivência na cantina da casa de Beaulieu em suas últimas noites juntos. Organizaram uma festa de despedida, durante a qual disseram apenas “até breve!” um para o outro. Trocaram presentes banais, pertences pessoais, para ficar de recordação e porque era tudo o que tinham para dar. Um terço, um livro, um espelho de bolso, um amuleto. Gordo distribuiu o frasco de bebida dos holandeses e belas pedras que tinha ido recolher no leito do rio dos arredores para aquela circunstância, e Faron deu a Gordo uma raposinha de madeira que ele mesmo esculpira com sua faca num pedaço de pinheiro.

Por volta da meia-noite, quando a maioria dos recrutas foi se deitar, Pal segurou Laura pelo braço.

— Um último passeio? — murmurou.

Ela concordou, e ele a levou para o parque.

Caminharam sem pressa, apaixonados, de mãos dadas. Era uma bela noite. Margearam os bosques para estender o passeio e, por duas vezes, Pal, num impulso de coragem, tirou as luvas de Laura e beijou suas mãos. Ela sorria como uma idiota ao mesmo tempo em que se chamava de idiota por sorrir daquela forma, repreendendo a si mesma por não fingir pelo menos um pouco de indiferença, enquanto Pal, paralisado, pensava: “Agora, beije-a, imbecil!” E ela retrucava, impaciente: “Agora, beije-me, imbecil!”

Quando voltaram para a casa, tudo estava silencioso e calmo. Os outros dormiam.

— Venha comigo — sussurrou Laura para Pal, sem largar sua mão.

Subiram ao primeiro andar, até um quarto vazio. O lugar imergia numa penumbra agradável. Então colaram seus corpos, e ela trancou a porta.

— Sem barulho — murmurou ela, lembrando com um aceno de cabeça a presença dos recrutas que dormiam nos quartos ao lado.

Jogaram-se nos braços um do outro. Pal colocou as mãos na cintura de Laura, apertou seu corpinho delicado e frágil, depois deslizou as mãos pelas costas dela, acariciando-as suavemente. Laura aproximou a cabeça de sua nuca e sussurrou

ao ouvido dele: — Eu queria que você me amasse como Gordo ama Melinda.

Pal quis falar, mas ela pôs dois dedos em sua boca.

— Não, não fale nada — pediu ela, baixinho.

Ele beijou os dois dedos que tocavam seus lábios, ela apoiou a cabeça em sua nuca, depois a testa em sua testa, erguendo-se na ponta dos pés. Fixou o olhar no dele, depois lhe deu um beijo na bochecha, repetiu duas vezes o gesto, e finalmente lhe beijou na boca. Primeiro furtivamente, depois com mais convicção, e beijos intensos e apaixonados se seguiram, na atmosfera tépida do quarto. Deitaram-se numa das camas e naquela noite Laura fez de Pal seu amante.

Só se separaram de madrugada. Enlaçaram-se uma última vez na penumbra.

— Amo você — disse Pal.

— Eu sei, imbecil — retrucou Laura, sorrindo.

— Você me ama também?

Ela fez um muxoxo.

— Talvez, vou pensar...

Ela envolveu seu pescoço e o beijou pela última vez.

— Agora, vá. Antes que a gente tenha motivos para nos arrepender. Vá, mas volte depressa para mim.

Pal obedeceu e, em silêncio, desapareceu em seu dormitório. Conseguiu lhe dizer que a amava, coisa que nunca fizera com seu pai.

Os recrutas foram separados. Mas nem por isso a quarta escola terminara: faltava realizar um último exercício, este, sim, decisivo. Durante vários dias, sem documentos e com apenas dez xelins no bolso, os futuros agentes deviam conduzir, individualmente, uma verdadeira operação durante a qual todos os ensinamentos adquiridos em Beaulieu seriam testados: encontrar um intermediário, seguir um alvo por uma cidade, recuperar explosivos, fazer contato com uma suposta rede de resistência, tudo isso despistando observadores da SOE.

Pal recebeu como missão uma sabotagem fictícia no canal de Manchester. Instalado num quartinho de Beaulieu que lhe lembrou muitíssimo Northumberland House, teve apenas duas horas para memorizar os detalhes de sua missão, compilados sucintamente numa pasta de cartolina. Tinha quatro dias para cumprir o programado. Fizeram-no também decorar um número do telefone de emergência. Se policiais o prendessem e ele não conseguisse fugir ou ser libertado por conta própria, poderia entrar em contato com a SOE, que notificaria a polícia local que detiveram um agente do serviço secreto britânico. O recruta, discando aquele número, evitaria ser preso por terrorismo, mas estaria assinando sua exoneração dos serviços da SOE.

Nas últimas duas horas, Pal sentiu o coração acelerar. Recebeu uma última instrução de um oficial, depois o tenente Peter foi encontrá-lo. Segurou-o pelos ombros, como Calland fizera com ele em Londres e como seu pai fizera em Paris. Para lhe dar coragem. Pal bateu continência e em seguida apertou vigorosamente a mão do bom tenente.

*

Pegara uma carona. Se embarcasse no trem sem ter passagem correria o risco de acabar se aborrecendo. Na cabine do caminhão de carga que o levava para Manchester, Pal permitiu-se tirar um cochilo. Não sabia quando poderia voltar a dormir, então tinha que aproveitar. Com a cabeça recostada no vidro, pensava em seus colegas: Aimé, Gordo, Claude, Frank, Faron, Key, Stanislas, Denis e Jos. Será que os veria novamente?

Pensava em Laura.

Pensava no pai.

Pensava também em Ameixa, Dentista, Couve-Flor, Grande Didier, em todos os outros, em todos os agentes das mais diversas nacionalidades que conhecera em Wanborough Manor, Lochailort, Ringway, Beaulieu. Pensava em todas aquelas pessoas comuns, que tinham feito aquela escolha para a sua vida. Havia ali indivíduos mais ou menos bonitos, mais ou menos fortes, alguns de óculos, com cabelos sujos ou dentes tortos, outros musculosos e eloquentes. Havia gente tímida, brava, solitária, pretensiosa, nostálgica, violenta, amorosa, antipática, generosa, avarenta, racista, pacifista, empolgada, melancólica, apática, alguns eram brilhantes, outros insignificantes, os que dormiam cedo, os farristas, estudantes, operários, engenheiros, advogados, jornalistas, desempregados, arrependidos, dadaístas, comunistas, românticos, excêntricos, patéticos, corajosos, covardes, valorosos, pais, filhos, mães, filhas. Nada além de seres humanos comuns, que se lançaram à sombra para a salvação da Humanidade em perigo. Portanto, ainda confiavam na espécie humana, os infelizes! Esses infelizes.

E Pal, numa estrada engarrafada do Sul da Inglaterra, recitava sua poesia, aquela que tantas vezes era cantarolada, e que ele declamaria em breve, sem saber ainda, a bordo do avião que o levaria sigilosamente para a França. Sua poesia da coragem, a do morro dos fumantes da aurora.

*Que se abra à minha frente um caminho para minhas lágrimas,
Pois agora sou artífice da minha alma.
Não temo os animais, nem os Homens,
Nem o inverno, nem o frio, nem os ventos.
No dia em que for para a floresta de sombras, ódios e medo,
Que perdoem minhas hesitações e meus erros,
Eu, que não passo de um singelo viajante,
Que não passo de poeira do vento, de cinzas do tempo.
Tenho medo.
Tenho medo.
Somos os últimos Homens, e nosso coração, furioso, não baterá por
muito mais tempo.*

SEGUNDA PARTE

Estavam em meados de dezembro. Nove meses haviam se passado desde a última escola de treinamento. Anoitecera ainda no meio da tarde. O dia tinha sido curto, um desses dias feios de inverno cuja escuridão prematura e súbita nos faz perder a noção do tempo. Fazia frio. O carro seguia lentamente, cortando a escuridão, com os faróis apagados. As plantações e os pomares secos em volta estavam nítidos, e o motorista não tinha qualquer dificuldade para se orientar: era uma noite clara de lua cheia, perfeita para que os aviões fossem pilotados visualmente.

Ao lado do motorista, um homem de capacete manipulava, todo nervoso, a trava de segurança de sua metralhadora Sten. No banco de trás, os outros três passageiros tiveram que se espremer. No momento, cada um podia sentir o coração do colega ao lado, e as batidas estavam aceleradas. Só Tamanco parecia relaxado. Ao seu lado, Pal retorcia os dedos no bolso da calça. Quanto mais pensava naquilo, mais achava que aquele comitê de recepção estava despreparado. Não deviam andar todos juntos: em dois carros teria sido mais prudente; ou então ter mandado um batedor de bicicleta. Estando todos no mesmo veículo, ficavam à mercê da primeira patrulha que passasse. E ainda por cima não estavam bem armados. Além do homem com a metralhadora, Tamanco e ele tinham uma pistola Colt cada um; e o motorista, um velho revólver. Não era suficiente. Deviam ter embarcado com pelo menos dois atiradores portando metralhadoras Sten. Assim, talvez estivessem em condições de resistir aos policiais franceses, mas não aos soldados alemães. Tamanco percebeu a inquietude do jovem agente e fez um discreto sinal com a cabeça para ele na tentativa de tranquilizá-lo. Pal se acalmou um pouco: Tamanco era um homem experiente, fizera um curso para integrar os comitês de recepção dos aviões da RAF.

Os britânicos foram obrigados a ditar diretrizes rigorosas depois que uns membros do comitê de recepção levaram a família inteira para assistir a uma aterrissagem, ou, pior ainda, depois que alguns comitês carregaram metade de sua cidadezinha para aplaudir a chegada de um avião inglês em meio a uma festa popular. A partir de então, um estágio de uma semana em Tangmere, ministrado por pilotos do 161º esquadrão da RAF, tornou-se obrigatório para todos os responsáveis, e normas foram promulgadas por Londres: nada de família nem de amigos. Exigiam a presença exclusiva dos membros do grupo necessários à

aterrissagem, e cada um posicionado num lugar bem preciso. Caso contrário, os indesejáveis corriam o risco de ser atingidos pelo piloto se este não decidisse dar meia-volta e ir embora sem pousar.

Porém, apesar da sua aparência tranquila, Tamanco não estava calmo e, no íntimo, xingava a si mesmo. Ah, como tinha sido imprudente! Sabia que todos aqueles detalhes haviam sido vistos e revistos durante as diferentes fases de sua formação. Mas na prática a coisa era bem diferente. Tinham recebido a mensagem pela BBC: o avião chegaria naquela noite. A princípio, ele hesitara. Faltavam dois homens, geralmente encarregados de garantir a segurança da aterrissagem. Mas não tivera escolha: o voo já fora adiado duas vezes por causa das más condições do tempo no Canal da Mancha. Substituíra seus dois atiradores por um só, um sujeito confiável, mas inexperiente. Tamanco estava arrependido, ainda mais ouvindo os barulhinhos irritantes da metralhadora que o homem da frente manuseava: um atirador nervoso não era um bom atirador. E a segurança de todos dependia em grande parte dele.

O furgão finalmente parou no acostamento da estrada, no meio de lugar nenhum. Os cinco ocupantes desceram sem fazer barulho. O motorista sacou seu velho revólver do porta-luvas e o enfiou na cintura; permaneceu em alerta ao lado do veículo, enquanto Tamanco repetia as ordens a seus dois outros subordinados, que desapareceram no imenso campo arado. O primeiro, o homem da metralhadora, se posicionou num morro, a duzentos metros dali; deitou-se na grama úmida e engatilhou sua Sten, espreitando a noite por trás do visor, em busca de eventuais sinais suspeitos. O segundo, que era auxiliar de Tamanco, fincou três tochas na terra, demarcando a pista com um sinal em forma de “L”, a ponta da letra assinalando o sentido do vento. Tamanco, segurando uma lanterna elétrica apagada, certificou-se de que suas instruções haviam sido escrupulosamente respeitadas e verificou ainda duas vezes a direção do vento. Pal estava impaciente, inquieto. Tamanco esperou por alguns minutos intermináveis, consultando o relógio de pulso, depois deu ordens para que as tochas fossem acesas. Num instante, o campo deserto se transformou em pista de aterrissagem, e Tamanco, cheio de orgulho, contemplou seu aeródromo secreto. Era um terreno com duzentos ou trezentos metros de largura e quase um quilômetro de comprimento, um dos melhores lugares da região para receber um avião: até um bombardeiro Hudson já aterrissara ali. Para o Westland Lysander, que devia chegar naquela noite, metade da pista já bastava.

Como exigiam as normas da RAF, Pal e Tamanco se posicionaram na ponta do “L”, e o auxiliar ficou mais afastado, à sua esquerda. Esperaram. Por vários minutos. Pal nunca se sentira tão vulnerável, imóvel na noite. Com a mochila aos seus pés, acariciava com a mão direita a coroa da pistola Colt.

O motorista, sozinho fora da pista, tiritava de frio e medo. Fazia tempo que seu revólver já não o tranquilizava. Não gostava de ficar isolado daquele jeito. A distância, fez sinal com a mão para o homem com a metralhadora, que não lhe respondeu. Sua angústia redobrou.

Outros dez minutos se passaram, com uma lentidão insuportável. Tamanco, que até o momento contivera sua inquietude, observava incessantemente às suas costas, na direção da metralhadora e do motorista. Temia que eles não fossem capazes de reagir caso houvesse algum problema: por que não adiar o voo? O medo dominava todo mundo e aumentou quando os passarinhos que piavam nos arbustos secos pararam subitamente de cantar. Aquilo não era bom sinal.

O avião não chegava. De sua colina, o homem com a metralhadora gritou para Tamanco que a aeronave não viria mais e que era preciso sair dali antes que os alemães os pegassem de surpresa. Tamanco, num tom ríspido, mandou que ele calasse a boca. Estava quase desistindo, iam ser pegos.

Então, finalmente, um tênue zumbido interrompeu a calma da noite. Detrás das árvores, apareceu a silhueta de um Westland Lysander, da RAF, dando um rasante. Tamanco, acendendo a lanterna, descreveu em Morse o código identificador. O pequeno avião traçou um círculo no céu para se situar no sentido do vento e pousou sem maiores contratempos na pista improvisada. Aquele era o momento mais crítico: o barulho talvez tivesse despertado a atenção de uma patrulha, então era preciso agir depressa. O Lysander avançou até a altura de Pal e Tamanco e fez meia-volta à direita para se posicionar, dessa vez contra o vento, na pista à sua frente, mantendo os motores ligados, pronto para decolar. A porta da cabine se abriu e um homem desceu. Tamanco recebeu-o com deferência. O recém-chegado era alguém importante. Sem perder tempo, Pal jogou sua mochila na cabine e apertou a mão de Tamanco.

— Obrigado por tudo.

— Boa sorte.

— Boa sorte para todos vocês.

Pal tirou sua pistola Colt do coldre e a entregou para Tamanco.

— Isso pode lhe ser útil.

— Você não vai precisar?

Pal teve a audácia de sorrir.

— Vão me dar outra.

Entrou na minúscula cabine e fechou a porta. Sem esperar, o piloto avançou com o Lysander pela pista; permanecera no solo por apenas três minutos. O avião acelerou e percorreu apenas quatrocentos metros até decolar. Da escotilha, Pal contemplou a imensidão da paisagem. Era dezembro, e ele retornava a Londres. Finalmente.

*

Saíram da casa, invisíveis na multidão. Havia passado um dia e uma noite ali. Era uma bela casa de campo construída em dois níveis e uma grande sacada envidraçada voltada para o mar e com acesso direto à praia. Os cinco vultos caminharam em silêncio pela areia, cada um com uma maleta na mão. À frente, ia o responsável pelo comitê de recepção com um S-Phone na sua maleta. Antes de sair na noite, ele revistara os quatro agentes na partida; não deviam levar nem objeto luminoso, nem chapéu. Os objetos luminosos poderiam revelar a presença do grupo a centenas de metros para alguma patrulha e chapéus poderiam voar e se perder, denunciando a ensaiada coreografia que aconteceria naquela praia.

O pequeno destacamento seguiu pela faixa de areia, rente à água. Em poucas horas não estariam mais ali e a maré cheia teria apagado todas as pegadas. Caminharam até um imenso rochedo em forma de obelisco, depois se reuniram na escuridão. O responsável sacou seu S-Phone da maleta e o ligou. Então só precisavam esperar. Era o momento mais difícil. Esperar, por muito tempo, no mesmo lugar. Vulneráveis.

A quase cinquenta quilômetros da costa, a canhoneira reduziu a velocidade e o capitão desligou os motores principais para navegar apenas com os auxiliares. A embarcação praticamente não fazia barulho, deixando um rastro de espuma discreto. Receberam ordens para não falarem nem acenderem mais nenhum cigarro. A canhoneira viera de Torquay. Os três agentes de partida para a França e seu acompanhante haviam chegado de Londres dois dias antes: estavam hospedados num hotelzinho à beira-mar, onde disseram estar de licença. Deram-lhes inclusive uniformes para que o artifício fosse perfeito. Depois embarcaram no pequeno porto, como quem não quer nada, num barco comum e, discretamente, ao cair da noite, foram transferidos para uma das canhoneiras da SOE, com suas maletas impermeáveis. E, com a antena de seu S-Phone mal dissimulada no teto da cabine, a embarcação seguiu para a França.

O capitão fez contato com a praia por meio do S-Phone: estava tudo em ordem. Jogaram a âncora, presa na canhoneira não por uma corrente, e sim por uma corda, ao lado da qual postava-se um membro da tripulação, com um machado nas mãos, pronto para cortá-la a qualquer instante. Lançaram na água um bote, no qual três agentes, vestindo capas para se proteger de respingos que poderiam denunciá-los mais tarde, ocuparam seus lugares. Dois marujos manobravam a embarcação com remadas discretas.

Na praia, os quatro agentes, prontos para partir, mantinham-se à beira-mar, nervosos. A balsa levou meia hora para finalmente chegar e encalhar na areia,

sendo puxada nos últimos metros pelos marujos que haviam entrado na água. Sem trocar nenhuma palavra, os três recém-chegados tiraram depressa seus trajes impermeáveis, jogaram-nos no fundo do bote e seguiram com o responsável em direção à casa de veraneio, enquanto os quatro que iam embora entravam na embarcação. O bote partiu imediatamente, sendo engolido pela noite.

Quarenta minutos mais tarde, com todos a bordo, a canhoneira retornou ao alto-mar. A operação durara pouco mais de uma hora no total. No escuro da noite, um dos vultos, elegante e magro, debruçou-se na amurada da popa e contemplou a costa francesa, que se afastava. Ao seu lado, uma enorme sombra pousava um braço ao redor de seus ombros, com infinita delicadeza.

— Voltamos para casa, Laura — disse Gordo.

*

Faron andava em círculo no apartamento, em pânico. Muito nervoso, entrava e saía dos cômodos, espiando ora pelo olho mágico da porta de entrada ora pela janela da sala, com as cortinas fechadas e as luzes apagadas para não ser notado. Também verificou diversas vezes se a porta estava bem trancada, se os reforços que colocara nas dobradiças resistiriam. Estava exausto. Tinha, então, a prova de que vinha sendo procurado, mas pelo menos ninguém vira seu rosto. Juntou alguns pertences na sala, acariciou o metal de sua amada metralhadora Browning e fingiu sacá-la do coldre diversas vezes diante do espelho para se tranquilizar. Se o pegassem, não deixaria ninguém vivo para contar a história. Depois foi procurar alguma coisa para comer na cozinha: pegou duas latas de conservas no armário e foi se acomodar no sofá para comer. Pouco tempo depois, dormiu.

*

No avião, aproximando-se da Inglaterra, Pal relembra os últimos meses. Os dias de guerra haviam sido longos. Jamais esqueceria seu primeiro salto de paraquedas. Fora em abril. A queda lhe parecera mais demorada do que durante os treinamentos em Ringway. Embora, na verdade, tenha sido com certeza mais curta. Foi numa noite clara, e a lua cheia fustigava com faíscas luminosas as pequenas poças que ele via no chão. Estava tudo muito calmo.

Aterrissara num campo arado. As flores silvestres exalavam seu perfume, e, nas pequenas lagoas que ele vira reluzirem lá do céu, ouvia-se um alegre coaxar.

Era uma noite magnífica de primavera. A temperatura estava quase amena e uma brisa trazia as fragrâncias deliciosas de uma floresta ali perto. Ele estava na França. Não longe dali, entrevira os vultos dos dois agentes que saltaram com ele. Rear, o responsável pela missão, e Doff, o operador de rádio, já trabalhavam no local de aterrissagem. Pal então soltara a pá presa em seu tornozelo e enterrara o macacão, o capacete e os óculos.

Rear era um americano que viera do Camp X, o centro de formação da SOE na América do Norte, em Ontário. Tinha trinta e dois anos e uma longa experiência de campo, primeiro como militar, depois como agente da SOE. Seu pai fora adido consular em Paris, e, quando criança, ele tinha morado lá durante muitos anos e falava francês fluentemente. Era um homem simpático, bem forte, com um corte curto de cabelo e o rosto redondo, usava óculos pequenos e carregava um cantil bojudo. Passava sempre uma impressão de placidez, que não raro desconcertava seus interlocutores: quando Pal o conhecera em Londres, ficara com medo dele. Mas, após alguns dias preparando a missão juntos, estimava-o imensamente.

Adolf, vulgo Doff, três ou quatro anos mais jovem que Rear, tinha dupla nacionalidade, austríaca e britânica, e falava francês com perfeição. Era rádio-operador da Seção F havia um ano e meio. Homem bonito, elegante, sempre encantador e simpático. Em contrapartida, era um sujeito muito nervoso, que se acalmava apenas por meio de um senso de humor altamente duvidoso.

Os três homens haviam decolado da base de Tempsford, em Bedfordshire, de onde partiam todos os voos do 138º esquadrão da Força Aérea Real, subordinado às operações da SOE. Pouco antes da partida, tiveram uma reunião com o coronel Buckmaster, novo diretor da Seção F, um inglês, ex-diretor-geral da Ford na França. A noite estava tranquila.

— Boa sorte — dissera Buckmaster, entregando um presente a cada um.

Para Pal, escolhera uma cigarreira abastecida. O coronel sempre dava um presentinho aos agentes que estavam partindo, para lhes exprimir sua amizade e também para que pudessem lhes servir de moeda de troca. A cigarreira tinha certo valor, e cigarros eram coisa rara.

— Não vou fumar — dissera Pal, expressando seu apreço pelo gesto.

— Pois fará mal — retrucou Buckmaster com um sorriso.

Tempsford era certamente o aeródromo mais secreto e sensível da RAF. Por medida de segurança, haviam lhe deixado com o aspecto de uma extensa campina, que tinha, como dependência principal, um velho celeiro, *Gibraltar Farm*, que mais parecia um depósito, onde os agentes passavam seus últimos instantes. Ninguém, nem sequer os moradores do vilarejo próximo, fazia a mais remota ideia do que era tramado debaixo de seu nariz. Pal, Rear e Doff haviam

sido acompanhados pelo oficial da SOE encarregado da Air Section Liaison, que lhes dera o plano de voo e algumas instruções, antes de vistoriar o material que carregavam. Um pouco mais tarde, nos seus últimos instantes em solo britânico, entregara-lhes duas caixinhas com comprimidos: benzedrina, para mantê-los acordados caso necessário, e a pílula “L”, a pílula do suicídio — cianureto de potássio —, se sua causa se achasse perdida.

— A pílula do cemitério! — gritara Doff, ao receber a sua, acondicionada num recipiente emborrachado.

— É para matar também? — indagara Pal.

— Para matar você exclusivamente — respondera Rear, com seu tom calmo e indiferente. — Talvez queira morrer em algum momento.

— A pílula do cemitério! — repetia alegremente Doff, como um ruído de fundo.

A pílula L possibilitava o suicídio a um agente capturado e enrascado em vez de obrigá-lo a suportar os sofrimentos dos porões da Abwehr ou revelar informações cruciais.

— Quanto tempo isso leva para matar? — perguntara Pal.

— Um ou dois minutos.

Enquanto conversavam, Doff, no fundo do celeiro, fingia engolir sua pílula, soltando gemidos agudos e rolando no chão.

E, então, haviam embarcado.

Doff fora o primeiro a saltar do Whitley sobre a França e, ocupando seu lugar junto ao alçapão, gritara para o expedidor: “*Sou Adolf Hitler! Achtung, Boches! Hitler, mein Lieber!*” Rear olhara para ele, desconcertado, e garantira a Pal que aquele era seu estado normal.

Quando se reencontraram, na campina deserta, logo após aterrisarem, Doff empunhara imediatamente sua Colt calibre .45, por via das dúvidas. E, alguns segundos depois, quase liquidara o batedor do comitê de recepção que vinha ao seu encontro. Rear dissera vários palavrões, intimando o rádio-operador a parar de fazer gracinha com as armas. Pelo visto, não era a primeira vez. Depois, num piscar de olhos, alguns homens surgiram das sombras para colocar em duas caminhonetes doze pesados contêineres com equipamento, os quais foram lançados com os três passageiros. Uma viatura conduziu Pal, Rear e Doff até uma casa segura, enquanto o batedor se certificava de ter apagado os últimos vestígios de sua chegada a solo francês.

Ficaram apenas poucos dias na França, o tempo de se inteirar da situação e ajudar a rede que os recepcionara a recolher as metralhadoras Sten que faziam parte do carregamento. Pal assistira com admiração a Rear dar uma aula sobre os possíveis defeitos das Sten, tomando como exemplo suas posturas, suas

entonações. Um dia também seria um agente calejado, chefe de missão. Em seguida, foram para a Suíça, pela fronteira da Basileia. Sua missão principal consistia em garantir o bom funcionamento de uma rede de evasão para a Grã-Bretanha, que passava pela Suíça, a zona livre e a Espanha. Haviam se instalado temporariamente em Berna, onde a SOE tinha uma base, a fim de mandar, pela rede instalada, máquinas suíças necessárias à produção militar inglesa.

Em Berna, Pal e Doff hospedaram-se juntos num hotel no centro da cidade. Rear ocupara um quarto em outro estabelecimento. As normas de segurança exigiam que os três não convivessem nem saíssem em público simultaneamente. Pal encontrava Rear todas as manhãs num calçadão à beira do rio Aar e passava grande parte de seus dias com ele. Doff, por sua vez, concentrava-se em sua função de rádio-operador e só participava indiretamente da missão. Encontrava Pal à noite, para jantar. Gostava muito do rapaz. E, em seu quartinho do hotel, deitado em sua cama estreita, fumando cigarros suíços, Doff conversava com Pal. Falava sobre si mesmo. Uma noite, falara sobre o que significava o medo para ele.

— Aqui não é a França. Na França, a gente sente medo o tempo todo, dia e noite. Sabe o que é medo?

Pal balançara a cabeça, assentindo. Desde que aterrissara, estava sendo atormentado por uma angústia vaga e insistente.

— Sinto isso desde que chegamos — confessou ele. — Desde a primeira noite.

— Não, isso é coisa pequena. Estou falando do medo que corrói, que faz a pessoa dormir mal, viver mal, comer mal e nunca dá trégua. O medo, o verdadeiro medo, o dos encurralados, odiados, execrados, aterrados, exilados, indisciplinados, o medo dos que vão morrer se os desmascarmos embora não valham grande coisa. O medo de existir. Um medo de judeu.

Doff acendera um cigarro e oferecera outro ao rapaz.

— Já vomitou de pavor, Pal?

— Não.

— É isso. Só vai saber realmente o que é medo quando ele o fizer vomitar.

Houve um silêncio. Em seguida, Doff prosseguiu:

— É sua primeira missão, não é?

Pal assentiu.

— Você vai ver que o mais difícil não são os alemães nem a Abwehr, é a humanidade. Porque, se tivéssemos que temer apenas os alemães, seria fácil: a gente os reconhece de longe, com aquele nariz achatado, os cabelos louros e o sotaque carregado. Mas eles não estão sozinhos, nunca estiveram, aliás: os alemães despertaram demônios, suscitaram as invocações do ódio. E na França o

ódio também é popular, o ódio ao outro, um ódio vil, sombrio, que transborda em todo mundo, em nossos vizinhos, nossos amigos, nossos parentes. Talvez até em nossos pais. Devemos desconfiar de todas as pessoas. E isso vai ser o mais difícil: esses instantes de desespero, quando você terá a impressão de que não pode salvar ninguém, que todo mundo se odiará para sempre, que a maioria terá uma morte violenta, por causa do que são, e que apenas os mais discretos e bem-dissimulados morrerão de velhice. Ah, como você vai sofrer, meu irmão, ao descobrir como nossos semelhantes frequentemente são odiosos, até nossos amigos, até mesmo nossos próprios pais, como eu já disse. E sabe por quê? Porque são covardes. E um dia pagaremos por isso, pois não teremos tido coragem de nos rebelar, de gritar em oposição aos atos mais abjetos. Ninguém quer gritar, ninguém. Gritar deixa as pessoas entediadas. Na verdade, não sei se isso os deixa entediados ou cansados, mas apenas os que são espancados gritam, por causa dos golpes. E ninguém em volta sente raiva disso, não há sequer uma pessoa para fazer um escândalo. Foi sempre assim e vai continuar sendo dessa forma: a indiferença. A pior das doenças, pior que a peste e que os alemães. A peste, a gente erradica, e os alemães, nascidos mortais, vão acabar batendo as botas um dia. Mas a indiferença não se combate, ou só com muita dificuldade. A indiferença é a razão pela qual nunca conseguiremos dormir tranquilos; porque um dia perderemos tudo, não por termos sido fracos e esmagados pelo mais forte, mas porque fomos covardes e não fizemos nada. Guerra é guerra. E a guerra nos faz ter consciência das verdades mais terríveis. Mas a pior de todas, a mais insuportável, é que estamos sozinhos. E estaremos sempre sozinhos. Totalmente isolados. Para sempre. E temos que viver mesmo assim. Sabe, há muito tempo pensei que sempre haveria Homens para nos defender: os *outros*. Acreditei nesses *outros*, nessas ilusões, imaginei-os cheios de força e coragem, vindo em socorro do bom povo oprimido; mas esses Homens não existem. Olhe só a SOE, olhe essas pessoas, era essa a ideia de coragem que você tinha? Eu não. Nem sequer pensava que deveria lutar. Não sei lutar, nunca fui lutador, cabeça quente, corajoso. Não sou nada, e, se estou aqui, é porque não havia mais ninguém para ocupar o meu lugar...

— Talvez a coragem seja isso — interrompera Pal.

— Isso não é coragem, é desespero! Desespero! Então, se me der na telha, posso muito bem dizer que me chamo Adolf Hitler e fazer saudações nazistas nas reuniões da Executiva em Londres, só porque isso me diverte. Só porque Hitler talvez acabe me matando, e, levando na brincadeira, eu sinta menos medo, pois nunca, nunca me imaginei pegando em armas. Esperei os Homens, e eles nunca vieram!

Na escuridão do quarto, os dois agentes ficaram bastante tempo se encarando.

Tudo o que Doff acabara de dizer, Pal já sabia: o maior perigo para os Homens eram os Homens. E os alemães não estavam mais contaminados do que os outros, haviam simplesmente desenvolvido a doença mais depressa.

— Apesar de tudo, me prometa que não vai perder a confiança — dissera Doff. — Prometa.

— Prometo.

Mas havia dúvida nessa promessa.

Os três agentes passaram quinze dias em Berna, cuidando da expedição das máquinas suíças para a Grã-Bretanha. Rear aproveitara esse tempo para aperfeiçoar a formação de Pal, que considerava um bom agente. Só lhe faltava tirar proveito da experiência adquirida. E Pal inspirava-se bastante em Rear, que continuaria lhe servindo de exemplo. Gostava daquele segundo de silêncio que o colega sempre fazia antes de responder a uma pergunta, como se meditasse profundamente, como se todas as suas palavras tivessem uma importância especial. Mesmo nas cenas mais banais da vida cotidiana, no restaurante do centro da cidade onde às vezes almoçavam juntos, Rear inspirava fundo, olhava fixo para Pal e lhe dizia, enfatizando cada palavra, como se o futuro da guerra dependesse disso: “Pode me passar o sal?” Impressionado, Pal obedecia docilmente. Havia um longo silêncio. Depois, Rear, com voz de milionário, acrescentava: “Obrigado.” O rapaz não desconfiava de que aquele silêncio que Rear se impunha antes de qualquer fala acontecia apenas por sua incapacidade de se exprimir automaticamente em inglês. E Rear, tendo notado a impressão que causava ao seu jovem companheiro, às vezes se divertia, desestabilizando-o quando estavam no quarto de hotel, manuseando o material da SOE que espalhara pela cama — uma caneta-pistola, um objeto com um explosivo camuflado ou o transmissor principal do S-Phone que levava consigo —, enquanto Pal tentava penosamente se concentrar, ouvindo suas explicações.

A temporada em Berna chegara ao fim antes do previsto, em consequência de uma ordem de Londres. Rear era esperado no Oeste da França com Doff, para efetuarem um contato importante. Considerando que Pal poderia continuar sozinho a implantação da rede, deram-lhe cinquenta mil francos franceses e umas sumárias instruções: teria que ir à zona livre e avaliar a segurança do canal para a Grã-Bretanha, pelo qual passaria para voltar a Londres. Sem se deter mais nos detalhes da missão, Rear, entretanto, insistira num ponto: — Não se esqueça de guardar todas as notas fiscais, não perca nada.

— Notas fiscais?

— As despesas que terá com o dinheiro que lhe dei. Não devemos brincar com isso...

A princípio Pal pensara que aquilo tinha sido uma piada, mas Doff, atrás de

Rear, lhe fizera sinais expressivos: Rear estava cismado com aquilo. Pal então assumira um ar sério.

— Vou prestar atenção nisso. O que devo guardar?

— Tudo. Tudo! Tíquete do metrô, ônibus, recibo do hotel. Deu dez cêntimos à faxineira do mictório? Anote! Se puder, peça inclusive para ela assinar um recibo! Confie em mim, se tem medo dos Boches, se prepare para a contabilidade da SOE. — E, como se tomado por uma súbita loucura, reforçara aquilo ainda mais, agitando o indicador. — Guarde todas as notas fiscais. É muito im-por-tan-te!

Rear e Doff saíram de Berna na noite seguinte. De manhã estariam na França. No quarto do hotel, Doff se preparara, nervoso. Arrumando seus últimos pertences, cantarolava: “*Heil Hitler, mein Lieber...*” E, subitamente, como se tivesse enlouquecido, pegara um pequeno punhal e encostara a lâmina no próprio pescoço.

— Viva a vida — declamara. — Viver é importante.

Pal, que o observava, aquiescera.

— Por acaso tem uma belezinha? — perguntara Doff, após deixar a faca de lado.

— Belezinha?

— Uma garota, caramba.

— Tenho.

— Qual é o nome dela?

— Laura.

— É bonita?

— Muito.

— Então me prometa duas coisas: primeiro, nunca perder a esperança. Depois, e o mais importante, se eu morrer na França, transe com a sua Laura por mim.

Pal dera risada.

— Promete?

— Prometo.

— Até logo, irmão. Cuide da sua gracinha.

Abraçaram-se. Doff se fora.

Pela janela, Pal observava a rua estreita. Um beco pavimentado. Do lado de fora, apesar da hora, fazia calor. Era uma bela noite de verão. Ele vira Rear, impassível, de pé embaixo do poste, com as duas malas nas mãos, e Doff juntando-se a ele. Os dois homens haviam se cumprimentado com um meneio de cabeça e seguiram pela escuridão. Doff virara-se uma última vez para a janela onde Pal estava. Sorrira para ele e o presenteara com uma alegre saudação fascista. “*Heil Hitler, mein Lieber*”, murmurara o rapaz.

Pal continuara a missão sozinho. Dois dias depois de Rear e Doff, deixara Berna para ir até Lyon, passando primeiro por Genebra. A cidade suíça era uma etapa viável para a rede: os agentes de nacionalidade britânica da Seção F podiam ser custodiados pelo consulado da Grã-Bretanha, fazendo-se passar por pilotos abatidos e perdidos. Mas uma das razões que o levaram a passar pela beira do lago Léman era que seu pai lhe falara muitas vezes sobre aquele lugar. “Genebra, que cidade formidável”, repetia ele. Nunca haviam ido lá juntos. Na verdade, Pal sequer tinha certeza de que o próprio pai estivera lá, mas, como sempre falara com entusiasmo da cidade, nunca ousara lhe perguntar, para não fazê-lo passar por ridículo. Se amigos evocavam um país exótico que haviam visitado, o pai, um viajante medíocre, temendo ser desqualificado, falava sempre de Genebra. Repetia, afinal, que não havia necessidade de conhecer o Egito, uma vez que existia Genebra, uma cidade cheia de classe, com seus parques, hotéis de luxo, o Palácio das Nações e tudo o mais. Era quando ele falava dos hotéis que Pal sabia que o pai, um modesto funcionário sonhador, estava inventando.

Pal passara apenas alguns dias em Genebra: o tempo de encontrar um contato, fazer algumas visitas, abraçar a cidade em nome do pai e, sobretudo, comprar, num quiosque à beira do lago, um punhado de cartões-postais. Seu próximo destino era Lyon e o Sul da França. Passara por Nice e Nîmes, atravessando o Midi e chegando até os Pireneus. Fizera a ponte entre os futuros intermediários da rede, verificara sua confiabilidade e a segurança dos pontos de encontro. Fiscalizara os abrigos e apartamentos, certificando-se de que contavam sempre com duas saídas e telefone. Abastecera-se com cartões de racionamento suplementares, fizera o levantamento dos códigos de reconhecimento que deviam ser transmitidos a Londres e, seguindo as instruções recebidas, elaborara um relatório sobre as redes locais, muitas delas ainda rudimentares, contando apenas com dois ou três membros. Fizera uma lista com as necessidades e aconselhara os responsáveis, sentindo-se muito importante. Inspirava-se em Rear para falar e em Doff para agir. Fumava como Doff, imitando sua maneira lenta e seu ritual de acender um cigarro. Mais do que nunca, sentia-se homem, cometera inclusive a loucura de comprar um belo terno, com o qual sentia-se o máximo. Gostava do respeito que infundia aos resistentes, que às vezes tinham sua idade e outras vezes até o dobro.

Voltara à Grã-Bretanha no fim de julho. Antes, passara dez dias na Espanha, num hotel que servia de base de retaguarda para a SOE, esperando o dia de seu voo. Passeara pelo terraço, à sombra das palmeiras, e desfrutara de noites agradáveis na companhia de outros agentes nos salões chiques. A locomoção pela Espanha ou por Portugal, que podia durar várias semanas, dependendo da frequência dos voos, dava aos agentes privilegiados momentos de relaxamento.

Pal havia sido repatriado a Londres, quase rápido demais para o seu gosto. Prestara contas da missão e fizera um relatório para a Seção F. Tivera pouco tempo para deixar o apartamento da SOE, ao sul da cidade, onde fora instalado com outros agentes desconhecidos, pois já o preparavam para mais uma missão. Apenas duas semanas após seu retorno à Inglaterra, já estava sendo despachado com um rádio-operador para a zona livre.

Ficara dois meses no Sul da França, repassando as redes visitadas anteriormente, para ministrar-lhes uma formação, receber o material requisitado em Londres e ajudar os agentes a manejá-lo. A largada, efetuada em três etapas, fora supervisionada pelo centro de remessas da RAF em Massingham, com base na Argélia, o qual deixava muito a desejar. Houvera diversos erros na entrega, e o material, mal-acondicionado, acabara sendo danificado na aterrissagem. Por intermédio do rádio-operador que o acompanhava, Pal, furioso e num tom de autoridade, enviara uma mensagem séria ao comando da Seção F em Londres: “O Centro de Massingham não passa de um bando de incompetentes, metade do material é uma remessa equivocada, e a outra não vale nada.” Londres respondera: “Lamentamos. Confirmamos que o centro de Massingham não passa de um bando de incompetentes.”

Por volta do fim de outubro, poucos dias antes da invasão da zona livre, Pal e seu rádio-operador haviam visitado as regiões de Dijon e Lyon, e depois o Centro-oeste da França, para implementar mudanças na rede, antes de voltar ao Sul ocupado, onde finalmente receberam de Londres ordens para encerrar a missão.

O avião começou sua descida em direção às terras inglesas, arrancando Pal de suas lembranças. O tempo estava feio, com aquela garoa fria de dezembro típica do país. Pal sorriu; estava de volta a Londres. Precisava descansar. Seu rádio-operador voltara pela Espanha, mas insistira com ele para ser resgatado na região central da França. Em Londres iriam lhe pedir uma explicação. Usar a rede teria sido bem menos perigoso. Pal aproveitou os últimos minutos de voo para elaborar uma resposta superficial. Ninguém podia saber a verdade, evidentemente.

O pai segurava os cartões-postais como se fossem valiosas letras de câmbio. Relia-os diariamente.

Eram dois, que foram recebidos com dois meses de diferença. Encontrara-os em sua caixa de correio. O primeiro, em outubro, ao meio-dia. Voltara do trabalho direto para casa, como fazia todo dia, mas já ia perdendo as esperanças. Então, encontrara no fundo do compartimento de ferro um pequeno envelope branco, sem endereço, sem selo, sem nada. Soubera imediatamente que era do filho. Rasgara de forma atabalhoada o papel e deparara com a magnífica vista do lago Léman, com um esguicho de água e as colinas de Cologny em segundo plano. Ele lera e relera.

*Querido paizinho,
Espero que esteja tudo ótimo com você.
Por aqui, tudo bem. Depois eu conto.
Beijo,
Seu filho*

Relera mais vezes, em silêncio e em voz alta, rápido e devagar, com um suspiro e articulando exageradamente para não deixar passar nenhuma palavra. No apartamento, gritara, pulara de alegria, correrá até o quarto do filho e se deitara em sua cama, abraçara os cobertores, beijara os travesseiros. Finalmente recebia notícias do seu filho querido. Fora pegar uma fotografia de Paul-Émile, empertigado na moldura, e beijara o vidro uma boa dezena de vezes. Seu filho desistira da guerra e fora se refugiar em Genebra. Que felicidade, que alívio! O pai deixara-se invadir por uma enorme sensação de felicidade e precisava dividi-la com alguém. Contudo, não tinha mais com quem falar. Decidira então ir até o apartamento da zeladora do prédio e descera para bater à sua porta e anunciar a boa notícia. Arrancara-a do banho e, na soleira da porta, lera para ela o cartão em voz alta, porque ela não o faria com a entonação correta e desperdiçaria as belas palavras de seu filho. Aliás, a zeladora tinha o direito de olhar, mas não de tocar, pois sabe-se lá onde ela colocara as mãos.

— Bem protegido na Suíça! — exclamara o pai após a leitura. — O que acha que ele está fazendo lá?

— Não faço ideia — respondera a zeladora, pouco se importando. Na

realidade estava com vontade de se livrar do importuno.

— Fale alguma coisa! Vamos! O que ele pode estar fazendo em Genebra?

— Conheço uma pessoa que conhecia alguém que morava na Suíça e trabalhava num banco — dissera a zeladora.

— Um banco! — gritara o pai, dando um tapa na própria testa. — Mas é e-vi-den-te! Ele com certeza está ocupando um cargo importante em algum banco! Veja como os suíços são gente direita: eles não têm tempo a perder com a guerra.

E, nas semanas seguintes, imaginara o filho causando uma bela impressão no escritório chique de um grande banco.

O segundo cartão-postal acabara de chegar. Era uma vista da Praça Nova.

*Querido paizinho,
Sempre penso muito em você. Está tudo bem.
Um beijo grande,
Seu filho.*

O cartão viera dentro de um envelope idêntico ao anterior, sem endereço nem selo. Não prestara atenção a esse detalhe da primeira vez, mas agora se perguntava como aquelas remessas haviam chegado às suas mãos. Será que Paul-Émile estava em Paris? Não, pois teria vindo falar com ele pessoalmente. E ele sempre se lembrava de não trancar a porta a chave, logo era impossível terem se desencontrado. Não, tinha certeza: seu filho não estava em Paris, e sim em Genebra. Mas então quem deixara aqueles dois cartões na sua caixa de correio, se não tinha sido o filho? Não fazia ideia.

Relia-os todos os dias, segundo um ritual bem-establishado. Era o melhor momento do seu dia, e queria estender aquilo, aproveitar cada segundo da leitura. Tinha que estar em condições propícias à concentração. Lia à noite, depois do jantar. Acendia as luzes da sala, fazia o trenzinho elétrico desconjuntado apitar e preparava uma xícara de chá. Acomodava-se em sua poltrona, abria o livro grosso onde escondia seus dois tesouros, depois contemplava-os demoradamente. Beijava-os. Amava-os. A cada vez lhe pareciam mais belos. Que vistas magníficas de Genebra. Ah, Praça Nova, ah, lago Léman, ah, cidade da qual nada conhecia pois nunca colocara os pés lá. Quase podia sentir que também estava naquele lugar com o filho, batendo perna nos bulevares e sentindo o cheiro do lago. Lia sempre duas vezes cada cartão, antes de analisar as mensagens. Primeiro, Paul-Émile lhe escrevera: “depois eu conto”. Em seguida, tudo se resumia a um lacônico “está tudo bem”. Será que acontecera alguma coisa séria no período entre os dois cartões? E quem deixara

os envelopes na caixa de correio? Deveria ir encontrar o filho em Genebra? Mas como iria achá-lo? E se, nesse meio-tempo, Paul-Émile viesse a Paris e houvesse um desencontro, mesmo ele deixando a porta aberta? Não. Precisava esperar mais notícias, não se mostrar impaciente. Seu filho estava são e salvo. Desistira da guerra. Isso era o mais importante. Não podia, acima de tudo, perder as esperanças.

21

Claude saiu do metrô, na estação Hyde Park Corner. Contemplando a movimentação da rua, inalou, deliciado, o ar frio de Londres e estendeu as mãos para pegar algumas gotas da garoa. Sentira saudades até mesmo da chuva. Virou-se e certificou-se de que Gordo continuava atrás dele, oculto atrás da pilha de presentes que carregava, subindo com dificuldade a escada que dava acesso à rua.

— Sabe onde fica, Carola? — perguntou Gordo.

Claude, observando a rua e confiando nos números das portarias, escolheu uma direção. Seguiram pela Knightsbridge Road, passando pelas casas de tijolinhos vermelhos. Era um bairro encantador, e, no crepúsculo, olharam pelas janelas, que as árvores não dissimulavam mais, espiando os interiores confortáveis, as estantes altas, as mesas arrumadas para os festejos. Claude conferiu o endereço num pedaço de papel e não demorou a encontrar o prédio, uma construção larga em estilo vitoriano, dividida em três partes estreitas e altas. Era ali. Seu coração se acelerou. Esperando Gordo, que andava mais devagar, viu o seu reflexo no vidro de um carro, respirou fundo e ajustou o colete. Tinha mudado: seu cabelo havia crescido e uma rala barba escura cobria seu rosto. Fazia tanto tempo que não se viam... Quase um ano.

Gordo finalmente juntou-se a ele.

— Todos vão estar lá? — inquiriu.

Claude suspirou educadamente.

— Você já me perguntou isso. Stanislas me disse que Faron e Denis ainda não voltaram.

— E tem certeza de que os outros virão?

— Tenho.

— E eles estão bem?

— Sim, estão bem.

— Os Boches não os maltrataram?

— Eles estão bem.

Gordo respirou ruidosamente de satisfação. Repetira a mesma ladainha três vezes no metrô.

Atravessaram o portão de ferro fundido. Claude se postou diante da porta e tocou a campainha.

Quase dez meses haviam se passado desde o fim do curso de formação da

SOE. Era Natal e, dali a poucos dias, começaria o ano de 1943. Dos onze recrutas que haviam chegado à última escola de Beaulieu, restavam nove agentes da Seção F: Stanislas, Aimé, Denis, Key, Faron, Gordo, Laura, Claude e Pal. Frank e Jos não foram bem no exercício final.

Foi Aimé quem abriu a porta, animado em rever seus colegas, descobrindo o padre que virara homem e seu imenso companheiro que, por sua vez, não mudara nada.

— Porra! Carola e Gordo!

Tascou um beijo no rosto de Claude e dois tapas nos ombros de Gordo, pois os presentes que ele trazia impediam que os dois homens se abraçassem.

O grupo não se reunia desde Beaulieu. Alguns haviam se esbarrado por um momento entre uma ou outra missão, nos escritórios da Seção F em Londres, mas era a primeira vez que estavam quase todos juntos, para comemorar o Natal no apartamento de Stanislas, aquele Natal que não haviam podido comemorar um ano atrás, quando treinavam na solidão da Escócia.

Key se apressou, atravessando o hall de entrada com taças cheias de champanhe.

— Feliz Natal! — gritou para os recém-chegados.

— Feliz Natal para você também, meu querido Kiki! — respondeu Gordo, empolgado.

Stanislas surgiu atrás dele, com uma bandeja de salgadinhos nas mãos. Emagrecera. Gordo largou os presentes no chão e todos se abraçaram, sorrindo. Continuavam os mesmos, apesar de terem mudado muito. E enquanto Gordo e Claude tiravam seus sobretudos, eles se observavam. Havia se separado quando ainda eram recrutas, e passaram a ser agentes da SOE, ocupando o posto de tenente da Seção F. Depois de Beaulieu, alguns foram diretamente para o campo, outros ainda fizeram uma especialização, mas, até aquele momento, todos, sem exceção, haviam realizado pelo menos uma operação na França. Com maior ou menor sucesso, pois aquele fora um ano ruim para a SOE, marcado por fracassos. Como um bom número de agentes da Seção F, eles haviam sido repatriados para Londres para que o comando-geral da SOE pudesse avaliar a situação. A Alemanha dominava a guerra.

A campanha tocou outra vez no apartamento. Gordo, que queria abrir de qualquer jeito, derrubou uma mesinha de centro ao se precipitar. Eram Laura e Pal, magníficos. Estavam quase todos reunidos, após vários meses de guerra. Key planejava atentados, que não se concretizaram, na região de Nantes, para onde convergiam vários destacamentos da Wehrmacht. Claude, em contato com as redes, vivera a desilusão dos Homens, aquela sobre a qual Doff falara a Pal. Aimé descobrira os difíceis antagonismos entre as Forças Francesas Livres, que

desconfiavam dos ingleses, e, sobretudo, da Seção F, que não era gaullista. Laura, em missão na Normandia, quase fora capturada pela Gestapo depois de um dos seus principais contatos ser preso: a rede fora parcialmente desmantelada pelos alemães. Mas quem poderia ser criticado por falar sob tortura? Stanislas se ferira em seu primeiro salto de paraquedas, em maio, e em sua volta a Londres fora mandado para os quartéis-generais da SOE. Quanto a Faron e Denis, eles continuavam em missão: Denis como rádio-operador na região de Tours, e Faron em Paris.

*

No apartamento, em meio ao regozijo do reencontro, todos beliscaram as bochechas uns dos outros como se para se certificarem de que estavam efetivamente incólumes. Depois, na imensa cozinha, aconteceu a ruidosa preparação do jantar. Era um costume masculino que Stanislas conservava desde antes da guerra: passar o fim de semana no campo com os amigos, onde bebiam, praticavam tiro ao alvo e cozinhavam juntos para estreitar os laços. Entretanto, seus camaradas de guerra eram uma lástima na cozinha, pois não tiveram a educação de Eton, a escola onde ele estudara. Claude e Pal, após orquestrarem uma batalha de utensílios e quebrarem uma batedeira, foram designados para a arrumação da mesa, dos talheres de prata e das taças de cristal. Key, que havia queimado o molho, foi intimado a ficar sentado e limitar-se a observar. E, enquanto os poucos que trabalhavam em meio a um burburinho infantil terminavam de preparar o cardápio sob a orientação de Stanislas, Aimé no frango e Laura no vinho, Gordo, escondido pelo batente do armário, com a cabeça enfiada dentro da geladeira, provava a cobertura dos bolos, os quais foram entregues mais cedo por um doceiro famoso, e tapava os buracos nos doces espalhando igualmente o creme restante com o dorso de uma colher, antes de pegar mais um pouco.

Comeram na sala de jantar de Stanislas, um belo cômodo atapetado, que dava para um pátio interno.

Jantaram, elegantes, felizes, lembrando-se de Wanborough Manor, Lochailort, Ringway, Beaulieu. Recordaram mais uma vez a fuga do grupo e o exercício de orientação aérea de Gordo e Claude bêbados. Enfeitaram as histórias, a saudade fazendo com que exagerassem nos detalhes.

O jantar durou horas. Parecia que não comiam havia meses, talvez anos. No cardápio havia frango, salada de legumes verdes, batatas, queijo cheddar curado, os bolos já deflorados. E, como para alguns ainda não fora o bastante, assaltaram

a despensa sob as aclamações de Stanislas. Acabaram com tudo: chouriço, salame, frutas, conservas, legumes e geleias. Às três horas da manhã, fritaram ovos e comeram com biscoitos açucarados. Iam da mesa de ébano aos sofás da sala, onde se sentavam para se recuperar um pouco, afrouxando discretamente a calça, um copo de destilado na mão para ajudar na digestão, depois voltavam a comer, incentivados pelos gritos de Aimé, que, atrás do forno, terminava uma improvisação.

Ao raiar do dia, Gordo distribuiu seus presentes, presentes horríveis como em Beaulieu, porém dados com muito amor.

— São sapatos de Bordeaux! Não economizei!

Key vinha de Bordeaux e, mentalmente, abençoou Alain Gordo, o homem mais amável do mundo. Já Laura ganhou uma gargantilha dourada, que tinha sido escolhida com um zelo infinito, apesar de ser cafona. Emocionada e sem jeito por ter aparecido de mãos vazias, abraçou Gordo para lhe agradecer.

— Sem apertar tanto — pediu o bom gorducho, sorrindo —, comi demais.

Ela fitou-o nos olhos e pousou as belas mãos sobre aqueles ombros enormes.

— Acho que você emagreceu.

— Verdade? Ah, se soubesse como me arrependo de ter comido tanto esta noite. Porque, na França, fiz um regimezinho. Para ficar menos... menos como sou, caramba. Não é fácil a gente ser o que é, Laurinha, não é mesmo?

— Eu sei.

— Ah, então como eu morria de medo de sentir frio na barriga por causa dos Boches, o que causa uma dor parecida com a que sentimos quando estamos com fome, apostei um pouco na magreza... Por Melinda.

— Ainda pensa nela?

— O tempo todo. É assim quando se está apaixonado de verdade, não dá para tirar a pessoa da cabeça. Por isso quero estar bonito quando for vê-la.

Laura encostou um dedo sobre o coração dele.

— Você já é muito bonito por dentro — sussurrou. — É o melhor homem de todos, com certeza.

Ele corou e sorriu.

— Eu preferia ser o mais bonito.

Ela lhe deu um beijo na bochecha para demonstrar toda sua ternura. Pressionou os lábios demoradamente, para que o gorducho sentisse quanto ela o amava. Gordo fizera regime. Só Deus sabe o que ele vivera nos últimos meses: a angústia, a dificuldade, o frio, o cansaço, o medo. O medo. E ainda fizera regime. Regime.

Quando o dia nasceu, estavam largados na sala, sonolentos, aparvalhados. Atreveram-se a falar um pouco sobre as missões, mas só contaram curiosidades.

Aimé conseguira engambelar um policial francês a ponto de prendê-lo; Laura e Gordo se encontraram por puro acaso na mesma sede da SOE no momento de embarcarem de volta para a Grã-Bretanha; Stanislas quase comera um pedaço de explosivo plástico no escuro, e Gordo retorquiu que plástico não era tão ruim quanto achavam; Key sem querer tinha ido parar no mesmo hotel que outro agente com quem tentava desesperadamente entrar em contato. Não falaram sobre mais nada, como se quisessem se proteger do pesadelo que tinham vivido na França. As operações foram difíceis, houvera perdas. Stanislas sabia disso melhor que ninguém, ele, que estava trabalhando no quartel-general da Seção F. Recentemente, dois agentes haviam sido recebidos pela Gestapo em sua aterrissagem na França, em vez de pela Resistência. Foram poucas sabotagens, não tiveram muitas operações bem-sucedidas naquele ano. O desenvolvimento da guerra não anunciava nada de bom. Stanislas, mais inteirado que os outros, estava preocupado. Preocupado com o futuro da Europa, preocupado com seus colegas, que, ele sabia, logo voltariam à França. Sabia o que acontecera com alguns membros do grupo naquele país. Era o único que sabia o que tinha acontecido com Gordo.

Faron passara uma semana enfurnado no apartamento. No momento, achava que todo perigo estava descartado, mas via-se impedido de dar continuidade à sua missão. Pelo menos de imediato, era muito arriscado. Precisava voltar a Londres, fazer seu relatório, pedir novas instruções. Fora seguido, até antes do Natal. A Abwehr, talvez. O incidente acontecera depois de ter montado guarda diante do hotel Lutetia, onde os serviços de segurança alemães haviam instalado seu quartel-general para a França. Ele procurara se passar por um simples pedestre no bulevar Raspail, lançando apenas olhares discretos, e, após demorar-se em frente a uma loja, seguira adiante, inocentemente. Porém, meia hora mais tarde, perto da Ópera de Paris, notara a presença de alguém às suas costas. Entrara em pânico, pois deveria ter percebido aquilo, aprendera a prestar atenção nos sinais. Sua distração talvez pudesse prejudicá-lo. Respirara fundo várias vezes para se acalmar. Não podia de jeito nenhum deixar seu nervosismo evidente nem podia correr, devia limitar-se a utilizar os métodos. Mudara de calçada, entrara numa rua ao acaso, apertara discretamente o passo e, no reflexo de uma vitrine, constataria que um homem continuava atrás dele. Tinha as ideias cada vez mais confusas, afinal os protocolos de Beaulieu não eram muito claros: o que deveria fazer caso fosse detido? Devia tomar a iniciativa de entrar no hall de um prédio deserto e matar o perseguidor com a pequena faca de guerrilha que escondia debaixo da manga? Sua pílula L estava em um dos botões do casaco. E, pela primeira vez, pensava nela. Se o pegassem, ele acabaria com a própria vida.

Acabara conseguindo dominar a terrível angústia. Seu coração batia acelerado e uma terrível dor de cabeça o afligia. Recuperando-se, seguira na direção do bulevar Haussmann. Andara depressa, distanciando-se do vulto atrás dele e se misturara à multidão de uma loja de departamentos, antes de sair por uma porta de serviço e pular dentro de um ônibus que o levaria até o outro lado da cidade. Inquieto, em plena crise de paranoia, entrara num prédio ao acaso e passara a noite escondido, numa mansarda, como um vagabundo, sem pregar o olho, com a faca na mão. Desde aquele dia não saía mais sem sua metralhadora Browning. Fora então para o seu apartamento nas primeiras horas da manhã seguinte, quando o toque de recolher fora suspenso, faminto, exausto, e não saíra de lá durante sete dias.

No momento, estava fazendo uma triagem nos diversos documentos recolhidos durante os meses que passara em Paris. Dissimulou os mais

importantes num pequeno esconderijo dentro de sua mala e queimou os outros numa cesta de ferro, após fotografá-los.

Tinha sido mandado para Paris a fim de estabelecer uma lista dos alvos potenciais de sabotagem ou bombardeio: fábricas, centros de reparo de locomotivas ou locais estratégicos. Na sua opinião, o hotel Lutetia era um alvo privilegiado, porém particularmente difícil de atingir. Se conseguisse planejar um atentado, seria um grande golpe. Para a guerra e para sua própria glória. Depois disso, com certeza lhe ofereceriam missões especiais, acompanhadas exclusivamente pelo Estado-Maior da SOE, o nível mais alto de sigilo dentro do sigilo. Era o que ele esperava. Tinha consciência de suas aptidões como agente, amplamente superiores à média. Os pequenos como Claude, os obesos como Gordo, os velhos como Stanislas lhe davam quase pena, não eram nada comparados a ele. Seu maior orgulho era ter arranjado um apartamento de dois quartos no centro de Paris, no terceiro andar de um prédio tranquilo, com duas saídas: a porta de entrada, é claro, mas também a sacada do quarto, que permitia acessar diretamente uma janela do saguão da escadaria do edifício vizinho. Em caso de perigo, era possível fugir até o bulevar passando pelo hall do prédio ao lado. Todos os dias, felicitava-se por isso. Considerava aquele apartamento um local de segurança máxima, ainda mais porque ninguém sabia de sua existência, nem sequer Londres. E o sigilo era uma das regras elementares da segurança: quanto menos pessoas soubessem, menor o risco de se comprometerem, voluntariamente ou não. A Resistência estava cheia de tagarelas ridículos, patriotas corajosos com certeza, porém capazes de contar vantagem para impressionar alguma mulher. Quanto aos mais quietos, os combatentes mais retraídos, não resistiriam forçosamente à tortura. Ele mesmo duvidava disso, suportara com grande dificuldade o treinamento em Beaulieu e os instrutores com uniformes da SS. Sim, agora sabia: se fosse capturado, acabaria com a própria vida.

Ninguém, exceto ele, conhecia a localização do apartamento. Certamente ele revelaria aos chefes da Seção F quando chegasse a Londres, pois o local poderia servir de refúgio temporário para agentes enfrentando dificuldade. Mas tomara cuidado para não dar qualquer informação aos seus contatos parisienses, nem mesmo a Marc, seu rádio-operador, instalado num apartamento do décimo primeiro *arrondissement*, cuja segurança deixava a desejar, e a Gaillot, seu principal interlocutor, responsável por uma rede da Resistência e que, a propósito, também passara por um curso de formação da SOE. Faron gostava de Gaillot, um homem de quarenta e poucos anos, eficiente e discreto, um pouco como ele, que não fazia perguntas inúteis e tinha conhecimentos impressionantes sobre explosivos. Seria um dos que ele chamaria para o atentado do Lutetia.

À tarde, Faron finalmente ousou sair do apartamento. Foi até a casa de Marc, seu rádio-operador, pedir instruções a Londres.

*

Ela se chamava Marie e tinha vinte e cinco anos. Faron a conheceu no fim de uma manhã com neblina, perto de uma livraria que ficava nas imediações da estação Lyon-Perrache. A SOE o encaminhara para uma base de repatriação na direção da Grã-Bretanha. Um intermediário o esperaria em Lyon para conduzi-lo até o vilarejo onde operava o comitê de recepção da base. Era lá que um Lysander viria buscá-lo. Marie era a intermediária. Resgatava os agentes em Lyon e os levava para o campo, para um albergue usado como esconderijo. Então, no dia seguinte ou vários dias depois, dependendo da circunstância, ela os escoltava até o vilarejo, onde eram secretamente alojados até a noite da partida.

Tinha um belo corpo, era bonita, esperta, vaidosa, sedutora, com um olhar inteligente, o que de imediato agradou a Faron. Fazia tempo que ele não convivía com uma mulher. Primeiro circularam de ônibus e, discretamente, ele ajeitou as mangas da camisa para que modelasse seus braços e revelasse seus músculos. Em seguida, continuaram de bicicleta e nas subidas ele tentou impressioná-la com suas pedaladas rápidas. Chegaram ao albergue à tarde, e, assim que Faron ocupou seu quarto, correu para tomar uma chuveirada, fazer a barba e passar perfume. Relembrou então o efeito que a Seção Norueguesa provocara nele e nos colegas, em pleno treinamento escocês. Arrumado, de banho tomado, Faron, sentado em sua cama, esperou que Marie viesse chamá-lo. Em vão.

Ela bateu à porta de seu quarto por volta das nove da noite. Ficara esperando quatro horas por ela. Tivera tempo de fazer e refazer a mala, trocara duas vezes de camisa, verificara o mecanismo de sua metralhadora Browning com pente de sete balas, lera o início e o fim de um livro, contara as figuras da estampa da cortina, amarrara os cadarços dos sapatos, dera corda no relógio, ajeitara e passara nove vezes brilhantina no cabelo — deixara-os crescer na França, sua cabeça raspada chamava muita atenção —, afrouxara e apertara o cinto, verificara os dentes e o hálito três vezes, cortara as unhas e utilizara três controles anticaspas, espanando a gola do casaco sempre que balançava demais a cabeça, e depois se certificando, por meio do espelho de bolso, de que nenhuma partícula branca caíra desgraciosamente em seus ombros. Acabara pegando no sono, reclinado na cama, quando batidas na porta o sobressaltaram. Marie. Enxugou o fio de baba que escorrera dos seus lábios, formando uma pequena

poça viscosa no travesseiro, e se precipitou para abrir a porta.

Marie, diante da porta, percebeu sua precipitação. Achava aquele Faron repugnante. Era feio, arrogante e ela estava sem a menor vontade de ir encontrá-lo em seu quarto. Porém, como não o via fazia muitas horas, queria se certificar de que estava tudo bem. O rapaz abriu a porta e sorriu para ela, encabulado e meigo. Com certeza havia dormido após se pentear, pois a brilhantina endurecera na parte de trás da cabeça, formando uma espécie de crosta seca e retangular. E ela teve que beliscar o próprio braço para reprimir uma risada.

— Está tudo bem?

— Sim.

Ele prolongara o “im”. Ela tinha a impressão de estar falando com um retardado.

— Comeu bem?

— Não.

Ela percebeu que ele estava jogando charme.

— Não o quê? Comeu mal.

— Não, eu não comi nada.

Ele sorriu. Considerava-se sutil e cheio de classe.

— E por que não comeu?

Ela estava ficando muito irritada.

— Eu não sabia que deveria comer.

— Mas eu lhe disse para ir comer na cozinha!

Ele não escutara nada. Sim, de fato ela lhe dera algumas instruções, o chuveiro, a descrição e tudo o mais, mas ele se perdera em seus pensamentos de amor e não registrara nenhuma de suas palavras.

— Bem, está com fome?

— Estou.

— Então desça até a cozinha. É a porta ao fundo antes da sala de jantar. Não se esqueça de lavar a louça quando terminar.

Ele exibiu novamente seu sorriso meloso.

— Jantamos juntos?

— Não é a minha intenção.

Ela lhe deu as costas, irritada com a aversão física que aquele homem lhe provocava, sem que soubesse exatamente por quê. Talvez fosse por causa da antipatia que emanava dele, um ar de falsidade. Claro que ele era impressionante, forte, tinha o torso musculoso e os bíceps trabalhados. Mas seu horrível cabelo oleoso, malcortado, que crescia reto como se ele tivesse raspado a cabeça por muito tempo, seu nariz grande demais, seus braços compridos e oscilantes, suas nojeiras a enojavam. E ainda tinha aquele jeito de falar, tão

desagradável, tão brusco. Suas entonações eram estridentes. Volta e meia pensava em outro agente, com quem se encontrara somente duas vezes, em outubro e dezembro, que tinha um nome estanho: Pal. Não esquecera seu nome: era o contrário daquele Faron, mais jovem, com cerca de vinte e cinco anos, a idade dela. Belo homem, bem torneado, inteligente, olhos risonhos. E ainda fumava de forma elegante. Faron tragava os cigarros de um jeito nojento. Já Pal começava por oferecer um, pegava-o em sua cigarreira, uma bela cigarreira de metal, e mantinha o cigarro na mão por alguns instantes, prosseguindo com a conversa. Falava muito, com o auxílio das mãos e brandindo o cigarro. Então colocava-o no canto da boca, imediatamente antes de terminar uma frase e o acendia com um gesto elegante, os olhos semicerrados, a cabeça ligeiramente inclinada para baixo, dando uma longa tragada e soprando devagar a fumaça branca para longe dela de forma que não a incomodasse. Nas duas vezes, ficara muito impressionada com ele. Era calmo, ponderado, brincando alegremente como quem não tem medo de nada na vida. Ela, que às vezes tinha tanto medo, medo por ela e medo pelo futuro, medo de que nunca mais acontecesse nada de bom, recuperara a confiança graças à simples presença de Pal. Ao vê-lo fumar, tivera vontade de se aninhar em seus braços. Quando Faron fumava, sentia vontade de vomitar.

*

Faron desceu até a cozinha após arrumar-se de novo. Não queria retornar à Inglaterra sem se envolver pelo menos uma vez com uma francesa. Traria o vinho da cozinha, bateria à porta de seu quarto, lhe ofereceria uma taça, pois beber sempre ajuda, e, quando sentisse que o papo estava bem encaminhado, sacaria o seu grande trunfo: o cigarro. Desenvolvera uma maneira personalíssima de fumar, elegante e masculina: as mulheres adoravam.

A cozinha estava imersa na escuridão. Ele preparou uma bandeja com frango e pão. Desencavou também uma garrafa de vinho, para Marie. Esperou um momento, em pé, sem comer. Ela não apareceu. Ele se serviu de alguns pedaços de frango, afinal, estava faminto. De repente, riu sozinho, bem-humorado ante a perspectiva de uma noite de sexo. Nada de Marie ainda. Após meia hora, pegou sua bandeja e subiu para o quarto. Cuspiu no chão para exorcizar o azar: se Marie se juntasse a ele no quarto, o prazer estaria garantido.

Ela bateu à porta quinze minutos depois. Ele se encheu de alegria, excitado. Ela voltara a contragosto: partiriam na manhã seguinte e tinha instruções a lhe passar.

Sentindo-se vitorioso, ele abriu a porta e a fez entrar, mas ela só deu um passo para dentro do quarto, o suficiente para poder fechar a porta de forma que não os ouvissem.

— Boa noite, boa noite — disse ele melifluamente, para bajulá-la.

Acendeu o cigarro com um ar indiferente, o golpe do cigarro sempre funcionava. Ela recebeu a fumaça no meio da cara e tossiu.

— Esteja pronto às seis da manhã.

— Seis horas. Ótimo.

— Então, boa noite.

— Só isso?

— Como assim, *só isso*?

— Estava pensando se você e eu não podíamos...

Ela fez uma careta.

— Nunca na vida. Boa noite.

— Espere! — chamou Faron, com cara de tacho, querendo consertar o desastre.

— Boa noite! — repetiu Marie, virando a maçaneta da porta.

Ele tentou fumar com mais ênfase, para que ela notasse. Fumar era sua última chance de seduzi-la. Mas expeliu saliva em vez de exalar a fumaça.

— Espere! Quer fumar comigo?

— Boa noite!

Desesperado com a ideia de dormir sozinho, decidiu, para retê-la, oferecer-lhe uma arma.

— Espere! Tenho uma coisa para você... Em caso de perigo.

Ela parou e virou-se para Faron, que correu até a mala e pegou no fundo falso um pequeno revólver, guardado numa cartucheira de couro. Seu revólver de segurança.

— É para você. Pode ser que precise.

Era um belo presente. Esperava que a moça o agradecesse transando com ele.

*

Em seu quarto, ela passou a cinta de couro em volta da coxa, fixou-a e encaixou o revólver. Abaixou a saia. Olhou-se no espelho, mas não era possível ver nada. Com os olhos fixos em seu reflexo, levantou novamente a saia para olhar de novo a arma. Faron não tivera direito a nada, mas até que ela gostava daqueles agentes ingleses. Sentia-se parte integrante do esforço de guerra graças a eles. Pal, por ocasião de suas duas visitas, entregara-lhe a cada vez um envelope a ser

depositado numa caixa de correio em Paris. Mensagens em código para um alto responsável das informações britânicas, ele lhe dissera. Ela estremecera, sentira-se mobilizada como nunca, após começar a encaminhar a correspondência para o serviço secreto britânico. Tinha ido fazer a entrega no dia seguinte mesmo, em Paris. Na rue du Bac.

Eles tinham algumas semanas de licença em Londres, e desde o reencontro, na noite de Natal, não haviam se separado mais. Os primeiros dias de janeiro deixavam a Inglaterra nublada. Após a série de fracassos sofridos ao longo dos meses pela Seção F, o Estado-Maior da SOE pretendia revisar seus objetivos para o ano que se iniciava. Estavam de folga pelo menos até fevereiro.

Pal, Key, Gordo, Claude e Aimé, cansados dos hotéis de trânsito da SOE, decidiram morar por conta própria. Ter uma casa significava deixar de ser fantasmas. Os membros da Executiva com a patente de oficial recebiam um salário do Exército britânico que lhes permitia viver confortavelmente. Aimé se encantou por uma simpática quitinete, no bairro de Mayfair. Pal, Key, Gordo e Claude decidiram se mudar para um grande apartamento mobiliado no bairro de Bloomsbury, que não ficava muito distante do British Museum.

Stanislas morava em seu apartamento em Knightsbridge, enquanto Laura voltara para a casa dos pais em Chelsea, alegando para os dois que sua unidade da FANY entrara em recesso. No fim de sua formação na SOE, ela conseguira passar alguns dias com a família. Para não ter que mentir completamente, dissera que integrava uma unidade prestes a seguir para o continente. Esse tipo de explicação estava autorizado pela Executiva: os agentes eram oficialmente soldados do Exército britânico, incorporados ao departamento pessoal, e os membros britânicos da SOE, quando saíam em missão, diziam às suas famílias que estavam indo para a guerra como qualquer outro recruta; ninguém imaginava que seriam jogados de paraquedas atrás das linhas inimigas, no cerne de um país ocupado, para combater os alemães dentro de suas trincheiras. Aliás, no núcleo da Seção F, o coronel Buckmaster, quando era possível, fazia questão de tranquilizar os parentes dos agentes em missão, escrevendo-lhes regularmente uma evasiva carta modelo, dizendo mais ou menos o seguinte: “Senhor, senhora, não se preocupem. As notícias são boas.”

Laura passava os dias com os colegas, as noites com Pal; só voltava a Chelsea ao amanhecer, logo antes de Suzy, a empregada, acordar. Cansada, jogava o vestido numa cadeira e se enfiava na cama. E suspirava de prazer, feliz. Tinha encontrado Pal. Um caso de amor à primeira vista. Lembrava-se de seu encontro em Wanborough, e sobretudo do momento em que ele brigara com Faron. Os recrutas treinavam juntos havia apenas duas ou três semanas, e todos já detestavam Faron, que decerto era impressionante, mas sempre imundo e mau.

Na cantina, quando o brutamontes lhe dera uma surra, Pal estampara no olhar um brilho faiscante, como se a força física de Faron nada pudesse contra sua força moral. Em seguida, destacara-se diversas vezes durante os treinamentos e, apesar de ser jovem, todos respeitavam o que ele dizia. Já ganhara certa reputação na Executiva. De fato, tinha tudo para agradar. Após a primeira noite em Beaulieu, Laura sentira-se obrigada a esquivar-se galantemente: Pal lhe dissera palavras de amor e ela se limitara a zombar disso. Não voltaram a se encontrar, e os meses de separação haviam sido insuportáveis. E se não o visse mais? Odiava-se tanto por isso, pensara tanto nele... Tivera que esperar quase dez meses, dez malditos meses, até se reencontrarem pouco antes do Natal, ali, em Londres, nos escritórios da Seção F. Que felicidade encontrá-lo! Lá estava ele, inteiro. Soberbo. Num cômodo vazio, haviam se abraçado e se beijado demoradamente. Trancaram-se então por dois dias num quarto do Langham, o grande hotel da Regent Street. Foi dessa forma que ela percebeu como o amava: como jamais amara e jamais amaria novamente. Na primeira noite, porém, deitada na imensa cama com Pal adormecido ao seu lado, viu-se invadida pela dúvida: e se ele não a amasse mais? Afinal de contas, ela fora a única garota com quem ele convivera durante os meses de formação da SOE; talvez tivesse sido apenas um amor de circunstância, ele certamente conhecera outras garotas em Londres, em ação. O perigo das missões sem dúvida o teria impelido a buscar o consolo feminino e, além do mais, não tinham prometido nada um ao outro. Ah, por que não haviam jurado fidelidade ao partir?! Não, ela fizera uma burrice naquela noite em Beaulieu. Ele lhe dissera que a amava, ela tivera vontade de lhe responder que o amava ainda mais, mas reprimira suas palavras. Como estava arrependida! Sim, sem dúvida ele conhecera belas morenas que lhe ofereciam mais ternura do que ela. Será que ele estava ali obrigado? Era isso, ele se forçava, não a amava mais. Reencontraria suas conquistas na França, e ela morreria de tristeza e solidão.

Acabara pegando no sono e acordara sobressaltada, pois ele não estava mais na cama. Permanecia imóvel, num canto do quarto. Atormentado pela situação mundial, observava pela janela, a mão direita como sempre pousada no tórax musculoso, na altura do coração, como se quisesse esconder a cicatriz.

Ela se levantara imediatamente e o abraçara.

— Por que não está dormindo? — perguntara ela de forma carinhosa.

— Minha cicatriz...

Sua cicatriz? Ele estava ferido! Ela entrara precipitadamente no banheiro, à procura de esparadrapo e água oxigenada. Não encontrando, fizera menção de correr para o telefone com o intuito de acionar o pessoal do hotel, mas, quando reaparecera no quarto, ele sorria, divertindo-se.

— Era uma metáfora... Estou bem.

Ah, que estupidez a sua! Era a mais estúpida das estúpidas, em pé, no quarto, estática. Não passava de uma namorada tola, servil e chata.

Enternecido, ele a pegara nos braços para reconfortá-la.

— Vai me contar como arranhou essa cicatriz?

— Um dia, sim.

Ela soltara um muxoxo. Não gostava de gostar tanto dele.

— Quando vai me dizer, afinal? Não me ama mais? Conheceu alguém, não foi? Se for isso, me avise, sofrerei menos se ficar sabendo...

Ele colocara um dedo diante dos lábios dela. E murmurara:

— Vou contar sobre a cicatriz, vou contar sobre tudo. Farei isso quando nos casarmos.

Ele a beijara no pescoço, ela abrira um sorriso radiante e o apertara ainda mais contra si, fechando os olhos.

— Então vai se casar comigo?

— Claro que sim. Depois da guerra. Ou durante, se ela durar muito tempo.

Ela rira. Sim, se casariam. Assim que terminasse a guerra. E se a guerra não terminasse nunca, iriam para longe, para a América, se protegeriam do mundo e teriam a vida que mereciam. A mais bela que se pode imaginar.

*

A licença em Londres tinha ares de Espanha. Os agentes de folga estavam ao abrigo da Europa, num universo protegido que contrastava com as situações vividas na França. No seio do grupo, cada um cuidou de seus pequenos afazeres. O mais importante era não pensar muito na próxima viagem à França: a despreocupação fazia bem.

De manhã, iam correr no Hyde Park, para manter a forma. Depois passavam o dia passeando juntos, pelas lojas e cafés. Nos momentos de ócio, iam em pequenos e discretos grupos a Portman Square, uma das filiais da Seção F, onde ficava o escritório de Stanislas. Passavam para lhe fazer uma visita, embora isso não fosse autorizado. Instalavam-se no gabinete de Stanislas e ficavam vadiando, jogando conversa fora e bebendo chá, persuadidos a tratarem de assuntos importantes. Na verdade, ali não era a sede do quartel-general da SOE, que ficava nos números 53 e 54 da Baker Street, endereço desconhecido pela maioria dos agentes de campo. Caso fossem pegos, nunca deveriam revelar a localização precisa do centro nevrálgico da Executiva. Portman Square, na realidade, não passava de um braço da Seção F — existiam vários — para driblar a vigilância

dos taxistas e dos agentes alemães infiltrados na capital, convencidos de que a Portman Square era o quartel-general de um centro clandestino francês, sem saber muito bem do que se tratava.

À noite, jantavam fora, terminando geralmente o programa em Mayfair, espremidos na casa de Aimé para jogarem cartas. Quando chovia muito, iam ao cinema, embora o nível geral do inglês deles não lhes permitisse entender muita coisa do filme. Aprender inglês, aliás, tornara-se a obsessão primordial de Gordo: saber inglês e encontrar Melinda, a garçonete de Ringway. Ele passava os dias na cozinha do apartamento de Bloomsbury, concentrado num grosso livro de gramática, enquanto comia bolinhos secos, memorizando suas lições, e, quando estava sozinho, treinava dizer em voz alta: “*I am Alain, I love you.*” Era sua frase predileta.

Pal, com seu título de tenente, seu apartamento, sua conta num banco inglês, na qual todo mês depositavam seu soldo, sentia que estava se tornando alguém. Na adolescência, pensara muitas vezes em quais seriam seus primeiros passos na vida sem seu pai. Mas não imaginara nada do que estava vivendo; nem a guerra, nem a SOE, nem os solares, nem as missões, nem o apartamento em Bloomsbury. Pensara em Paris, imaginava-se morando num simpático dois quartos próximo à rue du Bac, para que seu pai pudesse visitá-lo com facilidade. E o pai teria ficado feliz com a independência do filho. Pal se perguntava o que ele diria se pudesse vê-lo naquele instante. O filho francês tornara-se um tenente britânico. Mudara física e mentalmente, ao longo dos meses nas escolas da SOE, é claro, mas sobretudo durante suas duas missões. Afinal, Wanborough, Lochailort, Ringway e Beaulieu não passavam de uma longa maturação: agentes com agentes, militares com militares. No calor da ação era diferente: o cotidiano era um país ocupado, e os resistentes, em sua maioria, tinham uma formação mais fraca que a dele; seu status impunha deferência. Depois de Berna, quando ficara sozinho, seus contatos na Resistência o haviam considerado com imenso respeito, e ele se sentira importante, indispensável. Como nunca. Ao aconselhar alguns chefes, assistir a um treinamento clandestino ou explicar a utilização das metralhadoras Sten, notara os murmúrios que sua presença despertava: era um agente inglês. Uma vez, haviam lhe pedido para falar a um pequeno grupo de resistentes fracos e desorganizados, com a intenção de incentivá-los. Ah, como ele falara bem. Fingira improvisar, mas repetira as palavras incansavelmente em sua cabeça nas horas que antecederam o encontro. E conquistara as tropas, ele, o misterioso, o invencível, o braço de Londres, a eminência parda. Ah, aqueles soldados modestos, jovens, velhos, amontoados à sua frente, escutando-o, emocionados. Deixara à mostra a arma no cinto. Ah, como soubera encontrar as palavras, infundir-lhes coragem, como se considerasse a si mesmo o melhor de

todos eles. Mais tarde, de volta ao seu quarto de hotel, sua vaidade foi castigada com uma tremenda dor de barriga, aquela violenta angústia de ser desmascarado, capturado, torturado, que o arrebatava com frequência, mas raramente com tanta violência. Sentira-se vil e insignificante, e vomitara de horror pela primeira vez na vida.

Na França, ninguém desconfiava de qual era a sua idade. Tinha vinte e três anos e certamente parecia ter cinco e até mesmo dez a mais. Seu cabelo havia crescido, ele passara a penteá-lo para trás, e deixara crescer um bigode fino que lhe caía especialmente bem. Quando falava com interlocutores ilustres, como chefes de rede, ostentava um semblante sisudo, que o fazia parecer mais sério e experiente. Quando usava terno e gravata, chamavam-lhe de “cavalheiro”. Em Nice, adquirira um terno escuro, por conta da SOE, mas não guardou a nota pois seria difícil justificar a compra. O departamento de contabilidade exigia explicações para cada despesa e, de volta a Londres, na hora da prestação de contas, quando não se conseguia explicar certos buracos no orçamento, a melhor técnica era fazer um semblante contrito e falar da Gestapo. Para inaugurar o traje, Pal fora várias vezes tomar café e ler jornal no hotel Savoy, exclusivamente pelo prazer de ser admirado.

E depois houve Lyon, onde conhecera Marie, uma intermediária do seu setor. Ela era bonita, mais velha que ele, uma mulher para Key. Mas Pal sentira que lhe causava certa impressão, ele, mesmo sendo tão jovem. Atraído pelo seu jogo sedutor bem-intencionado, adotara inclusive uma nova maneira de fumar, a mesma de Doff, para dizer a verdade, pois o colega tinha muita classe. Fizera aquilo de brincadeira, sem segundas intenções. Considerara-se um pouco ridículo, aliás. Contudo, aos poucos, tudo aquilo se tornara um estratagema para aliciar aquela Marie, apaixonada por Pal e que ele usara de forma descarada, em duas ocasiões, para deixar os cartões-postais de Genebra na casa de seu pai, fazendo com que acreditasse que levava documentos secretos. A primeira vez fora em outubro, a segunda, em dezembro, logo antes de regressar. Quando ele estava no Sul da França, passara por sua rede com o intuito de voltar para a Inglaterra, em vez de seguir pela da Espanha, mais simples e direta, desprezando as regras de segurança, só para encontrar Marie e dar-lhe aquela pequena missão. Sim, ele a seduzira, mentira para ela. Caso contrário, ela nunca teria aceitado, pode ter certeza. Sim, tudo aquilo não passara de um truque de agente inglês, pois a única mulher em quem pensava nos últimos meses, a única mulher que realmente importava era Laura. Estivera com ela dois dias depois de retornar a Londres, num escritório da Seção F. Eles ficaram sozinhos e fora uma felicidade encontrá-la, abraçá-la, beijá-la demoradamente! Então, por fim, ela dissera. As palavras ressoavam havia tempo em sua cabeça. A resposta à sua declaração em

Beaulieu. “Amo você”, murmurara ela ao seu ouvido.

No início da terceira semana de janeiro, um Westland Lysander da RAF fez um pouso noturno na base do 161º esquadrão, estabelecido em Tangmere, perto de Chichester, no West Sussex. A bordo do avião, Faron, aliviado por voltar à Inglaterra, assobiava. Chegara a acreditar que ninguém nunca mais iria resgatá-lo. As condições climáticas haviam impedido diversas vezes o voo. Subitamente alegre, desceu da aeronave, alongando seu imenso corpo. Toda a pressão da missão desaparecera, por fim, uma pressão insuportável, como a angústia de um animal encurralado.

O rapaz foi de carro até Londres. Nas primeiras horas do dia seguinte, apresentou seu relatório na Portman Square, onde encontrou Stanislas. Apontou todos os seus alvos de sabotagem, menos o Lutetia. Nesse caso específico, esperaria, pois não queria que ninguém lhe roubasse a glória. Tampouco mencionou a existência de seu apartamento: só o revelaria a altas patentes, a ralé não lhe interessava. Comunicaram-lhe então o início de sua licença e ele foi encaminhado para um apartamento de trânsito no bairro de Camden, tendo como colega um grande agente iugoslavo. Foi o próprio Stanislas quem o levou para lá, por amizade. Faron continuava antipático, mas o veterano do grupo não ligava muito para isso e também o convidou para encontrar os velhos colegas recrutas para um carreado em Mayfair, naquela mesma noite.

*

Ao redor da mesa, na casa de Aimé, as cartas não tinham mais importância. Todos os olhares foram atraídos pela imunda cabeleira que se destacava no recém-chegado.

— Deixou o cabelo crescer? — acabou perguntando Laura, quebrando o silêncio do carreado.

— Para você ver. É indispensável para ser apenas mais um na multidão. Já sou alto, e, se ainda fosse careca, seria difícil não ser notado... Mas devo dizer que fiquei satisfeito com esse cabelo, sem falar que descobri uma brilhantina francesa ótima!

Ele usava brilhantina! Ninguém ousou mais olhar para ele pois não queriam cair na risada; aquele era um novo Faron. Todos voltaram mudados de suas missões, mas com Faron foi pior.

Laura se esforçou para manter a conversa, discorrendo sobre banalidades, e Faron, loquaz, respondia com entusiasmo, passando os dedos pelas cartas, mas sem olhar para elas. Gostava da voz de Laura, tinha um timbre doce e sensual, que sempre mexia com ele. Claro que percebera que ela havia sido seduzida pelo seu novo cabelo. Laura lhe agradava, desde os primeiros dias em Wanborough, mas nunca tentara conquistá-la de verdade. Mas naquele momento as coisas eram diferentes: precisava de uma mulher. Por que diabo aquela tal Marie não o quisera? Queria uma mulher de verdade, uma mulher toda sua, que pudesse tocar quando lhe desse vontade. Prostitutas, não, piedade, Senhor, são as prostitutas, que ele tinha que pagar toda vez em troca de migalhas de amor, como um mendigo, como um excluído, um zero à esquerda. Prostitutas, não, por favor, essa humilhação, não. O grande sedutor acendeu um cigarro.

Todos observavam seus trejeitos. Ele acabara de acender um cigarro e estava sugando a guimba da maneira mais nojenta possível, ruidosamente. Os outros não conseguiram manter a seriedade por mais tempo e caíram na risada. Pela primeira vez, Faron percebeu que zombavam dele. Sentiu um aperto no coração.

*

Dias depois, passeando com Key pela Oxford Street durante uma tarde, Pal descobriu, ao acaso, em uma vitrine, o paletó de tweed que sonhara para o pai. Um paletó magnífico, cinza-escuro, perfeitamente cintado. E o comprou. Por impulso. Para dizer a verdade, hesitara um pouco quanto ao tamanho, mas em último caso era possível fazer uns ajustes. Dentro de dez dias, no fim do mês, era o aniversário de seu pai. Pela segunda vez seguida, estaria impedido de comemorar ao seu lado. Esperando o dia do reencontro, abraçava o paletó, cuidadosamente guardado no armário de seu quarto, em Bloomsbury.

No domingo seguinte, no fim da terceira semana de janeiro, por iniciativa de France Doyle, Laura convidou Pal para almoçar na casa de Chelsea. Trajes elegantes, pernil e batatas da horta. De manhã, antes de ir para lá, na cozinha de Bloomsbury, o rapaz, preocupado em causar boa impressão, suplicou a Key que o ajudasse.

— Me sugira uns assuntos para puxar conversa — pediu, com um gemido.

Gordo, com eles ao redor da mesa, concentrado em seu livro de inglês, concordou com a cabeça, declamando sua gramática em surdina: — *Hello papy, helly grany, very nice to meet you, Peter works in town as a doctor.*

— Fale sobre caçadas — sugeriu Key, sem pestanejar —, os ingleses gostam de caçar.

— Não entendo nada de caça.

— *How can I go to the central station?* — continuava o fundo sonoro. — *Yes no maybe please goodbye welcome.*

— Fale sobre carros. O pai certamente gosta de automóveis. Fale sobre carros, ele vai falar do dele e você finge ficar impressionado.

— *My name is Peter and I am a doctor. And you, what is your name?*

— Mas e se ele me fizer perguntas sobre mecânica? Não entendo nada disso.

— Improvise, fizemos cursos durante o verão.

— *Everyday I read the newspaper. Do you read the newspaper, Alan? Yes I do. And you, do you? Oh yes I do do. Do. Do. Dó ré mi fá sol lá si dó.*

Key, irritado, deu um pontapé por baixo da mesa em Gordo para que ele parasse com a ladainha. O colega gritou, Pal riu e Key concluiu: — Escute, se é capaz de chefiar operações para o serviço secreto do país, saberá sobreviver aos pais de Laura. Diga para si mesmo que eles são da SS e que você precisa se safar.

O almoço correu às mil maravilhas. Pal se dava bem com os Doyle, causava-lhes boa impressão. Mostrara-se educado e afável, esforçando-se para não se perder no inglês. France observava o casal apaixonado que Pal formava com sua filha, que estava sentada à sua esquerda. Embora fossem discretos, determinados sinais não a enganavam. E ela desconfiava daquilo havia muito tempo. Então era para ele que sua filha, todos os dias, se arrumava com tanto esmero. Sim, France escutava à porta do banheiro, às escondidas, a filha embelezando-se para sair. A mãe sentia-se apaziguada: em janeiro, quando Pal lhe revelara o segredo, sentira tanto medo por Laura que ficara várias noites sem dormir. Naqueles últimos meses, só tivera olhos para ela, que fora para o continente duas vezes, por longos períodos, supostamente com a FANY. Sua vontade era lhe dizer que estava a par das coisas, que sabia tudo acerca do serviço secreto britânico, que ficara preocupada porém orgulhosa, mas não dissera nada, era muito difícil. Durante as ausências de Laura, ela e Richard haviam recebido cartas do Exército: “Está tudo bem, não se preocupem”, era o que estava escrito. Mas como não se preocupar?, indagava-se France, pensando na filha, que mentia em nome de grandes causas. Só que grandes causas de quem, afinal? Da humanidade, ou seja, de ninguém. Laura voltara durante o verão; sombria, cansada, doente, com uma aparência horrível. “A FANY, o front, a guerra”, justificara-se. FANY. Ela mentia. Uma noite, enquanto a filha dormia profundamente, France Doyle ficara contemplando-a, sentada ao lado de sua cama, partilhando aquele horrível segredo. Sua filha mentia. France sentia-se sozinha e apavorada, e quando Laura fora embora outra vez, sua mãe se escondera num closet no segundo andar para chorar. E, mesmo após não ter mais lágrimas, continuara dentro de seu

imenso closet, recatada, para que seus olhos secassem completamente. Os empregados não podiam desconfiar de nada. Richard, muito menos. Depois Laura voltara em meados de dezembro, o que já fazia um mês. Outra licença, mais longa dessa vez, e France a achara com um semblante melhor: cantarolava e se arrumava. Estava apaixonada. Que alegria vê-la sair com seus vestidos mais bonitos, feliz. Era possível ser feliz e participar da guerra.

Aquele domingo, depois do almoço, France Doyle foi para o closet, onde, alguns meses antes, chorara tantas vezes o destino da filha. Ajoelhou-se, as mãos unidas e os olhos fechados, invadida pelo fervor, e agradeceu ao Senhor por ter colocado no caminho da filha aquele rapaz brilhante e audacioso que era Pal. Que a guerra os poupasse, a eles, os corajosos, que o Todo-Poderoso protegesse aqueles dois jovens. Que aquela guerra fosse apenas o ponto de partida do encontro deles e que o Senhor tomasse a vida dela própria em troca da eterna felicidade dos dois. Se tudo corresse bem, ajudaria os desamparados, reconstruiria os telhados das igrejas, financiaria os órgãos e acenderia centenas de velas. Ela cumpriria as promessas mais inimagináveis, contanto que o Céu fosse clemente com eles.

Mas o que France Doyle não notara era que nem Pal nem Laura tinham noção de como era forte o amor que sentiam. Nos momentos que passavam a sós, por exemplo, eram capazes de ficar horas conversando, inesgotavelmente, apaixonados, insaciáveis amantes, como se toda vez estivessem se reencontrando depois de anos. Ela sempre achava Pal brilhante, fervoroso, mas ele não reparava em nada e, temendo que Laura acabasse se cansando, multiplicava os estratagemas para impressioná-la; esquadrinhava livros e jornais para tornar suas conversas mais interessantes e muitas vezes achava que não sabia o suficiente, recriminando-se por isso até o dia seguinte. Quando iam jantar juntos no restaurante, ela se preparava durante horas e chegava deslumbrante, trajando elegantes vestidos e variando os sapatos; ele ficava sempre fascinado, mas Laura não percebia nada. Considerava-se produzida demais e se chamava de idiota em segredo por ter passado a tarde no banheiro de Chelsea se emperiquitando, se cuidando, se penteando, se maquiando, experimentando roupas, trocando, trocando de novo, tirando tudo do guarda-roupa, jogando no chão, xingando porque nada lhe caía bem, nada cabia mais, ela era a garota mais feia do mundo. Assim é que, presos em suas afetações, Laura e Pal não diziam um para o outro quanto se amavam. Ele não ousava mais, por causa de Beaulieu, pois sua primeira tentativa fracassara; ela tampouco, ainda envergonhada de não ter dado resposta um ano antes. Eles não enxergavam, mesmo no meio da noite, enlaçados no quarto de Pal, o que todos os outros à sua volta tinham visto fazia tempo.

*

Uma semana depois, janeiro chegou ao fim e veio o aniversário do pai de Pal. Nesse dia, Pal não fez a barba. Era um dia triste. Nas primeiras horas da manhã, tirou do armário o paletó de tweed que comprara para aquela ocasião e, usando-o, foi passear pela cidade. Levou-o aos lugares que gostava de frequentar e se imaginou um dia com o pai em Londres.

“É magnífico”, disselhe seu pai. “Que vida frenética, a sua!”

“Eu tento”, respondeu modestamente o filho.

“Não tenta, nada, você consegue! Olhe para você! É tenente do Exército britânico! Apartamento, salário e herói de guerra... Quando se foi, era só uma criança e hoje é um sujeito excepcional. No dia de sua partida, eu arrumei sua mala, lembra?”

“Nunca esquecerei.”

“Coloquei boas roupas. Salame também.”

“E livros... Você colocou livros.”

O pai sorriu.

“Gostou? Era para ajudá-lo a aguentar.”

“Aguntei, graças a você. Todos os dias penso em você, papai.”

“Eu também, meu filho, todos os dias penso em você.”

“Sinto muito por ter ido embora, pai...”

“Não fique assim. Você foi porque precisava. Sabe-se lá o que seria de mim se você não fosse para a guerra.”

“E o que seria de nós se eu tivesse ficado com você?”

“Não teria se tornado um homem livre. Não teria se tornado você. Essa liberdade, meu filho, faz parte de você. Essa liberdade é o seu destino. Estou orgulhoso.”

“Às vezes não gosto do meu destino. O destino não deveria separar as pessoas que se amam.”

“Não é o destino que separa as pessoas. É a guerra.”

“Mas a guerra não faz parte do nosso destino?”

“Eis a questão...”

Caminharam, indo até a casa dos Doyle, em Chelsea, depois almoçaram ali onde Laura levava Pal durante sua primeira licença, depois de Lochailort. Terminada a refeição, o filho deu o paletó ao pai, que o achou magnífico.

“Feliz aniversário!”, celebrou o filho.

“Meu aniversário! Você não esqueceu!”

“Nunca esqueci! Nunca vou esquecer!”

O pai vestiu o traje: ficou perfeito na cintura, as mangas tinham um ótimo caimento.

“Obrigado, Paul-Émile! É maravilhoso! Vou usar todos os dias.”

O filho sorriu, feliz com a felicidade do pai. Tomaram mais um café, e saíram por Londres. Mas o pai logo se deteve na calçada.

“O que está fazendo, papai?”

“Tenho que voltar agora.”

“Não vá!”

“É preciso.”

“Não vá, sem você eu tenho medo!”

“Mas agora você é um soldado. Não deve ter medo.”

“Tenho medo da solidão.”

“Preciso ir.”

“Vou chorar, papai.”

“Também vou, meu filho.”

Quando Pal voltou a si, chorava, sentado num banco, num bairro do sul da cidade, que ele não conhecia. Tremia de frio. O paletó de tweed tinha desaparecido.

Não houvera mais cartão-postal. O de dezembro tinha sido o último. Não recebera mais notícias desde então. Dois meses haviam se passado e nenhum sinal. Já estavam em fevereiro, e seu filho tinha novamente se esquecido de seu aniversário. Era o segundo ano consecutivo.

O pai estava imerso na tristeza: por que Paul-Émile não enviara um cartão-postal pelo seu aniversário? De uma bela paisagem de Genebra, mesmo sem texto, só o cartão. Isso teria bastado para enganar aquele sentimento de solidão e angústia. Sem dúvida seu filho não tinha tempo, devia estar assoberbado no banco, pressionado pelas responsabilidades. Pal não era qualquer um e talvez tudo precisasse da assinatura dele. Além do mais, estavam em guerra. Menos na Suíça. Mas os suíços eram pessoas muito ocupadas e seu filho, sobrecarregado, não vira as semanas passarem.

Mas o pai não conseguia se convencer. Será que nem o maior dos banqueiros tinha um tempinho para dar parabéns ao pai pelo seu aniversário?

Relia incessantemente seus dois tesouros. Nada indicava que o filho estivesse zangado com ele. Então por que não mandara mais cartões? Cada dia de espera o fazia murchar mais um pouco. Por que seu filho deixara de amá-lo?

Numa noite do início de fevereiro, estavam todos na casa de Stanislas. Key, Laura, Claude e Faron jogavam baralho na sala de jantar. Aimé vagava pela sala de estar. Gordo, por sua vez, saía furtivamente do apartamento para estudar inglês. Fora para o jardimzinho que cercava o prédio, aproveitando a luz de um poste e uma reentrância com um arbusto que servia de proteção. Fazia um frio glacial, mas pelo menos ele tinha certeza de que encontraria sossego; não queria que zombassem dele. Estava treinando a pronúncia de *I love you*. Um dia teria que procurar Melinda, mas, por causa do inglês, ainda não se considerava preparado. Entre outras coisas. Achava também que precisava de coragem para amar e não sabia se era suficientemente corajoso. Interrompeu seus exercícios ao ouvir um barulho: alguém vinha do apartamento. Escondeu-se no arbusto para que não o vissem. Eram Stanislas e Pal.

Deram alguns passos, nostálgicos. Gordo prendeu a respiração para escutar.

— Está com uma cara triste — observou Pal.

— Um pouco — disse Stanislas.

Silêncio.

— Vamos partir de novo, é isso?

Stanislas assentiu com um movimento de cabeça. Quase aliviado.

— Como sabe disso?

— Não sei. Desconfiei. Todos desconfiamos.

No arbusto, Gordo sentiu um aperto no coração.

— Não fique tão melancólico, Stan — pediu Pal. — Todos nós sabíamos que aconteceria...

— Então por que fizemos isso? — retrucou o velho piloto.

— Fizemos o quê?

— Nos apegar uns aos outros! Nunca deveríamos ter feito isso! E não deveríamos ter nos reencontrado depois de Beaulieu... É tudo culpa minha... Ah, meu Deus! Na minha solidão, em Londres, eu tinha uma enorme pressa de reencontrá-los, senti tanta saudade de vocês. Mas por que reuni todo mundo? Sou o pior dos egoístas! Que eu seja amaldiçoado!

— Também sentimos sua falta, Stan. Somos amigos, e amigos sentem falta uns dos outros. Aliás, não somos mais apenas amigos. Nos conhecemos há apenas um ano e meio, mas nos conhecemos como ninguém. Vivemos juntos o que provavelmente nunca viveremos com outras pessoas.

Stanislas grunhiu, arrasado.

— Somos mais que amigos: somos uma família!

— Isso não é ruim, Stan.

— Vocês deveriam ter passado a licença num apartamento de trânsito, bebendo e pagando por prostitutas. E não vivendo a vida de verdade, agindo como se não houvesse guerra, como se fôssemos Homens! Não entendeu? Não somos Homens!

Os dois fitaram-se demoradamente. Uma chuva fina começou a cair. Stanislas sentou-se no meio do caminho pavimentado que ligava a calçada ao prédio.

— Nem todos vocês vão voltar — disse Stanislas. — Nem todos vão voltar e eu ficarei aqui, no meu limbo. Nem todos vocês vão voltar. Foi um milagre ter conseguido reunir todo mundo em dezembro... Há sempre tantos mortos!

— Denis, é isso?

— Talvez. Não sei. Não tivemos mais notícias dele. Nem todos vão voltar, Pal. Está entendendo? Esses rostos que vimos hoje, Key, Claude, Laura, você... nem todos vão voltar! Então o que devo fazer? Não falar nada para vocês? Trancá-los num porão? Suplicar que fujam, que vão para a América e não voltem nunca mais?

— Você não é responsável por nós.

— Mas quem é responsável por vocês, então? São quase todos crianças. Eu poderia ser o pai de qualquer um. O que será de vocês? Vão virar defuntos? Morrer não é um futuro! Eu os vi em Wanborough, no primeiro dia: crianças, vocês eram crianças! E fiquei apavorado. Crianças! Crianças! E depois eu os vi crescer, tornarem-se Homens formidáveis. Orgulhosos, corajosos, honrados. Mas a que preço? O das escolas de guerra. Vocês eram crianças, tornaram-se Homens, mas conseguiram isso aprendendo a matar.

E Stanislas, cerrando os punhos de raiva e angústia, abraçou Pal. O rapaz, para reconfortá-lo, passou a mão em seus cabelos brancos.

— Se eu tivesse tido um filho — murmurou Stan. — Se eu tivesse tido um filho, queria que fosse você.

E soluçou. Sua única certeza é que viveria, ele, que não podia mais ir lutar. Viveria ainda mais alguns anos, dezenas de anos, viveria na vergonha dos que foram poupados e veria o terrível curso do mundo. Em todo caso, mesmo ignorando o futuro da Humanidade, podia ficar tranquilo, pois os conhecera, Key, Faron, Gordo, Claude, Laura, Pal: convivera com eles, aqueles que talvez fossem os últimos dos Homens, e jamais os esqueceria. Abençoava-os, abençoava a memória dos que nunca mais voltariam. Eram seus últimos dias. Dias de luto. Em casa, com os espelhos velados, ele se sentaria no chão, rasgaria suas camisas e não comeria mais. Não existiria mais. Não seria mais nada.

— Até agora nos saímos bem — murmurou Pal. — Não se desespere, não se desespere.

— Você não sabe nada.

— Nada do quê?

— Gordo.

— Gordo o quê?

— Durante a segunda missão, Gordo foi capturado pela Gestapo.

— O quê?

O coração do rapaz palpitou dolorosamente.

— Torturado.

Pal gemeu, pensando no amigo.

— Eu não sabia de nada.

— Ninguém sabe. Ele não conta.

Houve um silêncio brusco, durante o qual Pal suplicou ao Senhor que jamais repetisse tal atrocidade. Piedade, Senhor, Gordo não, Gordo não, o bom Gordo não. Que o Senhor poupasse Gordo e levasse sua própria vida, o filho mau, o filho indigno, o que abandonou o pai.

— Mas o que houve? — perguntou Pal em seguida.

— Eles o libertaram. Acredita que esse idiota conseguiu ludibriá-los e convencê-los de que não estava fazendo nada de errado? Libertaram ele, com mil desculpas e tudo o mais, e ele se aproveitou disso para roubar documentos nos escritórios da Kommandantur.

Pal riu.

— Ah, esse idiota!

Sorriram por um instante. Mas logo voltaram a ficar sérios.

— E ele vai partir novamente?

— Por enquanto, o escritório de segurança ainda não aprovou.

Gordo, escondido, fechara os olhos, lembrando-se do sofrimento. Sim, tinha sido pego. Pela Gestapo. Fora espancado, mas resistira. Conseguira convencê-los de que estava limpo e acabou sendo libertado. Ao retornar a Londres, evidentemente mencionara isso em seu relatório, mas não contara a nenhum de seus amigos. À exceção de Stanislas, que ficara sabendo na Portman Square. Por que Stanislas contara tudo a Pal? Ele sentia tanta vergonha! Vergonha de ter sido pego, de ter sido barbaramente espancado por horas a fio. E não se achava corajoso por isso; se não delatara ninguém durante os interrogatórios, se não se rendera para deter o horror, não fora por coragem, mas porque se falasse certamente seria condenado à morte em seguida. À decapitação. Eles faziam isso, os alemães. E Gordo pensara que se morresse não veria mais Melinda e então jamais conheceria o amor. Mulher nenhuma dissera que o amava. Não

queria morrer sem conhecer o amor. Seria o mesmo que morrer sem ter vivido. E no porão aterrador da Kommandantur, conseguira ficar tão mudo que o haviam libertado.

Quando Pal e Stanislas voltaram para dentro do prédio, Gordo se ajoelhou atrás do arbusto e suplicou a Deus para que nunca mais fosse espancado.

*

O medo foi dominando gradualmente os recrutas à medida que a data da partida se aproximava. Convocados a Portman Square, lá receberam instruções relativas às suas missões. Em breve seguiriam para as casas de trânsito nos arredores do aeródromo de Tempsford. E todos dedicaram-se a aproveitar plenamente os últimos dias. Laura e Pal saíam todas as noites: jantavam e depois iam ao teatro ou ao cinema. Voltavam tarde ao apartamento de Bloomsbury, geralmente a pé, apesar do frio de fevereiro, de mãos dadas. Key e Claude já dormiam; Gordo, na cozinha, praticava inglês. Em seu quarto, Laura e Pal tentavam continuar sendo amantes discretos. Nas primeiras horas do dia, Laura voltava para Chelsea.

A ameaça pairava: o retorno à França, à terra de seus pais. O risco de existir. Faron, nervoso, mostrava-se cada vez mais intragável. Durante uma de suas últimas noites juntos, que eles passaram no apartamento de Bloomsbury, zombou de todo mundo. Depois de uma altercação com Key ter sido evitada por um triz, o brutamontes foi para a cozinha a fim de escapar dos comentários que zuniam a seu respeito. Claude alcançou-o. Estranhamente, Claude era o único por quem Faron tinha respeito, quase medo. Talvez porque no fundo todos o consideravam um braço de Deus. E na cozinha, o carola repreendeu-o.

— Você não pode ser um débil mental a vida inteira, Faron!

O rapaz de cabelo seboso tentou evitar a conversa, vasculhando os armários. Encheu a boca com os biscoitos de Gordo.

— O que você quer, Faron? Que todo mundo o deteste?

— Todo mundo já me odeia.

— Porque você merece!

Faron engoliu lentamente, antes de responder, entristecido: — Você acha isso mesmo?

— Não... Aliás, não faço ideia! Quando o ouço falar com as pessoas...

— Porra, era brincadeira! Temos que relaxar um pouco, estamos aqui para isso. Daqui a pouco iremos para a França, não se esqueça.

— É preciso ser um homem bom, Faron, é isso que não devemos esquecer...

Houve um longo silêncio. O semblante de Faron ficou sisudo, sério, e quando

ele falou sua voz saiu distante: — É difícil, Claude. Somos soldados, e soldados não têm futuro...

— Somos combatentes. Combatentes se preocupam com o futuro dos outros.

O olhar de Claude se apaziguou. Sentaram-se à mesa da cozinha e Claude fechou a porta.

— O que devo fazer? — perguntou Faron ao religioso.

Faron estava com o olhar fixo em Claude, tentando perscrutar sua alma. Um dia, ele lhe mostraria, mostraria a todo mundo que não era nada do que pensavam, não era um crápula. E Claude compreendeu que o colega pedia absolvição.

— Vá e faça o bem. Seja um Homem.

Faron aquiesceu, e Claude vasculhou o bolso, pegando uma pequena cruz.

— Você já me deu o seu terço em Beaulieu...

— Fique com isso também. Use-a no pescoço, carregue-a sobre o coração. Não estou vendo o seu terço.

Faron pegou o crucifixo e, quando Claude desviou o olhar, beijou-o com devoção.

Alguns dias mais tarde, o escritório de segurança da SOE aprovou o retorno de Gordo à França, e o agente recebeu sua ordem de missão. Chateado por ter que se separar dos amigos, fez a mala sem incluir a camisa francesa, sua preferida. Arrependia-se de não ter ido atrás de Melinda. Após os beijos e abraços de praxe, ele trocou Londres por uma casa de trânsito. No carro, a caminho de Tempsford, deprimido, ruminava que, se os alemães o capturassem, ele diria que era sobrinho do general De Gaulle para ter certeza absoluta de que o matariam. De que vale viver se ninguém o ama?

Os outros também receberam suas ordens de partida. Despediram-se sem cerimônia para tornar seu reencontro mais verossímil. “Até mais”, diziam, zombando do destino. E, pouco depois de Gordo, todos deixaram Londres: Claude, Aimé, Key, Pal, Laura e Faron, nessa ordem. No início de março de 1943, o comando geral promulgara suas instruções e objetivos para o ano que começava, e todos já haviam desaparecido, transportados no bojo dos aviões bombardeiros Whitley.

Aimé deixara as chaves de sua mansarda em Mayfair com Stanislas.

Gordo, Claude, Key e Pal haviam deixado uma chave do apartamento de Bloomsbury debaixo do capacho. De toda forma, não podiam levá-la consigo por ser uma chave de fabricação inglesa, o que seria capaz de traí-los. Os agentes não podiam levar nada que fosse de fabricação inglesa: roupa, joia ou quaisquer outros acessórios. A chave ficaria então dissimulada na moldura de ferro fundido que decorava o capacho, esperando o retorno de um dos locatários. E, em sua

ausência, o aluguel seria depositado para o locador diretamente pelo banco.

Pal fora logo depois de Key. Passara sua última noite londrina nos braços de Laura. Não tinham dormido. Ela chorara.

— Não se preocupe — murmurara para consolá-la. — Em breve estaremos juntos de novo. Muito em breve.

— Amo você, Pal.

— Também amo você.

— Prometa que vai me amar para sempre.

— Prometo.

— Prometa melhor! Prometa mais alto! Prometa do fundo da alma!

— Vou amá-la. Todos os dias. Todas as noites. De manhã e de noite, ao raiar do dia e ao crepúsculo. Vou amá-la. Por toda a vida. Sempre. Nos dias de guerra e nos dias de paz. Vou amá-la.

E enquanto ela o enchia de beijos, Pal suplicara ao destino que protegesse aquela a quem ele amava. Maldita guerra e malditos homens; que o destino lhe arrancasse até a última gota de sangue, contanto que a poupasse. Ele se oferecia ao destino por Laura assim como se oferecera ao Senhor por Gordo. Alguns dias mais tarde, um bombardeiro lançava-o de paraquedas sobre a França.

Passaram-se várias semanas. No fim de março, Denis, o canadense, de quem não se tinha nenhuma notícia, voltou a Londres, são e salvo.

*

Os meses foram se passando. Veio a primavera, depois o verão. Isolado, numa solidão atroz, Stanislas caminhava com frequência pelos parques de Londres, que estavam verdejantes: as flores violetas das grandes aleias lhe faziam companhia. Em seu escritório na Portman Square, acompanhava o avanço dos companheiros. Num mapa da França, espetava alfinetes coloridos para representar suas posições. Rezava diariamente.

Era um belo verão. Estavam em agosto. Fazia calor. As ruas de Paris, banhadas pelo sol, transbordavam de transeuntes bem-humorados em suas roupas leves. Nos bulevares, as árvores com suas folhas flamejantes exalavam diferentes aromas. Era um belo verão.

Imóvel em sua janela, em seu pequeno escritório no Lutetia, Kunszer estava irritado. Consigo mesmo. Com seus pares, com seus irmãos. “Irmãos alemães, o que será de vocês?”, ruminava. Tinha nas mãos o despacho de Berlim recebido pela manhã: a situação piorava a cada dia. A SOE tornara-se temível. Como isso era possível? No fim do ano passado, estava convencido de que o Reich venceria a guerra. Em poucos meses a situação se invertera: no início de fevereiro, houvera a Batalha de Stalingrado, depois a invasão da Sicília pelos Aliados. Talvez essas vitórias houvessem mobilizado os malditos ingleses. Pois, no momento, os soldados alemães na França estavam com medo; oficiais eram assassinados; comboios, atacados; trens haviam se tornado alvos recorrentes. Eles tinham subestimado os serviços secretos ingleses e os resistentes, de modo que foram obrigados a reforçar os procedimentos de segurança com respeito aos oficiais e escoltar todo e qualquer comboio. Como os agentes britânicos desembarcavam com tanta facilidade na França? A Abwehr, a despeito de seus agentes na Inglaterra, não conseguia descobrir o local de onde os membros da SOE saíam para seguir até a França; se desvendassem esse mistério, com certeza ganhariam o jogo! Tinha consciência disso e, então, nas mais altas esferas do exército, todos queriam saber; o próprio Hitler queria respostas. Mas não seria a Abwehr que as daria. O serviço de informação não dispunha mais de meios para isso, estava decadente, arruinado pela competição com a Gestapo.

Kunszer serviu-se uma xícara de café mas não tomou um gole sequer. A Gestapo. Detestava a Gestapo. Malditos sejam os nazistas. Malditos sejam Hitler, Himmler e sua polícia secreta, todos de tal forma cegos por seus satânicos expurgos étnicos que acabariam levando à derrota. Às vezes, quando encontrava oficiais da Gestapo, chamava-os de *Boches imundos* em francês, embolando as palavras para que ninguém o compreendesse. Era sua pequena revanche. Mas em breve a Gestapo superaria a Abwehr, ele sabia. Himmler odiava Canaris, o chefe da Abwehr, e não parava de difamá-lo para o Führer. Se Canaris caísse, a Abwehr cairia junto. Não, ele não gostava da Gestapo, não apreciava seus métodos nem seus oficiais, em geral pouco instruídos. Ele não gostava de

peessoas pouco instruídas. Esmagar os britânicos, conter a resistência armada que atacava os soldados da Wehrmacht: este era seu dever; mas não dava muita bola aos que atacavam a Gestapo. Aliás, essa organização raramente era um alvo, ao passo que os soldados, sim. Soldados corajosos, na maioria adolescentes, cheios de futuro, e que tiveram que desistir de seus sonhos para defender a pátria. Patriotas ferrenhos. Os melhores. E ele não podia tolerar que atacassem os filhos da Alemanha, ainda crianças, que nada tinham feito para merecer aquela sorte.

Kunszer tinha a confiança de Canaris. Alguns anos antes, Canaris fizera dos Estados Unidos uma de suas prioridades, montando uma importante rede de agentes e a enviando a Washington. Isso foi em 1937, e nesse ano não houve nenhum telegrama emitido de qualquer embaixada sem que ele tivesse conhecimento de seu conteúdo. Voltara à Alemanha em 1939, para a guerra, enquanto a rede americana malograva: desmantelada em 1940 pelo FBI, parcialmente remontada com agentes oriundos da Gestapo, ignorantes pouco treinados e incompetentes, fora destroçada de novo pelos agentes federais americanos. E, dessa vez, definitivamente. A Gestapo não servia mesmo para nada.

Com a ocupação de Paris, recebera responsabilidades. Fora designado para o Gruppe III da Abwehr-Paris, seção encarregada da contraespionagem; o Gruppe I cuidava da informação e o Gruppe II das sabotagens em país inimigo e da guerra psicológica. A instalação no Lutetia tinha sido feita em junho de 1940. Durante os dois anos seguintes, eles haviam conseguido conter a Resistência. Mas então a coisa mudara de figura.

Wilhelm Canaris comemorara seus cinquenta e seis anos no primeiro dia de janeiro; Kunszer lhe escrevera um bilhete pela ocasião. Gostava muito de Canaris, o “velho”, como o chamavam no Serviço, pois devia fazer uns dez anos que tinha o cabelo todo branco.

Como atingir a SOE? Ele não fazia ideia. Estava desanimado. Às vezes, perguntava-se se ganhariam a guerra. Fechou a porta de seu escritório e colocou um disco na vitrola. A música o reconfortava.

No campo, Faron corria. Estava feliz. Corria velozmente pela estradinha; iria até a cabana, na beira do bosque. Deixara uns binóculos lá. O dia chegava ao fim, mas ainda estava claro. Gostava daqueles fins de dia de verão, daquelas primeiras horas da noite ainda banhadas pelo sol e pelo calor. Gostava da vida que tinha.

Estava correndo pelo capinzal, escondido da estrada por frondosas árvores frutíferas. Usava seu terno de sempre, e, escondida no sobretudo, havia uma Sten de coronha retrátil. Ria.

Alcançou a beira do bosque que dominava a estrada principal e os campos e diminuiu o ritmo para não rasgar o terno nos galhos baixos. Em seguida, não precisou nem de um minuto para alcançar a cabana, atrás de uma fileira de carvalhos altos; era uma velha cabana de caça, com a madeira já desgastada. Dando uma espiada pela janela quebrada, certificou-se de que estava vazia e entrou. Os binóculos estavam sob uma tábua. Levou-os aos olhos e, pela janela sem vidro, em meio aos galhos espessos que o dissimulavam dos homens, acompanhou o risco cinza da estrada, ao longe, e, satisfeito, deteve o olhar na espiral de fumaça que subia da confusão de carros.

No cume do morro, escondidos na relva, acima da estradinha, ficaram esperando, nervosos. Era uma longa linha reta. Tendo sido alertados já havia quase um minuto pela buzina de um batedor posicionado à frente, tinham visto o comboio despontar ao longe. Apesar da tensão que os deixava com um nó no estômago, Faron sorria: sua informação revelara-se exata, a alta patente e seu comboio haviam de fato pegado aquela estrada para deixar a região. Ele deflagrara o ataque ao lançar uma granada.

Eram sete, e sete granadas haviam sido lançadas quase simultaneamente nos dois veículos: o carro do figurão e sua escolta. Que escolta ridícula, não percebera nada. Faron e seus seis homens se abrigaram durante a deflagração, em seguida abriram fogo contra as duas viaturas; a primeira ficara caída de lado, a segunda estava intacta, mas inutilizável. Tinham metralhado sem parar, e os carros, que não eram blindados, acabaram sendo perfurados. O dilúvio das Sten durara pelo menos trinta segundos. Uma eternidade.

Atrás das árvores, Faron rejubilava-se. Ah, tinha sido uma bela emboscada. Estava orgulhoso de seu destacamento, os seis melhores homens da rede que ele treinava. Poucos meses atrás, não sabiam fazer nada e naquele dia haviam lutado

feito leões. Estava orgulhoso deles e de si próprio. Todos tinham agido como ele ensinara: as posições, a determinação, a comunicação. Ao som da buzina, haviam engatilhado as Sten, destravado as granadas, cerrando o punho com força. Depois, quando ele lançara a sua, todos o imitaram. Foi uma explosão impressionante. E abriram fogo, sem dar qualquer chance aos inimigos. Ele, atirador de elite, ficou encarregado de abater os motoristas, para que não conseguissem fugir. Uma rajada bastara para o primeiro carro quase capotar com o impacto das granadas. Simultaneamente, quatro atiradores haviam metralhado as carrocerias, sem trégua, mirando nos homens, mas disparando em tudo, como ele ordenara. Era difícil ser preciso com as Sten, não era possível economizar munição. Para Faron, o ponto alto do espetáculo havia sido seu atirador reserva, que cumprira sua missão às mil maravilhas. O atirador reserva era uma de suas invenções de guerra: seu papel era não fazer nada, mas estar pronto para abrir fogo, atento aos companheiros; se uma das metralhadoras Sten travasse, ou um companheiro precisasse trocar os carregadores, o reserva o substituíria imediatamente, e assim o fogo nunca cessava. O inimigo não tinha nem tempo de respirar para contra-atacar. E quando a Sten travada voltava à ação, o atirador reserva preparava novamente sua arma para a intervenção seguinte. Faron estava encantado com o rendimento. Era uma técnica aprimorada, um método de sua autoria, método que, um dia, ele ensinaria em Lochailort. Imaginava-se efetivamente como um instrutor. Era um grande soldado.

Não enfrentaram nenhuma resistência. Todos os alemães haviam morrido, sentados no assento de couro. Aliás, havia um que ainda respirava, mas não demoraria a esvaír-se em sangue. Faron hesitara em voltar à colina para liquidar um eventual sobrevivente, e logo decidira não ir. Não valia a pena. Aproximar-se das viaturas significava arriscar-se a levar uma bala se um dos ocupantes, impelido pelo desespero, conseguisse sacar sua pistola Luger. Na realidade, Faron esperara que pelo menos uma das vítimas sobrevivesse ao ataque. Pois não era o número de mortos que importava; nesse caso, inclusive, isso era irrelevante: um punhado de militares, ainda que de alta patente, não representava nada num exército formado por um milhão de homens. Matar, aliás, não era a finalidade dessas operações. O objetivo era criar um contexto de terror geral, não para uma pequena quantidade de infelizes no comboio, mas para todos os soldados alemães em solo francês. Então, se houvesse um sobrevivente, era até melhor. Ele contaria sobre o susto, o horror, o pânico, a impotência, os gritos, a determinação dos agressores, os companheiros mortos que, um minuto antes, contavam piadas, aqui, bem no assento ao seu lado. E ouvindo o depoimento do remanescente, dado num leito de hospital que seria seu único horizonte pelos próximos meses, e talvez mais, todos ficariam impressionados com a mensagem

de Faron: a morte, o sofrimento, os ferimentos atrozes, era isso que esperava aqueles que haviam ousado violar a França. E não estariam seguros em lugar nenhum.

Faron então dera o toque de retirada, sem correr mais riscos. A operação havia sido um sucesso e seus homens se animariam com isso. Soldados confiantes eram soldados mais fortes. Haviam descido rapidamente o morro e saíram correndo.

— Encontro vocês naquele lugar! — gritara Faron para seus combatentes, que entravam na caminhonete, onde o batedor com a buzina já os esperava.

O rapaz continuara seu percurso até a cabana, a despeito das regras de segurança. Pois ele queria ver.

Estava sorrindo, sem largar o binóculo, deleitando-se com o metal calcinado e metralhado. Julgou inclusive ter escutado um grito de desespero, e riu de prazer.

— Virei um Homem, Claude. Veja só isso... — disse em voz alta.

Tinha um impressionante currículo de sabotagens em seu ativo. Já explodira diversos trens. Ah, quanta emoção! Claro que sentia medo. Mas era um medo prazeroso, um medo apaziguador, não um medo de verdade, de cagão. Ele havia matado. Mais do que imaginava. Matara homens em trens, carros, caminhões. Também assassinara oficiais alemães, após estudar seus hábitos. A SOE costumava exigir a formação de uma equipe para perpetrar um assassinato, mas ele operara sozinho. Estudava a rotina, pois esse era o ponto fraco. Um oficial de passagem por alguns dias numa cidade, como que para combater a solidão de sua vida de guerreiro nômade, cismava de ir comer no mesmo restaurante, no meio do dia e à noite, sempre nos mesmos horários. Aquela precisão era, a seu ver, a grande falha dos alemães. Então esperava por ele, pacientemente, numa esquina deserta, sabendo que o oficial, escravo de sua rotina, passaria dali a pouco à sua frente. E matava em silêncio. Em geral com uma faca; gostava de faca. Também estivera em Paris, apesar de não ter recebido uma ordem explícita para isso. Tinha sido iniciativa própria. Passara alguns dias em seu apartamento, somente para voltar mais uma vez aos arredores do Lutetia. Em breve seria o hotel. Não era impossível. Pensava nisso o tempo inteiro, dedicava cada instante à estruturação de um *modus operandi*. Antes do fim do ano, iria explodi-lo. E se tornaria o maior herói da guerra.

Em sua cabana, Faron era só alegria. A contragosto, foi embora: os alemães, avisados, em breve vasculhariam o bosque. Ele não queria ter que fugir, gostava de ficar olhando. Não gostava de fugir de ninguém. Que viessem, que viessem procurá-lo. Fazia tempo que já não sentia medo.

Bombardeios. Os aviões aliados, geralmente contando com a cobertura de agentes no solo, atacavam as posições inimigas.

Key, que saltara de paraquedas em fevereiro, havia se dirigido à Suíça. Fora vistoriar, na região de Zurique, as fábricas ao norte da cidade, suspeitas de participar do esforço de guerra alemão. Em meados de março, a RAF bombardeara as fábricas de armas de Oerlikon. Depois fora para Rennes e Rouen, onde um tal de Rear juntara-se a ele. Nos primeiros dias de abril, as fábricas da Renault de Boulogne-Billancourt recebiam visitas da Força Aérea dos Estados Unidos, pois lá montavam tanques para a Wehrmacht.

Claude também operara como agente de campo, devido aos ataques aéreos. No fim de março, fora enviado a Bordeaux e participara da preparação dos bombardeios.

*

Gordo, no Noroeste, operava como agente de ligação entre as cidades onde havia importantes guarnições da Wehrmacht aquarteladas. Seu temperamento simpático e brincalhão lhe proporcionava inúmeras amizades, sobretudo com os soldados alemães com quem esbarrava nos cafés. Conversava sobre a guerra como se fosse a maior das banalidades, dando de ombros e fazendo cara de sonso. Gostavam muito dele. Era dessas pessoas corajosas e leais com que todos gostam de conviver, sem temer que os ofusquem junto às mulheres. Gordo tinha sido encarregado da propaganda negra, a qual era difundida entre os círculos inimigos, sem que eles percebessem. Gordo dava-lhes conselhos em matéria de música — os alemães eram verdadeiros melômanos —, e recomendava algumas boas estações de rádio germanófonas que era possível sintonizar na região. A música era contagiante, os programas, de qualidade, e ele se censurava por não falar alemão suficientemente bem para desfrutar. Sim, não via a hora de toda a Europa passar a falar alemão; francês era uma língua muito feia. E Gordo fazia a promoção da *Radio-Atlantik* ou da *Soldatensender Calais*, rádios alemães para os soldados alemães, com programas seletos e divertidos, que transmitiam, além da música, informações em primeira mão, reproduzidas por outras estações alemãs. E nem o ouvinte mais desconfiado discernia as notícias mentirosas que eram misturadas com as verdadeiras. E nem de longe imaginava que seu novo programa preferido era transmitido de um estúdio em Londres.

*

Laura servia como rádio-operadora no Norte. Não gostava do Norte, uma região suja, triste, sombria. Na realidade, não gostava da França, preferia mil vezes a Grã-Bretanha, mais civilizada e harmoniosa. E ainda gostava dos ingleses, daquele caráter amoroso, entre irascível e boa-praça. Estava no Norte havia meses, confinada num pequeno apartamento, na maioria das vezes sozinha, intermediando sem descanso as comunicações entre Londres e duas redes locais. Seu único contato era com os chefes das redes e com três agentes da SOE. Cinco pessoas ao todo. Ficava entediada. Ao menos, quando entrava em contato com Londres, havia sempre outro agente com ela, próximo à janela, espreitando os automóveis suspeitos na rua, pois a Abwehr esquadrinhava as cidades com veículos dotados de um sistema de radiogoniometria, detectando os transmissores de rádio por triangulação. Rádio-operadores já haviam sido pegos em flagrante. Transmitir era uma tarefa difícil, que exigia tempo e também que a comunicação fosse suficientemente breve para não ser rastreada.

Muitas vezes, sozinha à noite, olhava pela janela, como vira Pal fazer. Com todas as luzes apagadas, para manter as cortinas abertas e deixar-se absorver pelos halos da noite, perdia a noção do tempo. Depois penteava seu cabelo louro comprido, usando uma bela escova de crina. Fechava os olhos. Queria tanto que ele estivesse junto dela e que aquela escova fosse sua mão... Amaldiçoava aquela solidão que a dominava todas as noites, quando ia se deitar. Para esquecer, pensava na América.

*

Pal voltara ao Sul da França. Já conhecia bem as redes da região. Os movimentos de Resistência haviam se unido: estavam bem-organizados. Conhecera diferentes agentes da SOE; trabalho era o que não faltava. Fizera os preparativos para receber os paraquedas com o equipamento. As entregas aconteciam em várias etapas, em geral em séries de doze, quinze ou dezoito contêineres, cada um com um estoque de equipamento padrão, acondicionado pelos postos de embalagem. Assim, uma primeira série de doze contêineres trazia quarenta submetralhadoras Bren, mil cartuchos e quarenta e oito carregadores vazios para cada uma, alguns fuzis e cento e cinquenta cartuchos para cada um, cinquenta metralhadoras Sten, trezentos cartuchos e oitenta carregadores vazios, pistolas com munições, granadas, explosivo, detonadores, fita adesiva aos montes e cerca de dez mil cartuchos Parabellum 9 mm e 303.

Os Aliados haviam aberto uma frente de batalha na Itália e avançavam depressa; quando chegassem à região, todo apoio seria útil, e uma das principais

tarefas de Pal consistira em formar os combatentes no manejo das armas. Explicara determinadas técnicas de combate e ensinara como usar explosivos simples, embora ele próprio não se sentisse completamente à vontade nesse assunto. Temia as próprias aulas e toda vez jurava que seria a última. Mas cumpria estar em condições de atacar o máximo possível, assustar, isolar. Gostava de instruir, de ser o detentor da sabedoria: esperava que seus alunos o admirassem como ele admirara os instrutores das escolas da SOE.

Uma vez por mês, quando a situação permitia, ele desaparecia por uns dias. Dois dias. Nunca mais que isso. Se lhe fizessem perguntas, mesmo que viesse de outro agente da SOE, ele estampava aquele semblante ao mesmo tempo misterioso e irritado, que assimilara da profissão e que acabava com qualquer conversa sem que soasse grosseiro ou constrangedor. Cada um tinha suas instruções. Sigilo era sigilo. As pessoas, aliás, falavam demais. Não os agentes britânicos, mas os resistentes. Ele advertira os responsáveis das redes: seus homens eram muito tagarelas, não raro involuntariamente. Uma indireta a um amigo próximo, uma confidência a um cônjuge e toda a rede poderia acabar sendo comprometida. Era necessário que as células de resistência fossem pequenas, que ninguém conhecesse ninguém, pelo menos entre os executantes. Era impreterível eliminar das fileiras os tagarelas, os incapazes e os mentirosos.

Então ele partia. De Marselha ou de Nice, pegava um trem até Lyon. Desde que retornara à França, em fevereiro, já estivera lá seis vezes. Encontrara Marie. Era arriscado, ia contra às normas de segurança, que ele não obstante enfatizava por qualquer motivo, mas tinha que fazer isso, pois Marie, um pouco apaixonada, continuava a lhe servir de mensageira até Paris. Assim Pal ia remetendo seu estoque de cartões-postais de Genebra para o pai. Dizia-lhe que estava tudo bem.

Os encontros com Marie eram marcados por telefone. Uma conversa banal, pois as palavras não tinham importância: se era ele quem telefonava, significava que viria no dia seguinte. Tinham três locais de encontro possíveis e, na conversa, Pal inseria uma das frases convencionadas, indicando-lhe qual. Quando se encontravam, andavam um pouco juntos e iam almoçar. Ele recorria ao seu charme, seus segredos, seu status. Depois, num beco, fingia abraçá-la e enfiava o precioso envelope em sua bolsa.

— Sempre no mesmo lugar — murmurava.

Ela aquiescia, apaixonada, subjugada, dócil. Não sabia o que aqueles envelopes continham, porém, tendo em vista o ritmo de entrega, só podia ser de alta importância. Deviam estar sucedendo fatos capitais, ela sabia. Aliás, destrinchando os jornais e constatando os bombardeios, ela se perguntava se Pal não era o artífice. Talvez fosse ele mesmo quem dava a ordem em suas

mensagens. Será que ela era o contato que desencadeava aqueles dilúvios de fogo? Ficava arrepiada de animação.

Ele seguia com suas mentiras. Fazia com que ela acreditasse no esforço de guerra, inserindo às vezes uma frase inacabada cheia de subentendidos. Ela se arrepiava, ele sabia. Claro, seu próprio comportamento o repugnava, mas pelo menos, se aquilo lhe fazia perder tempo, não lhe apresentava nenhum risco. Ela era uma francesa generosa, com os documentos em dia, e os cartões-postais continham textos banais. Não eram sequer datados. Caso a parassem e a revistassem, não haveria problema algum. Será que devia lhe dizer a verdade, então? Não, ela não entenderia. Não gostava de usá-la, não gostava de mentir para ela, mas convinha preservar o mistério para ter certeza de que Marie continuaria a fazer a entrega.

O pai contava seus cartões. Oito. Recebera oito ao todo. Oito cartões-postais de Genebra. Depois de fevereiro, recebera seis. Um por mês, num ritmo impecável. Os mais belos meses de sua vida. Chegavam sempre da mesma forma: num envelope, sem selo nem endereço, que um mensageiro anônimo deixava em sua caixa de correio. Mas quem? Paul-Émile? Não, se Paul-Émile viesse regularmente a Paris, o teria procurado. Seu filho certamente não deixara Genebra e devia ter uma razão para isso.

O pai estava felicíssimo, como não se sentia desde a partida de Pal. Todos aqueles cartões, era como se o seu Paul-Émile estivesse perto dele. Passou a comer mais, seu semblante melhorou, recuperara um pouco de peso. De vez em quando, acabava até cantarolando no apartamento. Do lado de fora, assobiava.

Os cartões eram magníficos. Bem escolhidos. Genebra era como ele sempre imaginara: uma bela cidade. Quanto ao texto, era sucinto e sempre mais ou menos igual. Nunca era assinado, mas ele reconhecia a letra.

*Querido papai,
Tudo vai bem.
Com pressa.
Um beijo.*

Todas as noites, após o jantar, ele os relia, um a um, na ordem cronológica. Depois, os empilhava, dando uma batidinha para alinhá-los direito, e os devolvia ao seu esconderijo: sob a capa de um grande livro que ficava no aparador da lareira. Em cima da capa cartonada, ele colocava o porta-retratos dourado com a foto mais recente do filho. Acomodava-o bem no meio do livro, como se fosse um peso de papel, para que os cartões nunca se deformassem. Fechando os olhos, imaginava Paul-Émile, um banqueiro ilustre, perambulando num terno caro pelos corredores de mármore de um grande banco. Era o mais belo dos banqueiros, o mais orgulhoso dos homens.

No calor de Nice, em meados de agosto, Pal encontrara Rear em seu hotel, após voltar de Lyon, onde estivera com Marie para lhe entregar mais um envelope. No quartinho, que lembrava muito o de Berna, Pal, divertindo-se, contemplava Rear, todo suado, brincando com uma minicâmera fotográfica, o mais novo produto das estações experimentais da SOE. Pal sorriu. Nada mudara.

Os dois homens haviam se conhecido por acaso durante uma operação que associava as duas redes e acabaram marcando um encontro em Nice para conversarem mais.

— Ouvi falar de você — disse Rear, sem interromper o que fazia. — As redes estão impressionadas com seu trabalho.

— Bom, a gente faz o que pode.

— Conheci um cara que morava com você... Um alto, ruivo.

O rosto de Pal se iluminou.

— Key? Ah, grande Key! Como ele está?

— Bem. É um bom agente também. Incrivelmente eficiente!

Pal concordou, satisfeito com aquelas boas notícias. O mais difícil era ficar sem informações dos amigos, e às vezes achava que Stanislas tinha razão. Eles não deveriam ter se afeiçoado. Tentava não pensar muito nisso. Pensar era ruim.

— Novidades de Adolf? — perguntou.

— Doff? Tudo certo. Está na Áustria agora, acho.

— Virou Boche?

— Mais ou menos.

Os dois riram.

— *Heil Hitler, mein Lieber!* — murmurou gaiatamente o rapaz, agitando o braço em discretas saudações nazistas.

Rear tentava colocar no lugar a minúscula objetiva que ele acabara desatarraxando de maneira estabanada. Mas não conseguiu, pois estava quebrada. Como consolo, pegou uma garrafinha de licor que pusera para refrescar na pia. Pegou o recipiente onde guardava a escova de dente, encheu um terço e o estendeu a Pal, antes de beber diretamente do gargalo.

— Está sabendo de hoje à noite?

— Hoje à noite? Não.

— É segredo de Estado...

— Segredo de Estado! — jurou Pal, fingindo costurar os lábios.

Rear deu de ombros, como se protegendo suas palavras. Sua voz, então, soou quase inaudível, e Pal teve que se aproximar para ouvir.

— Hoje à noite ocorreu a Operação Hydra. Os Boches estão furiosos. Aliás, certamente farão de tudo para a notícia não vazar.

— Operação Hydra?

— Arrasamos com tudo...

Rear sorriu.

— Conte!

— A *gente* conhecia a localização da base de desenvolvimento de mísseis do Exército alemão. Equipamento de ponta, capaz de levá-los à vitória.

— E?

— Durante a noite centenas de bombardeiros saíram do Sul da Inglaterra e destruíram a base. Centenas de aviões, dá para imaginar? Acho que foi o fim dos mísseis.

Pal se animou.

— Sensacional! Grande tacada!

Encarou Rear.

— E você estava sabendo disso?

O colega sorriu, matreiro.

— Talvez...

— Como?

— Doff. Ele tinha alguma coisa a ver com isso. Uma noite, de porre, me descreveu toda a operação. Quando Doff bebe, abre o bico. Acredite em mim, se os Boches o pegarem, só terão que enfiar uma bebida qualquer goela abaixo para ele entregar toda a Executiva...

Os dois agentes riram meio constrangidos. Aquilo era grave. Mas se tratava de Doff. Rear prosseguiu: — Esta manhã, tive a confirmação de que a operação foi um sucesso.

— Como?

— Não se preocupe com isso. Eu não devia ter lhe contado nem o nome da operação. Bico calado, hein?

— Já jurei.

Rear divertia-se com a influência que exercia naquele rapaz que não demoraria a se tornar um melhor agente do que ele mesmo jamais viria a ser. Podia tranquilamente lhe passar algumas informações confidenciais. Hydra já acontecera. Fizeram outro brinde, ao fim da guerra.

— Qual é a sequência da sua missão? — perguntou Rear.

Pal sorriu, pois sua missão já se encerrara.

— Fui chamado a Londres para receber novas instruções. Minhas bases aqui

estão armadas e treinadas. Uma licença não me fará nada mal...

— Setembro em Londres... A melhor estação — murmurou Rear, sonhador.

Os dois se parabenizaram. A guerra estava bem encaminhada. Estavam confiantes. Rear enxugou o suor que pingava da testa e eles saíram para jantar.

Kunszer desligou o telefone, com delicadeza. Em seguida, ergueu o aparelho e o jogou no chão, num acesso de raiva. Sentou-se em sua poltrona de couro e apoiou o rosto nas mãos: nenhuma notícia de Katia.

Bateram à porta e ele se levantou mecanicamente. Era Hund, seu vizinho de escritório. Hund, que significa “cão” em alemão, não era o nome dele, mas Kunszer batizara-o assim devido ao seu péssimo costume de fuçar as mesas dos outros, de nariz empinado, como se fosse um cão farejador atrás de um faisão. Hund tinha sido atraído pelo barulho e enfiou o focinho pelo vão da porta, notando o aparelho jazendo no chão.

— Peenemünde, não é? — disse Hund com tristeza.

— Peenemünde — aquiesceu Kunszer para que o amigo cão não duvidasse de nada.

Hund voltou a fechar a porta, e Kunszer praguejou, a meia voz:

— Peenemünde você! Boche imundo!

Agosto, mês do desgosto. Na noite anterior, a RAF desfechara um ataque terrível em Peenemünde, a base secreta na qual a Wehrmacht e a Luftwaffe desenvolviam os foguetes V1 e V2 que deviam cair sobre Londres e todos os portos do Sul da Inglaterra. Mas Peenemünde fora quase toda destruída e esse parecia ser o fim dos mísseis. Seiscentos bombardeiros haviam participado da operação, segundo a Luftwaffe. Seiscentos. Como diabo os britânicos souberam? Como puderam ser tão precisos? E simultaneamente, pior ainda que Peenemünde, a operação Zitadelle, lançada em Kursk contra o Exército Vermelho pelo Oberkommando der Wehrmacht, fora um fracasso. Os alemães estavam atolados lá e, se os soviéticos vencessem, a estrada para Berlim ficaria escancarada para eles. Meu Deus, o que fariam em Berlim? Incendiariam a cidade com fogo e sangue. No início do mês, já haviam sido obrigados a evacuar os civis de Berlim e do Vale do Ruhr, por causa dos bombardeios. A RAF e a Força Aérea dos Estados Unidos continuavam com seu balé diabólico. Visavam as famílias, as mulheres, as crianças, deliberadamente. O que seria das crianças, das pobrezinhas, se houvesse guerra?

Kunszer pegou um retrato no bolso e contemplou Katia. Os ingleses não eram Homens: cinco dias e cinco noites de bombardeios incessantes sobre Hamburgo. Toneladas de bombas lançadas, a cidade devastada. Um crime. Ah, se ele tivesse previsto isso, teria intimado Katia a ir embora. Como a Abwehr não se inteirara

dessa operação? Tinham agentes infiltrados na alta hierarquia de Londres. Se soubesse, teria avisado sua amada, sua Katia querida. Por que ela não fora para longe? Para a América do Sul. Ela teria se adaptado bem ao Brasil. Agora ele não tinha mais notícias suas.

Contemplou novamente a fotografia e a beijou. Ficou um pouco envergonhado, mas aquela era a única coisa que lhe restava. Era beijar o papelão ou não beijar mais, nunca mais. Então beijou outra vez.

Bombardear Peenemünde era um ato de guerra, mas arrasar Hamburgo... Tudo que Kunszer sabia era que os Aliados haviam batizado o ataque a Hamburgo de Operação Gomorra. Gomorra. Levantou-se, pegou um vaso vazio sobre uma mesa e o virou: dele caiu uma chave. Foi abrir os batentes superiores de seu grande armário, muito bem-trancado. Dentro, havia livros. Alguns eram proibidos. Não entendia como era possível queimar livros. Uma coisa eram os combatentes inimigos, que era lícito destruir por todos os meios, outra coisa era o que não devíamos nunca tocar: crianças e livros. Examinando os exemplares, pegou sua velha Bíblia. Folheou-a e parou subitamente. Pronto, achara. Trancou a porta do escritório e puxou as cortinas. De costas para a luz atenuada pelo feltro, recitou:

Então, o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra. E derribou aquelas cidades, e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra. E a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal.

E Abraão levantou-se aquela mesma manhã de madrugada e foi para aquele lugar onde estivera diante da face do Senhor. E olhou para Sodoma e Gomorra e para toda a terra da campina; e viu, e eis que a fumaça da terra subia, como a fumaça duma fornalha.

Ela examinou o envelope que Pal acabara de lhe entregar. Em seu quarto, em Lyon, na casa dos pais, segurava o envelope nas mãos sem tirar os olhos dele, sem saber direito o que fazer.

Haviam se encontrado na véspera. Como das outras vezes, ela caprichara no visual, na esperança de agradar ao jovem agente. Como das outras vezes, ele a levava para almoçar. Gostava de ficar a sós com ele. Nesse dia, haviam almoçado na sombra de uma varanda e ela escolhera um vestido elegante de verão, passara maquiagem, colocara seus brincos favoritos, que só usava em ocasiões especiais. Durante o almoço, posicionara as mãos bem à frente na mesa, bem perto dele, para que as tocasse e segurasse. Mas Pal não fizera nada disso. Pior: afastara as mãos dele. Depois do café, foram dar uma pequena caminhada. E aconteceu o de sempre: ele a abraçara e, discretamente, colocara o envelope em sua bolsa, sussurrando: “No mesmo endereço.” Ela sorriu para ele com ternura e se aconchegou em seu corpo para que a beijasse de verdade, só que mais uma vez ele permanecera impassível. Por que não a beijava? Nesse dia, ficara furiosa. Sempre o mesmo circo, mas beijos, nunca! Aceitara a carta a contragosto, exigência do esforço de guerra. Mas jurara para si mesma que, da próxima vez, não faria aquilo de graça, nem pela bela França. Ele teria que acariciá-la um pouco ou lhe prometer alguma coisa. E ele nem precisaria pagar caro pelos riscos que ela corria! Em todo caso, ficara com a carta, dócil feito uma escrava, não se rebelara, e, quando ele fora embora, ela se detestara, achara-se feia, feia como um mensageiro. Pensara naquela afronta a noite inteira. Hesitara em abrir o envelope, não se atrevera: colocara-o diante da luz, mas não vira transparecer nada. E quanto mais pensava em Pal, mais raiva sentia. Estava apaixonada. Ele não tinha o direito de tratá-la daquele jeito, era um cafajeste.

Sentada na cama, Marie abriu o sorriso da vingança. Não entregaria aquela carta. Finalmente. Não entregaria mais nada. Pelo menos enquanto ele não a quisesse.

Nos primeiros dias de setembro, Pal já estava de volta a Londres. A viagem fora rápida, fizera apenas uma conexão na Espanha. Sempre no mesmo hotel. Uma tarde, vira o imenso vulto nervoso de Faron chegar. Agitado, como sempre. À toa, os dois passaram um tempo juntos. Pal não achava mais Faron tão grosseiro assim. Espantosamente, o brutamontes, chamado a Londres para apresentar seu relatório sobre a missão, não parecia satisfeito com aquela pausa: teria preferido emendar, dissera, ser mandado diretamente para Paris. Em vez disso, tivera que atravessar metade do país para ir se entocar na Espanha e voltar para os Rosbifes, o que foi uma perda de tempo, de dinheiro e de energia, pois àquela altura, já teria explodido alguns trens. Não suportava ter que obedecer às ordens de Londres feito um cachorrinho. Considerava-se superior aos outros agentes e queria mais reconhecimento. Aliás, criara novos métodos de combate, dos quais em breve sealaria nas escolas de formação, mas só os revelaria se o Estado-Maior parasse de fazê-lo ir e vir feito um ioiô. Ir e vir era bom para os Claudes e os Gordos, pouco seguros de si, enquanto ele evoluía em diferente proporção. Fazer relatórios para burocratas e mofar em Londres, onde ficava terrivelmente entediado, não tinha a mínima graça.

No coração da noite, o Hudson da RAF pousou em solo inglês. No instante em que as rodas tocaram o chão, Pal foi invadido por uma doce quietude. Voltava após sete meses, transcorridos em meio às mais diversas missões na França, sem interrupção. Estava exausto; o Sul, sempre o Sul. Só era enviado para o Sul, e quanto mais ia lá, mais tinha que voltar para reencontrar seus contatos, num círculo sem fim. Seu desejo era ser enviado uma vez para Paris. Só uma vez. Fazia exatamente dois anos que deixara Paris, dois anos que não via o pai. Achava que tudo estaria mudado. Em seu torso, mais largo, a cicatriz encolhera.

Num anexo do aeródromo, serviram a Pal e Faron uma refeição quente. Em seguida, um carro levou-os até Londres. Assim que se acomodaram no assento de couro, cochilaram. Faron sonhando com o Lutetia, e Pal, com Laura: torcia para que ela tivesse voltado também, pois não aguentava mais de saudades.

Quando Pal reabriu os olhos, o automóvel já atravessava a periferia de Londres. Faron continuava dormindo, o rosto esmagado no vidro. O motorista conduzia-os para a Portman Square, onde deveriam fazer um balanço de suas missões em solo francês. Já amanhecera completamente e aquela era uma manhã azul igual à daquele dia de janeiro, um ano e meio atrás, quando ele e os outros

recrutas desembarcaram na estação de Londres ao voltarem da escola de Lochailort. Foi subitamente invadido por essas lembranças.

— Pode me deixar em Bloomsbury — ordenou então ao motorista.

— Devo levá-los a Portman Square...

— Eu sei, mas preciso dar uma passada em Bloomsbury. Depois pego o metrô para Portman Square. O senhor não terá problemas, garanto.

O motorista hesitou por um instante. Não queria nem desobedecer às ordens, nem contrariar o jovem agente. E o que diria o brutamontes mal-encarado que dormia ao seu lado?

— Onde, em Bloomsbury? — perguntou.

— Ao lado do British Museum.

— Vou aguardar. Não demore.

Pal balançou a cabeça fugazmente, sem agradecer. É assim que Rear teria feito.

*

Diante da porta do apartamento de Bloomsbury, Pal ergueu o capacho, nervoso. A chave estava lá, dissimulada nas ranhuras da moldura metálica que servia de enfeite. Puxou o trinco e empurrou lentamente o batente da porta. Fechou os olhos por um instante e imaginou Gordo e Claude entretidos numa conversa, Laura à sua espera, ouvia barulho e alegria. Acendeu a luz do hall: tudo estava deserto. Os gerânios de Claude haviam secado e poeira se acumulara nos móveis. Fazia muito tempo que ninguém aparecia ali. Decepcionado e triste, percorreu sem pressa os cômodos, nostálgico. Na cozinha vazia, encontrou um pacote de biscoitos de Gordo, já pela metade. Comeu um. Em seguida, foi até os quartos, todos escuros e lugubramente desocupados. Reencontrou sua cama, deitou-se e cheirou os lençóis para se lembrar de Laura, de quem morria de saudade. Mas até os aromas haviam debandado. Melancólico, visitou o quarto de Gordo e encontrou o livro de inglês do colega na mesa de cabeceira. Abriu-o ao acaso e, sem sequer olhar a página, repetiu como se fosse uma prece: “*I love you.*” Pobre Gordo. Por onde andaria? Perdido em seus pensamentos, Pal pareceu então notar uma presença no apartamento. Seria o motorista?

— Tem alguém aí? — indagou. Nenhuma resposta. — Faron? — perguntou, tentando de novo.

Silêncio. Depois ouviu passos no assoalho e, na moldura da porta, viu Stanislas, com um sorriso.

— Agente Pal... Vejo que parece estar em forma.

— Stan!

Pal correu para o velho companheiro e o abraçou.

— Stan! Querido Stan! Parece que faz tanto tempo!

— E faz... Sete meses. Sete longos meses. contei cada dia. Cada dia de sofrimento que Deus me obrigou a viver na angústia de saber tudo de longe, eu contei.

— Ah, Stan, que prazer rever você!

— E o meu então! Você não devia ir direto para a Portman Square para um *briefing*?

— Devia. Mas resolvi passar aqui...

— Eu desconfiava... Encontrei seu motorista e Faron, que estava xingando. Disse para eles seguirem em frente. Depois lhe dou uma carona.

Pal sorriu.

— E como você está?

— Ah, se soubesse como detesto ficar em Londres enquanto vocês estão em ação! Eu rezei, Pal, rezei todos os dias.

— Continua nos escritórios?

— Continuo, mas fui promovido.

— Que tipo de promoção?

— Alta.

— Alta quanto?

Stanislas fez uma expressão maliciosa.

— Não faça perguntas às quais não posso responder.

Riram. Depois houve um silêncio.

— Stan, me diga se... — Pal não se atrevia a pedir notícias. Mas obrigou-se.
— Como estão os outros?

— Tudo bem.

— E Laura? Será que Laura... Pode me contar, Stan, será que Laura...?

— Acalme-se. Laura está bem. Está no Norte.

O rapaz suspirou de alívio. Agradeceu ao destino por essa sorte e sentou-se na cama de Gordo, com o coração acelerado.

— E dos outros? Temos notícias?

— Key, Claude e Gordo estão bem. Estão, inclusive, fazendo um bom trabalho.

Pal bateu palmas, aliviado, sonhador. Imaginava-os, naquele instante, no auge de sua arte. Ah, como gostava de seus colegas!

— E aquele velho malandro do Aimé? Deve estar em forma também, apostado.

Stanislas ficou sério. Colocou as mãos nos ombros do rapaz.

— Aimé morreu.

De início, Pal não reagiu. Em seguida, seus lábios e seu corpo inteiro começaram a tremer. Tinham perdido Aimé, um pai. Uma lágrima escorreu sobre sua bochecha, depois surgiu outra, e logo vieram os soluços.

Stanislas, sentado à beira da cama, pousou um braço no ombro do jovem companheiro.

— Chore, meu filho, chore. Vai ver como isso faz bem.

Aimé morrera após um combate com uma patrulha, quando se preparava para perpetrar uma sabotagem ferroviária. Na França, as operações da SOE atingiam o ápice.

*

Passaram-se alguns dias. Pal e Faron instalaram-se juntos em Bloomsbury, Faron ocupando o quarto de Key, ainda que Stanislas achasse que os colegas teriam feito mais negócio se contentando com os apartamentos de trânsito da SOE, para evitar os fantasmas dos colegas.

Os dois homens acabaram ficando entediados: sozinhos, não sabiam o que fazer. Londres sem o resto do grupo não era Londres. Pal ocupou a cabeça passeando ao acaso. Ia do apartamento a Portman Square e encontrava Stanislas para almoçar. Uma tarde, chegou a ir até Chelsea. Queria dar notícias de Laura a France Doyle.

Ao vê-lo, ela não conseguiu segurar as lágrimas.

— Ah, Pal, espero que não esteja trazendo más notícias.

Deu um abraço nele. Havia meses que ela se descabelava, mesmo recebendo regularmente aquelas cartas estúpidas do Exército, “não-se-preocupe-está-tudo-bem”. O rapaz a acalmou: — Laura está bem, vim tranquilizá-la, senhora.

Foram para uma saleta no primeiro andar para não ser incomodados. Tomaram chá, olharam-se nos olhos, mas falaram pouco. As palavras não eram suficientes. Ele foi embora no fim da tarde, recusando o convite para jantar: Richard não podia vê-lo, então Pal não devia demorar ali. Não pegaria bem para ele, para France e, além do mais, era rigorosamente proibido.

Após sua partida, France permaneceu na saleta, imóvel, e assim ficou por muito tempo. Pensava na filha, em Pal e, para se animar, imaginou o futuro. Os dois poderiam se casar, já estavam na idade. Ela organizaria tudo, tinha muitas ideias. A cerimônia seria realizada em Sussex, onde os pais de Richard tinham um solar, uma propriedade magnífica, que certamente colocariam à disposição do casal. Seriam consagrados na capela adjacente, pelo vigário, ou talvez pelo bispo. Pelo bispo, com certeza. Richard faria uma generosa contribuição.

Depois, os convidados, conduzidos aos jardins dos avós, ficariam deslumbrados com a festa e o fausto. Haveria imensas tendas brancas montadas no gramado impecável. Bufê de frios, comida quente, iguarias da terra e do mar, gastronomia francesa e *foie gras* em todas as suas variedades, fotógrafos, além de lembrancinhas para todos. Poderiam inclusive filmar tudo. Se o tempo colaborasse, montariam um palco próximo ao grande chafariz, em frente ao lago e aos cisnes, onde dançariam até o raiar do dia. Isso seria no verão. No próximo, quem sabe. Pal e Laura estariam magníficos.

Ela já sabia o caminho de cor. Chegava da estação de trem Gare de Lyon, com sua bicicleta, e dirigia-se ao Quartier Latin pelo boulevard Saint-Germain, margeando o rio Sena. Amava o Sena.

Reinavam os belos dias de outono, ela usava um vestido leve e, numa bolsa de pano, no bagageiro, levava o envelope que Pal lhe dera um mês antes. Tinha cedido e decidira entregá-lo, apesar de tudo. Não podia conservá-lo consigo só para se vingar de Pal, afinal, estavam em plena guerra, e a guerra talvez exigisse aquilo. Sabia perfeitamente que, no envelope, as palavras, sem dúvida banais, formavam códigos insuspeitos anunciando um bombardeio ou transmitindo uma informação em primeira mão. Não levar aquela carta seria uma traição; talvez significasse inclusive comprometer o curso das operações de resistência. Por isso, acabara cedendo. Mas da próxima vez que Pal viesse, ela o ameaçaria, exigiria tarefas mais importantes. Podia fazer muito mais do que aquele servicinho que ele lhe confiava. Tinha inúmeras qualidades, era discreta, confiável e portava inclusive uma arma. Enquanto pedalava, pelo boulevard Saint-Germain, passou a mão no alto da sua coxa direita, onde, encobertas pelo vestido, estavam presas a cartucheira e a pequena pistola que Faron lhe dera.

*

Kunszer passara parte da tarde contemplando o retrato de sua Katia, que colocara num porta-retratos para não deteriorar. Durante o dia inteiro abençoara sua querida Katia e amaldiçoara os ingleses. Fizera tudo o que estava ao seu alcance para se ocupar e no momento se sentia sufocado em seu escritório. Não suportava mais o Lutetia. Queria sair, andar um pouco. Caminhar lhe faria bem. Seguiu pelo boulevard Raspail e desceu até o cruzamento da Saint-Germain. Desfez o nó da gravata e desabotoou o colarinho. Seguiu pela Saint-Germain, aproveitando a sombra das árvores. Exagerara no agasalho, aquele mês de setembro estava ameno. Suava.

Achou uma varanda e se acomodou a uma mesa. Estava com sede. Pediu um refresco e ficou contemplando os passantes. Pensava em Katia. Sentia-se só.

*

Marie tinha acabado de deixar o envelope na caixa de correio. Cumprida a missão, pegou novamente sua bicicleta e voltou a cruzar o bulevar Saint-Germain, na direção da Torre Eiffel. O bulevar estava sempre apinhado de gente, de forma que era fácil misturar-se à multidão. Pal lhe dissera isso.

*

Da varanda, Kunszer observava a agitação do bulevar. Era uma boa distração. Uma bela moça passou por ele numa bicicleta. Devia ter uns vinte e cinco anos e se parecia com Katia. Ele sentiu o coração acelerar e bater mais forte. Sua vontade era correr atrás dela, amá-la, nem que fosse para esquecer sua Katia. Ele falava francês sem qualquer sotaque, então podia abordá-la. Ela nunca saberia que ele era alemão. Poderiam ir ao cinema juntos. Não perdera o gosto de viver. Levantou-se da cadeira, na intenção de se apresentar à jovem francesa.

Nesse exato momento uma brisa soprou no bulevar. Mal fez tremer as folhas dos plátanos. No entanto, combinando-se ao impulso da bicicleta, o vento ergueu por uma fração de segundo o vestido de Marie. E Kunszer, que não desgrudara os olhos da jovem, vislumbrou então o cano de uma arma.

Pal e Faron jantavam na casa de Stanislas, em Knightsbridge Road. Ao redor da mesa de carvalho, grande demais para os três, esgotaram todos os assuntos que tinham, para se esquecerem da guerra. E depois de abordarem os mais variados temas, da moda às previsões meteorológicas na Irlanda, não tiveram como não voltar para a realidade.

— O que há de novo na alta hierarquia? — ousou perguntar Faron.

Stanislas mastigou sem pressa o pedaço de peru que tinha na boca, enquanto seus dois convidados o encaravam. Pal e Faron tinham entendido que havia algum tempo que Stanislas ocupava importantíssimas funções na esfera do Estado-Maior, mas era só o que sabiam. Desconheciam que seu atual escritório ficava no quartel-general da SOE, no secretíssimo número 64 da Baker Street, núcleo que supervisionava o conjunto das operações das Seções, as quais, no momento, se estendiam da Europa ao Extremo Oriente.

— Guerra, só guerra — respondeu Stanislas, por fim.

Voltou a se concentrar em seu prato para não ter que sustentar o olhar dos dois jovens colegas.

— Precisamos saber — disse Faron. — Temos o direito de saber alguma coisa, porra! Por que nunca nos contam nada? Por que temos de nos contentar em executar as missões sem saber nada dos planos gerais? O que somos? Bucha de canhão?

— Não diga isso, Faron — protestou Stanislas.

— Mas é verdade! Ora bolas, você tem uma poltrona de couro, onde se senta confortavelmente com um copo de *scotch* na mão e risca ao acaso cidades nos mapas para enviar até lá rapazes para serem mortos!

— Cale a boca, Faron! — berrou Stanislas, erguendo-se de sua cadeira e apontando um dedo furioso em sua direção. — Você não sabe nada! Absolutamente nada! Não sabe como me dói ter consciência de que estão lá e eu aqui! Não sabe nada do meu sofrimento! Vocês são como filhos para mim!

— Então aja como pai! — explodiu Faron.

Houve um silêncio. Stanislas sentou-se de volta. Tremia de raiva, por causa dele, por causa daqueles rapazes aos quais se afeiçoara, por causa daquela maldita guerra. Sabia que em breve eles partiriam outra vez e não queria brigar. Queria guardar boas lembranças. Decidiu então lhes contar um pouquinho do que sabia. Nada comprometedor. Somente para que vissem nele o pai que queria

ser para os colegas.

— Houve uma reunião em Quebec — contou Stan.

— E?

— O resto não passa de rumores.

— Rumores?

— Boatos que correm por aí.

— Sei o que significa um rumor. Mas do que se tratava?

— Churchill teria conversado com Roosevelt. Teriam decidido reunir homens e armas na Inglaterra com a intenção de abrir uma nova frente de batalha na França.

— Então eles vão desembarcar — concluiu Faron. — Quando? Onde?

— Aí você já está querendo saber demais — retrucou Stanislas, sorrindo. — Talvez dentro de alguns meses. Talvez na primavera. Quem sabe...

Pal e Faron ficaram pensativos.

— Na próxima primavera — repetiu Faron. — Parece que finalmente resolveram dar um chute no traseiro dos alemães.

Pal olhava para o nada. Não o escutava mais. Dentro de alguns meses. Mas quantos? E como os alemães reagiriam à abertura de uma frente de batalha na França? Em que ritmo se daria o avanço dos Exércitos aliados? Os russos tinham vencido a batalha de Kursk e iam marchar sobre Berlim. Esperava-se uma batalha terrível. E o que aconteceria quando os Aliados chegassem a Paris? Cercariam a cidade? Aos poucos, repassando os cenários possíveis, Pal tremeu na base: no dia em que os Aliados fossem retomar a capital, os alemães fariam uma carnificina, não se renderiam; tampouco entregariam a capital de mão beijada. Considerariam melhor destruí-la do que perdê-la, melhor botá-la abaixo, a ferro e fogo. O que aconteceria com seu pai? O que seria dele se os alemães infligissem a Paris o que os Aliados haviam imposto a Hamburgo? Naquela noite, voltando a Bloomsbury, Pal decidiu levar o pai para longe de Paris.

*

Passaram-se dez dias. Nenhum dos outros companheiros do grupo voltou a Londres. Estavam em meados de setembro. Stanislas nem desconfiava de como suas histórias ocupavam os pensamentos dos dois colegas. Faron não desistira de seu plano, pois tombar o Lutetia seria uma operação importante para facilitar o avanço das tropas aliadas na França. Não haveria mais coordenação possível para o Serviço de Informação alemã. Cruz de Guerra garantida. Pal, por sua vez, temia pelo pai. Precisava resgatá-lo e colocá-lo em algum lugar seguro. Tinha

que agir para que não lhe acontecesse nada.

Os dois agentes queriam partir novamente o mais rápido possível para Paris, mas não pelas mesmas razões. Para grande satisfação de ambos, a Seção F não tardou a enviá-los em missão, pois a Europa estava fervendo. Faron foi encaminhado para Paris, para os bombardeios. Pal, novamente para o Sul. Estava se lixando para isso. Não iria para o Sul, e sim para Paris.

Passaram alguns dias na Portman Square para receber instruções e ordens. À noite, encontraram-se em Bloomsbury. Faron não deixava transparecer nada a despeito de seu retorno à França. Pal tentava se controlar. Na penúltima noite antes de ir para as casas de trânsito, Pal, sofrendo de insônia, levantou-se e ficou perambulando pelo apartamento. Encontrou Faron, à mesa da cozinha, muito concentrado, lendo o livro de inglês de Gordo e comendo seus biscoitos, que estavam sequíssimos.

— Não fui um cara muito legal, fui? — perguntou Faron, logo de cara.

Pal foi pego de surpresa.

— Esqueça. Todos temos nossos momentos de fraqueza.

Faron parecia preocupado, mergulhado em profundas reflexões.

— Então eles vão desembarcar, hein? — disse Pal.

— Não podemos falar sobre esse desembarque.

Pal o ignorou. O colega parecia perturbado.

— Está com medo? — interrogou o rapaz.

— Não faço ideia.

— Quando saí da França para me juntar à SOE, escrevi um poema...

Como Faron não reagia, Pal desapareceu no quarto por um instante e voltou com um pedaço de papel. Estendeu-o a Faron, que resmungou. Ele não precisava de poesia nem de ninguém, mas aceitou mesmo assim.

Houve um longo silêncio.

— Vou passar por Paris — revelou Pal, sabendo que Faron estaria lá.

O amigo ergueu a cabeça, subitamente interessado.

— Paris? É lá a sua missão?

— Mais ou menos. Digamos que preciso dar um pulo lá.

— Ora, e por quê?

— É segredo, cara, segredo.

Pal revelou voluntariamente parte de suas intenções a Faron porque, caso tivesse problemas em Paris, com certeza precisaria dele. E Faron considerou que Pal se encaixaria bem em seu atentado contra o Lutetia. Ele era um agente excelente. E, assim, também revelou seu esconderijo.

— Procure por mim em Paris quando chegar. Tenho um apartamento. Quando você vai?

Pal deu de ombros.

— Assim que eu puser os pés na França, acho.

Faron lhe deu o endereço.

— Ninguém conhece esse lugar. Nem Stanislas, se é que me entende.

— Por quê?

— Cada um tem seus segredos, camarada. Não foi você quem disse isso?

Os dois homens sorriram um para o outro. Era a primeira vez desde que chegaram a Londres que sorriam daquele jeito. Talvez a primeira vez desde que se conheceram.

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Pal dormia, Faron se levantou e se trancou no banheiro. Leu o poema de Pal. E teve que apagar a luz, porque soluçava.

*

O dia seguinte foi o último deles em Londres. Tinham passado duas semanas na Inglaterra. Pal comunicou sua partida a France Doyle, depois passou a tarde com Stanislas.

— Boa sorte — disselhe sobriamente o amigo, quando se despediram.

— Mande meus cumprimentos aos outros quando encontrá-los.

O velho piloto lhe prometeu isso.

— Principalmente a Laura... — acrescentou Pal.

— Principalmente a Laura — repetiu Stanislas, com doçura.

Pal lamentava tanto não ter encontrado Laura. Passara a maior parte de sua licença esperando-a em Bloomsbury, fielmente, cheio de esperança, sobressaltando-se a cada ruído. No momento, estava triste.

De volta ao apartamento, encontrou Faron, andando de um lado para outro, seminu. Instantes depois, o colega dirigiu-se a Pal, na sala.

— Preciso usar o banheiro...

— Às ordens. Está livre.

— Vou levar um tempo.

— O tempo que quiser.

— Obrigado.

E Faron trancou-se lá. Sentado na banheira cheia, com um espelhinho na mão, fez a barba com esmero e tomou um banho caprichado. Depois cortou o cabelo, lavou-o com cuidado e não passou brilhantina. Vestiu um terno branco e calçou sapatos de pano, da mesma cor. Quando ficou pronto, pendurou no pescoço um cordão com o crucifixo de Claude, depois, diante do espelho, cerrou os punhos e

socou o peito, violenta e ritmicamente, recitando a marcha militar do derradeiro perdão. Penitenciava-se por ter pecado. Pedia perdão ao Senhor. Contemplando seu reflexo, recitou o poema de Pal, que havia decorado.

*Que se abra à minha frente um caminho para minhas lágrimas,
Pois agora sou artífice da minha alma.
Não temo os animais, nem os Homens,
Nem o inverno, nem o frio, nem os ventos.
No dia em que for para a floresta de sombras, ódios e medo,
Que perdoem minhas hesitações e meus erros,
Eu, que não passo de um singelo viajante,
Que não passo de poeira do vento, de cinzas do tempo.
Tenho medo.
Tenho medo.
Somos os últimos Homens, e nosso coração, furioso, não baterá por
muito mais tempo.*

Desde cedo Faron sentira-se tomado por um pressentimento. Era preciso que o Senhor o perdoasse pelo que fizera, que o ajudasse a conservar o orgulho até seu último suspiro. Pois, naquele exato instante, ele sabia que iria morrer em breve.

*

Pal viu Faron voltar à sala duas horas mais tarde, transformado, com a mala na mão.

— Até logo, Pal — despediu-se o amigo, num tom cerimonioso.

O rapaz olhou para ele, espantado.

— Aonde vai?

— Vou me realizar. Obrigado pelo seu poema.

— Não quer jantar?

— Não.

— Está levando a mala? Não volta mais para cá?

— Não. Nos vemos em Paris. Você tem o endereço.

Pal aquiesceu, sem entender. Faron apertou vigorosamente sua mão e foi embora. Tinha coisas para fazer, precisava ir. Tinha que comparecer ao encontro mais importante do mundo.

*

Percorreu alguns cemitérios, pedindo perdão aos mortos, depois vagou pela cidade e distribuiu dinheiro aos mendigos, a quem jamais tinha ajudado. Por fim, foi de táxi até o Soho, para um bordel. Em janeiro, ao voltar a Londres e reencontrar o grupo, após ter sido dispensado por Marie e ridicularizado por Laura, não tivera outra opção que não fosse o prostíbulo. Nos quartos dos bordéis, batera em algumas mulheres, sem razão, ou porque estava com raiva do mundo. E Faron pediu perdão às putas com quem esbarrou por acaso. Perdera sua postura de combatente orgulhoso; estava curvado, arrependido, com o olhar baixo, a cabeça inclinada. Penitente, cantarolava, beijando o crucifixo que pendia em seu pescoço: “Que perdoem minhas hesitações e meus erros. Eu, que não passo de um singelo viajante. Que não passo de poeira do vento, de poeira do tempo. Perdoe-me, Senhor... Perdoe-me, Senhor...”

Num beco, cruzou com uma garota que ele esbofeteara. E ela o reconheceu, apesar de ele mais parecer um fantasma.

— Me leve com você! — gritou Faron, meio louco, com aquele seu inglês macarrônico.

Ela se recusou. Estava com medo.

— Leve-me com você, não farei nada.

Ele se ajoelhou e lhe estendeu algumas notas de dinheiro, suplicante.

— Leve-me com você e me salve.

Era uma quantia alta. Ela aceitou. Ao segui-la até o interior do prédio sórdido diante do qual ela estava, ele falou sozinho, em francês: — Você me perdoa? Me perdoa? Se não me perdoar, quem fará isso? Se não me perdoar, o Senhor não me perdoará. E isso é preciso para que eu morra em paz!

A garota não estava entendendo nada. Entraram no quarto, no segundo andar. Um quatinho sujo.

Faron pediu-lhe novamente perdão pelos socos. Sim, se ela encontrasse forças para perdoá-lo, ele poderia ir para a França em paz. Ele precisava estar em paz, pelo menos pelo tempo que levaria para explodir o Lutetia. Depois o Todo-Poderoso poderia fazer dele o que bem Lhe aprouvesse para que pagasse por sua vida miserável. Que o Senhor o transformasse num judeu, castigo supremo. Sim, quando a Gestapo o pegasse, ele juraria que era judeu.

Ficaram de pé. Ela, amedrontada, e Faron, grunhindo feito um louco.

— Vamos dançar! — exclamou ele subitamente.

Notou que havia um toca-discos. A garota usava um vestido preto e feio, confeccionado num pano grosseiro, que oprimia seu corpo nada gracioso. Achou-a bonita. Colocou a agulha no sulco do disco, e a música invadiu o quarto. Ela permaneceu imóvel; foi ele quem se aproximou. Pegou-a com delicadeza nos braços, depois uniram as mãos e dançaram, lentamente, de olhos

fechados. Dançaram e dançaram. Ele a abraçou com força. Quanto mais a estreitava nos braços, mais suplicava que o Senhor perdoasse seus pecados.

Nesse mesmo instante, no apartamento de Bloomsbury, enquanto Faron dançava pela última vez, Pal, sem camisa diante do espelho do banheiro, enfiava a ponta do canivete na cicatriz para reavivá-la. Fez uma careta de dor. Só parou quando uma gota de sangue brotou. Sangue púrpura, quase negro. Deixou escorrer um pouco e lambuzou de leve os dedos. Abençoou seu sangue porque era o sangue de seu pai. O pai, que ele considerara tão distante durante dois longos anos, estivera desde sempre ao seu lado; nunca deixara de fluir dentro dele. E, enquanto ele cravava novamente em si a marca dos filhos infames, amaldiçoou a guerra. Pouco importava a SOE, pouco importava sua missão: a partir daquele momento, sua única obsessão seria tirar o pai de Paris e deixá-lo em segurança.

Quinze dias para nada. Kunszer praguejava, mascando uma guimba apagada. Na rua, observava discretamente a portaria do prédio, na rue du Bac. Quinze dias vigiando aquele homem à toa. Quinze dias seguindo-o, incansavelmente, e sempre, ao meio-dia, o mesmo teatro: o homem saía do trabalho, pegava o metrô para voltar para casa, checava sua caixa de correio e saía novamente. Que diabo ele podia estar esperando? Cartas da garota? Não devia saber que ela havia sido detida. A caixa de correio estava sempre vazia e o homem levava a vida mais tediosa possível; nada acontecia. Nunca. Kunszer deu um chute no ar, furioso. Não tinha pista alguma e até então só fizera perder tempo, esperando ali, de tocaia. Chegara a passar noites inteiras de olho naquela caixa de correio; se aquele homem fosse um importante agente da SOE, como afirmava a garota, deveria haver pelo menos um indício comprometedor. Mas não tinha nada. Será que devia prendê-lo e torturá-lo também? Não, isso não teria nenhuma utilidade. E não gostava de torturar. Nossa, como detestava aquilo! A garota já fora suficiente e, aliás, não falara muito. Corajosa. Ah, ele continuava dormindo mal por causa disso! Precisara lhe dar uma saraivada de socos para que ela abrisse o bico, e tivera a sensação de espancar sua Katia, devido à enorme semelhança entre as duas mulheres. Ela só falara sobre os envelopes. Aparentemente, sua função era entregar mensagens de um agente britânico, e somente naquela caixa de correio. Foi tudo o que conseguiu arrancar de útil dela. Não sabia mais nada sobre a presença de eventuais agentes em Paris. Os poucos nomes que ela fornecera eram invenções, ele sabia. Será que estava escondendo dele elementos importantes? Duvidava muito. Ela não passava de um café-pequeno, um peão. Os agentes do serviço secreto certificavam-se de que seus intermediários soubessem o mínimo possível. Que diabo a SOE preparava em Paris? Um grande atentado? A garota com certeza conhecia membros da Resistência, mas ele estava se lixando para isso: queria os ingleses, queria aqueles que haviam bombardeado Hamburgo. Os da Resistência, deixava-os para os gorilas da Gestapo, ou para Hund, do Gruppe III. A garota não falaria mais, ele sabia: era corajosa. Ou uma idiota. De toda forma, mantinha-a a salvo no Lutetia, para que ela se recuperasse um pouco, pois, quando tivesse acabado com aquilo, a entregaria à Gestapo, na rue des Saussaies. E a machucariam muito.

O homem saiu novamente do prédio, mais uma vez decepcionado, e Kunszer observou-o com atenção. Observar, ele só fazia isso. Não havia nada na caixa de

correio, Kunszer sabia disso, já a vasculhara antes da chegada do homem. Viu o pequeno vulto seguir para o bulevar Saint-Germain e se perguntou quem poderia ser aquele sujeito, decerto um funcionário público ridículo. Não tinha nada de agente britânico, nunca virava a cabeça, não verificava nada, jamais parecia preocupado. Já o seguia havia dias, às vezes até de forma indiscreta, e o homem nunca notara! Ou era o melhor dos espiões ou não tinha nada a esconder. Seus dias não podiam ser mais monótonos: saía todas as manhãs à mesma hora e pegava o metrô até o ministério. Depois, ao meio-dia, fazia o caminho de volta, verificava sua caixa de correio e retornava ao trabalho. Uma rotina aflitiva, e Kunszer não aguentava mais.

Por várias vezes, visitara novamente a garota em seu cativeiro.

— Quem é esse homem? — perguntava sempre.

Toda vez recebia a mesma resposta: — Um agente importante de Londres.

Ele não acreditava naquilo nem por um segundo. Não fora aquele sujeito que preparara a operação na base de Peenemünde. Por outro lado, estava convencido de que a garota não mentira: ela fora diversas vezes até aquela caixa de correio. Viera armada e tinha sido enviada pelo serviço secreto britânico. Mas não era por aquele homem, aquilo não fazia sentido. Quanto a saber quem lhe entregara as cartas, era esse o cerne do problema. Ela não respondera nada plausível. Durante o primeiro interrogatório, ele perdera a cabeça, pois ela se recusara a falar.

— Quem lhe deu aquelas cartas, porra? — gritara ele.

Que horror berrar daquela forma com sua querida Katia, como se o fizesse com um cão mal-adestrado que se recusasse a dar uma pirueta ridícula. Ela não lembrava mais... dissera que tinha sido um alto louro, depois um baixo moreno, que se chamava Samuel ou Roger, só o vira uma vez, pois ele deixava os cartões na caixa de luz do prédio. Kunszer a observava, perturbado: era corajosa, como sua Katia. Então ele repetira as perguntas, para lhe dar uma chance de evitar os socos. Mas ele tivera que bater. Tratara-a com deferência, olhara para ela com amor, sua Katia ressuscitada, acariciara-a secretamente; e depois desferira-lhe socos, tabefes, pauladas, como a um animal desobediente. Mas o animal era ele. Era nisso que o haviam transformado, aqueles malditos ingleses que tinham devastado Hamburgo e exterminado mulheres e crianças, era isso que tinham feito dele. Um animal. E a infeliz berrara que sequer lera os cartões. Acreditava nela. Se pelo menos os houvesse lido, poderia salvar sua vida.

Kunszer seguia o homem com o olhar até que ele virasse no bulevar e desaparecesse. Não iria atrás dele dessa vez, não queria mais percorrer inutilmente pela enésima vez o trajeto até o ministério dos medíocres. Deixou-o partir. A polícia francesa não tinha nada a respeito dele; era um desconhecido,

um sem história, um zero à esquerda. O agente da Abwehr esperou ainda por mais alguns minutos, imóvel, para ter certeza de que o homem efetivamente desaparecera, depois seguiu para o prédio. Deu mais uma espiada no interior da caixa de correio: vazia, é claro. Pensou então em ir visitar o apartamento do homem; não tinha feito isso ainda e era sua última pista. Mas não subiu de imediato: sentia que estava sendo observado. Ergueu os olhos para as janelas dos andares de cima, mas não viu nada. Virou-se discretamente e notou que a porta da sala da zeladora estava entreaberta e que, ali atrás, uma sombra o espreitava.

Dirigiu-se até a sala e a porta se fechou imediatamente. Ele bateu, e a zeladora abriu, parecendo uma sonsa. Tinha uma feiura rara, descuidada, suja, antipática.

— É a respeito de quê? — perguntou.

— Polícia francesa.

Achou-se estúpido por acrescentar o “francesa”. Os policiais franceses não se apresentavam daquele jeito, não tinha sido convincente. Não quisera identificar-se oficialmente, a polícia francesa era sempre mais frouxa. A mulher não se abalou. Ele falava sem qualquer sotaque e sem dúvida ela nunca fora interpelada.

— Estava me espionando? — interrogou ele.

— Não.

— O que fazia então?

— Vigio as passagens do prédio. Por causa dos ladrões. Mas logo vi que o senhor não era um.

— Isso é óbvio.

Aproveitou para lhe pedir informações sobre “o homem”.

— Você o conhece? — perguntou, declinando seu nome.

— Com certeza. Mora aqui há anos. Mais de vinte, aliás.

— E o que pode me dizer sobre ele?

— Algum problema?

— Limite-se a responder.

A zeladora suspirou e deu de ombros.

— É um homem direito, sem história. Mas o que a polícia quer com ele?

— Não é da sua conta — respondeu Kunszer, irritado. — Mora sozinho?

— Sozinho.

— Não tem família?

— Mulher falecida...

A zeladora falava como um telegrama, o que só deixava Kunszer ainda mais irritado. Ela era mole, respondia devagar, e ele tinha um tempo restrito.

— O que mais? — insistiu.

Ela suspirou.

— Ele tem um filho. Mas não aqui.

— *Não aqui*, como assim? Onde ele está?

Ela deu de ombros novamente, indiferente.

— Foi embora.

Aquilo era demais. Kunszer agarrou-a pela blusa e a sacudiu. Sentiu nojo ao tocar em suas roupas sujas.

— Quer ter problemas?

— Não, não — gemeu aquela mulher gorda e feia, assustada por ser molestada daquela forma, protegendo o rosto com as mãos. — O filho foi para Genebra.

— Genebra? — Soltou-a. — Desde quando?

— Mais ou menos dois anos.

— O que ele faz lá?

— Está no banco. Na Suíça só tem banco, o senhor deve saber.

— O nome dele?

— Paul-Émile.

Kunszer relaxou. Conseguira o que desejava. Devia ter colocado aquela zeladora gorda contra a parede quinze dias antes.

— O que mais?

— O pai recebeu cartões-postais de Genebra. Pelo menos quatro ou cinco. Leu para mim. O filho diz que está tudo bem.

— Como é esse filho?

— Um bom rapaz. Simpático, instruído. Normal, ora.

Kunszer olhou para a mulher com desprezo. Não arrancaria mais nada dali. Limpou as mãos no vestido dela para demonstrar o asco que sentia.

— Nunca conversamos. A senhora nunca me viu. Caso contrário, mando fuzilá-la.

— Os senhores têm o direito de fazer isso? Que história é essa?! Estão agindo igualzinho aos alemães.

Kunszer sorriu.

— Fazemos pior. Portanto, bico calado!

Cabisbaixa, a mulher aquiesceu, envergonhada, humilhada. E desapareceu em sua sala.

Kunszer, revigorado por aquelas novas informações, subiu discretamente até o apartamento, que ficava no primeiro andar. Tocou a campainha; nenhuma resposta. Simples medida de precaução. Hesitou entre arrebentar a fechadura ou ir pegar as chaves com a zeladora. Sabia que ela não contaria, era uma fraca. Usar as chaves era melhor, porque o homem não podia perceber que alguém entrara em seu apartamento. Contudo, antes de descer, sem saber por quê, Kunszer girou a maçaneta da porta, só por via das dúvidas. Para sua grande

surpresa, não estava trancada.

*

Pensando em sua própria segurança, revistara os cômodos com a mão na coronha da pistola Luger: vazios. Por que a porta estava aberta se não havia ninguém? Iniciou então uma busca metódica, cômodo a cômodo, à procura de qualquer indício que pudesse esclarecê-lo. Tinha tempo, o burocrata só voltaria no fim da tarde.

O apartamento estava empoeirado e reinava uma imensa tristeza no local. Na sala, haviam instalado um trezinho elétrico de criança. Kunszer vasculhou cada canto, minuciosamente. Abriu os livros, deu uma espiada na descarga do banheiro, atrás dos móveis. Nada. Mais uma vez, ficou desanimado. Aquela história não tinha pé nem cabeça. O que deveria fazer, então? Bater mais na garota? Mandá-la para o Cherche-Midi, em frente ao Lutetia, onde torturavam impiedosamente? Ou para a rue des Saussaies, para que massacrassem seu belo rosto nas salas de interrogatório do quinto andar? Sentiu ânsia de vômito.

Certificou-se de não ter deixado nenhum vestígio de sua passagem por ali, depois, no momento de ir embora, atravessando pela última vez a sala de estar, notou em cima da lareira um porta-retratos com moldura dourada. Como não reparara aquilo antes? A foto de um rapaz. O filho, com certeza. Aproximou-se, examinou a fotografia, tirou-a do lugar, depois ergueu o livro sobre o qual ela se apoiava. Quando abriu, nove cartões-postais caíram: paisagens de Genebra. Eram os tais cartões-postais. Leu-os diversas vezes: o texto era banal. Um código? Eram quase sempre as mesmas palavras; se esse fosse o caso, não devia ser uma mensagem importante. Kunszer observou que não tinham selo nem endereço. Como aqueles cartões haviam chegado? Será que aquelas eram as mensagens entregues pela garota? Era por aqueles míseros pedaços de papel que ela ia até lá, armada? Qual a relação daquilo tudo com os agentes ingleses?

Pôs no bolso um dos cartões, ao acaso. Não eram datados, então não era possível traçar nenhuma cronologia. Saiu e, no hall, acendeu um cigarro, satisfeito. E pensou que, em vez de se preocupar com o pai, talvez devesse se concentrar no filho.

No Norte, a missão de Laura estava chegando ao fim. Ela só esperava a ordem de Londres para voltar para casa. Tinha muita pressa. Reencontrar Pal, ela não pensava em outra coisa. Sua tarefa solitária como rádio-operadora a fizera sofrer, a solidão lhe deixara marcas, mais que a sombra das unidades de radiogoniometria da Abwehr e o medo da Gestapo. Queria voltar para Londres, rever Pal, abraçá-lo, ouvir sua voz. Estava cansada da guerra, queria parar. Sim, queria ir para longe com Pal, se casar e formar uma família. Havia prometido um a outro: se a guerra não terminasse, iriam para os Estados Unidos, e a guerra parecia não querer acabar nunca. Ela pensava noite e dia nessa possibilidade.

Quando faltavam poucos dias para o seu retorno, Baker Street transmitiu uma mensagem destinada a Hervé, o agente da SOE que comandava a missão. Após decifrá-la, ela não conteve o choro. Não voltaria mais: tinha que seguir para Paris, pois lá havia um agente precisando de um rádio-operador.

— O que está havendo? — perguntou Hervé, que estava à espreita na janela.

Soltou a cortina e se aproximou da mesa do telégrafo. Ela desligou o transmissor e passou a mão no rosto para enxugar as lágrimas. Hervé leu a mensagem que ela acabara de transcrever.

— Sinto muito — disse. — Sei como estava ansiosa para voltar.

— Estamos todos no mesmo barco — afirmou ela, engasgando-se. Não continha as lágrimas. — Desculpe.

— Por quê?

— Por chorar.

Com um gesto paternal, ele passou a mão em seu cabelo.

— Pode chorar, Laura.

— Estou muito cansada.

— Eu sei.

Hervé, que não era de se comover com facilidade, sentiu um aperto no fundo do coração: sentia pena da moça. Quantos anos será que tinha? Vinte e cinco, se tanto. Sempre aplicada, sempre de convívio agradável. Ele próprio tinha uma filha, mais ou menos daquela idade, que morava com sua mulher e o filho adolescente, nos arredores de Cambridge. Jamais teria admitido que sua filha fosse para a guerra, aquela guerra que minava a todos. Aliás, alguns dias antes, ficara contente com o fim da missão de Laura. Ela retornaria sã e salva. Mas então o que seria dela, viajando para Paris com um transmissor de rádio que

quase não cabia na mala? Uma simples inspeção na estação bastaria para desmascará-la.

Laura precisou de várias horas para recuperar a calma. Estava com medo. Nunca tinha sido enviada sozinha para uma missão. Como rádio-operadora, sempre contara com a companhia de um ou vários agentes. A ideia de atravessar sozinha parte da França a apavorava.

Passaram-se alguns dias. A rede forneceu a Laura novos documentos falsos, bem como uma credencial para ela sair da zona interdita do Norte. Na véspera de sua partida, ela arrumou seus pertences numa mala de couro e guardou o transmissor de rádio em outra. Hervé veio encontrá-la em seu quarto.

— Estou pronta — avisou ela, em posição de sentido.

Ele sorriu.

— Você só vai embora amanhã.

— Estou com medo.

— É normal. Tente aparentar o máximo de naturalidade e, assim, ninguém vai prestar atenção em você.

Ela balançou a cabeça.

— Tem uma arma?

— Tenho. Uma Colt na bolsa.

— Ótimo. Está com a pílula L?

— Também.

— É só por precaução...

— Eu sei.

Sentaram-se um ao lado do outro na cama de Laura.

— Vai dar tudo certo, e em breve nos encontraremos em Londres — disselhe Hervé, pousando a mão na sua.

— É, em Londres.

Com base na mensagem de Londres, Hervé repetiu as instruções para Laura. Ela viajaria para Paris com alguns resistentes, que a levariam de caminhonete até Rouen. Passaria a noite lá. Pegaria o primeiro trem do dia seguinte até Paris. Ou dali a dois ou três dias, caso as regras de segurança a obrigassem a isso. O importante era não embarcar no trem se pressentisse o mais ínfimo perigo ou notasse uma revista ou inspeção prévia. Fosse como fosse, devia chegar antes do meio-dia à capital. Independente de quando chegasse, deveria ser antes do meio-dia. Lá, deveria dirigir-se imediatamente à saída da estação Montparnasse do metrô, onde haveria um agente da SOE esperando-a, com ordens para cuidar dela. Deveria esperar que o agente se aproximasse; não lhe cabia tomar nenhuma atitude. Ele lhe diria: “Estou com seus dois livros, continua interessada neles?”, e ela responderia: “Não, obrigada, um é suficiente.” Em seguida, o agente a

apresentaria a seu contato, um tal de Gaillot, em Saint-Cloud. Em caso de problema em Paris, Gaillot estava incumbido de tirá-la de lá.

Hervé fez com que Laura repetisse as instruções e lhe entregou dois mil francos. No dia seguinte, ela partiu na caminhonete dos resistentes, com dois horticultores da região de Rouen. Seu coração estava em frangalhos.

Suando e chorando, ele revirava o apartamento todo pela terceira vez. Derrubava os móveis, levantava os tapetes, tirava os livros da estante, vasculhava as latas de lixo. Faltava um cartão-postal. Como isso era possível, afinal de contas? Recontava-os todas as noites, com carinho. Mas, cinco noites atrás, dera por falta de um. Tinha sido na quarta. Sua noite preferida. Primeiro procurara despreocupadamente, entre as páginas do livro. Nada. Em seguida, olhara no chão e na lareira. Nada também. Então, dominado pelo pânico, procurara em todo o apartamento. Em vão. No dia seguinte, aterrado, percorrera com calma o caminho até o trabalho e vasculhara o escritório, por via das dúvidas. Mas sabia que os cartões nunca haviam saído da rue du Bac. Nunca. Então revistara todo o apartamento, minuciosamente, em cada cantinho. Sem se esquecer de nada. Não dormira por causa disso e repetira a operação. E naquela quinta noite, após uma última e desesperada busca, tinha certeza de que o cartão não estava mais no apartamento. Onde estava, então?

Exausto, desabou na poltrona que fora deslocada para a entrada durante as buscas, e esfriou a cabeça. Queria entender. Subitamente, deu um tapa na própria testa: alguém estivera na sua casa! Ele tinha sido furtado! E não notara nada! O que mais lhe teriam roubado? Mas, no momento, o apartamento estava tão desorganizado que ele não conseguiria mais descobrir o que faltava ou não. Deixara a porta aberta durante dois anos. Fazia dois anos que Paul-Émile partira, dois anos que não girava a chave na fechadura. Dois anos já. Claro que um dia seria assaltado. Um pobre coitado, com certeza, atrás de comida: a cota de carne havia sido reduzida para cento e vinte gramas. O pai esperava que pelo menos aquele delito tivesse permitido ao bandido matar sua fome. Ele certamente levava a prataria também, pois poderia revendê-la por um bom preço. Mas por que roubar um cartão-postal? Cartão-postal não se come.

No dia seguinte, ao sair para o trabalho, o pai bateu à sala da zeladora. Ela abriu a porta, de mau humor. E, ao vê-lo, pareceu ficar perturbada, como se deparasse com um fantasma.

— Não tenho tempo para o senhor! — exclamou, em pânico.

— Fui roubado — disse ele com tristeza.

— Ah.

Ela parecia completamente indiferente à sua desventura. Quis fechar a porta, mas ele a impediu, com o pé.

— Isso significa que roubaram coisas minhas — explicou. — É um crime, está entendendo?

— Sinto muito pelo senhor.

— Sabe se outros apartamentos foram assaltados?

— Acho que não. Agora me desculpe, tenho mais o que fazer.

Ela empurrou o pé do velho, bateu a porta e a trancou, deixando o pobre homem desconcertado e furioso ao mesmo tempo. Ah, aquela feiosa... Achou-a ainda mais balofa. Decidiu nunca mais lhe dar gorjetas. Naquela tarde mesmo, iria registrar queixa na delegacia.

Era um sábado do início de outubro. Em frente à Notre-Dame, Faron encontrara Gaillot, o sujeito da resistência. Circularam entre os pedestres, parecendo indiferentes, aproveitando o sol do outono. Era um dia bonito.

— Que bom que voltou, já fazia tempo — disse Gaillot, para puxar assunto.

Faron balançou a cabeça. Gaillot achou-o um pouco diferente: parecia apaziguado, calmo, feliz. Era quase um estranho.

— E a guerra? — perguntou.

— Vai indo — respondeu o rapaz, evasivo.

Gaillot esboçou um sorriso, pois Faron nunca falava. Já se acostumara a isso e não se deixou abalar.

— Bom — disse ele —, em que lhe posso ser útil? Se entrou em contato comigo, não foi só pelo prazer de me ver, suponho.

— Não só por isso.

Faron olhou à sua volta, antes de prosseguir. Puxou Gaillot para longe.

— Quantos homens pode me fornecer? Bem-treinados. E também preciso de explosivo plástico. Bastante.

— É para uma grande operação?

Faron aquiesceu, com um ar sério. Ainda não sabia como agiria para fazer o Lutetia cair, o *modus operandi* dependeria dos recursos de que dispusesse. Gaillot seria sua principal fonte de abastecimento de explosivo. Era impensável pedir à SOE para lançar o material de paraquedas, e, além do mais, ninguém sabia nada sobre o Lutetia. Só informaria a Portman Square quando tudo estivesse encaminhado. E, assim, o Estado-Maior não poderia mais recuar.

— Tenho que verificar — respondeu Gaillot. — Farei o que puder. Precisa de quantas pessoas?

— Não sei exatamente.

— Está sozinho nessa? Quer dizer... do time dos Rosbifes.

Faron se virou depressa, subitamente nervoso. Era uma daquelas palavras que não deviam pronunciar em público. Evitou, contudo, repreender Gaillot, para não envergonhá-lo, considerando que estava na posição de requerente.

— Seremos dois ou três, provavelmente. Tenho um rádio-operador que deve chegar por esses dias e um outro cara, que também não vai demorar.

— Conte comigo — disse Gaillot, apertando a mão do colega.

— Obrigado, companheiro.

Os dois se afastaram.

Faron voltou para Les Halles. Depois pegou uma bifurcação, seguindo para os grandes bulevares, e caminhou durante uma hora e meia pela cidade, em todas as direções, para ter certeza de que não estava sendo seguido. Agia sempre assim após fazer um contato.

No momento, estava sozinho em Paris, pois saltara de paraquedas sem um rádio-operador. Não gostava de ficar daquela forma, sem conexão com Londres. Enquanto isso, sua instrução era recorrer a Gaillot em caso de problema, mas Gaillot, apesar de todas as suas qualidades, não era da SOE, e Faron esperava impacientemente que seu rádio-operador chegasse. Antes de Faron deixar Londres, haviam lhe avisado, na Portman Square, que Marc, seu operador em Paris, tinha sido mandado para uma rede do Leste. Faron lamentara ter sido separado de Marc, pois confiava nele, era um bom agente. Só Deus sabia quem Londres iria lhe enviar. Esperara o substituto, ao meio-dia, na estação Montparnasse. Mas ele não viera, pelo menos não vira ninguém que pudesse ser um rádio-operador. Pois a instrução era esperar o sujeito ao meio-dia, em frente à saída do metrô, e puxar conversa: “Estou com seus dois livros, continua interessado neles?” “Não, obrigado, um é suficiente.” E repetir o script todos os dias até que se encontrassem. Tinha horror a instruções que geravam uma rotina perigosa. Todos os dias, no mesmo lugar e na mesma hora, esperando, isso chamava atenção. Tomava sempre o cuidado de mudar sua aparência e de se misturar ao cenário; ora diante de uma banca de jornal, ora dentro de um café, ora sentado num banco, algumas vezes de óculos, outras de chapéu. Não gostava disso e, se não confiasse no seu operador, mandaria que fosse dormir na casa de Gaillot, a fim de não comprometer a segurança de seu apartamento. O atentado ao Lutetia vinha em primeiro lugar.

Faron voltou de metrô para o terceiro *arrondissement*, onde ficava sua residência. Desceu uma estação antes, de propósito, e foi andando. Bem em frente ao seu edifício, parou numa banca, comprou o jornal, olhou pela última vez à sua volta e entrou finalmente no prédio.

O apartamento ficava no terceiro andar. Ao chegar ao corredor do primeiro, sentiu uma presença às suas costas. Alguém o seguia, com passos furtivos. Como não percebera antes? Sem se virar, acelerou o ritmo nos últimos degraus e pegou o estilete na manga da camisa. No corredor, virou-se de supetão, mas parou. Era Pal.

— Cretino! — sibilou Faron.

O rapaz sorriu para ele, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Que bom revê-lo, seu velho maluco.

*

Dois dias antes, Pal tinha sido mais uma vez lançado de paraquedas no Sul, para juntar-se a um maqui. Fora recepcionado por um homem, de codinome Trintier, chefe do maqui, mas não ficara com ele. Alegando sentir que corria perigo, disse que sumiria do mapa por alguns dias e, então, seguira para Paris, sem avisar Londres. Isso estava em seus planos desde que embarcara no Whitley, em Tempsford. Depois arranjaria uma explicação para dar a Portman Square; diria que se sentira desmascarado e preferira fingir-se de morto. Como sua ausência seria coisa de poucos dias, Londres não se aborreceria por uma precaução benéfica tanto para o agente como para a SOE. Pal marcara outro encontro com Trintier e o maqui, sendo conduzido até Nice, onde embarcou no trem com destino a Paris. Paris. Depois de dois anos sonhando com isso. Na estação de Lyon, tremera de felicidade. Estava voltando para casa.

Como combinado com Faron em Londres, Pal tinha ido ao apartamento do amigo. Batera, mas ninguém aparecera para abrir a porta. Seu colega não estava. O rapaz ficara aguardando seu retorno no bulevar, depois o seguira ao vê-lo na banca de jornal.

*

Ainda não anoitecera completamente, mas eles jantaram. Comida de soldados, latas de conserva que, de tão atordoados que estavam, nem se deram o trabalho de servir num prato. Estavam na minúscula cozinha. O apartamento era exíguo: sala, quarto, banheiro e um corredorzinho no meio. O maior cômodo era a sala, bem-mobiliada. O quarto, com apenas dois colchões, dava para uma sacada. Era a saída de emergência: da sacada era possível alcançar uma janela do hall da escada do prédio vizinho.

Os dois homens, mastigando no que era quase uma penumbra, só falaram quando terminaram de comer.

— Então, o que está aprontando por aqui? — questionou Faron.

— Quanto menos soubermos, melhor agiremos. É por isso que prefiro nem lhe fazer essa pergunta.

Faron achou graça. Ofereceu uma maçã ao companheiro de guerra.

— Está sozinho aqui? — perguntou Pal.

— Estou.

— Sem rádio-operador?

— Por enquanto, sim. Eu tinha um, mas foi transferido. O nome dele é Marc, um bom rapaz. Londres mandou outro.

— Quando chega?

— Não faço ideia. Temos um encontro ao meio-dia em frente à estação Montparnasse. Sem uma data exata, então vou lá todos os dias até que ele chegue. Não gosto muito desse tipo de combinação.

— E como faz para reconhecer um sujeito que você nunca viu?

Faron deu de ombros e o rapaz ficou com uma expressão séria.

— Talvez ele tenha um S-Phone nas mãos.

Riram. No primeiro relance, Faron percebera o nervosismo de Pal, apesar de todo o seu esforço para disfarçar.

*

Nesse mesmo instante, na rue du Bac, o pai irradiava felicidade. Diante do armário, experimentava ternos e gravatas, animado. Tinha que estar impecável. No fim da tarde, de volta de suas compras do sábado, encontrara um recado do filho, atrás da porta. Paul-Émile estava em Paris. Havia marcado um encontro para o dia seguinte.

Na manhã seguinte, um domingo, o filho acordou antes de o dia clarear. Mal dormira, angustiado e animado ao mesmo tempo: ia encontrar o pai. Não parava de pensar nisso. No Whitley até a França, na caminhonete até Nice, no trem até Paris. Ia reencontrar o pai após dois longos anos de distância e de guerra.

Na véspera, tão logo chegara à estação Gare de Lyon, seguira diretamente até a rue du Bac. Seu coração explodira no peito. Tentara apenas caminhar, contendo a pressa. Cedendo às vezes ao impulso, começara a correr, antes de se dar conta: não podia chamar atenção. Andando, rira sozinho, inebriado de alegria e entusiasmo, esboçara alguns passos de dança, jogara no saco de um mendigo a esmola exagerada das pessoas que se consideram afortunadas. Murmurava: “Papai, papaizinho, voltei, estou aqui.” Nos últimos metros do bulevar Saint-Germain, acelerara o passo e, na rue du Bac, desembestara. Mas diante do portão do prédio voltara a ser um agente britânico: sério, inquieto, com os sentidos em alerta. Tomara as precauções de praxe, observando à sua volta. Ninguém o vira, então ele se apressara até o primeiro andar, parara em frente à porta, respirara fundo e girara a maçaneta, vitorioso. Mas a porta estava trancada. Ele ficara estupefato: seu pai trancara a chave! Por quê? Tinha lhe prometido que a porta ficaria aberta, sempre, dia e noite. O que havia acontecido? Pal deixara-se invadir pelo pânico. Será que seu pai não estava mais na França? Não, seu nome continuava presente ao lado da campainha. Então era pior, talvez estivesse morto! Sua respiração falhava, sua cabeça começara a rodar. O que devia fazer? Vacilara, tinha feito muito barulho e revelara sua presença aos vizinhos. Pelo postigo era possível vê-lo. Recompusera-se depressa; sem dúvida seu pai saíra, só isso. E, após dois anos, era normal que não deixasse mais a porta aberta. Será que deveria procurar a zeladora? Pedir-lhe a chave? Não, ninguém podia saber que ele estava ali. Precisava encontrar o pai, levá-lo imediatamente consigo, pegar o trem até Lyon, de onde chegariam em Genebra, longe dos alemães, que não demorariam a arrasar Paris. Isso mesmo, levaria o pai para Genebra por meio da rede que instalara em sua primeira missão. Lá, ele ficaria a salvo até a guerra terminar. Pal, que não queria ficar tempo demais em frente à porta, esperando, vulnerável, arrancara então uma página do bloco que tinha no bolso e escrevera um recado para o pai, no estilo que aprendera em Beaulieu, só que mais simples, para que o pai pudesse entender.

*Porta trancada? Nada embaixo do capacho? Amanhã, onze horas.
Como depois da álgebra, o velho carpinteiro.*

A mensagem era bem clara.

Porta trancada? Nada embaixo do capacho? Só os dois sabiam que a porta não deveria estar trancada e que tal decisão tinha sido tomada após hesitarem em deixar a chave embaixo do capacho. Mesmo se desconfiasse da letra, o pai teria certeza de que o bilhete era do filho, sem que fosse preciso assinar.

Pal não voltaria ao apartamento, era perigoso demais. Daí a mensagem codificada com relação ao local do encontro: *Como depois da álgebra, o velho carpinteiro*. No colégio, tivera muita dificuldade com matemática. Suas notas de álgebra eram horríveis, a ponto de seus pais o colocarem para ter aulas particulares na casa de um velhinho antipático, o professor aposentado Stéphane Charpentier, cujo sobrenome significava carpinteiro em francês. Ele detestava aquelas aulas, e tinha horror a Charpentier. Seu pai, seu querido pai, para incentivá-lo, aguardava-o na calçada do prédio, todas as semanas, até a aula acabar. Levava-o em seguida para tomar um chocolate quente numa padaria no fim da rue de l'Université. *Como depois da álgebra, o velho carpinteiro* significava que o encontro deveria ser na padaria; seu pai saberia. Depois de reler várias vezes, Pal beijara a mensagem e a enfiara debaixo da porta, rezando do fundo da alma para que o pai estivesse bem e a encontrasse. Voltara a passar despercebido, fora embora e, sem ter para onde ir até o dia seguinte às onze horas, decidira passar no apartamento de Faron.

Estava amanhecendo. Era o dia em que reencontraria o pai. Deitado no colchão jogado no chão do apartamento de Faron, Pal recapitulava seu recado. Seu pai saberia, estava convencido disso. Compreenderia imediatamente. E se outra pessoa o lesse, não entenderia nada, pois era demasiado sutil, era a inviolável linguagem secreta de um pai e seu filho, linguagem que nem os especialistas da Abwehr conseguiriam decodificar, pois, para compreendê-la, seria preciso ter estado lá, naquela padaria, tomando sem pressa aquele chocolate quente delicioso, olhando para seu pai, escutando-o falar e considerando-o o mais maravilhoso dos homens.

Pal permaneceu por mais um tempo acordado na cama. Tentava relaxar, não queria estar com uma aparência cansada ao reencontrar o pai. Para passar o tempo, pensou em como se apresentaria. Precisaria fazer a barba, passar perfume. Teria que ser o mais bonito dos filhos.

Esperou também que Faron, que dormia no colchão ao lado, se levantasse e se enfurnasse no banheiro. Esperava que o colega saísse depressa do apartamento,

para não ter que lhe dar satisfação, não naquela manhã, ele, que se preparava para se tornar clandestino entre os clandestinos, violando as regras de segurança da Executiva, indo encontrar o pai para protegê-lo do mundo. Mas Faron ficou no apartamento até nove horas. Tomaram café na cozinha. Faron estava de óculos e penteara o cabelo para o lado; aquele era um de seus disfarces.

— O que vai fazer hoje? — perguntou a Pal.

— Acho que devo sair um pouco da cidade. Provavelmente vou passar a noite fora. Ou mais tempo.

A resposta saiu confusa, mas Faron não fez mais perguntas.

— Ok. Preciso dar o fora, tenho que esperar esse maldito rádio-operador até meio-dia. Depois volto para cá. Você vai estar aqui ainda?

— Não sei.

— Nos vemos de novo?

— Não faço ideia.

— Nada de fazer besteira, hein?

— Nada de fazer besteira.

Faron mexeu no bolso e pegou uma chave.

— A chave do apartamento. Não sei o que está aprontando, mas acho que ficará contente de poder voltar para cá, se por acaso...

Pal colocou a chave no bolso.

— Obrigado, Faron. Fico devendo essa.

Faron vestiu o casaco e saiu.

— Lave a louça antes de ir — disse ao rapaz.

*

O pai quase não pregara o olho durante a noite, recriminando-se. Por que trancara a porta? Paul-Émile aparecera, e encontrara a porta fechada apesar de suas promessas. Mas ele fora obrigado a trancá-la depois que lhe roubaram os cartões-postais. Passara a fechar a chave. Encontrara o bilhete ao voltar das compras: era como um código, lera diversas vezes, mas compreendera de imediato: encontro amanhã, às onze horas, em frente à padaria, a da época do velho Charpentier. Mas por que o filho não esperara ele voltar? E por que uma mensagem em código? Será que estava com problemas? O pai, com os nervos à flor da pele, e para passar o tempo, guardara as compras na geladeira. Era um acaso magnífico que a despensa estivesse cheia para receber o filho e, então, ele decidira não comer mais até o dia seguinte para ter certeza de não comer nada que o filho pudesse querer. Tinha uma bela peça de carne, teriam um almoço

magnífico. Dedicara o fim do dia a arrumar e limpar o apartamento. No fundo, sentira certo alívio por o filho não ter entrado ali, tamanha era a bagunça reinante. Poderia julgá-lo negligente.

O pai esperou que o relógio da parede marcasse oito horas para se levantar. Não queria se afobar. Já eram nove horas. Duas horas. Dentro de duas horas, reencontraria o filho, após esperá-lo por dois anos.

*

Pal chegou adiantado. Sentou-se num banco em frente à padaria, numa calçada larga à beira do rio Sena. Ficou esperando, com as pernas recolhidas e as mãos nos joelhos. O filho esperava que seu pai viesse buscá-lo. Mas e se ele não aparecesse? O que seria dele se o pai não viesse? Nervoso, Pal acendeu um cigarro e o apagou imediatamente: não queria que o pai o visse fumando. Esperou mais, como um filho bem-comportado. Então, subitamente, avistou-o: seu coração começou a bater acelerado e forte. Era seu pai. Era seu pai.

Papai, papai querido!, queria gritar. Ele estava vindo em sua direção. Via-o caminhar, via-o avançar pela rua, reconhecia seu modo de andar.

Papai, papai querido. Havia jurado que se reencontrariam e de fato estavam se reencontrando. Pal notava que o pai estava elegantíssimo, vestira um terno para a ocasião. Sentiu os olhos marejados, o pai se arrumara para ir encontrar o filho.

Papai, papai querido. Como amava seu pai, sem nunca ter lhe dito isso.

Papai, papai querido. Fazia dois anos que não se viam. Dois anos de vida perdida. O filho já se tornara um homem, vencera difíceis provas. Mas a pior de todas fora o afastamento do pai. Achara que nunca mais o veria.

Papai, papai querido. Pensara nele todos os dias. Todos os dias e todas as noites. Às vezes não dormia. Na lama e no frio dos treinamentos, no terror das missões, não fizera outra coisa senão pensar nele.

*

O pai diminuiu o ritmo dos passos: era seu filho. Em pé, junto àquele banco. Era seu filho, digno, ativo, empertigado como um príncipe. Como suas feições haviam mudado... Quando saiu era uma criança, mas tornara-se um homem. Achou-o ainda mais bonito e forte. Foi tomado por uma emoção e uma alegria loucas, desmesuradas, inimagináveis. Reencontravam-se. Sentiu vontade de

chorar, mas conteve-se, porque pais não choram. Avançou um pouco mais, seu filho o vira. Quis acenar, mas não ousou. Então dirigiu-lhe um sorriso amoroso. Apalpou no bolso o saquinho de balas que comprara para ele. Não devia ter comprado balas, aquilo era coisa de criança, seu filho se tornara o mais formoso dos homens.

*

O filho também estava indo na direção do pai. Sonhara com aquele instante, mas não sabia se devia correr ou gritar.

*

Pararam um instante a poucos metros um do outro e analisaram-se, radiantes de felicidade, sem saber o que fazer com as mãos. Deram os últimos passos bem lentamente, para não estragar nada. Não falaram. As palavras, naquele instante, não faziam mais sentido. Em seguida, jogaram-se nos braços um do outro, cabeça com cabeça, olhos fechados. Beijaram-se, nunca mais se separariam. Pal redescobriu o perfume do pai. Apertou-o com mais força. Seu pai emagrecera, ele conseguia sentir seus ossos com os dedos. Permaneceram em silêncio para poder expressar todas as palavras que não ousavam pronunciar.

Só muito tempo depois, afrouxaram o abraço, para se contemplar.

— Trouxe balas para você — murmurou o pai.

*

Caminhavam ao longo das margens do rio, ao acaso. Tinham tanta coisa para contar... Numa pracinha deserta, sentaram-se num banco, um encostado no outro.

— Conte! Conte! — suplicava o pai. — O que fez durante esses dois anos?

— É complicado, pai.

— Recebi seus cartões! Que cartões! Mag-ní-fi-cos! Então, como está tudo em Genebra?

— Só estive lá uma vez, mas...

O pai, que mal escutava, interrompeu-o. Achava o filho magnífico naquele terno.

— Fale, tem uma namorada?

— Humm... Tenho.

— Magnífico! É importante ter uma namorada! E bonito como você é, as garotas devem disputá-lo a tapa. — O filho riu. — Qual é o nome dela?

— Laura.

— Laura... Laura... Magnífico! Ela também trabalha no banco?

— Não, papai.

Pal se perguntou por que seu pai se referira a um banco. Mas o pai não lhe dava trégua, enchendo-o de perguntas.

— E então, o que está fazendo em Paris?

— Vim visitá-lo.

O pai sorriu, que filho magnífico ele tinha!

— Ficou um grande vazio na casa depois que você se foi!

— Senti muito a sua falta, papai.

— E eu, então! Rio muito menos. Penso mais na guerra. Com você, era mais fácil.

— Eu também, papai. Penso mais na guerra. E meus cartões? Gostou deles?

O rosto do pai se iluminou ainda mais.

— Magníficos! Mag-ní-fi-cos! Genebra! Genebra! Que cidade! Fiquei tão contente por você ter ido se refugiar lá... E então, como está no banco?

Pal contemplou o pai, achando graça.

— Na verdade, não estou em Genebra. E não trabalho num banco. Mas isso não tem importância.

— Não trabalha num banco? E essa agora... Não trabalha num banco... Você não tinha me dito que trabalhava num banco? Ou talvez não... Já não sei mais.

O pai, atormentado, tentou relembrar os cartões-postais.

— Pai, vim buscar você.

O velho só escutou metade. Pensava em voz alta:

— Não trabalha num banco... Talvez isso tenha sido escrito no terceiro cartão... Não, no terceiro, não... Talvez no seguinte... Ou então simplesmente em nenhum.

O filho apertou sua mão para lhe chamar a atenção.

— Papai...

— Sim?

— E se fôssemos para Genebra...?

O pai se animou.

— Genebra? Viva! Férias em Genebra. Magnífico! Preciso pedir umas férias ao meu chefe. Por que não dezembro? Genebra é muito bonita em dezembro. O chafariz fica congelado com certeza, então deve formar uma suntuosa escultura de gelo. Quando a zeladora souber disso... Melhor ainda, tiraremos fotos! Ela

vai morrer de inveja! Ah, aquela víbora! Sabia que fomos roubados? — Esquecera-se completamente de explicar ao filho adorado que deixara a porta aberta, como prometera, mas que tinha sido assaltados duas semanas antes e com isso resolvera trancar a porta quando não estivesse em casa, pois os assaltantes estavam roubando até cartões-postais. — Pois bem, a zeladora disse que não tinha nada com isso! Então resolvi parar de lhe dar gorjetas! Ela é uma víbora.

Pal foi tomado por um ligeiro pânico. Seu pai não estava entendendo.

— Pai, eu queria ir logo. É urgente.

O pai interrompeu o que dizia e observou o filho, perplexo.

— Por que urgente?

— Esta tarde — disse Pal, sem responder à pergunta.

O pai não acreditou.

— Ir hoje? Mas você mal chegou... Acabamos de nos encontrar. O que está acontecendo, filho?

Pal odiava-se por ter abordado o assunto tão bruscamente. Mas não tinha escolha, já correria muitos riscos. Precisavam ir embora naquela tarde. Ao cair da noite, chegariam a Lyon. No dia seguinte, a Genebra. Ali onde estavam, juntos, podiam ser flagrados a qualquer instante. Ah, queria que já fosse outro dia, quando estaria passeando pelas margens do lago Léman com seu pai, livres. Pal olhou em volta, o lugar estava deserto. Estavam a sós. Permitiu-se então ser mais explícito.

— Pai, ficaremos seguros em Genebra.

— Seguros? Não estamos bem aqui? É a guerra, mas isso acontece o tempo inteiro. Se não for esta, será outra. A guerra faz parte da vida.

O pai, todo contente um segundo antes, parecia ter ficado estupefato.

— Precisamos ir, papai. Temos que deixar Paris. Agora. Amanhã estaremos em Genebra. Lá, ficaremos a salvo...

— Não, não. Ninguém vai embora sem se despedir das pessoas, que modos são esses?! Férias, tudo bem. Mas deixar Paris? Não, não. E nosso apartamento? E nossos móveis? E a zeladora? Já pensou nisso?

— Recomeçaremos a vida em Genebra, papai. Ficaremos bem. O importante é estarmos juntos.

— Conteí que fomos roubados, meu querido? E a zeladora, aquela jararaca, nem se importou. “Ah”, foi o que ela disse simplesmente ao ficar sabendo. Fiquei fulo da vida! Se acha que vai continuar recebendo gorjetas...

— Papai! — gritou Pal.

Como o pai virara a cabeça, o filho agarrou seu rosto para que ele olhasse, para que entendesse. Viu então que suas bochechas estavam cobertas de lágrimas.

— Papai, precisamos deixar Paris.

— Por que veio se é para ir embora? — perguntou ele.

— Mas é para irmos juntos! Para ficarmos juntos! Pouco importa aonde formos, contanto que estejamos juntos! Porque você é meu pai e eu sou seu filho!

— Paul-Émile, não precisava ter vindo...

Pal, exausto, nervoso, acuado, não sabia mais o que fazer.

— Não vamos brigar, meu filho, meu lindo filho... Venha, vamos para casa.

— Não posso. É perigoso. É muito perigoso. Temos que ir. Não está entendendo? Precisamos ir!

O filho estava desesperado: perguntava-se se o pai não enlouquecera um pouco depois que ele o abandonara. E, sem saber mais o que fazer para convencê-lo, revelou o segredo. Ele, que havia sido um dos melhores agentes, um dos mais discretos, fora alcançado pelos demônios da solidão. Filhos não abandonam os pais. Filhos que deixam os pais nunca mais serão Homens. E acabou falando, pois era, a seu ver, a única forma de seu pai entender o que estava em jogo.

— Pai, quando fui embora... há dois anos... lembra-se?

— Lembro...

— Pai, fui para Londres, e não para Genebra. Não trabalhei num banco. Sou agente do serviço secreto britânico. Não posso ficar aqui, não podemos nos encontrar aqui. A guerra está piorando e acontecimentos terríveis se aproximam... Não posso lhe contar... Mas tenho medo de que o pior aconteça se os Aliados avançarem até Paris... E isso vai acontecer... Combates horríveis, papai... Sem dúvida os alemães vão acabar com a cidade. Em breve, não haverá nada aqui além de ruínas.

O pai não escutava mais. Parara em *serviço secreto britânico*. Seu filho, seu belo filho, seu maravilhoso filho era agente do serviço britânico. Seu filho era um herói de guerra. Ficaram em um silêncio infindável. Talvez por uma hora. Então, foi o pai quem o rompeu. Resignado.

— Fique tranquilo, meu filho, vou com você.

Pal suspirou de alívio.

— Obrigado, papai.

— No início será difícil, mas estaremos juntos.

— Sim, papai.

— E, além disso, Genebra é uma bela cidade. Com aqueles grandes palácios e tudo o mais.

Outro silêncio.

— Mas vamos amanhã. Por favor, Paul-Émile, amanhã. Para que eu tenha

tempo de voltar ao apartamento, me despedir dos móveis, dos quartos, de fazer a mala. Amanhã é daqui a um instantinho. Amanhã vai chegar logo. Num piscar de olhos. Venha almoçar amanhã ao meio-dia. Venha visitar o apartamento pelo menos uma vez. Faremos um último almoço. Uma boa carne, como você gosta. E iremos embora em seguida.

Pal nem precisou pensar no caso. Podia muito bem esperar mais um dia. Ao meio-dia iria ao apartamento da rue du Bac. Podia muito bem dar uma passada lá, considerando que não retornariam depois. Pegariam o trem das quatorze horas para Lyon. Na terça-feira, seu pai estaria em Genebra.

— Almoço combinado — disse Pal, sorrindo. — Iremos amanhã.
Abraçaram-se.

*

Sentado diante do volante do carro, numa rua perpendicular à Champs-Élysées, Kunszer brincava com o cartão-postal. A análise não dera em nada. Os especialistas da Abwehr eram categóricos. Aquele era um simples cartão-postal, sem código, sem mensagem, sem tinta invisível. Duas semanas haviam se passado desde sua visita ao apartamento da rue du Bac, e ele não conseguira outras pistas. O homem registrara queixa por assalto quatro dias após o ocorrido. Quatro dias. Objetos roubados? Um cartão-postal, escrevera na declaração. Aquilo não fazia sentido... a menos que... Um pensamento passou por sua cabeça e subitamente tudo se esclareceu. Como não percebera antes? Apressou-se para desenhar num pedaço de papel um esquema que confirmava sua hipótese: uma garota da Resistência, armada, deixava, em nome do serviço secreto britânico, cartões-postais irrelevantes na casa de um velhote inofensivo. Esses cartões, disso não havia dúvida alguma, haviam sido escritos pelo filho. Portanto, o filho era um agente inglês. Isso era óbvio! Um agente inglês que cometera a imprudência de escrever ao pai, para lhe dar notícias! Precisava de qualquer jeito pôr as mãos naquele filho, mas onde ele poderia estar? Usara a garota como mensageira desde Lyon, então podia estar escondido em qualquer canto da França. Até o momento, ele só tinha duas certezas: o pai não estava sabendo de nada, e a garota lhe dissera tudo que sabia. Ele providenciara sua transferência para a Gestapo, na rue des Saussaies, número onze. Ela fora interrogada mais uma vez, sua pobre e querida Katia. Não queria pensar no espancamento que lhe fora desferido. Telefonara uma ou duas vezes para a Gestapo a fim de saber se ela havia falado, mas na verdade era para ter notícias. Comunicaram-lhe que fizeram uma incursão na casa dos pais dela, em Lyon, e

estes haviam sido igualmente detidos, sem motivo. A Gestapo às vezes fazia isso. Mas então pensou que, se a garota não sabia de nada, sua única pista era o pai. Esse pai era o ponto fraco do filho.

Kunszer teve sua reflexão interrompida pela porta do carro, que se abriu. Era um de seus informantes. Como sempre, naquele ponto o sujeito entrava no carro e eles rodavam ao acaso, pelo tempo que durasse a conversa. Arrancou.

— Espero que tenha informações sólidas — disse Kunszer ao homem que acabara de se sentar ao seu lado.

O rapaz, nervoso, tirou o chapéu, complacente.

— Há agentes ingleses em Paris — respondeu Gaillot.

Pal voltou ao apartamento sem tomar grandes precauções. Estava preocupado. Nada acontecera como imaginara. O que faria no dia seguinte se o pai se recusasse de novo a ir embora? Abandoná-lo, deixá-lo entregue à própria sorte? Levá-lo à força? Ficar ao seu lado para defendê-lo? Não fazia ideia. Tinha sido formado para resistir aos alemães, não lhe haviam ensinado como se revoltar contra o pai.

Girou a chave na fechadura e empurrou a porta. Ouviu a voz de Faron, que correu em sua direção: falava com ele, mas Pal não escutava, imerso em seus pensamentos. Entendeu vagamente que Faron lhe dizia para desconfiar do toque de recolher, que não devia voltar tão tarde, que a noite era feita para os gatunos, os quais acabavam detidos. Pal deu uma olhada no relógio de pulso e se deu conta de que estava tarde. Caminhara por horas a fio. Naquele instante preciso, ele e o pai já poderiam estar em Lyon. Só partiriam no dia seguinte, que o Senhor os protegesse até lá.

Faron lhe deu um tapinha no ombro.

— Tudo bem, Pal?

— Tudo bem.

Seu colega parecia animado.

— O rádio-operador chegou... Caramba, você vai ter uma surpresa...

— Ah — limitou-se a responder Pal.

— Como assim *ah*? Na sala, está na sala. Vá até lá... Vá até lá!

Pal seguiu até a sala sem refletir. Não queria ver ninguém, mas Faron parecia fazer questão. Entrou no cômodo.

Ela estava sentada no sofá, impaciente. O rádio-operador era Laura.

*

Beijaram-se mais do que jamais imaginaram se beijar. Que alegria, que alegria se reencontrar tão inesperadamente. Riram, felizes, e voltaram a se encher de beijos como se ainda não tivesse sido suficiente. Beijos demorados, breves, colados e roubados. Ressuscitavam.

Faron saiu do quarto para deixá-los lá e se acomodou no sofá da sala. E lá eles passaram a noite grudados. Nem se deram o trabalho de dormir, isso não era importante. Viveram naquela noite seus mais belos momentos. Laura ria sem

parar, e Pal repetia para ela: “Está vendo como te amo?! Está vendo como cumpri minhas promessas?!” E ela se aconchegava nele, abraçando-o o mais forte que podia. A guerra não importava mais.

— Laura, temos que fazer planos. Gordo diz que sonhar é viver.

Ela bateu palmas, com a cabeça apoiada em seu peito.

— Então vamos fazer planos! E depressa!

Ao contemplar uma sombra no teto que parecia o mapa da Europa, decidiram partir.

— Olhe para onde podemos ir: Suécia. Bem no alto, bem ao norte. Os lagos, as grandes florestas e, principalmente, ninguém.

— O Norte, não — suplicou Laura. — Afinal, já estamos no Norte.

— Está bem. Então para onde quer ir? Fale e eu a seguirei aonde for.

Ela o beijou. Num canto do teto, visualizaram um mapa-múndi, depois um da América.

— Quero ir para os Estados Unidos! — exclamou ela. — Vamos para os Estados Unidos! Vamos logo, porque acho que esta guerra não vai terminar nunca.

Fixaram o olhar nos Estados Unidos.

— Prefiro a Califórnia, por causa do sol — disse Laura. — Ou melhor, Boston, por causa das universidades. Isso, Boston. Mas no inverno faz frio.

— Quando fizer frio, estaremos juntos.

Ela sorriu.

— Então será Boston. Me conte, Pal, me conte como será quando estivermos em Boston.

O rapaz fez uma voz grave de contador de histórias.

— Em Boston, seremos felizes. Vamos morar numa casa com fachada de pedras vermelhas, com nossos filhos e nosso cachorro, Georges.

— Georges é um dos nossos filhos?

— Não, é o cachorro. Um cachorro bonzinho, peludo e carinhoso. Quando ele ficar velho e morrer, nós o enterraremos no jardim. E choraremos por ele como choramos pelos Homens.

— Não fale da morte do cachorro, é muito triste! Fale das crianças! Vão ser bonitas?

— Vão ser as crianças mais lindas do mundo. Formaremos uma bela família, uma grande família. Não haverá mais guerra nem alemães.

Ficaram em silêncio.

— Pal?

— O que foi?

— Quero ir.

— Eu também.

— Não, quero ir de verdade. Vamos abandonar! Abandonar! Já fizemos o bastante! Dedicamos dois anos de nossas vidas, está na hora de recuperá-los!

— E como?

— Indo embora daqui. Podemos entrar em contato com uma rede, vamos dizer que nosso álibi caiu e então voltamos para a Inglaterra. Iremos para Portsmouth sem avisar a ninguém, embarcaremos no transatlântico para Nova York. Temos nossas economias no banco, temos dinheiro suficiente para as passagens. Suficiente inclusive para nos instalar por lá.

Pal refletiu por um instante. Por que não ir embora? Por causa do pai. Jamais abandonaria o pai. Mas ele estaria em segurança em Genebra. Ou então poderia ir com os dois para a América. Compraria uma passagem para ele num transatlântico, na primeira classe, aliás! Seria um belo presente! Um presente para compensar os dois aniversários que perdera. Isso, iriam todos juntos, para se esconder nos Estados Unidos. Para se amarem. Mas e se o pai não quisesse ir? No dia seguinte iria lhe propor: Genebra ou Estados Unidos. Ele teria que escolher. A revolta do filho talvez fosse essa.

Pal olhou no fundo dos olhos de Laura. Tinha olhos deslumbrantes.

— Preciso fazer uma viagem amanhã — disse ele. — Coisa de dois ou três dias. É imprescindível. Em quatro dias, no máximo, estou de volta. Então decidiremos sobre nossa partida.

Pronto, iria encontrar o pai no dia seguinte e lhe diria que seria Genebra ou os Estados Unidos.

— Volte logo para mim! — suplicou Laura.

— Prometo.

— Prometa de novo. Prometa me amar, como fez em Londres. Foi tão bonito, nunca vou me esquecer daquelas palavras. Para sempre.

— Vou amá-la. Todos os dias. Vou amá-la. Por toda a minha vida. Sempre. Nos dias de guerra e nos dias de paz. Vou amá-la.

— Você esqueceu: *Todas as noites. De manhã e de noite, ao raiar do dia e ao crepúsculo.*

Ele sorriu. Ela não se esquecera de nenhuma palavra. E ele só as pronunciara uma única vez. Corrigiu-se: — *Todas as noites. De manhã e de noite, ao rair do dia e ao crepúsculo. Nos dias de guerra e nos dias de paz. Vou amá-la.*

Abraçaram-se novamente e acabaram adormecendo, por fim. Felizes.

O pai preparava o almoço. Já havia fechado sua mala, uma maleta com o mínimo necessário: escova de dentes, pijama, um bom romance, um salame para a viagem, seu cachimbo e algumas roupas. Lamentava partir como um ladrão. Mas era preciso. Paul-Émile dissera. Na parede, o relógio marcava onze horas.

*

Se o filho era um dos agentes da SOE em Paris, certamente iria visitar o pai. Kunszer estava totalmente convencido disso. Por causa dos cartões-postais e porque era sua única pista. Gaillot dissera ter feito contato com um tal de Faron, agente particularmente perigoso, que preparava um atentado de grande magnitude em Paris. Ele não tinha informações precisas sobre aquele Faron, que era de uma desconfiança rara, mas, se encontrasse o filho, com certeza descobriria a célula terrorista a tempo de impedir o atentado. O tempo ia passando, vidas estavam em jogo. Desde a véspera, posicionava-se dentro de um carro com outros dois agentes, em frente ao portão do prédio, na rue du Bac. Era só uma questão de tempo. Desconfiava de que Paul-Émile já estava no apartamento; então, se demorasse muito a dar as caras, ele entraria lá.

Kunszer observava os raros transeuntes: vira o retrato do filho, lembrava-se perfeitamente de seu rosto.

*

Pal seguia pela rue du Bac, carregando a mala. Consultou o relógio de pulso. Onze horas e dois minutos. Dali a três horas, estariam no trem. Tinha pressa. Acelerou o passo e alcançou a entrada do prédio. Pensava em Laura. Voltaria para buscá-la, e iriam embora de vez. Estava cheio da SOE. A guerra não era mais para ele.

Passou pelo portão sem tomar quaisquer precauções a não ser observar a rua: tudo calmo. Percorrendo o estreito corredor que dava acesso à escada e ao pátio interno, onde ficavam as caixas de correio, parou por um instante, bem em frente à sala da zeladora, e inspirou, redescobrimdo o cheiro familiar do prédio. Em seguida, ouviu passos apressados às suas costas.

— Paul-Émile?

Virou-se num sobressalto. Atrás dele, acabava de entrar no prédio um homem bonito, longilíneo, elegante. Estava armado com uma pistola Luger, que apontava para o seu rosto.

— Paul-Émile — articulou novamente o homem. — Já tinha perdido a esperança de encontrá-lo.

Quem era ele? Da Gestapo? Não tinha sotaque algum. Pal olhou em volta: não havia nenhuma possibilidade de fugir. Estava encurralado naquele corredor estreito. Havia a porta do almoxarifado, a poucos passos dali, mas não levava a lugar algum. O pátio interno? Era um beco sem saída. Subir correndo a escada? Não adiantaria nada, pois o sujeito o agarraria. A entrada principal era a única saída. Desarmá-lo? Estava muito longe dele para tentar o que quer que fosse.

— Fique calmo — disse o sujeito. — Sou da polícia.

Dois homens de terno apareceram então atrás do homem com a Luger, que se dirigiu a eles em alemão. Eram alemães. Paul, dominado pelo medo, tentou refletir: o melhor era cooperar, fingir surpresa. Sobretudo não demonstrar pânico, quem sabe não fosse apenas uma batida de rotina. Talvez fosse em função do trabalho obrigatório, ele estava na idade. Sim, sem dúvida era o STO. Sobretudo, não podia entrar em pânico, nem despertar suspeitas. Pediriam que se apresentasse no dia seguinte no comissariado, mas no dia seguinte não estaria mais ali. O fundamental era manter a calma: sabia como fazer, fora treinado para isso.

Os dois homens de terno se aproximaram de Pal, que permaneceu imóvel.

— Qual é o problema, senhores? — perguntou, num tom de voz marcado pela indiferença.

Sem responder, agarraram-no pelos braços, sem violência, revistaram-no — ele estava limpo — e o levaram até o homem com a pistola Luger. Este apontou para o almoxarifado, que dava para o corredor, e empurraram o rapaz até lá, obstruindo o vão da porta. Pal sentiu as pernas tremerem e tentou se conter.

— Mas, afinal, o que querem de mim? — insistiu Pal, perdendo um pouco da pose.

O primeiro homem guardou a arma e também entrou no almoxarifado.

— Paul-Émile, sou o agente Werner Kunszer, Gruppe II da Abwehr. Desconfio de que o senhor é um agente britânico.

Aquele Kunszer, que falava um francês impecável, tinha o rosto sereno, porém determinado.

— Não estou entendendo, senhor — respondeu Pal.

Sua voz falhara, ele não conseguia mais conter o pânico. A Abwehr, seu pior pesadelo. Tinha sido pego pela Abwehr. E como aquele Kunszer sabia seu

nome? Não era possível, era um pesadelo. O que ele fizera, meu Deus, o que fizera? O que ia acontecer com ele e com seu pai?

— Eu já imaginava que você fosse negar — disse Kunszer, resignado.

Pal permaneceu mudo e Kunszer deu de ombros. Sabia que o tempo era precioso. Quando o atentado se concretizaria? Qual era o alvo? Será que Pal tinha sido enviado como batedor por outros agentes? Iam encontrá-lo ali? O apartamento do pai era um ponto de encontro clandestino? Ele precisava de respostas, e com urgência. Não tinha mais tempo de voltar ao Lutetia, refletir ou espancá-lo. Olhou fixo nos olhos de Pal e prosseguiu seu monólogo, mantendo sempre a voz calma.

— Não vou torturá-lo, Paul-Émile. Sequer vou tentar, porque não tenho tempo nem energia para isso. Mas se você falar, pouparei seu pai. É seu pai, não é, que mora aqui, no primeiro andar? Um velhinho, encantador, aliás, para quem você escreveu belos cartões-postais. Se falar, ele não vai me ver, nem a mim, nem a ninguém. Viverá tranquilamente. Sem nenhum problema. Nenhum problema, está ouvindo? E se ele tiver qualquer necessidade, nem que seja por causa de uma lâmpada queimada, farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Kunszer deixou pairar um longo silêncio. Pal não conseguia mais respirar. O que ele fizera, meu Deus, o que fizera indo até lá? O alemão continuou:

— Mas se não falar, caro Paul-Émile, se não falar, juro pela minha vida que vou atrás do seu pai, do seu generoso pai. Juro que vou infligir nele os piores tormentos que um homem pode sofrer, por dias inteiros, semanas a fio. Transformarei a vida dele num inferno, o levarei para a Gestapo, onde estão os carrascos mais hediondos, depois o mandarei para um campo de concentração na Polônia, e lá ele morrerá lentamente e de maneira atroz, de frio, de fome, espancado. Juro pela minha vida: seu pai, se você não falar, não será mais sequer um ser humano. Não será sequer uma sombra. Não será mais nada.

Pal tremia de terror. Sentia suas pernas bambas. Teve vontade de vomitar, mas se controlou. Seu pai, não. Que acabassem com ele, mas com seu pai, não. Tudo, menos seu pai.

— Sim. Sim... Sou um agente inglês.

Kunszer balançou a cabeça.

— Isso eu já sabia. Sei também que há vários em Paris. Aqui. Agora. Sei que uma grande operação está sendo planejada: querem homens e explosivo plástico, não é? — Sorriu por um instante, depois voltou a ficar sério. — O que quero saber, Paul-Émile, é onde estão os outros agentes. É a única resposta que pode salvar seu pai.

— Estou sozinho. Vim sozinho. Juro.

— Está mentindo — disse Kunszer calmamente, desferindo-lhe uma violenta

bofetada no rosto.

Pal gritou e Kunszer sentiu um arrepio de repulsa percorrer seu corpo. Definitivamente, não gostava de bater.

— Está mentindo, Paul-Émile, e não tenho tempo para isso. Você já causou grandes danos. Tenho que impedi-lo de continuar. Fale onde estão os outros.

Pal começou a soluçar. Queria seu pai. Mas não teria seu pai nunca mais. Queria que todos estivessem a salvo, e precisava decidir naquele momento sobre o destino de Faron, Laura e seu pai. Tinha que dizer quem viveria e quem morreria. Não haveria Genebra, não haveria Estados Unidos.

— Tenho pouco tempo, Paul-Émile... — impacientou-se Kunszer.

— Preciso pensar...

— Conheço essas espertezas. Ninguém tem tempo. Nem você. Nem eu. Ninguém.

— Me prenda, me leve para um campo de concentração. Me rasgue feito papel.

— Não, não. Não vai ser você, e sim seu pai. Ele vai ser torturado até não ter mais lágrimas. Ele não terá mais lágrimas, está entendendo? Depois virão os campos da Polônia e, por fim, a morte.

— Eu imploro, leve a mim! A mim, a mim!

— Vou levá-lo de qualquer maneira, Paul-Émile. Mas você pode salvar seu pai. Se falar, ele nunca sofrerá nada. Jamais. A sorte dele está em suas mãos. Ele lhe deu a vida. Agora cabe a você retribuir. Dê a vida a ele, não lhe dê a morte. Por favor. — Pal chorava. — Escolha! Escolha, Paul-Émile! — Pal não respondeu nada. — Escolha! Escolha! — Kunszer desferiu-lhe uma série de bofetadas. — Escolha! Escolha!

Pal não respondia e Kunszer continuou a bater como um animal. Ele era um animal. Tinham-no transformado num animal. Bateu impiedosamente, com as palmas da mão, com os punhos. Pal, todo encolhido, gritava. E Kunszer batia mais, via-se espancando aquele rapaz.

— Escolha! Escolha! Última chance! Escolha salvar seu pai, pelo amor de Deus! Escolha salvar aquele que lhe deu a vida! Última chance! Última chance! — Mais socos. Com mais força. — Escolha! Escolha!

Pal gritava. O que devia fazer? *Senhor, se existes, me guie*, pensava o rapaz enquanto se esvaía em sangue, recebendo aqueles socos intermináveis.

— Escolha! Última chance! Última chance, está ouvindo?

— Escolho meu pai! — gritou Pal, então, aos prantos. — Meu pai! — Kunszer interrompeu a pancadaria. — Jure! — suplicou o desesperado. — Jure proteger meu pai. Jure! Em nome de Deus, jure!

— Juro, Paul-Émile. Se suas informações forem exatas, é claro.

Pal desabou no chão úmido. Estacado. O rosto empapado de sangue.

— Elas são exatas. Terceiro *arrondissement*. Há um apartamento.

Kunszer ajudou o rapaz a se endireitar. Estendeu-lhe um bloco e um lápis. Sua voz ficou mais mansa.

— O endereço. Escreva o endereço. — Ele obedeceu. — Seu pai vai viver — murmurou Kunszer em seu ouvido. — Você teve a coragem dos filhos. É um bom filho. Que Deus o proteja.

Os outros dois agentes agarraram Pal sem a menor cerimônia, o algemaram e levaram. No carro que o conduzia para o Lutetia, com a cabeça recostada no vidro, torceu simplesmente para que, quando a guerra terminasse, Buckmaster escrevesse a seu pai sempre que pudesse: *Caro senhor, não se preocupe. As notícias são boas.*

Quando a guerra acabasse e para sempre.

E pensava no que sempre o atormentara: o maior perigo dos Homens eram os Homens. Era ele. E chorava, deixava cair todas as lágrimas que tinha em seu corpo. Voltara a ser criança.

*

Onze e meia. No terceiro *arrondissement*, a Abwehr já cercara o prédio. Os andares estavam dominados. Agentes alemães arrombaram com um pé de cabra a porta do apartamento. Lá dentro estavam Faron e Laura.

*

Na rue du Bac, o pai, cheio de amor, dedicava-se à preparação do almoço. Não podia estragar aquele almoço. O último com Pal.

Deu meio-dia. Correu para se arrumar antes da chegada do filho. Penteou-se e passou perfume. Refletira muito: sentia-se feliz indo para Genebra. Não tinha sido gentil no dia anterior, então pediria desculpas ao filho. Daria seu relógio de bolso de ouro para ele. Seu filho, um agente britânico. Ele não acreditava. Sorriu de felicidade. Era o pai mais orgulhoso do mundo.

Meio-dia e meia e nada de Paul-Émile chegar. O pai sentou-se numa cadeira, bem empertigado para não amarrotar o terno. E esperou. Não sabia que ainda viveria por muito tempo.

*

Pela janela do carro, Pal observava Paris pela última vez. Pois estava a caminho da morte. Recordava-se de seu poema, para se infundir coragem. Mas não sabia de cor. E, pensando no que não seriam mais, chorava.

TERCEIRA PARTE

Ela chorava.

O céu estava escuro, pesado, a luz da tarde reduzia-se a uma penumbra. Ao longe, as nuvens deixavam cair sua cortina d'água, mas ainda não chovia na propriedade. A tempestade se aproximava. Dali a pouco, se deflagraria. Ela estava magnífica em seu vestido preto, com brincos de madrepérola. O imenso Gordo, num terno escuro, a protegia sob um amplo guarda-chuva. Ela chorava.

Chorava todas as lágrimas que tinha dentro de si. Dilacerada pelo sofrimento, louca de aflição, devorada por um desespero insuperável. Ele nunca mais voltaria.

Ela chorava. Nunca sofrera tanto. Uma angústia destruidora, o suplício dos suplícios, o suplício supremo, pois sabia que era definitivo. O tempo passaria, mas ela não se esqueceria. Nunca se esqueceria. Não haveria mais homem, não haveria mais ninguém. O tempo passaria, mas ela nunca deixaria de amá-lo.

Chorava, e tinha a impressão de que nunca mais voltaria a respirar. Estava exausta, mas continuava chorando, ora prostrada, ora cheia de raiva. Deus de merda. Deus maldito. Deus dos Boches e da miséria. O que fizemos para provocar sua ira a esse ponto?

No gramado da propriedade dos avós Doyle, no Sussex, diante daquele solar de pedra cinzenta que deveria receber o casamento de Laura e Pal, todos choravam a morte do rapaz e de Faron.

Era dezembro. Dois meses haviam se passado desde o ataque da Abwehr ao apartamento no terceiro *arrondissement*. Reunidos ao redor do chafariz estavam Stanislas, Gordo, Claude, Laura, France, Douglas “Rear” Mitchell e Adolf “Doff” Stein.

No fim de outubro, haviam recebido a confirmação da execução dos dois, na prisão do Cherche-Midi. Mas Laura fizera questão de esperar o retorno e as licenças de cada um para reuni-los. Doff e Rear, avisados por Stanislas, a quem conheciam da Baker Street, haviam se juntado à cerimônia.

Estavam ali, em silêncio, empertigados e dignos no frio, minúsculos diante da imensa casa. Minúsculos diante da dor. Minúsculos diante do mundo. Não havia corpo, não havia túmulo, havia somente os vivos e suas lembranças, em um semicírculo diante do chafariz, no local exato onde os convidados do casamento deveriam ter dançado. Maldita vida e malditos sonhos. Voltado para o espelho d'água como se para dispersar suas palavras até os confins da terra, Claude

recitava preces a meia voz. Murmurava, para não afligir os descrentes. Havia muito que deixara de recriminá-los.

*

Fora Stanislas quem anunciara a morte dos dois agentes a Laura. Desde então, todos os dias ela voltava a pensar em Faron, que a salvara. Ficava revivendo incessantemente aquele maldito dia de outubro em Paris.

Estavam na cozinha do apartamento. Devia ser meio-dia. Pal saíra um pouco antes das onze, especialmente elegante. Ela preparava uma comida, para almoçarem juntos quando ele voltasse. De manhã, ele estava um pouco estranho, talvez fosse a excitação de ter voltado a Paris. O que importava era que iriam embora juntos; dentro de dois dias, ele viria buscá-la. Dois dias. Ela contava os segundos. Pensava na casa de Boston, nos futuros filhos, tão bonitos. No cachorro Georges também. Ria sozinha lembrando-se do nome do cão. Esperava que Pal aceitasse outro nome. Georges não era nome de cachorro. Ou então simplesmente não teriam cachorro algum. As pessoas se afeiçoam aos cães e depois eles morrem.

Faron entrara na cozinha, atraído pelo cheiro bom da comida, ele, que costumava limitar-se a seu cardápio “lata de conservas direto na boca”. O rapaz estava diferente, ela não sabia direito o que era. Talvez fosse o corte de cabelo. Não, era outra coisa.

— Você está mudado — dissera ela, mexendo lentamente na panela.

Ele dera de ombros.

— Tenho novas preocupações.

— Mulher?

— Não. Uma operação.

Ela rira.

— Eu deveria ter desconfiado. O que é?

— Não posso lhe contar...

Ela fizera uma expressão divertida.

— Vamos, conte! Sou uma rádio-operadora, afinal de contas. E das boas! A melhor!

Ele sorria. E se ausentara um instante para depois voltar com uma pasta de papelão, cujos documentos espalhara sobre a mesa.

— O Lutetia — dissera ele. — Vou explodi-lo.

Ela arregalara os olhos.

— Isso estava programado?

— Não se preocupe. Avisaremos Londres em tempo hábil.

Ele mostrara uma planta do prédio para fundamentar sua explicação.

— Estão bem-preparados para um ataque do exterior. Sacadas envidraçadas protegidas por tábuas de madeira, grades na porta da entrada, guarita... Logo, a coisa teria que ser feita a partir do interior, talvez entrando pelo restaurante, aberto ao público, ou então a gente vai ter que se disfarçar de funcionário do hotel e plantar as bombas em locais estratégicos. No térreo ou, melhor, no subsolo. E fazer o prédio inteiro desabar.

— E como vamos fazer isso?

Ele suspirou.

— Ainda não sei. O melhor seria ter cúmplices dentro do hotel. Isso é possível, porque os funcionários são todos franceses. Mas precisamos de pelo menos trezentos quilos de explosivo.

Ela examinara atentamente as fotografias, anotações e os esquemas. O trabalho de Faron era impressionante. Pusera uma das mãos no seu ombro, deixando-o feliz.

Depois, subitamente, o horror: um tumulto e uma barulheira infernal na porta. Estavam tentando arrombá-la.

— Porra! — gritara Faron, precipitando-se para a entrada.

O considerável reforço de madeira que ele mesmo instalara impedira a porta de ceder ao primeiro golpe, mas ele sabia que a barricada era efêmera. Fizera aquilo quando estava sozinho. Em caso de ataque, teria tempo de fugir pela outra saída, a qual tornava seu apartamento tão seguro. Mas dessa vez eram duas pessoas.

Segunda estocada na porta. Na seguinte, ferrolhos, reforço e dobradiças arrebentariam. Gritos furiosos em alemão retumbavam no corredor. Faron então sacara a Browning que tinha no cinto. Hesitara em atirar através da divisória. Aquilo não adiantaria nada. A situação era desesperadora. Virara-se para Laura.

— Vá para o quarto. Passe pela sacada, como lhe mostrei ontem!

— E você?

— Vá! Nos encontramos mais tarde.

— Onde?

— Metrô Maison-Blanche, na plataforma, às quatro da tarde.

Ela fugira. Atravessara o quarto e, pela sacada, alcançara sem dificuldade a janela do hall da escada do prédio vizinho, descera até a portaria e saíra no bulevar. Três andares acima, a porta do apartamento acabara de ceder. Os agentes alemães, de plantão na calçada, concentrados no ataque e sem desconfiar de que os dois prédios podiam ter alguma ligação, não tinham prestado atenção à bela mulher que se dissolvia entre os curiosos e desaparecia sem se virar para

trás.

Faron não saíra. A porta cedera à terceira estocada do pé de cabra. Ele esperava, calmo, no corredor. Não tivera tempo de guardar os planos do atentado. Paciência. Sabia que morreria, desde Londres. Estava pronto. E para não perder a coragem, cantarolava o poema de Pal.

*Que se abra à minha frente um caminho para minhas lágrimas,
Pois agora sou artífice da minha alma.*

Ele não saíra. Em sua mão direita, a cruz de Claude substituíra a arma. Se os alemães estavam ali, era porque sabiam que o apartamento estava ocupado; se o encontrassem vazio, procurariam pelo quarto e prenderiam os dois sem piedade. Ele e Laura. Não queria que pegassem Laura. Ela, não. Sem dúvida não sabiam que eram mais de um. Então, se o encontrassem sozinho no apartamento, não a procurariam. Pelo menos, não imediatamente. Ela teria tempo de fugir para longe.

*Não temo os animais, nem os Homens,
Nem o inverno, nem o frio, nem os ventos.*

Ele não saíra. Sua vida pela de Laura. Sim, ele a amara. Quem não se apaixonaria por Laura? Todos a amavam, talvez sem saber. Desde Wanborough Manor, a amavam. Tão meiga, tão bonita. O que os alemães fariam com ela se a pegassem? O que faziam com todos: lhe infligiriam tamanho sofrimento que a morte seria uma libertação. Ninguém tinha o direito de tocar em Laura. Sim, amava-a havia dois anos.

*No dia em que for para a floresta de sombras, ódios e medo,
Que perdoem minhas hesitações e meus erros,
Eu, que não passo de um singelo viajante,
Que não passo de poeira do vento, de cinzas do tempo.*

Ele não saíra. Ficara diante da porta, apertara com força a cruz de Claude no seu corpo. Beijara-a, com fervor, com devoção; fechara os olhos. *Ajudai-me, Senhor*, murmurara, *protegei a mim, que pequei e vou morrer*. Ele gostaria de rezar melhor, mas não conhecia nenhuma oração. Só tinha o poema do amigo. Continuava a recitá-lo: as palavras não importavam, o Senhor compreenderia. *Entrego-me a vós, agora*. Ah, ele fora tão mau: com sua família, com todo

mundo. A morte bem que poderia absolvê-lo de seus delitos. E a raposa de Gordo? Será que o Senhor o acolheria apesar do assassinato da raposa? Ainda via a fisionomia de Gordo quando ele aparecera com a carcaça, aquela fisionomia de incompreensão, terror e tristeza. Eram esses os sentimentos que ele inspirava. Que o Senhor o perdoasse, pois na época da raposa, ele ainda não era um Homem. E beijara a cruz, pensara em Claude, intensamente, porque tinha medo.

Tenho medo.

Tenho medo.

Somos os últimos Homens, e nosso coração, furioso, não baterá por muito mais tempo.

A porta cedera.

*

Ela entendera, ao chegar à estação Maison-Blanche do metrô. Estava fechada: a defesa passiva a transformara em abrigo antiaéreo. Faron, herói da guerra, a salvara das chamas do Inferno.

Perdida, em pânico, ela fugira, sendo guiada pelo instinto de sobrevivência. Não sabia como entrar em contato com Gaillot, Faron ainda não lhe falara sobre ele. Sabia que o rapaz morava em Saint-Cloud, mas como achar um homem de quem não conhecia sequer a identidade verdadeira? A princípio pensara em juntar-se a Hervé e à rede do Norte, mas esta lhe pareceu muito distante. Havia, enfim, chegado a Rouen, depois à casa do casal de horticultores que a acompanhara alguns dias antes. Moravam na periferia da cidade, ela se lembrava do endereço. Eram gentis, devotados, com cinquenta e tantos anos e sem filhos. Conseguira chegar à casa deles à noite, mas num estado deplorável.

Os dois ficaram horrorizados ao vê-la diante da porta: estava exausta e apavorada. A mulher cuidara dela, providenciara um banho e a alimentara. Ao ficar sozinha por um instante na cozinha, Laura ouvira a mulher murmurar para o marido, lá do corredor: “Meu Deus, é quase uma criança ainda! São cada vez mais jovens!”

O marido entrara em contato com Hervé, que lhes pedira para trazer Laura para que fosse extraditada a Londres. O casal a levava em sua caminhonete, em meio a engradados de maçãs. E, durante o trajeto, a mulher lhe dizia: “Não volte mais à França. Esqueça o que aconteceu aqui.”

Em Londres, Laura ficara sob a custódia da SOE. Fora interrogada várias vezes. Estava arrasada. O que acontecera com Faron? E com Pal? Contanto que ele não voltasse a Paris, que não voltasse ao apartamento. Ele teria sido informado da investida da Abwehr, teria se escondido, retornado diretamente para Londres e os dois se reencontrariam. Ela estava cheia de esperança. Stanislas, que vinha visitá-la todos os dias na casa de seus pais, para onde ela voltara, não conseguia obter nenhuma informação. Então, no fim de outubro, souberam da terrível notícia.

*

No grande salão do solar, pelas sacadas envidraçadas, olhavam a chuva, que naquele momento varria a propriedade. France trouxe chá e todos se acomodaram em poltronas macias.

— Como conheceram Pal? — perguntou Claude a Rear e a Doff.

— Estávamos juntos. Na primeira missão dele — respondeu Doff.

Houve um silêncio. Depois, Rear, com sua voz calorosa e arrastada, falou. Contou, emocionado, sobre Berna e os primeiros dias de Pal como agente. E cada um falou dos bons momentos que vivera ao seu lado.

Outro silêncio.

— Devemos chamar Laura? — perguntou France.

— Vamos deixá-la tranquila — sugeriu Key. — Acho que ela precisa ficar um pouco sozinha.

Ela estava no jardim. A cerimônia terminara havia muito tempo. Laura, mais bonita do que nunca, permanecia isolada diante do chafariz, local da última homenagem. Só o fiel carregador de guarda-chuva, com o rosto banhado em lágrimas, ficara para protegê-la da tempestade. Uma ventania soltou uma mecha de seu cabelo preso, mas ela não se mexeu. Suas mãos estavam pousadas na barriga. Ergueu os olhos para o céu atormentado. Estava grávida.

A SOE não explicava as razões da captura de Pal e Faron; menos ainda a presença de Pal em Paris, quando havia sido lançado de paraquedas no Sul; tampouco a localização do apartamento não sancionado pelo Estado-Maior da Seção F. A Executiva de contraespionagem tinha sido chamada para o caso. Suspeitavam de uma eventual traição. Havia inúmeros agentes duplos na Resistência, a soldo dos alemães, e isso era um mau presságio. Os próximos meses seriam decisivos: mais do que nunca os Aliados, na França, precisariam do apoio das redes que a SOE se esforçara em montar durante quatro longos anos pelo viés de suas seções francesas. Ora, se a Seção F acumulara êxitos durante a maior parte de 1943, novembro e dezembro foram marcados por sérios fracassos: no Loire, na Gironda e na região parisiense, a Gestapo desmantelara redes importantes, executara prisões em massa e se apoderara de uma grande quantidade de armamentos. Para piorar a situação, tempestades violentas abatiam-se havia várias semanas sobre o Sul da Inglaterra, impedindo a maior parte das incursões aéreas e, por conseguinte, o abastecimento das redes. O ano terminava nas piores condições.

A partir do fim de agosto e no maior sigilo, na Baker Street, Stanislas, na condição de oficial do Estado-Maior, participava dos preparativos da ofensiva das Forças Aliadas na França: a Operação Overlord. O Desembarque. Ele havia integrado um grupo batizado de SOE/SO, reunindo a SOE e a OSS, o serviço secreto americano. Como preâmbulo ao Desembarque, preparariam uma operação conjunta que facilitaria a entrada das tropas aliadas em território francês. Na época, Stanislas havia sugerido o nome de Faron para os destacamentos especiais.

O velho piloto estava sobrecarregado com seu novo posto, considerando que a complexidade da Overlord era inimaginável: nas escrivaninhas, os rostos inquietos debruçavam-se sobre os mapas, perplexos, alguns duvidando da viabilidade de um desembarque. Será que, em vez disso, não poderiam desgastar o inimigo, prosseguindo com os bombardeios aéreos, menos onerosos em vidas humanas? Ao voltar para casa, na Knightsbridge Road, não tirava isso da cabeça e continuou assim até o dia seguinte. Os Aliados não tinham direito de errar, e, na França, as Seções F e RF seriam mais que indispensáveis ao bom desenrolar do Desembarque. As redes deveriam impedir a chegada dos reforços alemães e certamente forneceriam valiosas informações estratégicas. Stanislas, embora já

ciente do futuro de seus jovens companheiros, estava proibido de comentar o assunto.

Key tomaria parte de um grupo interaliado, com a OSS, para uma missão no Nordeste, em apoio às tropas americanas.

Claude, o carola, seria em breve despachado para o Sul da França, substituindo Pal. Preparava-se para isso na Portman Square. Seria lançado de paraquedas nas próximas semanas.

Gordo, por sua vez, fora designado para um grupo de propaganda negra.

Quanto a Laura, em razão da morte de Pal, não recebera nenhuma ordem de missão por enquanto, devendo antes passar por uma avaliação psiquiátrica para poder partir novamente para o campo, como requeria o procedimento. Nesse meio-tempo, decidira não morar mais em Chelsea, queria ficar perto dos amigos, dos que lhe faziam lembrar de Pal, próxima de Gordo, Claude, Key, Stanislas. Pedira então para ficar em Bloomsbury, no quarto de Pal. No apartamento, fora aquele corre-corre: os três moradores, com a ajuda de Doff e Stanislas, fizeram uma faxina geral para melhor recebê-la. Havia colocado cortinas novas, limpado até o fundo dos armários, e Claude substituíra suas plantas murchas.

Quando ela chegara ao prédio, Key, Gordo e Claude a esperavam na calçada. Key fora categórico: com a presença de Laura, tinham que se comportar bem. Não ficar mais só de cueca nem contar piadas pesadas, não deixar cinzeiros cheios de guimbas na sala e, sobretudo, nunca falar de Pal. A não ser que ela tomasse a iniciativa.

Ela desfez suas pesadas malas no quarto do amado. Gordo lhe fez companhia, contemplando-a da soleira da porta.

— Você não é obrigada a dormir aqui — disselhe. — Por causa das lembranças ruins. Pode ficar com meu quarto se quiser, ou com o de Claude. O de Claude é maior.

Ela sorriu, agradeceu e, aproximando-se dele, aconchegou sua melancolia em seu ombro enorme.

— Que lembranças ruins? — murmurou ela. — Não existem lembranças ruins, só tristeza.

*

Tristeza. Era o que restava. Todos estavam arrasados.

Gordo, além da própria dor, carregava a de Laura. Não suportava vê-la tão devastada. Na frente dos outros, ela se esquivava. Nunca desmoronava. Contudo, à noite, sozinha, sem ter que encenar mais para ninguém, não dormia. Gordo

sabia disso, pois ocupava o quarto ao lado e, de sua cama, ouvia o soluço discreto, quase silencioso, denotando uma tristeza insuperável; o canto da angústia. Gordo então se levantava, encostava a cabeça na parede que separava os dois cômodos, tremendo de frio, e chorava também, tomado pela dor. Às vezes, juntava-se a ela. Batia baixinho na porta, depois ia sentar-se ao seu lado. Ela gostava que Gordo fosse encontrá-la, no meio da noite, para ajudá-la a sobreviver à sua aflição. Contudo, sempre que ele batia à porta para anunciar sua presença, ela estremecia: durante uma fração de segundo, pensava que era Pal vindo ao seu encontro, como em Wanborough, como em Lochailort, como sempre.

Uma tarde em que estava sozinho com Claude, Gordo lhe perguntou:

— Você acha que eu dou azar?

— Azar para quem?

— Para todo mundo! Para Rã, Aimé, Pal, Faron. Acha que é culpa minha? Porque acho que eu deveria morrer. Peça ao seu deusinho para me matar. A seu deusinho chinfrim, aí. Por minha causa, as pessoas morrem.

Gordo também pensava em Melinda. Pensava nela o tempo todo. Nunca mais a veria, ele sabia, e sofrera muito com isso, por muito tempo, devido à sua solidão eterna. O sofrimento passara com os meses; ele diminui, mas a tristeza permanece. Seu sonho acabara também. Adeus, doce casamento, adeus bela pousada francesa, onde ele cuidaria da cozinha e ela serviria a comida.

Claude passou o braço ao redor da nuca maciça do gorducho.

— Não fale assim, Gordo. É uma tremenda sorte conhecer você. Para todos nós. E sabe que Pal o adorava. Então, não diga isso. Pal morreu por causa da guerra, por causa dos alemães. Vamos esmagar os alemães, Gordo. Em nome dos mortos. É tudo o que nos resta fazer.

Gordo deu de ombros. Não sabia mais. Ganhar ou perder a guerra, dava no mesmo: morria-se de um jeito ou de outro.

— Não tenho mais sonho, Carola. Uma vez, expliquei a Pal que sem sonhos a gente morre, como as plantas. Como Rã.

— Vamos encontrar outro sonho para você.

— Gostaria de ser pai. Ter filhos, uma família. Uma família protege a gente. Nada pode acontecer conosco quando temos uma família.

— Então você vai ser pai. Um pai formidável.

Gordo apertou o ombro do amigo para agradecer pelo reconforto. Mas pai, sem dúvida, ele jamais seria, pois esse era o destino dos eternos solitários.

Ele desceu até a cozinha do Lutetia e pediu champanhe ao garçom de sua preferência: como falava francês sem sotaque, era menos alemão que os outros. Pediu meio seco, sem balde, sem nada, só a garrafa. Inseriu “*s’il vous plaît*” em todas as frases. Do lado de fora, estava nublado, escuro. Kunszer considerava dezembro o mês mais feio da criação. Aliás, inventara um palavrão de circunstância: *Scheissigdezember*. Para resumir. O garçom voltou com a garrafa e Kunszer agradeceu.

Fazia isso praticamente toda semana. Desde novembro. Colocava a garrafa numa sacola, que enchia com tudo que conseguisse encontrar no Lutetia, iguarias de luxo, sobretudo, confit de ganso e foie gras, e saía. Fazia o trajeto a pé, solene. A caminhada dos derrotados, caminhada dos arrependidos, caminhada dos obcecados que não esquecem mais. Depois do Lutetia, ia até o cruzamento Raspail-Saint-Germain. Caminhada terrível, estafante, caminhada cristã, ó, Saint-Germain do calvário. Carregava suas guloseimas como a pesada cruz de madeira, e quase lastimava que os pedestres não o flagelassem ao passar. Assim, ia todas as semanas à rue du Bac levar aquelas provisões para o velho.

*

Kunszer comemorara seus quarenta e quatro anos em novembro. Nunca se casara. Conhecera sua Katia tardiamente. Ela tinha apenas vinte e cinco anos. E para sempre continuaria com vinte e cinco anos. Planejara casar-se com ela depois da guerra. Durante, não, não era bom se casar durante uma guerra. No momento, estava casado com a Abwehr, com o Reich. Mas em breve se divorciariam.

Quarenta e quatro anos. Fizera a conta: tinha passado mais tempo sendo soldado do que homem. No entanto, a partir de novembro, não queria mais ser soldado. Um mês antes de seu aniversário, as revelações de Paul-Émile haviam permitido a prisão daquele Faron, o temível agente britânico a que Gaillot se referira, num apartamento do terceiro *arrondissement*. Na cozinha, descobrira um dossiê sobre o Lutetia. Tinham planejado um atentado ao quartel-general da Abwehr, então ele interviera a tempo.

Do apartamento, o rapaz fora diretamente transferido para a prisão do Cherche-Midi, bem próximo ao Lutetia, onde agentes da Gestapo que eram

especialistas em interrogatório se encarregariam dele. Kunszer não torturava e, de maneira geral, ninguém gostava de fazer isso no Lutetia. Deixavam primeiro a Gestapo agir, na avenue Foch, na rue des Saussaies ou no Cherche-Midi, e só em seguida é que o detento era transferido para o Lutetia para ser ouvido, geralmente em condições lamentáveis. O próprio Kunszer dera ordens para que Faron fosse encaminhado para o Cherche-Midi, pois não tinha como arrancar nada dele sem que fosse preparado antes. O procedimento era sempre assim. Exceto no caso daquela bela resistente, que tanto se parecia com sua querida Katia e que fora capturada em sua bicicleta. Levara-a para o Lutetia com a intenção de poupá-la da Gestapo. E, como ela não falara, ele mesmo tivera que espancá-la, sendo que não sabia fazer isso. Precisara reunir toda a sua coragem. Ele dava gritinhos ao esbofeteá-la. Seus primeiros golpes quase haviam sido carícias. Ele não se atrevia. Katia, não. Finalmente, batera mais forte. Fora muito difícil. Então pedira que lhe trouxessem um porrete, ou qualquer coisa, para não ter que tocar nela com as próprias mãos. Sim, com um porrete, seria melhor. Menos real.

Assim que chegara ao Cherche-Midi e ficara sem algemas, o rapaz se suicidara com uma pílula. Não obstante, fora revistado. O próprio Kunszer ficara ao seu lado, escoltando-o, mas distraiu-se por um instante. Quando percebera, o rapaz já desabava no chão. Ao contemplar o enorme corpo estendido, Kunszer concluía que aquele homem era um leão.

No mesmo dia, Paul-Émile tinha sido levado ao Cherche-Midi para ser interrogado pelos torturadores profissionais. Porém, ele não dissera mais uma só palavra e seu suplício durara três semanas. No fim de outubro, acabara sendo decapitado. Finalmente, pensara Kunszer, quase aliviado.

O oficial alemão ficara impressionado com a última conversa que tivera com o rapaz, em seu escritório no Lutetia. Pensava nisso com frequência. Tinha sido poucos dias antes da execução. Embora só atravessar a rua tivesse bastado, Paul-Émile fora levado ao hotel num Traction preto da Gestapo. Seu estado era lamentável. Era um belo rapaz, mas o haviam desfigurado, esmigalhado. Mal conseguia caminhar. No escritório, ficaram sozinhos, sentados frente a frente. O rapaz, arqueado, inchado, olhara para ele e lhe dissera: — Por que está fazendo isso comigo, se eu já lhe disse tudo?

Kunszer não tivera coragem de sequer enfrentar seu olhar. Paul-Émile era um belo nome. Ele era tão jovem... Não se lembrava mais de sua idade. Devia ter uns vinte e cinco anos.

— Não decido tudo — justificara-se.

Silêncio. Ficara contemplando o corpo deformado.

— Não abriu o bico, hein?

— Já disse o que eu tinha para dizer. Entreguei a mulher da minha vida em troca do meu pai e você ainda quer mais? Como eu poderia lhe dar mais?

— Eu sei, mocinho.

Por que ele o chamara de “mocinho”? E quem era aquela mulher? Ele prendera apenas um rapaz no apartamento.

— O que posso fazer por você? — perguntara Kunszer.

— Vou morrer, não vou?

— Vai.

Silêncio. Olhara para os lábios do rapaz. Falar devia ser sofrido para ele, pois seus lábios estavam azuis, inchados e com manchas de sangue seco.

— Sua promessa, lembra-se? — perguntara Pal.

— Lembro.

— Vai cumpri-la? Vai proteger o meu pai?

— Sim, senhor.

Dissera “senhor” para esquecer que ele não teria tempo de viver. Se tivesse conhecido uma Katia durante sua juventude, talvez tivesse um filho daquela idade.

— Obrigado — dissera o rapaz num fio de voz.

Kunszer o encarara mais uma vez. Seu agradecimento era sincero. Para ele, nada importava mais que o pai.

— Quer escrever para o seu pai? Olhe, tenho papel aqui. Escreva o que quiser, não lerei e entregarei a carta a ele. Quer que o deixe sozinho um instante para escrever melhor?

— Não, obrigado. Não quero carta, nem ficar sozinho. Quer realmente me fazer um favor?

— Quero.

— Então aja de maneira que meu pai nunca descubra que estou morto. Nunca. Um pai nunca deve saber que o filho está morto. Isso não faz parte da ordem da vida. Está entendendo?

O alemão balançara a cabeça, sério.

— Perfeitamente. Conte comigo. Ele nunca vai ficar sabendo de nada.

Ficaram em silêncio. Kunszer oferecera cigarro, bebida, comida. Pal recusara.

— Está na hora de morrer. Depois do que fiz, está na hora de morrer.

Kunszer não insistira e mandara chamar os guardas. Imediatamente antes que estes entrassem no escritório, sussurrara em tom de confidência: — Não havia mulher. No apartamento, não havia mulher alguma. Só um homem. Ele se suicidou pouco depois de ter sido detido, tomando um comprimido. Morreu como um soldado, orgulhoso. Não foi torturado. Não sofreu. E não havia mulher. Se tinha, conseguiu escapar.

Pal sorria como um anjo. Suplicara aos céus que protegessem Laura para sempre. Na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos. Que ela fosse embora. Para bem longe. Que redescobrisse o amor. Que fosse feliz. Que não sofresse por ele, que o esquecesse depressa, que não ficasse de luto. Ele era um traidor, ela devia saber disso. No entanto, ele a amava tanto... amava Laura, amava seu pai. Era amor, mas um amor diferente. Como uma única palavra podia designar tantos sentimentos?

— Não tem nada com o que se censurar — sussurrara ainda Kunszer. — Você escolheu seu pai.

Então, segurara-o pelos ombros e o rapaz lembrara-se do gesto do próprio pai quando ele deixara Paris, do Dr. Calland, por ocasião de seu recrutamento pela SOE, e do tenente Peter no fim do curso de Beaulieu. E Kunszer prosseguira: — Todos os filhos escolheriam o pai! Eu teria feito como você! Foi um grande soldado! Que idade tem, senhor?

— Vinte e quatro anos.

— Tenho vinte a mais. O senhor foi melhor soldado do que eu.

Dois homens da Gestapo entraram no escritório e levaram Pal, para sempre. Ao passar por ele, Werner Kunszer, empertigado, fizera uma continência militar. E assim ficara, a homenageá-lo, por vários minutos. Talvez até mesmo por horas.

*

Uma semana após a morte de Paul-Émile, Kunszer fora visitar o pai. Era novembro, o dia de seu quadragésimo-quarto aniversário. Por que diabo voltara para ver aquele pai? Fora depois dessa visita que passara a se odiar.

Era quase meio-dia e meia quando entrara no prédio, na rue du Bac. Ao passar em frente ao almoxarifado, sentira um arrepio de asco. Subira até o primeiro andar, batera à porta e o pai abrira. Kunszer estava constrangido, pois o havia espionado durante semanas, sabia tudo sobre ele, mas o velho não o conhecia.

— Pois não? — perguntara o senhorzinho.

Kunszer ficara impressionado com a tristeza da situação. O pai emagrecera muito, e o apartamento parecia estar em grande desordem. Hesitara antes de responder: — Venho em nome de seu filho.

O pai abrira um sorriso imenso e corra para buscar uma mala, pegando, no caminho, seu casaco e chapéu.

— Olhe, estou pronto! Esperei, meu Deus, como esperei! Achei até que ele não viria nunca mais. Foi o senhor que o trouxe? O senhor é motorista dele? Como vamos para Genebra? Meu Deus, que alívio vê-lo! Achei que não iríamos

nunca mais! Paul-Émile está me esperando na estação?

Kunszer, desconcertado, desculpara-se:

— Sinto muito, senhor, mas não vim buscá-lo.

— Ah! Não vamos para Genebra?

— Não. Mas seu filho me encarregou de lhe dar notícias.

O rosto do pai se iluminara.

— Notícias? Magnífico! Mag-ní-fi-co!

Kunszer sentiu-se tentado a comunicar ao pai a morte do filho, mas logo desistira. Por causa do pai e da promessa feita a Paul-Émile.

— Vim lhe dizer que seu filho está bem. Muito bem, até.

— Então por que ele não veio me buscar?

— É complicado.

— Complicado? Complicado? O que tem de complicado? Quando promete ir embora com o pai, deve vir buscá-lo, não acha? Onde ele se meteu agora, pelo amor de Deus?

Kunszer, lembrando-se do cartão-postal de Genebra, respondera sem refletir:
— Está em Genebra.

— Em Genebra?

— Sim. Vim lhe informar que seu filho teve que retornar a Genebra por causa de assuntos urgentes. Está muito ocupado. Mas voltará em breve.

A decepção do pai era visível.

— Estou decepcionado. Se ele foi para Genebra, por que não me levou junto?

— A urgência da guerra, senhor.

— Então quando ele vai voltar?

— Suponho que muito em breve.

O pai parecia fraco e malnutrido. No entanto, um agradável cheiro de comida perfumava o apartamento.

— O senhor anda comendo direito? — preocupara-se Kunszer.

— Às vezes esqueço.

— Mas está um cheiro bom aqui na sua casa. Está cozinhando?

— Cozinho para o meu filho Paul-Émile. Todos os dias, na hora do almoço, passo correndo em casa. Saio mais cedo do trabalho e volto mais tarde. Por causa do encontro que marquei com Paul-Émile na hora do almoço. Ao meio-dia em ponto, não posso atrasar, pois o trem sai às duas da tarde.

— Trem? Aonde o senhor vai?

— Para Genebra, já lhe disse!

— Genebra? — repetiu Kunszer, que não estava entendendo mais nada. — Como pretende chegar lá?

— Não sei. Não sei mais. Mas vamos para Genebra com certeza, foi o que

Paul-Émile falou. Como ele não aparece, fico tão triste que perco a fome. A tristeza tira o apetite.

Isso acontecia todos os dias.

— Então não vai comer hoje?

— Não.

— Mas precisa comer mesmo assim! Em breve ele estará de volta.

Kunszer detestara-se por falar daquela forma, alimentar sua esperança. Mas o que podia fazer? O sofrimento, droga, não queria mais causar sofrimento àquele homenzinho.

— Quer almoçar comigo? — convidara então o pai. — Posso lhe contar sobre o meu filho.

Kunszer hesitara por um instante, mas acabara aceitando por compaixão.

O velho o convidara a entrar no apartamento. O local havia se tornado uma bagunça sórdida, não tivera como ser diferente. Ao lado da porta, a mala estava pronta para a partida.

— Como conhece meu filho? — perguntara o velho.

Kunszer não soube o que responder. Não podia dizer que os dois eram amigos, pois isso seria cinismo demais.

— Somos colegas — respondera, sem pensar muito.

O velho se animara ligeiramente.

— Ah, o senhor também é um agente do serviço secreto britânico?

Kunszer sentira vontade de pular pela janela.

— Sou. Mas isso é segredo.

O velho sorria, com um dedo na boca.

— Claro, claro. Os senhores são pessoas magníficas. Mag-ní-fi-cas!

Após almoçar, Kunszer sugerira arrumar um pouco o apartamento.

— O senhor não tem uma faxineira?

— Não. Antes, eu mesmo fazia faxina, isso me ajudava a passar o tempo. Mas agora não tenho mais ânimo.

Kunszer encontrara uma vassoura, velhos panos de chão, um balde, sabão e fizera uma faxina. O agente da Abwehr limpava a casa do pai do agente inglês que ele mandara executar.

Quando fora embora, o velho segurara suas mãos, cheio de gratidão.

— Não sei o seu nome.

— Werner.

O velho considerara Werner um nome esquisito para um agente inglês, mas não dissera nada para não ofendê-lo.

— Vai voltar, sr. Werner?

Ele deveria dizer não, quisera dizer não. Não voltaria mais, nunca mais, pois

não suportava ficar frente a frente com aquele senhor e menos ainda a intolerável mentira que contara. Mas como a razão demorara a responder, fora o coração que falara: — Claro. Logo mais.

O pai sorria, satisfeito. Como era bondoso aquele amigo de Paul-Émile que vinha amenizar a sua solidão.

E, em seu escritório no Lutetia, na tarde daquele maldito dia de novembro, Kunszer, aterrado, jurara cumprir sua promessa a Paul-Émile: uma vez por semana, iria cuidar do pai dele, levando-lhe alguma coisa para sobreviver. Aquele pai se tornaria seu pai e ele viraria seu filho. Até seus últimos dias, se fosse o caso.

Foi em janeiro de 1944, em Londres.

Havia, bem ao lado do British Museum, um café aonde ele ia todos os dias. Haviam passado tanto tempo juntos ali, sentados, tão perto um do outro naquele banquinho, ou de mãos dadas sobre a mesa, com um de cada lado. Ela o achara tão bonito naquele terno cinza. Todos os dias, Laura saía para perambular pelos cenários de sua paixão. Voltava aos restaurantes, aos teatros, repetia os passeios. Às vezes, usava os mesmos vestidos. No cinema, comprava dois ingressos. E ficava horas naquele café, relendo poemas que ele escrevera. Deixava o tempo passar, esperando que o sofrimento passasse.

Naquele ano, Laura faria vinte e quatro anos. Stanislas, quarenta e sete; Gordo, vinte e nove; Key, vinte e oito; e Claude, vinte e um. Fazia dois anos e meio que haviam se juntado à SOE, e tinham mudado muito. Tudo mudara. Laura entrava no terceiro mês de gravidez. Ninguém estava sabendo e, sob os agasalhos de inverno, ainda não dava para perceber nada. Mas em breve teria que dar a notícia. Fez de Gordo seu primeiro confidente. Levou-o até o pequeno café do British Museum. Tomaram chá por horas a fio, até que ela reunisse coragem para murmurar: — Gordo, estou grávida...

O amigo arregalou os olhos.

— Grávida? Mas de quem?

Ela caiu na gargalhada. Era a primeira vez que ria em muito tempo.

— De Pal.

O rosto de Gordo se iluminou.

— Ora essa! De quantos meses?

— Três meses.

Ele calculou mentalmente. Três meses, então fora naquele outubro catastrófico. Estavam em Paris quando fizeram o filho. Ele não sabia se aquilo era muito bonito ou muito triste.

— O que devo fazer, Gordo? — perguntou Laura, com lágrimas nos olhos. — Estou carregando o filho de um morto.

— Está carregando o filho de um herói! Um herói! Pal era o melhor de todos nós.

Gordo levantou-se da cadeira para se sentar no banco, ao seu lado, e a abraçou com força.

— Vai ter que contar a Stan — murmurou. — Não deve mais participar das

operações.

Ela balançou a cabeça.

— Mas essa criança não vai ter pai...

— Todos seremos seu pai. Key, Stan, Claude. Eu serei pai. Não o pai verdadeiro, entende o que quero dizer, não é? Mas um pouco pai, porque o amarei como se fosse meu filho.

E Gordo, subitamente impelido por uma força extraordinária, sentiu seu coração voltando a bater. Sim, jurava protegê-los, ela e seu filho, protegê-los sempre. Os dois nunca conheceriam o medo, nem a angústia ou o ódio, pois ele estaria presente. Sempre. Cuidaria daquele órfão, ainda por nascer, com todo o carinho, daria até a própria vida, ele, que provavelmente nunca teria descendentes. Aquela criança seria seu sonho dali em diante. E, no banco do café, Gordo abraçou Laura ainda mais forte para ter certeza de que ela compreendia todas aquelas palavras que ele não ousava pronunciar.

Janeiro de 1944, Paris.

Kunszer estava melancólico. Sabia que iam perder a guerra. Provavelmente não resistiriam nem mais um ano. Era só questão de tempo. Deixara de apreciar o Lutetia. Era, contudo, um belo hotel. Salões soberbos, confortáveis quartos que serviam de escritórios, com uma história magnífica. Mas desde que tinham se instalado lá, havia uniformes demais, botas demais, um excesso de rigidez germânica. Gostava do hotel, mas não gostava do que haviam feito com ele.

Era janeiro, mas bem que podia ser fevereiro, abril ou agosto, pois isso não tinha mais importância. No primeiro dia do ano, ele descera cedinho ao Salão dos Pássaros, onde havia sido colocada a mesa telefônica, passando em frente ao quarto 109, a suíte ocupada por Canaris quando este estava em Paris. Encostou as mãos na porta, como uma última prece em nome do seu admirado superior, que estava prestes a cair. Tinha certeza disso. Na mesa telefônica, pedira à telefonista para enviar uma mensagem para o almirante, parabenizando-o respeitosamente por seu aniversário. Canaris tinha cinquenta e sete anos. Por ali, o chamavam de “Velho”, pois fazia muito tempo que tinha cabelo branco. Escrevia-lhe por cordialidade. Porque sabia que aquele seria um ano difícil. Sem dúvida, o mais difícil.

Estava deprimido. Sentia falta de sua Katia. Perambulava pelos salões, pelos refeitórios. Tinha necessidade de conversar. E quando não encontrava ninguém, nem mesmo aquele enxerido do Hund, ia até o antigo salão de leitura, transformado em sala de repouso para os guardas do prédio, e tagarelava sozinho diante deles. Sobre o tempo que passava, sobre sua última refeição, sobre qualquer coisa, para não ter que dizer o que sentia vontade de dizer, para não ter que fazer o que sentia vontade de fazer. Queria esmagar aquelas sentinelas e berrar todo o seu desespero: “Irmãos alemães, o que vai ser de nós?” E se às vezes ainda encontrava dentro de si a força do cinismo, dizia para si mesmo: — Werner Kunszer, esta é a última vez que você se compromete com o serviço secreto, é a última vez que vai à guerra.

Em meados daquele mês, Baker Street emitiu novas instruções. Ninguém sabia ainda, mas seria a última missão deles na França.

Denis, o canadense, que nunca havia se juntado ao grupo, fizera um rápido bate-volta a Londres. Por isso, estava numa casa de trânsito, esperando para integrar uma rede do Nordeste.

Claude iria para um dos maquis do Sul.

Gordo saltaria de paraquedas no Norte, logo no início de fevereiro. Deveria se juntar a uma célula de propaganda negra, encarregada de confundir os alemães fazendo-os acreditar que em breve haveria um desembarque aliado na Noruega.

Key integraria um grupo interaliado, assim como Rear. Ambos se preparavam para realizar uma formação especial, nas Midlands, antes de partirem em missão.

Doff, que às vezes ia passar a noite em Bloomsbury, em novembro havia sido identificado pela Gestapo em Bordeaux. Mas conseguira sumir do mapa e voltar são e salvo à Inglaterra. O escritório de segurança da SOE decidira não mandá-lo mais para a França. Ele se juntara, então, no início do mês, à Seção de Contraespionagem da Executiva. Esta seção estava mais ativa do que nunca naquele período. Ocupava-se de impedir que espões inimigos conseguissem desvendar o segredo do Desembarque, principalmente espalhando informações falsas por intermédio dos agentes da Abwehr presos na Grã-Bretanha, os quais se viam obrigados a continuar se comunicando com Berlim. Assim, a SOE mandava para a Abwehr mensagens que ela mesma ditava para os espões cativos. A técnica era boa, mas, se os ingleses a estavam usando, com certeza os alemães faziam o mesmo.

Uma noite, Laura, decidida a comunicar sua gravidez a Portman Square, reuniu seus colegas de guerra na sala do apartamento de Bloomsbury: “Estou grávida de Pal”, anunciou, com os olhos marejados. E Stanislas, Key, Rear, Doff, Claude e Gordo a sufocaram com abraços e beijos. Pal ressuscitara. Gordo, orgulhosíssimo por já estar sabendo da notícia, contou a todo mundo como fizera para não dar com a língua nos dentes.

E todos os agentes, comovidos, fizeram planos para a criança. Seriam eles que a ensinariam a ler, a pescar, a jogar xadrez, a arremessar e a manipular explosivos. Já era tarde da noite quando Laura foi até o quarto de Key para conversar. Ele estava fazendo seus exercícios físicos.

— Estava com um pouco de medo da sua reação — confidenciou ela.

Ele se levantou, com o torso nu, os músculos saltados. Vestiu uma camisa.

— Por quê?

— Porque Pal está morto.

— Mas isso significa que os alemães não venceram. O que é a cara de Pal: nunca se deixar vencer. Você o amou tanto...

— Ainda o amo.

Key sorriu.

— Um filho dele, isso significa que vocês estarão sempre juntos. Mesmo que um dia você conheça outro homem...

— Não haverá outro homem nunca — interrompeu ela secamente.

— Eu disse *um dia*. Você ainda é jovem, Laura. É possível amar várias vezes, de maneiras diferentes.

— Não acredito nisso.

Key a abraçou para lhe dar ânimo e para evitar a conversa que ele não queria ter.

— O que os seus pais disseram?

— Ainda não contei para eles.

Key fixou os olhos na barriga de Laura. Se a pessoa não soubesse, não tinha como perceber.

— Ainda não estou preparada para contar para eles — acrescentou.

Key balançou a cabeça. Ele compreendia.

*

Os serviços administrativos da SOE encaminharam Laura a Northumberland House para uma avaliação psiquiátrica. Um simples ato de rotina em razão dos acontecimentos recentes. Cogitavam integrá-la à Baker Street. Ao entrar na sala aonde fora chamada, ela não conseguiu deixar de sorrir. Diante de si estava o homem que a recrutara: o Dr. Calland.

O homem a reconheceu imediatamente. Não se lembrava mais de seu nome, mas não se esquecera daquela linda moça. Estava ainda mais bonita.

— Laura — apresentou-se ela, para evitar a pergunta.

— E então...

— O tempo passou. Agora sou tenente.

Calland pareceu impressionado. Disse que se sentasse e deu uma olhada rápida em um documento em cima da mesa.

— Uma avaliação, hein? — perguntou.

— Sim.

— O que aconteceu?

— Essa maldita guerra, doutor. Um agente morreu em setembro. Era meu... noivo. Nós... enfim, estou grávida dele.

— Como ele se chamava?

— Paul-Émile. Nós o chamávamos de Pal.

Calland observou Laura e as lembranças lhe voltaram. Aquela leva de recrutas tinha sido a última que ele selecionara, antes de ser transferido para outras funções. Fora um escritor, aliás, que o sucedera. E, entre os nomes daqueles recrutas, guardara apenas um na memória: Paul-Émile. Aquele rapaz. Lembrava-se do poema, um poema que ele escrevera sobre o pai, enquanto passeavam juntos por uma avenida. Nunca iria esquecer.

— Paul-Émile... — repetiu Calland.

— Você o conhecia? — perguntou Laura.

— Conheço todos. Conheço todos vocês. Às vezes não me lembro de um nome, mas o resto não esqueço. Não esqueço que os que estão mortos o estão, em parte, por minha causa.

— Não diga isso...

Naquela tarde não houve avaliação. Calland considerou inútil essa medida. A moça estava bem, era corajosa. E, durante toda a entrevista, falaram apenas de Pal. Ela contou como se conheceram, as escolas de formação, a noite em Beaulieu; contou como haviam se amado em Londres, contou que só deixava Northumberland House quando já era noite... Isso tudo considerando que a consulta deveria durar no máximo uma hora.

Considerada apta a servir, Laura foi transferida para o quartel da Baker Street e designada para o setor dos códigos, das comunicações cifradas, o qual era subordinado à Seção F. Encontrou, num escritório ao lado do seu, as norueguesas de Lochailort.

*

Dez dias depois, Claude foi para a França. Chegaram os primeiros dias de fevereiro, então faltavam poucos meses para a Operação Overlord. Para a Seção F, o início do ano anunciava-se tão nefasto quanto o final do anterior: as tempestades haviam durado até meados de janeiro, atrapalhando bastante as operações aéreas, enquanto no Norte da França agentes lançados de paraquedas acabavam de ser recebidos pela Gestapo. A organização alemã era implacável, e seu serviço de radiogoniometria, particularmente eficaz. Com vistas à Operação Overlord, o comando geral da SOE em breve deflagraria a Operação Ratweek: a

eliminação dos quadros da Gestapo por toda a Europa. A Seção F, contudo, não estava envolvida nessa ação.

Em seguida, foi a vez de Key e Rear deixarem Londres. Antes de se juntarem a um grupo de guerrilha perto da cidade de Birmingham, nas Midlands, foram enviados a Ringway para um breve estágio de renovação, pois a técnica de lançamento de paraquedas tinha sido ligeiramente modificada. Passaram a saltar com uma *bolsa de perna*: o equipamento da missão ficava guardado num saco de pano, o qual era amarrado na perna do paraquedista por uma corda com vários metros de comprimento. No momento do salto, a corda se esticava, ficando com a bolsa pendurada: assim que tocava o solo, a corda afrouxava, avisando ao agente que a aterrissagem era iminente.

Gordo, por fim, foi convocado para partir. Preparou-se para aquele ritual imutável, que praticamente se tornara uma rotina: ir uma última vez a Portman Square, depois seguir para uma casa de trânsito, onde permanecia até a decolagem do bombardeiro, que partiria do aeródromo de Tempsford, o momento exato dependendo das condições meteorológicas. Ele não tinha medo de partir, mas estava apreensivo por deixar Laura sozinha. Como protegê-los, a ela e ao filho, não estando presente? Tudo bem, havia Stanislas, mas ele não sabia se o velho piloto conseguiria amar a criança como o próprio Gordo decidira fazê-lo. Era importante amá-la desde já. Em pensamento, assegurava a si mesmo que Doff também estaria em Londres, e Gordo gostava dele. Ele o lembrava Pal, só que mais velho. Doff devia ter trinta e poucos anos.

Na véspera de deixar Londres, enquanto arrumava sua bagagem no quarto de Bloomsbury, Gordo passou suas últimas recomendações a Doff. Ele passara a fazer parte do time.

— Cuide muito bem de Laura, meu pequeno Adolf — pediu Gordo, solene.

Doff assentiu, divertindo-se com o gorducho. Laura estava indo para o quarto mês de gravidez.

— Por que nunca me chama de Doff?

— Porque Adolf é um belo nome. Não é porque o idiota do Hitler roubou seu nome que deve mudá-lo. Sabe quantos homens há na Wehrmacht? Milhões. Então, acredite em mim, lá tem todos os nomes do mundo. Se acrescentar os colaboracionistas e a milícia, nossa conta abrange toda a população. Será que precisamos nos chamar por nomes imaculados, como Pão, Salada ou Papel Higiênico? Você gostaria que seu filho se chamasse *Papel Higiênico*? *Papel Higiênico, tome sua sopa! Papel Higiênico, fez o dever de casa?*

— Todo mundo chama você de Gordo...

— Não é a mesma coisa, esse é um nome de guerra. Você é como Denis e Jos, não tinha como saber... Não estava com a gente em Wanborough Manor.

— Você não merece ser chamado de Gordo.

— Esse é um nome de guerra, já disse.

— Qual é a diferença?

— Depois da guerra, acabou. Sabe por que gosto muito da guerra?

— Não.

— Porque, quando ela terminar, todos nós teremos uma segunda chance de existir.

Doff olhou com simpatia para aquele homem enorme.

— Cuide-se, Gordo. Volte rápido para cá, a criança vai precisar de você. Será um pouco pai dela...

— Pai? Não. Ou então um pai secreto, que fica na sombra. Mas nada além disso. Olhe para mim! Eu não vou ser um pai, vou ser um animal de circo, com esse cabelo horrível e esse queixo duplo. Meu filho emprestado vai sentir sempre vergonha de mim. E não posso ser um pai que envergonhe, não se faz isso a uma criança.

Houve um silêncio. Gordo olhou para Doff: era um homem bonito. E suspirou, cheio de amargura. Gostaria de ser como ele. Teria sido muito mais fácil com as mulheres.

Nos últimos dois dias, ele participara de uma importante reunião no Lutetia com os chefes das seções espanhola, italiana e suíça da Abwehr. Dois dias confinados no Salão Chinês, absortos em intensos debates; dois dias durante os quais ele fervilhara intimamente de impaciência: droga, por que não recebera sua encomenda? Foi só no fim da última discussão que o chefe da seção suíça disse a Kunszer: — Werner, eu já ia esquecendo: estou com o seu pacote.

Kunszer fingiu ter esquecido seu pedido do mês passado. E, nervoso, seguiu o colega até o quarto dele.

O pacote era um envelope de papel pardo, pequeno, mas grosso. Kunszer, com pressa, abriu-o no elevador: continha dezenas de cartões-postais de Genebra, em branco.

*

Uma vez por semana, desde novembro, incansavelmente, Kunszer ia visitar o pai, levando guloseimas e champanhe. E almoçava com ele, para certificar-se de que o velho também estava se alimentando. A cozinha, não obstante, estava sempre com um cheiro bom. Aquele pai preparava todos os dias o almoço para o filho. Contudo, nunca tocava na comida, se recusava a isso: a refeição do filho, se ele não aparecesse, não era aproveitada. Então os dois homens, em silêncio, limitavam-se aos frios. Kunszer, por sua vez, mal tocava nos alimentos, permanecendo com fome de bom grado: queria que sobrasse e que o pai comesse mais. Em seguida, enfiava discretamente algum dinheiro na sacola de compras.

Nos fins de semana, o senhorzinho não saía mais de casa.

— Deveria respirar um pouco de ar puro — repetia-lhe Kunszer.

Mas o pai se recusava.

— Não quero me desencontrar de Paul-Émile. Por que ele não dá mais notícias?

— Se pudesse, daria. A guerra, o senhor sabe, é difícil.

— Eu sei... — Suspirava. — Ele é um bom soldado?

— O melhor que há.

Quando falavam de Pal, o rosto do pai ganhava certo colorido.

— O senhor lutou ao lado dele? — perguntava o pai no fim de cada refeição, como se o mesmo dia se repetisse incessantemente, impedindo o calendário de

avancar.

— Sim.

— Então me conte — suplicava o pai.

E Kunszer contava. Qualquer coisa. Apenas para aquele pai se sentir menos sozinho. Contava peripécias mirabolantes, na França, na Polônia, em todo lugar para onde o Reich houvesse mandado seus soldados. Paul-Émile atacava as colunas de blindados e salvava seus companheiros. À noite, em vez de dormir, quando não lançava obuses no céu, trabalhava como voluntário nos hospitais que recebiam doentes graves. O pai se derretia de admiração pelo filho.

— Não quer sair um pouco? — convidava Kunszer sempre que terminava sua história de sempre.

O pai recusava toda vez. E Kunszer insistia.

— Cinema?

— Não.

— Concerto? Ópera?

— Duas vezes não.

— Um passeio?

— Não, obrigado.

— Do que o senhor gosta? De teatro? Posso conseguir o que quiser, tudo, tudo, Comédie-Française, caso lhe agrade.

Os atores costumavam ir jantar no restaurante do Lutetia. Se o pai tivesse vontade de conhecê-los, ou se quisesse assistir a uma apresentação particular, ele providenciaria. Sim, atuariam para aquele pai, em sua sala, se este fosse seu desejo. E caso se recusassem a ir, Kunszer mandaria fechar o teatro imundo e os encaminharia para a Gestapo, que deportaria todos eles para a Polônia.

Mas o pai não queria saber de nada que não fosse o filho. No início de janeiro, explicara à sua única visita: — Sabe, uma vez eu saí. Só para fazer umas compras inúteis. E tranquei a porta, apesar da minha promessa, mas foi por causa dos ladrões de cartões-postais, que já me roubaram um cartão enviado por Paul-Émile, um que eu não tinha escondido direito, sem dúvida. Enfim, nesse dia, me desencontrei do meu filho. E, por isso, vou me odiar para sempre, sou um péssimo pai.

— Não fale uma coisa dessas! O senhor é um pai formidável! — exclamara Kunszer, tomado por uma súbita vontade de estourar o próprio cérebro com sua pistola Luger, pois ele próprio era o ladrão.

No dia seguinte, encomendara cartões-postais com paisagens de Genebra ao comando suíço da Abwehr.

Assim que tomou posse de seu estoque de cartões, Kunszer começou a escrever àquele pai, fazendo-se passar por Paul-Émile. Havia guardado o cartão roubado e se inspirava nele, imitando a letra. Copiava primeiro as frases em rascunhos, centenas de vezes, se preciso, cuidadoso, para que a caligrafia ficasse verossímil. Depois enfiava os cartões num envelope em branco, que deixava na caixa de correio metálica da rue du Bac.

Querido e adorado paizinho,

É uma pena que eu não tenha conseguido voltar para Paris. Ando muito atarefado. Você compreende, é claro. Tenho certeza de que Werner está cuidando bem de você. Pode confiar nele. Penso em você todos os dias. Em breve estarei de volta. Bem depressa. O mais depressa possível.

Seu filho

Kunszer assinava *Seu filho*, pois não tinha coragem para a impostura suprema: escrever o nome do morto, Paul-Émile. Pelo que se lembrava, aliás, nenhum dos cartões que ele vira tinha sido assinado. Às vezes, até acrescentava: *Post-Scriptum: Morte aos alemães*. E ficava rindo sozinho.

Em meados de fevereiro, Canaris, atacado por Himmler e outros oficiais superiores do Sicherheitsdienst, tendo perdido a confiança de Hitler, deixou a direção da Abwehr. Kunszer, persuadido de que o Serviço ia ser desmantelado em breve, dedicou-se cada vez menos ao seu trabalho para o Reich e cada vez mais a seus cartões-postais: sua obsessão, no momento, era imitar com perfeição a letra de Paul-Émile. Passava dias dedicando-se a isso, e o sucesso em tal prática ditava o tom de seu humor. No início de março, o ritmo era de um cartão-postal por semana, com uma imitação perfeita, capaz de iludir os grafólogos da Abwehr. E quando ia encontrar o pai, via-o exultante, exibindo, mais feliz do que nunca, o cartão que acabara de receber de seu filho adorado.

Já era março. Aproximava-se o dia do inexorável ataque aliado. Para aquele ano estava programado um desembarque no Norte da França, o que não era mais segredo para ninguém. Restava saber onde e quando, por isso, todos os serviços do Exército estavam com os nervos à flor da pele. Kunszer não estava nem aí, pois desistira da Abwehr. No Lutetia, lhe parecia que, como ele, todos fingiam estar ocupados, passeando por aí, correndo das cantinas para a mesa telefônica e da mesa telefônica para os escritórios, ficando esbaforidos por nada. A guerra estava perdida para eles. Mas não para Hitler, não para Himmler; ainda não.

Às vezes Hund passava em seu escritório.

— Está tudo bem, Werner?

— Tudo bem — respondia o falsário, sem erguer a cabeça, curvado sobre sua mesa com uma lupa enorme.

Hund gostava muito de Kunszer, considerava-o um exemplo de militar. *Olhe esse homem trabalhando incansavelmente pelo Reich, sem parar*, pensava Hund, ao ver seu pupilo no meio da papelada.

— Não exagere muito no trabalho — acrescentava ainda o bisbilhoteiro.

Mas Kunszer não o escutava mais. Se parecia exausto, era por causa de seu doloroso teatro. No que estava se tornando? Tinha a impressão de estar perdendo a sintonia com a realidade. Diante do espelho do elevador, fazia caretas e reverências.

Em breve chegaria a primavera. Ele adorava a primavera. Era a estação de Katia: ela tirava as saias dos armários, a azul era sua predileta. Ele ficava alegre com a chegada da primavera, mas perdera o gosto de viver. Viver era uma farsa. Queria Katia. O resto não tinha mais importância. Se ainda estava em Paris, era por aquele pai.

Em meados de março, a produção de cartões-postais alcançou o ritmo de dois por semana.

Em Chelsea, a notícia da gravidez dividiu o lar dos Doyle, que já sofria uma tremenda provação com a guerra. Laura decidira comunicar a notícia aos pais: grávida de cinco meses, ela não podia mais esconder.

Era uma tarde de domingo. Stanislas e Doff foram com ela de carro, para lhe dar apoio. Ficaram esperando numa rua paralela, fumando. Ela voltara com o rosto marcado pelas lágrimas.

Richard Doyle recebera muito mal a notícia e não queria ouvir falar de um bastardo na família, bastardo de um defunto, além do mais. Um bastardo, um caso impróprio. Por causa disso, a família seria objeto de censura e ele talvez até perdesse a confiança dos banqueiros. Um bastardo. As empregadas domésticas desmioladas faziam bastardos em suas casas miseráveis com homens que não veriam mais e, depois disso, acabavam se prostituindo para criar os filhos ilegítimos. Não, Richard Doyle achava que sua filha não era séria se engravidara do primeiro que aparecera.

Ao ouvir as palavras do pai, Laura se levantara, de cara fechada.

— Nunca mais vou pisar nesta casa — dissera calmamente.

E fora embora.

— Um bastardo? — gritara France depois de Laura sair. — Filho de um soldado corajoso, isso sim!

Richard dera de ombros. Conhecia o mundo dos negócios; era um mundo difícil. Aquela história de bastardo iria lhe criar problemas.

Depois daquele domingo, Richard e France passaram a dormir em quartos separados. France não parava de pensar que, se o marido tivesse sido generoso, ela teria revelado para ele o segredo de Pal e sua filha, mas Richard não merecia saber como a filha honrava seu nome. Às vezes, em acessos de fúria, ela pensava que teria preferido que Richard morresse e Pal estivesse vivo.

Como Laura não vinha mais a Chelsea, France passou a visitá-la em Bloomsbury. Laura morava lá sozinha desde que Gordo, Claude e Key foram embora, mas Stanislas e Doff estavam sempre ao seu lado. Os dois a levavam para jantar, para passear pelas lojas, e não paravam de comprar presentes para o bebê que chegaria, os quais amontoavam no quarto de Gordo. Haviam decidido que o quarto de Gordo seria o quarto do bebê. O amigo com certeza aceitaria isso de bom grado. Ele passaria a dormir com Claude, que tinha um quarto maior e sem dúvida concordaria.

France Doyle gostava de ir ao apartamento de Bloomsbury, sobretudo nos fins de semana. Enquanto ela tagarelava com a filha na sala, Doff e Stanislas se ocupavam preparando o quarto da criança, pintando e forrando os móveis. Os dois homens acabavam retidos com frequência na Baker Street, mas davam um jeito de sair quando Laura estava de licença, para que ela não ficasse sozinha.

*

Após Ringway, Key e Rear reintroduziam os treinamentos intensivos nas Midlands, com seu grupo de agentes. Num imenso solar que parecia uma fazenda, fizeram uma formação de ponta no domínio do tiro e do rastreamento de minas.

*

No Sul da França, Claude juntara-se ao seu maqui. Era a primeira vez que via um maqui e ficou impressionado com a pouca idade dos combatentes. Com isso, sentiu-se menos só. Eram bem-organizados e superdeterminados. Tinham sofrido com o rigoroso inverno, mas a chegada próxima da primavera e dos dias ensolarados os revigorava. À frente do grupo, um homem com uns trinta e poucos anos, chamado Trintier, que passava a impressão de ser bravo, deu as boas-vindas a Claude. Embora o líder fosse dez anos mais jovem que ele, Claude se curvou à sua autoridade. Passaram longas horas juntos, isolados, trabalhando em cima das instruções de Londres. O objetivo, em apoio a Overlord, era frear a subida das unidades alemãs para o norte.

*

Gordo estava alojado num pequeno prédio, à beira-mar, numa cidadezinha do Nordeste da França. Juntara-se a um grupo de agentes e era o único a realizar atividades de propaganda negra, às vezes contando com a ajuda de alguns resistentes. Pela primeira vez desde o início da guerra, pensava em seus pais. Sentia-se melancólico. Sua família vinha da Normandia e seus pais moravam na periferia de Caen. Gordo se perguntava pelo paradeiro deles. Estava triste. Para se animar, pensava no filho de Laura e dizia para si mesmo que talvez tivesse vindo ao mundo para cuidar daquela criança.

Sentia-se só, a clandestinidade o angustiava. Estava carente. Ficava sabendo

pelos outros agentes que havia um bordel num dos becos da vizinhança, frequentado por oficiais alemães. Todos tinham se perguntado se não deviam planejar um atentado. Gordo, por sua vez, se perguntara se não devia ir lá em busca de um pouco de amor. O que Laura diria se soubesse que ele se entregava a esse tipo de atividade? Numa tarde, cedeu ao desespero: tinha um enorme desejo de amor.

*

Em 21 de março, primeiro dia da primavera, Kunszer convocou Gaillot ao Lutetia. Chamou-o ao seu escritório. Fazia tempo que não o via.

Gaillot ficou radiante ao ser recebido pela primeira vez no quartel-general, e aquela alegria não surpreendeu Kunszer. Se Gaillot tivesse se sentido ofendido por entrar à vista de todos nos escritórios da Abwehr, ele o teria poupado, porque pelo menos teria sido um bom soldado. Se, no primeiro contato, três anos antes, Gaillot tivesse se recusado a colaborar, se tivesse sido necessário ameaçá-lo e coagi-lo, ele o teria poupado, pois pelo menos teria sido um bom patriota. Mas Gaillot não passava de um traidor da sua pátria. Sua pátria, sua única pátria, e ele a havia traído. Por esse motivo, Kunszer detestava aquele homem: aos seus olhos, ele representava o pior que a guerra podia produzir.

— Estou tão nervoso por estar aqui — declarou Gaillot, animado, entrando no escritório.

Kunszer o observou sem responder e trancou a porta.

— Como está indo a guerra? — perguntou o visitante, para preencher o silêncio.

— Muito mal, vamos perder.

— Não diga isso! É preciso manter a esperança!

— Sabe, Gaillot, o que eles farão com você quando tiverem ganhado a guerra? Vão matá-lo. O que será sempre menos terrível do que o que nós mesmos infligimos a eles.

— Eu irei embora antes.

— E para onde?

— Para a Alemanha.

— Para a Alemanha... rá. Meu querido Gaillot, eles vão acabar com a Alemanha.

O rapaz ficou mudo, estupefato. Kunszer precisava acreditar. Reanimou-se quando o alemão lhe deu um tapinha no ombro como faria com um velho amigo.

— Vamos, Gaillot. Não se preocupe, arranjaremos um porto seguro para você.

O jovem sorriu.

— Vamos brindar. Ao Reich — sugeriu Kunszer.

— Sim, vamos brindar ao Reich! — gritou Gaillot, feito criança.

Kunszer instalou o visitante numa poltrona confortável, depois virou-se para o seu bar. De costas para o francês, serviu água num copo, simulando uma bebida alcoólica qualquer, e acrescentou ali o conteúdo de um tubo fosco: uma substância branca e granulosa parecida com sal. Cianureto de potássio.

— Saúde! — exclamou Kunszer, levando o copo até Gaillot, que não tinha visto nada.

— Não vai beber?

— Só mais tarde.

Gaillot não se intimidou.

— Ao Reich! — repetiu pela última vez, antes de esvaziar o copo em um único gole.

Kunszer observou sua vítima afundada na poltrona. Dava-lhe pena. Talvez tivesse convulsões e, então, seu corpo ficaria hirto, seus lábios e unhas, arroxeados. Antes que o coração parasse de bater, Gaillot recuperaria a consciência por alguns minutos, paralisado como uma estátua. Uma estátua de sal.

O francês, lívido, já parecia imobilizado, respirando com dificuldade. Então Kunszer abriu seu armário secreto e de lá tirou uma Bíblia. E, para o traidor que morria lentamente, leu os versículos de Sodoma.

Era primavera. A campanha da SOE na França, um preâmbulo à Operação Overlord, estava no auge. O Desembarque estava previsto para 5 de maio. Em quatro anos, a Executiva constituíra, formara e armara redes de Resistência por toda a França, com exceção da Alsácia. Contudo, a seis semanas da ofensiva aliada, faltava-lhes de tudo, pois as terríveis condições climáticas dos últimos meses haviam comprometido drasticamente o abastecimento. A prioridade da SOE no momento era abastecê-las com armas e munições antes da abertura da frente na Normandia. Desde janeiro, a RAF, que estava contando com o apoio da Força Aérea dos Estados Unidos, já efetuara mais de setecentos ataques, contra apenas cem no primeiro trimestre de 1943.

*

O maqui preparava-se para a tempestade. Uma das primeiras operações que Claude comandou com seu destacamento foi a sabotagem de um depósito de locomotivas. Minucioso, mandou plantar uma bomba sob cada uma das máquinas. Essa operação durou mais de uma hora. Porém, como as cronometragens dos detonadores haviam sido mal coordenadas, o resultado foram explosões em cadeia que semearam o caos entre os soldados alemães despachados para o local, o que fez o carola ser considerado pelos resistentes um líder guerreiro com gênio inovador.

Apesar de algumas outras operações bem-sucedidas, lideradas por Trintier, Claude se preocupava com o fato de estarem mal equipados. Tinham como resistir momentaneamente, mas as provisões esvaíam-se depressa. Já haviam feito encomendas a Londres, mas as entregas ainda eram bem raras e incompletas, pois as redes do norte do país tinham prioridade. Fizeram então uma espécie de reserva de armamentos e receberam ordens de atirar pouco, pois não podiam desperdiçar nada.

Os resistentes conheciam a maioria das armas, exceto as escopetas Marlin, então Claude demonstrou como manuseá-las. O religioso recomendou-lhes usar as Marlin em vez das Sten sempre que possível, pois eram ao mesmo tempo mais precisas e mais econômicas na munição. O grupo também recebera, no outono, armas pesadas: os lançadores antitanque PIAT.

— Como a gente usa esses trecos? — perguntou Trintier a Claude, durante

uma inspeção do material.

Claude pareceu constrangido: não fazia a menor ideia.

— Suponho que a gente deva mirar e...

Trintier abriu um sorriso amarelo. Claude, pragmático, sugeriu fazer alguns testes. Em contrapartida, quando simples combatentes lhe fizeram a mesma pergunta, o carola, que não queria dar o braço a torcer, respondeu, assumindo um ar importante e atarefado: “Não somos guerrilheiros, porra? Guerrilheiros usam fuzil. Concentrem-se em seus fuzis e não me venham encher o saco com todas essas perguntas!” Depois pediu a seu rádio-operador que enviasse uma mensagem urgente a Londres para obter, além das armas, um instrutor ou qualquer um capaz de ensinar o mais depressa possível os homens de Trintier a usar os tais PIAT.

*

Em Londres, Stanislas, supervisionando o grupo SOE/SO, preparava intensamente as operações junto aos serviços aliados. Se o período vazio da SOE na França terminara em fevereiro, graças, principalmente, à retomada dos voos de abastecimento, precisavam então fazer face aos intensos debates suscitados pela questão do suporte aéreo à SOE. O Serviço de Inteligência inglês, a Agência de Serviços Estratégicos (OSS, na sigla em inglês) dos Estados Unidos e outras entidades dos serviços *profissionais* aliados, não viam com bons olhos o incessante balé dos aviões, que tudo o que fazia era chamar a atenção da Gestapo, além de colocar em perigo os agentes de todos os serviços secretos em ação no campo. Tudo isso, segundo eles, para dar apoio aos agentes amadores da SOE e alguns resistentes maltreinados.

Os Estados-Maiores aliados contavam com a Resistência, mas não sabiam em que medida as redes seriam eficazes. As do Sul eram particularmente bem-organizadas; desde a criação dos maquis, elas já tinham infligido perdas humilhantes aos alemães. Considerando toda a França (Seções F e RF), a SOE, que providenciara a entrega das armas e seguira as redes por intermédio de seus agentes — às vezes inclusive formando alguns líderes de grupos resistentes nas diferentes escolas da Executiva —, calculava em mais de cem mil o número de combatentes clandestinos passíveis de serem acionados na França.

Na Baker Street, Stanislas vivia descendo ao setor dos códigos da Seção F. Ia observar Laura, furtivamente. Olhava-a trabalhar, sem que ela o visse, absorta em sua tarefa. Stanislas achava que seu luto a deixara ainda mais bonita. Sua barriga estava bem redonda, aos seis meses de gravidez. Uma vez, fora com ela

ao médico. Mãe e bebê passavam bem. O parto estava previsto para o início de julho.

Stanislas cuidava incansavelmente de Laura. Em Londres, estavam apenas ele e Doff, mas o colega tivera que se ausentar da capital. Então, todas as noites, Stanislas voltava com Laura da Baker Street até Bloomsbury. E se tivesse reuniões que fossem terminar tarde, ele saía para acompanhá-la até em casa e retornava ao quartel-general, sem que ela desconfiasse de que ele ainda não encerrara o expediente. Costumavam jantar juntos, em Bloomsbury, no restaurante, ou às vezes no apartamento de Knightsbridge. Stanislas convidava-a para passar a noite na casa dele, havia lugar sobrando, mas ela nunca aceitava: tinha que aprender a viver sozinha, uma vez que era este seu destino. Pois, apesar de todos os esforços de Stanislas e Doff, os dois eram impotentes contra a angústia que destroçava Laura.

Pal morrera havia cinco meses e ela continuava chorando, todas as noites. Chorava um pouco menos e dormia um pouco mais, mas não deixara de chorar. Como o apartamento de Bloomsbury estava vazio, não precisava mais se preocupar se alguém estava ouvindo. Chorava na sala, apertando no corpo o romance que Pal lera para ela em Lochailort, o qual encontrara em seu quarto. Não o abria, não o abiria mais, não tinha mais forças para isso, mas abraçá-lo a reconfortava. Ela cheirava a capa e se lembrava das palavras. Lembrava-se de Pal lendo para ela, lembrava-se deles. Lembrava-se da maioria dos momentos felizes com precisão e detalhe. Às vezes também sonhava com o futuro que haviam planejado: nos Estados Unidos, em Boston, em sua casa e com seu filho. Perambulava pelos cômodos, sentia o aroma do belo jardimzinho. Pal estava ali, havia o pai dele também; ele lhe falara tanto do pai. Na casa americana, havia um quarto para o pai.

Nas noites inglesas, enquanto Laura chorava seu desespero, plantada na sala, Adolf “Doff” Stein, no sul do país, cercava os últimos agentes infiltrados do Gruppe II da Abwehr, em busca das bases aliadas da Operação Overlord. À janela do seu quarto de hotel, ele se perguntava o que aconteceria ao seu povo miserável. O que eles se tornariam e o que o mundo se tornaria?

Nesse mesmo momento, em Knightsbridge, se estivesse em casa ou em seu escritório na Baker Street, Stanislas ficava trabalhando a noite toda, pensando em Claude e em Gordo, seus dois filhos em território francês, e rezava para que sobrevivessem.

As semanas iam passando. Veio abril, depois maio. O lançamento da Operação Overlord foi adiado para 5 de junho, propiciando um mês a mais para a fabricação das balsas de desembarque. A SOE aproveitou então para terminar de preparar os grupos de ação: as operações conjuntas da RAF e da Força Aérea dos Estados Unidos, em apoio à SOE na França, não tiveram mais trégua. Os envios de equipamento e agentes haviam se tornado uma mecânica bem-lubrificada, quase rotineira. Para o segundo trimestre de 1944, estavam previstas cerca de duas mil incursões aéreas. Key, Rear e outros agentes de grupos interaliados, tendo terminado seus treinamentos, aguardavam com impaciência sua partida para a França, roendo as unhas nas casas de trânsito da Executiva.

Em 6 de junho de 1944, com um dia de atraso em função das condições climáticas, os Aliados lançaram a Operação Overlord, que preparavam havia dez meses. A Radio-Londres transmitiu ininterruptamente mensagens para as redes de resistência na intenção de que estas entrassem em ação. No lusco-fusco da madrugada, com o coração a mil, Gordo e Claude, cada um numa extremidade do país, partiram para a batalha com seus compatriotas e metralhadoras Sten a tiracolo. Estavam com medo.

*

Pouco antes do Desembarque, o grupo SOE/SO havia espalhado seu contingente pela França. Rear fora enviado para o Centro. Key acabou sendo lançado de paraquedas com agentes da OSS na Bretanha. Ambos usavam uniforme. Era uma sensação estranha, após dois anos de clandestinidade, usarem uniforme do Exército britânico. O destacamento, muito bem-treinado, devia progredir rapidamente. Estavam encarregados de neutralizar as instalações da Luftwaffe na região.

*

A Resistência, mobilizada para a batalha que se aproximava, exaltou-se. E, enquanto os Exércitos britânico, americano e canadense preparavam-se para despejar um milhão de soldados nas praias da Normandia, enquanto o SAS britânico, finalmente preferido à SOE para confundir o Serviço de Informação alemã, lançava de paraquedas centenas de soldados num local onde não haveria Desembarque, as redes, nas imediações das cidades ou a partir dos maquis, sabotaram as ferrovias para impedir as tropas alemãs de se deslocarem pelo país.

No escritório de Kunszer, o rádio gritava. Ele estava calmo. Nos corredores, o nervosismo imperava, o pânico invadia o Lutetia. Começara o ataque à França.

Ele estava com medo. Mas já fazia muito tempo que se preparava para sentir medo. Desceu para pegar champanhe na cozinha do hotel e seguiu para a rue du Bac.

*

A noite caiu sobre Londres. As praias da Normandia conheceram intensos combates. Nas ondas radiofônicas, a BBC transmitia o apelo do general De Gaulle à Resistência. Enquanto isso, no Hospital Saint-Thomas, no bairro de Westminster, algumas semanas antes do previsto, Laura dava à luz seu filho. Na sala de parto, sua mãe estava ao seu lado. No corredor, Richard Doyle andava de um lado para outro.

A cada quinze minutos, uma enfermeira chamava France Doyle. O telefone. Era Stanislas, na Baker Street, tão ansioso com o desfecho do parto quanto com o da Operação Overlord.

— Está tudo bem? — perguntava a France toda hora.

— Fique sossegado, está tudo ótimo.

Stanislas suspirava. Na sétima ligação, ela pôde tranquilizá-lo definitivamente.

— É um menino — disse.

Do outro lado da linha, o velho Stanislas estava emocionado demais para falar. Sentia-se um pouco avô.

O Desembarque sacudiu a França. As redes comprovavam-se muito mais eficazes do que os Estados-Maiores aliados haviam previsto: as redes da SOE, conduzidas por Londres, as da França Livre, lideradas por Alger, mas também todos os civis que tomavam parte no esforço de guerra desencadeando atos de sabotagem espontâneos através do país.

Na Normandia e nas regiões vizinhas, os resistentes constituíam uma força de combate à parte. Key e seu grupo dispunham de grande quantidade de material de guerra. Distribuíam alimentos e uniformes à população, criando pequenas facções de combatentes, que treinavam sumariamente. A instrução da SOE era para desestabilizar as unidades alemãs com sabotagens ou pequenos combates. O objetivo era enfraquecê-las, minar o moral dos soldados, depois deixar os Exércitos aliados concluírem a tarefa. Por exemplo, um método eficaz de combate consistia em deter uma coluna alemã com um tiroteio, depois, com seus veículos imobilizados e seus soldados saindo à caça dos resistentes, uma esquadrilha da RAF ou da Força Aérea dos Estados Unidos surgia de repente do nada e bombardeava a coluna, não raro infligindo-lhe pesadas baixas.

No Sul, as redes tentavam atrasar a subida dos reforços do Reich na direção da frente de batalha, sabotando as linhas telefônicas, as ferrovias e os depósitos de gasolina ou provocando confrontos diretos, ataques e emboscadas. Entretanto, as colunas alemãs, atacadas por combatentes quase invisíveis, faziam sua fúria recair sobre a população. O pior aconteceu em junho, poucos dias após o Desembarque. A 2ª SS Panzer Division *Das Reich*, que saíra da região de Bordeaux para juntar-se ao front da Normandia, parou no vilarejo de Oradour-sur-Glane, depois de pequenos combates com as Forças Francesas do Interior, as FFI. Os cidadãos foram reunidos na praça e os homens acabaram fuzilados, as mulheres e crianças trancadas na igreja e queimadas vivas. Mais de seiscentos mortos, no total.

*

Claude e Trintier comandavam as operações em conjunto. A RAF finalmente lançara armas, material e mantimentos de paraquedas, mas não o suficiente. Nos contêineres, a SOE acrescentara braçadeiras com as cores da França, que Claude distribuía aos combatentes. Mas não era de braçadeiras que precisavam, e sim de

armas! Claude estava preocupado. Londres era ofuscada pelo apoio às redes do Norte, o maqui sofrera perdas e as reservas de munição escoavam-se dramaticamente. Para piorar as coisas, na euforia da guerra, os combatentes conversavam abertamente com os civis. Às vezes, se exibiam nos vilarejos com suas armas e braçadeiras, atraindo olhares. Se os alemães descobrissem o maqui, eles não resistiram e seriam todos massacrados. À noite, sob uma tenda, Claude fazia o balanço da situação com Trintier.

— Administramos mal o nosso estoque — disse o resistente, igualmente preocupado.

— Temos que ser mais discretos. Menos emboscadas, mais sabotagens... Precisamos resistir até a próxima leva. Ah, se Pal estivesse aqui para organizar as coisas...

— Você conhece Pal? — perguntou Trintier.

— Conhecia... Mas...

— *Conhecia?* — interrompeu o líder. — Ele morreu?

— Sim. Em outubro.

— Merda. Sinto muito, meu velho. A gente aqui não sabia de nada...

Claude ficou de pé, quase tremendo. Se ele estava naquele maqui, era porque Pal nunca estivera lá.

— Ei, espere aí! Como é que você conhece Pal? — perguntou o religioso.

— Conhecer é exagero. No fim de setembro, setembro passado, enviaram um agente para reforçar e ajudar na formação do maqui. Era ele. Pal. Ótimo sujeito. Mas ele só ficou uma noite. Nós o recebemos, como de praxe, e, depois, no dia seguinte à sua chegada de paraquedas, ele foi embora.

Claude deu um tapa na própria testa, pasmo. Pal passara pelo maqui antes de Paris! Londres não sabia disso. Por ocasião de seus preparativos na Portman Square, haviam lhe dito que Pal nunca estivera ali. Então se erguia uma zona de sombra. Na época não havia rádio-operador no maqui e, por conseguinte, a SOE desconhecia o que acontecera depois de sua aterrissagem de paraquedas. Stanislas formulara a hipótese de que Pal talvez tivesse perdido o comitê de recepção e seguido para Paris. Mas aparentemente não tinha sido nada disso.

— Mas então esteve com ele? — perguntou Claude. — Quer dizer, tem certeza mesmo de que era ele?

— Em todo caso, ele se chamava Pal. Com certeza. Será que era outro? Mas esse não é um nome muito comum. Um rapaz, da sua idade, ou alguns anos mais velho. Bonitão. Inteligente.

— Só pode ser ele. Pal então foi mesmo recepcionado...

— Como estou dizendo. Eu estava lá, com outros rapazes do grupo. Assim que aterrissou, ele já queria ir embora. Queria ir para Paris.

Claude suspirou, zozinho.

— Mas que droga, por que Paris?

— Não faço a menor ideia. Ele disse que suspeitava de estar sendo seguido, que não se sentia em segurança, ou alguma coisa assim. Em todo caso, pediu para ser enviado para Paris. No dia seguinte, fiz com que ele passasse por Nice e embarcasse num trem, acho. O que aconteceu com ele?

— Foi capturado. Mas ninguém sabe como. A SOE lançou-o de paraquedas no Sul e alguns dias depois ele foi pego... Em Paris... Mas, espere... Tem certeza de que ele se referiu a Paris?

— Tenho.

— Certeza?

— Absoluta. Ele queria ir para Paris.

Claude estava perplexo: aquilo não fazia sentido. Por que Pal, sentindo-se ameaçado ao chegar ao maqui, revelara o lugar onde pretendia se refugiar? E o que não era seguro? O maqui? Se fosse esse o caso, ele deveria ter falado Paris e desembarcado em Lyon, ou em qualquer outro lugar, para confundir as pistas. Os pensamentos se aceleraram em sua cabeça: será que havia um traidor no maqui que provocara a queda de Pal? Trintier, não, em todo caso, depositava inteira confiança nele.

— Quem mais sabia que Pal queria ir a Paris?

Trintier refletiu por um instante.

— Éramos quatro no comitê de recepção, quando ele chegou de paraquedas. No entanto, só Robert sabia sobre Paris. Foi ele quem o escoltou até Nice, aliás.

— Robert... — repetiu Claude. — Quem eram os outros?

— Aymon e Donnier.

Claude anotou os nomes num pedaço de papel.

*

Ela o embalava, suavemente, na grande sala da casa de Chelsea. Era o meio da noite, uma noite no fim de junho. Estava tudo calmo, as bombas haviam parado no fim da tarde. As janelas abertas deixavam entrar o vento de verão e o aroma das tília da rua. Ela achava o filho o mais lindo do mundo e colocara seu nome de Philippe.

Desde o nascimento do filho, ela não chorava mais, mas continuava sofrendo de insônia. Havia momentos em que ela o contemplava, perdida em suas reflexões. Como iria criá-lo sozinha? E como ele cresceria sem pai? Deixou seus pensamentos divagarem um pouco. Não muito. Tinha um filho, era o mais

importante. Agora precisava ser feliz.

France Doyle desceu do seu quarto para juntar-se à filha.

— Não está dormindo?

— Estou sem sono.

Por iniciativa da mãe, Laura se instalara em Chelsea, para descansar. Richard mantinha distância de tudo aquilo. Mas era avô, era importante ser avô.

— Você nos deu uma bela criança — sussurrou France.

Laura concordou.

— Pal ficaria orgulhoso.

Houve um longo silêncio. A criança acordou por um breve instante e voltou a dormir.

— Por que não vai para o campo? — propôs France timidamente. — Você e Philippe ficariam em segurança lá.

Desde o Desembarque na Normandia, Londres era atacada por foguetes alemães V1 disparados das costas francesas. A operação sobre Peenemünde não fora capaz de impedir a utilização de mísseis. Os foguetes caíam dia e noite, eram mortíferos e a população não tinha tempo de chegar nos abrigos ou nas entradas do metrô. Diariamente, havia dezenas de civis mortos na capital. Mas Laura, resignada, recusava-se a sair dali.

— Preciso ficar em Londres — respondeu ela à mãe. — Não me apavorei até hoje, e não é agora que vou me impressionar. Já faz tempo que os alemães não me impressionam mais.

France não insistiu, mas estava preocupadíssima. Cansada da guerra. Junto à filha, cuidava de Philippe.

As duas mulheres não tinham notado o vulto ao volante de um carro estacionado em frente à entrada da casa havia horas. Estava ali todas as noites. Stanislas, com sua Browning no cinto, vinha montar guarda. Fazia aquilo por si mesmo, para se tranquilizar. Nunca se recuperaria de ter mandado aqueles que considerava seus filhos para a morte. Queria cuidar dos vivos. Então, se um foguete V1 viesse destruir a casa, justamente aquela casa, ele também queria morrer. Era sua maneira de lutar contra os fantasmas.

*

Sob o calor de julho, os combates redobram de intensidade. Os Aliados progrediam. Caen foi libertada em 9 de julho pelo Exército britânico ao custo de intensos bombardeios, e as tropas franco-americanas planejavam desembarcar em agosto na Provença, vindos da África do Norte.

Apesar do entusiasmo dos combatentes, os maquis do Sul enfrentavam um mês difícil: grande parte sentia falta de armamentos e, à medida que os combates ganhavam amplitude, os voluntários corriam para se juntar às organizações de resistência. Havia também os antagonismos políticos, que às vezes prevaleciam sobre a guerra. Acontecia da França Livre ou de os comunistas se recusarem a serem liderados pela SOE, sendo que haviam sido armados por ela: cada um aguardava instruções do próprio time, as FFI querendo o aval de Argel e as FTP o do Partido antes de atirar com armas entregues pelos ingleses. Porém, como as infraestruturas de comunicação haviam sido destruídas por essas mesmas redes, era difícil pedir ou receber ordens.

Claude estava preocupado. Os reforços tão requisitados não chegavam. Mesmo tendo costumeiramente um temperamento tão calmo, perdia as estribeiras com seu rádio-operador, que não podia fazer nada. Trintier era mais tranquilo, dizia para o religioso não se preocupar. E durante uma emboscada testou com sucesso um lançador antitanque, ele, que nunca tinha usado um.

Durante as operações e o dia a dia do maqui, Claude observava atentamente os combatentes. Será que Pal fora entregue à Abwehr? Será que havia um traidor entre eles? Seria Aymon? Robert? Ou Donnier? Não suspeitava de Trintier, é claro. E os demais? Realizara várias batidas nos depósitos de gasolina com Aymon, que tinha uma personalidade taciturna, mas isso era uma razão para suspeitar dele? Robert, que morava num vilarejo próximo do maqui, parecia ser um bom patriota, fazia parte da equipe que sabotara o depósito de locomotivas e mais de uma vez transportara combatentes em sua caminhonete. Isso era suficiente para dissipar eventuais suspeitas? Donnier, por sua vez, era um batedor talentoso, que nunca falhara. Claude já pensava em absolvê-lo, mas toda aquela história de traidor o corroía por dentro, sua confiança nos combatentes se desgastava. Esse era um mau sinal.

Sozinho no escritório, ele dançava com sua mulher de papel. Tinha perdido o juízo. O relógio de parede deu meio-dia e a passagem do tempo o surpreendeu novamente. Beijou o retrato, desligou a vitrola e guardou Katia numa gaveta. Tinha pressa de sair do Lutetia, pois precisava ir à rue du Bac. Ia lá praticamente todo dia.

O mês de julho já estava na metade, fazia um tempo esplendoroso. Ele caminhava sem casaco. Seguiu pelo bulevar Raspail, pela calçada da direita, como sempre. Pelo bulevar Saint-Germain, no entanto, ia sempre pela esquerda, no lado oposto àquele onde ele detivera Marie. Apertou o passo para compensar o atraso.

— Sua cara não está boa, Werner — disse o velho, abrindo a porta antes que ele tocasse a campainha.

Já o esperava, de olho na porta. Kunszer entrou. Um aroma convidativo de carne assada espalhava-se pelo apartamento.

— Os dias são longos, senhor — disse o alemão, num tom de desculpa.

— O importante é dormir, Werner. À noite, devemos dormir. Onde está hospedado, aliás?

— Tenho um quarto.

— Onde?

— Rue du Sèvres.

— Não é longe.

— Não.

— Então não se atrase para o almoço, Werner! A carne assada passou do ponto. Os ingleses nunca se atrasam.

Kunszer sorriu. O velho recuperara um pouco da alegria de viver. Nos últimos tempos, comiam inclusive os pratos que ele preparava para o filho. O ataque na Normandia revigorara aquele senhorzinho. O fim da guerra se aproximava, diziam, seu Paul-Émile voltaria em breve.

— Pal vai muito bem — disse o pai, acomodando seu eterno convidado à mesa. — Acabei de receber dois cartões. Quer ver?

— Claro.

O pai pegou o livro na lareira, e de dentro dele retirou os dois tesouros, estendendo-lhe.

— Quando meu filho vai voltar? Você me disse que ele voltaria logo.

— Não vai demorar, senhor. É questão de dias.

— Dias! Que felicidade! Isso quer dizer que vamos finalmente poder sair daqui!

Kunszer perguntou-se para que partir, uma vez que os alemães estavam prestes a deixar Paris.

— Em duas ou três semanas — retificou, para ganhar certa margem.

Era o tempo que ele estimava necessário para que os Aliados alcançassem Paris.

— Eu não imaginava que houvesse tanta coisa para fazer em Genebra — disse o pai.

— É uma cidade bastante estratégica.

— Disso, nunca duvidei. É uma bela cidade, Genebra, já estive lá, Werner?

— Infelizmente, não.

— Pois eu já. Um monte de vezes. Uma cidade magnífica. Ah, os passeios à beira do lago, as esculturas de gelo no chafariz durante o inverno.

Kunszer balançou a cabeça.

— Mas Paul-Émile não tem tempo de passar e me buscar? É coisa de dois dias...

— O tempo vale ouro, principalmente nos dias de hoje.

— É verdade! É a debandada para os alemães, não é?

— Ah, sim.

— E é o meu filho quem coordena tudo isso?

— É. O Desembarque na Normandia foi ideia dele.

— Ah, magnífico! Mag-ní-fi-co! — exclamou o pai, alegre e cheio de entusiasmo. — Que bela ideia ele teve! É a cara do meu filho! Engraçado, houve uma época em que eu acreditava que, em vez de estar na guerra, ele trabalhava num banco.

— Banco? Onde?

— Ora, em Genebra também, caramba! Repito isso o tempo todo, você nunca escuta o que eu digo, Werner?

Kunszer ouvia atentamente, mas continuava sem entender aquela história de banco em Genebra, que ele já ouvira da boca da zeladora por ocasião de sua investigação para desmascarar Pal.

O pai desapareceu na cozinha para pegar a carne assada. Sua mala continuava pronta, com a escova de dentes, o salame, o cachimbo, o romance. Não tocara em nada. Já fazia mais de um mês desde o Desembarque. Seu filho chegaria a qualquer momento. O trem para Lyon partia às quatorze horas, ele lhe dissera.

O grupo de Key colaborava estreitamente com o SAS, que acabara de aterrissar de paraquedas na região, com jipes. Enquanto os americanos avançavam por Rennes, eles trilhavam as rotas noturnas, deflagrando um dilúvio de fogo sobre as patrulhas alemãs com as quais cruzavam. Key sentia-se bastante pressionado, mas a situação mudara. As organizações de resistência mostravam pouco a pouco a que vieram. Ele mesmo não tirava mais o uniforme. A guerra secreta praticamente ficara para trás, mas o importante era limitar-se a combater, atemorizar, enfraquecer. Sobretudo, não fazer frente às unidades alemãs, pesadamente equipadas e capazes de aniquilar combatentes estáticos. No Vercors, integrantes da França Livre sitiados por divisões da SS haviam sido massacrados de forma pavorosa.

Claude, plenamente consciente da situação, tentava conter as ambições de Trintier e dos resistentes, que planejavam lançar ataques temerários, sendo que as emboscadas deviam ser simples e breves. Ele mesmo privilegiava as sabotagens, inclusive nas autoestradas. Era preciso resistir até o desembarque aliado no Sul.

Numa manhã, quando o religioso, todo suado após voltar de uma incursão, tentava se limpar, Trintier veio encontrá-lo. O rádio-operador recebera uma mensagem de Londres, informando que um fornecimento de material via paraquedas fora anunciado para aquela manhã e Trintier tinha ido resgatá-lo com alguns de seus homens. A RAF e a USAF não hesitavam mais em largar homens e equipamentos em pleno dia.

— Como foram as coisas? — perguntou Claude.

— Tudo sob controle. Recebemos o material solicitado.

— Tudo?

— Armas, munições... Absolutamente tudo.

— Já não era sem tempo!

Trintier sorriu, sentindo-se esperto.

— Por que está rindo? — quis saber Claude.

— Londres finalmente nos enviou um instrutor para os lançadores PIAT.

Claude suspirou. O pedido já datava de mais de dois meses, por causa dos imprevistos da administração da Baker Street. Haviam tido tempo de aprender por conta própria.

— E onde está esse espertalhão?

Trintier levou-o para um galpão onde o recém-chegado tomava sol, a camisa úmida colada em seu corpo.

— É uma bela região — comentava o homem a um jovem combatente intimidado pelo imponente agente do serviço secreto britânico.

Claude caiu na gargalhada. Aquele homem com certeza tinha todas as

qualidades do mundo, mas não as de um instrutor de PIAT.

— Gordo!

O gorducho interrompeu sua conferência e deu um pulo.

— Carola!

Correram para se abraçar.

— Mas o que você está aprontando por aqui? — perguntou Claude.

— Eu estava no Norte, para o Desembarque, mas agora os americanos estão fazendo um bom trabalho. Então me mandaram para cá.

— Passou por Londres? Tem notícias dos outros?

— Não. Não vou lá desde fevereiro. Estou com saudade. Eles me jogaram dentro de um avião. Um Datoka... Uma geringonça daqueles americanozinhos.

— Dakota — corrigiu Claude.

— Dá na mesma. Bem, eles me embarcaram lá e me jogaram aqui. Sabe, Carola, acho que vamos ganhar esta guerra.

— Assim espero... Mas enquanto todo mundo se diverte no Norte, aqui não estamos sabendo de nada.

— Não se preocupe. Os americanos estão se preparando para desembarcar na Provença. Vim como reforço para arrebentar os Boches. E vim dar uma de instrutor de lançador antitanque, isso estava nas minhas ordens também.

Claude deu risada, imaginando as catástrofes que poderiam ser causadas se Gordo utilizasse um PIAT.

— Por acaso sabe usar isso?

— Eu aprendi, sabia? Prestei atenção à aula em vez de ficar pensando no menino Jesus!

— Tivemos aula sobre essa parafernália?

Gordo ergueu os olhos para o teto, fingindo impaciência.

— Quer dizer que você mata as aulas para ir à missa e depois se ferra! Vimos isso na Escócia. Ainda bem que agora Gordo está aqui com você.

E o amigo deu um tapinha na cabeça de Claude, como se faz com uma criança.

Gordo estava na terceira missão seguida, por isso, sentia-se cansado. Pensava muito na Inglaterra, nas escolas da SOE, em seus colegas, em tudo aquilo que contribuía um pouco para ele existir. Graças à guerra, tornara-se Gordo, vulgo Alain, e não mais Alain, vulgo *o gordo*. Sofrera durante os treinamentos, mais que os outros, mas tinha ido parar no seio de uma família. Foi isso que o fez aguentar. Mesmo suas missões para a SOE não passavam de uma forma de ficar na companhia deles, e se não fosse isso teria desistido havia muito tempo. Os colegas eram tudo que ele sempre sonhara: amigos fiéis, irmãos humanos. Por muito tempo, achara que só os cães podiam ser fiéis e depois houvera Pal, Laura,

Key, Stanislas, Claude e os outros. Ele nunca dissera isso a ninguém, mas fora durante a guerra que descobrira que a vida era bela. Graças a eles, graças à SOE, tornara-se alguém. Após o Desembarque, juntando-se à rede, na Normandia, passara próximo a Caen, nas vizinhanças de sua casa, da casa de seus pais. Sentira vontade de visitá-los, de lhes dizer como estava realizado. Saíra de casa sendo somente um balofo, e se tornara um guerreiro temível. Nos momentos mais eufóricos, pensava que talvez não fosse tão medíocre quanto alguns pensavam que ele era.

Na noite de sua chegada ao maqui, Gordo partiu com Claude, Trintier e um punhado de homens para um atentado a um trem de transporte de tropas. Como estava escurecendo tarde, eles saíram em plena luz do dia e escolheram um local bem ao abrigo das árvores para instalar os explosivos ao longo dos trilhos. Trintier se encarregou de desenrolar o cabo do detonador até um morro próximo, atrás do qual se escondeu, pois seria ele quem deflagraria a explosão. Adiante, um batedor e um sinalizador. Dispersos na região do local da operação havia dois grupos de atiradores, para servir de proteção. Um deles tinha sido formado por Gordo, Claude e um jovem recruta amedrontado, todos armados com metralhadoras Sten e Marlin.

— A metralhadora não está muito pesada? — sussurrou Gordo ao rapaz, tentando puxar conversa para diminuir a tensão.

— Não, senhor.

— Qual é o seu nome?

— Guignol. Não é meu nome verdadeiro, mas é assim que me chamam, de gozação.

— Não é gozação — retorquiu Gordo, num tom de especialista —, é um nome de guerra. É importante ter um. Sabe qual é o meu? Gordo. — O rapaz não disse nada. Escutava atentamente. — Pois bem, isso não é gozação — continuou —, é uma particularidade, porque tenho uma doença que me faz ser assim, pode se informar, você não estava em Wanborough Manor com a gente, mas, em todo caso, esse virou meu nome de guerra.

Em meio à escuridão que se instalava, Claude deu um tapa de advertência em Gordo, que, sem querer, tinha acabado de divulgar um dos locais de treinamento totalmente sigilosos da SOE. Mas o rapaz não entendeu nada.

— Quer chocolate, soldado? — ofereceu então o gorducho.

Ele balançou a cabeça. A presença daquele imponente agente britânico o tranquilizava. Um dia, contaria. Esperava que acreditassem nele: sim, lutara ao lado de um agente inglês.

— Aceita, Carola?

— Não, obrigado.

Gordo vasculhou o bolso. Tirou uma barra de chocolate, que dividiu ao meio. O dia estava no fim e, escondidos em meio aos arbustos, não conseguiam enxergar distintamente pois estava muito escuro.

— Tome, cara, isso vai lhe dar coragem.

Gordo estendeu um pedaço de chocolate ao rapaz, que o aceitou de bom grado.

— Bom, não é?

— Sim — disse o jovem combatente, que mastigava com muita dificuldade.

Claude ria em silêncio: era explosivo plástico.

Logo ouviram o sinalizador, depois o trem se aproximando. E, quando o transporte passou por entre as árvores, deflagrou-se uma enorme explosão.

Julho chegava ao fim. Eles aproveitavam uma tarde de trégua para passear no Hyde Park, tranquilos, apesar dos V1 que minavam o moral dos londrinos. Seguindo na frente, Laura empurrava o carrinho de bebê no qual estava Philippe. Alguns passos atrás, Doff e Stanislas tinham uma conversa importante. Avançavam lentamente para que a moça não os ouvisse. Falavam da guerra, como sempre. Laura ainda não voltara a trabalhar na Baker Street e os dois homens estavam convencidos de que, se ela não os ouvisse, ficaria sem saber das batalhas na França, das perdas aliadas e dos foguetes V1 que ameaçavam a cidade. Não levavam em conta os jornais, o rádio, as sirenes, as conversas nos cafés. Ingênuos, imaginavam que, se sussurrassem, Laura seria poupada do furor do mundo.

Ela estava radiante sob o sol, vestindo uma saia branca que lhe caía muito bem. As pregas se mexiam à medida que ela andava, elegante. Sabia tudo da guerra e pensava nela o tempo todo. Pensava em Gordo, Key, Claude. Em Faron também, diariamente, revivendo a fuga do apartamento. E em Pal, a cada segundo, condenada a pensar nele pelo resto da vida. Pensava também no pai dele, em Paris. Quando a guerra terminasse, iria para a capital e lhe apresentaria seu magnífico e risonho neto. Como fazia com ela, Philippe o consolaria daquele sofrimento abominável. E ela pediria para o pai de Pal lhe falar sobre o filho, por dias a fio, para que ele continuasse a viver. Estava cansada de ser a única a conservá-lo vivo, os outros nunca falavam dele, para não lhe fazer sofrer. Também queria que um dia Philippe conhecesse a história do pai.

Os três andarilhos seguiam por um caminho que passava pelos lagos. O parque estava deserto. A população sentia-se aterrorizada com os mísseis que caíam desde meados de junho sobre Londres e o Sul da Inglaterra. Os V1, *die Vergeltungs Waffen* — as armas da vingança — eram uma das últimas esperanças de Hitler para retomar o controle da guerra. Os foguetes eram lançados de rampas instaladas ao longo das costas do Canal da Mancha e, rápidos e silenciosos, caíam a qualquer hora do dia ou da noite, até duzentos e cinquenta por dia, às vezes uma centena só em Londres. Já havia milhares de mortos, e as crianças eram evacuadas para os campos afastados, fora do alcance dos mísseis. Um esquadrão de Spitfires atravessou o céu ruidosamente. Laura não prestou atenção, já Stanislas e Doff acompanharam os aviões com o olhar, inquietos.

O Serviço de Informação britânico não conseguia localizar as rampas dos V1: o Exército só era capaz de detectar os foguetes quando já estavam sobre o Canal da Mancha. A DCA conseguia derrubar alguns, mas a RAF achava-se relativamente impotente diante desses ataques, bem diferente das hordas de bombardeiros da Blitz: os caças decerto podiam atirar nos foguetes em pleno ar, mas o impacto das explosões afetava perigosamente os aviões de combate. Vários deles acabaram sendo perdidos dessa forma. Existia, no entanto, um meio, espetacular e perigoso, de evitar que os mísseis caíssem em zonas habitadas. Alguns pilotos de Spitfire conseguiam desviar sua trajetória roçando as asas do avião sob uma aleta da bomba.

Laura afastou-se da trilha para mostrar a Philippe os patos num lago. Divertindo-se, deu uma olhada em Doff e Stanislas, que haviam prudentemente interrompido a conversa. Ela sabia muito bem que eles conversavam sobre a Operação Overlord. Agradeceu aos céus por ter colocado aqueles dois homens na sua vida e na de Philippe. Sem eles, não fazia ideia do que seria de si.

Stanislas contemplou as ondulações. Os Aliados avançavam inexoravelmente pela França, mas, mesmo que as operações militares levassem seguramente à vitória, isso não atenuava os antagonismos entre Aliados e franceses. As relações eram tensas. Os membros da França Livre tinham sido mantidos afastados dos preparativos da Overlord, e De Gaulle só fora avisado no último momento da data do Desembarque. Ao mesmo tempo, ele percebera que a França não teria garantias de plena autodeterminação mesmo após ser libertada e se opusera a Churchill e Eisenhower, recusando-se inclusive, por ocasião do lançamento da Overlord, em 6 de junho, a pronunciar seu discurso radiofônico em prol da união de todas as forças de resistência. Mas acabara se resignando, tarde da noite. O problema passou a ser o destino dos agentes da Seção F da SOE depois da guerra. O grupo SOE/SO estava envolvido em negociações com a França Livre sobre o status a ser concedido, após a libertação, aos franceses que haviam combatido nas fileiras da SOE. A questão tinha sido levantada antes do Desembarque e estava em suspenso havia meses. Para grande desespero de Stanislas, as discussões ainda não haviam dado em nada. Alguns cogitavam inclusive considerar os agentes franceses da SOE traidores da pátria por terem colaborado com uma potência estrangeira.

Laura colocou o filho no colo. Com a mão livre, pegou um punhado de cascalho e jogou na água. Os patos, ao achar que estavam recebendo comida, precipitaram-se. Ela riu. E os dois homens atrás sorriram.

Foram sentar-se num banco para continuarem a conversa.

— Fiz o que você me pediu — disse Doff.

Stanislas aprovou com a cabeça.

— A Contraespionagem espionando... — chiou Doff. — Quer que eu seja enforcado, hein?

Stanislas esboçou um sorriso.

— A única coisa que você fez foi consultar um dossiê. Quem está conduzindo o inquérito?

— Ninguém, no momento. O processo está parado. Com a Overlord, temos outras prioridades.

— E o que descobriu? — perguntou Stanislas, nervoso.

— Nada de mais. Acho que o caso vai ser arquivado. Eles foram presos, como dezenas de agentes. Cometeram um erro ou foram delatados.

— Mas quem teria feito isso?

— Não sei. Pode até não ser um filho da puta, talvez um resistente que foi preso e torturado. Você sabe o que fazem com eles...

— Sei. E um infiltrado na Executiva?

— Sinceramente, não faço ideia. Pelo visto, ninguém conhecia a existência do apartamento de Faron. Então, não imagino como um agente infiltrado...

— Na Baker Street não conhecemos sequer todos os esconderijos dos agentes!

— Ele foi lançado de paraquedas sozinho?

— Foi, era para um rádio-operador juntar-se a ele mais tarde.

— É verdade. Mas, segundo Laura, Faron tinha lhe garantido que era oficialmente um apartamento seguro. A Seção F deveria estar sabendo.

— O que mais?

— Pal estava em Paris. Ele não tinha nada para fazer lá, tinha aterrissado no Sul. Droga, o que é que ele estava fazendo lá? Ele não costumava descumprir ordens...

Stanislas assentiu.

— Ele devia ter uma boa razão para ir a Paris, mas qual...? O inquérito menciona os interrogatórios de Laura?

— Sim. Aparentemente Faron tinha preparado um atentado contra o Lutetia — disse Doff.

— O Lutetia?

— Como falei, ele teria mostrado mapas a Laura. Havia algum atentado desse tipo planejado?

— Não que eu soubesse.

— De acordo com a ordem de missão, Faron havia sido mandado para Paris com o objetivo de preparar alvos onde realizar bombardeios.

— Talvez um bombardeio do Lutetia? — sugeriu Stanislas.

— Não. Ele estava preparando um atentado com explosivos.

— Uau.

— O que isso significa, na sua opinião? — perguntou Doff.

— Não faço ideia.

— Quando eu tiver tempo, irei a Paris investigar — disse Doff. — Será que o pai de Pal está sabendo que o filho...

— Não, acho que não. O pai dele... Sabe, durante as escolas de formação Pal falava muito dele. Era um bom filho, o Pal.

Doff assentiu e baixou a cabeça, triste.

— Assim que pudermos avisá-lo, faremos — declarou.

— Temos que fazer isso direito.

— Sim.

Não tinham visto Laura, que vinha na direção deles, com Philippe ainda no colo.

— Estavam falando de Pal, não é?

— Dizíamos que o pai dele não sabe do seu falecimento — explicou Stanislas, com certa tristeza.

Ela fitou-os com carinho e sentou-se entre os dois.

— Então, temos que ir a Paris — disse ela.

Os dois agentes concordaram e passaram os braços por trás dela, em sinal de proteção. Depois, sem que Laura notasse, trocaram um olhar. Havia discutido secretamente aquele assunto várias vezes na Baker Street. Queriam entender o que havia acontecido em Paris naquele dia de outubro.

*

Sentado à sua mesa, Kunszer olhava fixamente para o telefone, apavorado com a notícia: Canaris, o chefe da Abwehr, tinha sido preso pela contraespionagem do Sicherheitsdienst, o Serviço de Segurança alemão. Desde o atentado contra Hitler, oito dias antes, as altas patentes alemãs estavam sendo vigiadas. Havia tentado matar o Führer plantando uma bomba numa sala de reunião do *Wolfsschanze*, seu quartel-general próximo a Rastenburg. A repressão nas fileiras do exército era terrível, as suspeitas recaíam sobre todo mudo, a Contraespionagem grampeara os telefones. E Canaris tinha sido preso. Será que fazia parte dos conspiradores? O que aconteceria com a Abwehr?

Estava com medo. No entanto, não participara da conspiração, não fizera nada, e era justamente por essa razão que tinha medo: nos últimos meses não fizera mais nada pela Abwehr. Se seu caso fosse examinado, considerariam sua passividade uma traição. Contudo, se estava inerte, era porque não acreditava mais na vitória alemã havia muito tempo. E os Aliados avançavam pela França.

Em poucas semanas, estariam beirando Paris. Em breve, a orgulhosa Alemanha fugiria, ele sabia. As tropas debandariam e o Reich teria então perdido tudo, seus filhos e sua honra.

Estava com medo. Medo de que também viessem prendê-lo por alta traição. Mas ele nunca traía. No máximo, tivera opiniões próprias. Se dependesse dele, permaneceria entre as quatro paredes de seu escritório no Lutetia, com a Luger na mão, pronto para abater quem da SS viesse lhe atacar, disposto a estourar os miolos quando os britânicos que ele tanto combatera entrassem com seus tanques em Paris. Mas havia o pai. Ninguém abandona o pai. Se conseguisse sair, seria por ele.

O Exército alemão não podia mais nada contra o inexorável avanço aliado, temivelmente apoiado pela Resistência. Nos primeiros dias de agosto, os americanos tomaram Rennes. No fim da primeira semana, a Grã-Bretanha inteira estava libertada. Em seguida, os blindados da Força Aérea dos Estados Unidos entraram em Le Mans e, em 10 de agosto, em Chartres.

Key e seu grupo, que haviam encerrado a missão no Norte já libertado, foram enviados, junto a uma unidade do SAS, para a região de Marselha, visando o desembarque na Provença.

No maqui, Claude prosseguia sua investigação, em busca do conspirador que entregara Pal aos alemães. Contudo, se Pal tinha sido traído por um membro do maqui, como a Abwehr conseguira chegar ao apartamento de Faron? Seguindo-o? O cara que entregara Pal talvez fosse indiretamente responsável pela captura de Faron. Era imprescindível descobrir o culpado. Das quatro pessoas que haviam recepcionado Pal quando ele aterrissou, Claude não tinha nenhuma suspeita de Trintier, e suas investigações haviam inocentado Donnier. Restavam Aymon e Robert. Após refletir bastante sobre a questão, Robert lhe parecia o principal suspeito, pois não tinha nenhum álibi: estava encarregado de fazer a ligação entre o maqui e o exterior, morava num lugarejo próximo e cuidava especialmente do abastecimento de alimentos para os combatentes. Sendo assim, ele poderia ter negociado com os alemães sem despertar suspeitas. Claude observara detidamente o comportamento de Robert e Aymon. Os dois eram resistentes corajosos e patriotas orgulhosos. Mas isso não significava mais nada.

*

Em 15 de agosto, foi lançada a Operação Dragoon. As forças americanas e francesas desembarcaram na Provença, vindas da África do Norte. As redes, alertadas na véspera por uma mensagem da BBC, participaram dos combates.

Numerosos voluntários se apressaram aos maquis para pegar em armas. Os alemães opunham uma resistência débil. Nos vilarejos, misturando-se aos uniformes dos soldados franceses e americanos, combatentes de todas as cores e facções exibiam suas insígnias e suas armas para demonstrar o orgulho que tinham de participar da libertação. A tal entusiasmo popular sucederam as primeiras tensões entre Claude e Trintier: Claude desconfiava do afluxo de

combatentes de última hora e queria que o companheiro acabasse com aquilo. Os recém-chegados não eram formados, não havia equipamento suficiente e, sobretudo, ele suspeitava de colaboracionistas que, percebendo a mudança no curso da guerra, misturavam-se aos resistentes. A França deveria julgá-los.

— É bonito ver todos esses franceses voluntários! — protestava Trintier. — Querem defender a pátria!

— Deveriam ter feito isso quatro anos atrás!

— Nem todo mundo nasce um herói de guerra...

— Não é essa a questão! Não vamos recrutar gente que não sabe lutar. Também é sua responsabilidade que os homens sobrevivam.

— E o que digo aos que forem dispensados?

— Mande-os para os hospitais, onde serão mais úteis que aqui. Ou para as FFI... Eles sempre precisam de gente.

Após um dia particularmente penoso e a enésima discussão com Trintier, Claude se isolou numa pequena colina. Estava de péssimo humor. Acabava de inspecionar os alimentos e o material: faltavam utensílios e mantimentos da última remessa da RAF. Suspeitava de Robert mais do que nunca. Só ele poderia sair do maqui com o material. Se fosse ele, o que devia fazer? Claude estava nervoso, irritadiço. Após alguns minutos, Gordo foi encontrá-lo. Fazia muito calor e o colega trazia uma garrafa d'água. Claude lhe agradeceu.

— Está bem fresca — disse ele, bebendo direto do gargalo.

— Eu a enchi no riacho. Gosto muito desse morro. Lembra a escola.

— Escola?

— Wanborough Manor, o morro aonde íamos fumar.

— Você não fumava.

— Pode ser, mas eu brincava com as guimbas. Não gosto muito de fumar, fico tossindo... Sabe, Carola, eu adorei as nossas escolas.

— Está brincando? Era muito difícil.

— Na hora, não gostei. Mas agora, pensando bem, vejo que não era tão ruim assim. A gente acordava cedo, mas estávamos todos juntos...

Silêncio. Gordo precisava desabafar, mas sentia que Claude estava mal-humorado. Mesmo assim, entregara-lhe a garrafa d'água, que ele mantinha sempre fresca, debaixo de uma pedra do riacho.

— Continua bravo com Trintier? — perguntou Gordo, para reconfortar o amigo.

— Continuo.

— Por quê?

— Porque ele quer recrutar qualquer um para a rede, e eu não concordo.

— É verdade, não temos muita munição.

— Ora, o problema não é esse, podemos arranjar quanto quisermos agora que os americanos estão aqui. Mas não quero que colaboracionistas usem o maqui para se absolverem: esses homens precisam pagar pelo que fizeram.

— Como assim, absorver?

— Absolver. É quando Deus perdoa você.

— E Deus vai perdoar eles? Deus tem que perdoar todo mundo, não acha?

— Pode ser que Deus os perdoe. Mas os Homens, jamais!

Continuaram sentados.

— Carola?

— Sim.

— Acha que Laura já deu à luz o pequeno Pal?

— Ah, com certeza.

— Queria muito vê-lo.

— Eu também.

Silêncio.

— Carola?

— O que é agora?

Claude estava nervoso, sentia-se mal, queria que Gordo o deixasse em paz.

— Estou cansado — confessou Gordo.

— Eu também. O dia foi longo. Então vá descansar um pouco, volto para lhe chamar para o jantar.

— Não, não é isso... Estou cansado da guerra.

Claude não respondeu nada.

— Você matou Homens, Carola?

— Matei.

— Eu também. Acho que isso vai nos assombrar pelo resto da vida.

— Fizemos o que tínhamos que fazer, Gordo.

— Não quero mais matar...

— Vá descansar, Gordo. Vou buscá-lo mais tarde.

Seu tom era seco, não amigável. Gordo se levantou e foi embora, triste. Por que seu querido Claude não queria conversar um pouco com ele? Andava se sentindo solitário nos últimos tempos. Foi se deitar debaixo de um pinheiro centenário. Pensou ter escutado o barulho dos combates ao longe. Pouco antes do lançamento da Operação Dragoon, os Aliados haviam interceptado uma mensagem de Hitler ordenando às suas tropas que deixassem o Sul da França e se retirassem para a Alemanha. Os serviços de informação haviam dado um jeito para que a instrução não chegasse às guarnições da Provença, que, surpreendidas pelo Desembarque, estavam sendo esmagadas pelas divisões americanas e francesas. A dominação do Reich sobre a França desmoronava, e,

simultaneamente, em Paris, a insurreição reinava.

Na penumbra atrás das cortinas fechadas, enfurnado em seu escritório no Lutetia, ele contemplava sua Katia. Era 19 de agosto, os americanos estavam chegando à cidade, e os tanques do general Leclerc não tardariam a se aproximar.

O Lutetia estava deserto, pois todos os agentes da Abwehr haviam fugido. Apenas alguns fantasmas, vagando de uniforme, gozavam das últimas mordomias do hotel. Champanhe, caviar... Como a guerra estava perdida, era melhor fazer as coisas direito. Na janela, a cabeça apoiada entre as duas abas forradas de feltro, Kunszer observava o bulevar. Sabia que estava na hora de partir. Ficar significava morrer. A tarde chegava ao fim. Em breve completaria um ano que haviam levado sua Katia. Ele pegou a maleta de couro e guardou a Bíblia e o adorado retrato. Repetiu o gesto várias vezes para adiar a partida. O resto não tinha mais importância.

Pela última vez, foi até a porta do quarto 109, que era de Canaris quando este estava em Paris. Desceu pela escada até o térreo. A mesa telefônica, a cantina, o restaurante, quase tudo deserto. A Alemanha estava prestes a ser derrubada. Kunszer se sentia triste. Tudo aquilo para nada. Nada mais fazia sentido, nem ele, nem ninguém, nem os Homens, nem qualquer outra coisa. À exceção das árvores, talvez.

Serviu-se de um último café, o qual bebeu lentamente, para estender o prazo fatal. Quando passasse pela porta do hotel, com sua maleta, não haveria mais esperança. Tudo estaria perdido, ele bateria em retirada, receberia seu *Vae victis* e a Alemanha estaria derrotada. Sua Katia estaria morta sob os bombardeios aliados, sua Bíblia só serviria para as orações fúnebres, e o retrato dela seria apenas um símbolo do luto.

Ao tomar o último gole, teve a sensação de que os passarinhos nunca mais cantariam. Então deixou o Lutetia. Cumprimentou educadamente o porteiro.

— Adeus, cavalheiro — disse.

O homem não retribuiu o cumprimento. Apertar a mão de um oficial alemão naquele dia era arriscar-se a ser fuzilado no dia seguinte.

— Sinto muito por toda essa bagunça — acrescentou Kunszer para puxar algum assunto. — Sabe, não era o que estava programado. Ou talvez fosse, sim. Não sei mais. Agora que os senhores voltarão a ser um povo livre, eu deveria lhes desejar boa sorte na vida nova... Mas a vida, cavalheiro, a vida é com

certeza o maior desastre já concebido.

E foi embora. Com dignidade. E, pela última vez, encaminhou-se à rue du Bac. Subiu até o último andar e tocou a campainha. Chegara a temida hora do *adeus*.

No apartamento, o pai fervilhava de ansiedade.

— É verdade o que estão dizendo? Os alemães estão batendo em retirada? Paris vai ser libertada em breve?

Ele não notara a maleta que Kunszer carregava.

— Sim, senhor. Daqui a pouco os alemães não serão mais nada.

— Então vocês ganharam a guerra! — exclamou o pai.

— Sem dúvida. E, se não a ganhamos, pelo menos os alemães perderam.

— Não parece satisfeito.

— Engano seu.

Kunszer não ousou dizer que não viria mais. O pai parecia tão feliz.

— E o meu Paul-Émile? Vai voltar?

— Em breve, sim.

— Amanhã?

— Um pouco mais tarde.

— Quando, então?

— A guerra continua no Pacífico...

— E isso também passa por Genebra? — indagou o pai, sem acreditar.

— Tudo passa por Genebra, senhor.

— Que cidade, que cidade!

Kunszer, perturbado, olhou para aquele pai que não veria mais. Não encontrava palavras nem coragem para lhe comunicar sua partida.

— Senhor, pode me mostrar novamente os últimos cartões de Paul-Émile?

— Os cartões? Os cartões. Ora, mas é claro!

O rosto do pai se iluminou. Ele foi até a lareira, pegou o livro, contou os cartões-postais e os contemplou demoradamente.

— Ah, Genebra, ah, meu filho! E pensar que é ele quem comanda essa guerra! Estou muito orgulhoso, o senhor sabe. Só lamento que a mãe dele não esteja aqui para ver... Aliás, qual é a patente dele para assumir todas essas responsabilidades? Coronel pelo menos, não? Coronel! Uau... Incrível, já ser coronel tão jovem. Que futuro ele tem pela frente! Sabe, depois disso, ele poderia pensar na presidência, o que acha? Não imediatamente, é claro, mais tarde, por que não? Coronel. Ele é coronel, é isso? Hein? Hein?

O pai virou-se para seu interlocutor, mas não havia mais ninguém.

— Werner, onde está você, meu amigo?

Não houve resposta.

— Werner?

Ele deu alguns passos pelo corredor e viu o portão entreaberto.

— Werner? — chamou o pai mais uma vez.

Só restava o silêncio.

Na rua, um vulto corria pelo bulevar em direção à estação Gare de Lyon, um vulto com uma maleta. Kunszer estava fugindo. Não era mais alemão, não era mais Homem, não era mais nada. Canaris, seu herói, tivera presença de espírito, meses antes, para levar sua família para um local seguro, fora da Alemanha. Mas ele não tinha ninguém para colocar ao abrigo, nem Katia, nem filhos. Finalmente, sentia-se feliz por não ter filhos, pois eles morreriam de vergonha do pai.

No bulevar, Kunszer corria. Não o veriam mais. Dali a poucos dias, os Aliados libertariam Paris. Os bombardeios e a destruição da cidade tão temidos por Pal jamais aconteceriam.

No final de agosto, na Marselha recém-libertada, Gordo e Claude passeavam pelo porto, com braçadeira tricolor no braço e arma no cinto.

— Sinta o cheiro da maresia! — exclamava Gordo.

Claude sorria.

Missão cumprida. Estavam de partida para Londres.

— É o fim da SOE? — perguntou Gordo.

— Não faço ideia. Enquanto a guerra não tiver acabado, a SOE não acabou.

Gordo balançou a cabeça.

— E nós, então?

— Também não faço ideia, Gordo.

— Quero muito rever Laura, conhecer o bebê! Espero que seja um menino, como Pal. Ei, Carola...

— O que é?

— Mesmo se a guerra terminar um dia, você pode continuar me chamando de Gordo?

— Se prefere assim...

— Prometa, é importante.

— Então, prometo.

Gordo suspirou de alívio e começou a correr, como uma criança feliz. Durante toda a vida, nunca tivera aquela sensação. Passara pela formação da SOE, sobrevivera às suas missões, a um interrogatório da Gestapo. Sobrevivera aos espancamentos, ao medo, à angústia da clandestinidade. Assistira ao que os irmãos humanos haviam se infligido reciprocamente e sobrevivera, também. Isso tinha sido o mais difícil: sobreviver ao desastre da humanidade, não desistir e continuar firme. Os golpes eram apenas golpes. Doem, um pouco, muito, mas depois a dor diminui. É igual à morte. A morte é apenas a morte. Mas viver como Homem entre os homens era um desafio diário. E a poderosa sensação de bem-estar que Gordo tinha naquele dia era objeto de orgulho.

— Somos homens bons, hein, Carola? — gritou o gorducho.

— Somos, sim. — Depois de um tempo, Claude ainda murmurou: — Somos Homens.

E, melancólico, sorriu para o amigo. Como era possível que Gordo, depois do que tinha feito, ainda duvidasse do que era? Sentou-se num banco e contemplou o colega, que jogava pedras nas gaivotas. De repente, sentiu uma mão pesada no

ombro e se virou de imediato: atrás dele estava um belo homem, num uniforme escuro. Key.

— Porra! — deixou escapar Claude.

— Agora você fala “porra”? — perguntou Key, sorrindo. — A guerra acabou lhe fazendo bem!

Claude levantou-se de um pulo e os dois homens deram um abraço demorado.

— Ei, o que está fazendo aqui? E de uniforme! Que elegância!

Key apontou para uma varanda, na qual soldados acomodavam-se ao redor de uma mesa.

— Estou com os caras das tropas interaliadas, que caíram do céu para dar um pé na bunda dos últimos alemães. Fomos largados de paraquedas na região imediatamente antes do Desembarque...

Key não conseguiu terminar a frase, pois um corpo imenso chegou num grande rebuliço e se jogou em cima dele, apertando-o com uma afeição fora do comum.

— Key! Key!

— Gordo!

Gordo contemplou o amigo segurando com firmeza seus ombros.

— Ganhou um uniforme, Kiki! Está soberbo nele!

— Obrigado, Gordo. Se quiser um igual, temos um monte. Imagine que nós, na SOE, lançando contêineres de paraquedas, somos ridículos comparados aos outros: o SAS, meu velho, lança carros de paraquedas!

— Automóveis, está ouvindo isso, Carola? Automóveis!

Riram, vibrando de alegria, e caminharam calmamente pelo píer, em meio a uma torrente de palavras. Quem havia voltado a Londres desde fevereiro? Ninguém. E Laura? E a criança? Ninguém sabia de nada. Ansiavam por voltar, tinham pressa de rever todos os saudosos amigos e se fizeram mutuamente todas as perguntas que estavam entaladas na garganta. Passaram a tarde juntos e, no fim do dia, decidiram não se separar. Key despediu-se de seus colegas e acompanhou Gordo e Claude ao maqui para passar a noite. O local estava magnífico, sob a doçura de um fim de dia de verão, perfumado pelas fragrâncias dos pinheiros, ao abrigo do mundo, tendo ao fundo apenas os sons do canto dos passarinhos, cigarras e grilos.

— Nada mal, isso aqui — disse Key.

— É nosso cantinho de paraíso! — declarou Gordo, todo satisfeito por impressionar Key.

Claude levou Key para visitar as instalações, apresentou-lhe Trintier. O Sul tinha sido libertado e vários combatentes haviam partido, mas Trintier, obstinado, continuava efetuando patrulhas com seus homens, zelando pela

população e perseguindo eventuais colaboracionistas.

Ao passarem junto ao riacho, Gordo enfiou as mãos na água e puxou sua garrafa metálica.

— Quer uma água da boa, Kiki? Bem fresquinha, um dia inteiro de riacho. A melhor água da França.

Key bebeu cerimoniosamente alguns goles daquela água tão rara. Depois fizeram uma fogueira e ficaram à vontade. No crepúsculo, esvaziaram algumas latas de conserva em tigelas e comeram com alegria. Conversaram por horas a fio. Claude encontrou um pouco de aguardente e fizeram um brinde. À liberdade da França, ao seu retorno a Londres, ao fim da guerra, que eles esperavam que fosse próximo, e à nova vida que poderia começar. Mais tarde, Gordo adormeceu próximo ao fogo, roncando estrondosamente. Sentia-se protegido com Key ali. Naquela noite, com certeza, não teria nenhum pesadelo. Claude cobriu-o com uma colcha.

— O que vão fazer com ele? *Nosso cantinho de paraíso*, ele diz...

Key sorriu.

— Ah, vamos cuidar disso...

Claude contemplou o amigo imerso no sono e feliz.

— Key, preciso lhe contar...

— O quê?

— Pal... Ele estava nesse maqui antes de ir para Paris.

— E daí?

— Ele chegou aqui, disse que estava em perigo. Falou que pretendia ir para Paris... e logo depois, foi capturado...

— Você acha que há um traidor?

— Exatamente.

— Quem?

— Eu tinha várias pistas, só que a mais provável, na minha opinião, é um cara chamado Robert, um resistente. Ele fazia parte do comitê de recepção durante a aterrissagem de Pal, foi quem o levou à estação de Nice. Ele sabia de Paris. E acho que faz uma espécie de mercado negro com as remessas aéreas. Não me admiraria que flertasse com os Boches.

— São acusações sérias... Precisamos ter certeza absoluta.

— Eu sei.

— Qual é a sua outra pista?

— Aymon, do maqui também.

Key parecia pensativo.

— Amanhã voltamos a pensar nisso — sugeriu.

Os três homens passaram a noite juntos, diante da fogueira. Na manhã

seguinte, Claude e Key decidiram aprofundar a investigação: livraram-se de Gordo, dando-lhe uma tarefa longa e inútil, e foram atrás de Aymon. Key interrogou-o durante uma hora, frente a frente, olhando-o direto nos olhos. Naquele uniforme, ele impressionava bastante.

— Não é ele — disse a Claude, quando terminou. — É um sujeito honrado, sem dúvida.

— Eu achava a mesma coisa.

— Vamos ao outro. Onde encontrá-lo?

— Ele não está aqui. Mora num vilarejo das vizinhanças.

— Vamos interrogá-lo.

— E se não for ele também?

— Então continuaremos nossa busca. Traidores não merecem trégua.

O carola concordou.

Alcançaram a estrada. O vilarejo ficava a aproximadamente uma hora do maqui. Ao chegar, os dois homens atraíram olhares, por causa dos revólveres, da braçadeira, do uniforme. Pouco depois da saída do vilarejo, encontraram a casa: uma pequena construção de pedra e madeira com uma oficina mecânica ao lado. Não longe dali, havia um grupo de três habitações. Bateram à porta e um menino de uns dez anos a abriu.

— Bom dia, menino. Seu pai está em casa? — perguntou Claude.

— Não, senhor.

— Está sozinho?

— Sim, senhor.

— Quando seu pai volta?

— Mais tarde, senhor. Quer entrar?

— Não, menino. Depois a gente volta. Obrigado.

Claude e Key se afastaram um pouco. Já fazia calor. Key apontou para a oficina.

— Ele é mecânico, esse tal de Robert?

— Algo assim.

Aproximaram-se da oficina e olharam pelas vidraças empoeiradas. O lugar estava deserto.

— Vamos dar uma olhada — propôs Key.

— Para fazer o quê?

— Para dar uma olhada.

Key olhou em volta, mas não havia ninguém. E a casa, um pouco longe da estrada, estava à vista de todos. Com um forte pontapé, arrebentou a fechadura. Lição de Beaulieu: ninguém vence uma fechadura com uma pinça ou alfinete. O jeito é arrebentar. Simples assim.

Pilhas de chapas metálicas atulhavam o interior. Abriram caixas e tiraram algumas estopas cheias de graxa. Nada. De repente, Claude chamou Key, apontando-lhe um alicate.

— Isso é ferramenta fornecida por Londres.

Key, taciturno, concordou. Então vasculharam o local, meticulosamente, e encontraram utensílios e porções de comida. Lá estava o material da SOE, que sumira das despensas do maqui.

— Muito bem, acho que agora não resta mais dúvida... — murmurou Claude.

*

O dia chegava ao fim. Fazia horas que esperavam, encolhidos nas moitas. A mulher de Robert chegara ao meio-dia, com outra criança de cinco ou seis anos. Mas Robert não aparecia.

— Acha que ele ficou sabendo que a gente estava aqui? — perguntou Claude.
— Devem ter comentado sobre o uniforme na vila e ele ficou com medo.

Key soltou um palavrão.

— Eu me sentiria mal se ele debandasse para Berlim, com uma coluna de Boches.

Esperaram mais um pouco. Suas pernas estavam dormentes de câibras, mas resistiam, em nome de Pal e Faron, quem Robert, o infame traidor, havia entregado. E veio o crepúsculo. A hora do jantar já passara, mas um cheiro bom de comida vindo da casa ainda impregnava o ar. Uma caminhonete apareceu e estacionou em frente à oficina.

— É ele — murmurou Claude.

Um vulto saiu do veículo. Robert era um homenzinho aparentemente simpático, forte, um pouco careca e não devia ter mais de quarenta anos. Assobiou, alegre, desdobrou as mangas da camisa e, com as mãos, alisou o tecido amarrotado. Quando ia entrar na casa, duas sombras surgiram atrás dele e o empurraram violentamente para dentro, sem que ele pudesse reagir. Virando a cabeça, viu, no vão da porta, Claude, o agente do maqui, e outro rapaz, espadaúdo e de uniforme.

— Claude? O que está havendo? — perguntou Robert, um pouco assustado.

— O que você fez, Robert? Diga que tem uma boa explicação! — berrou Claude.

— Do que está falando?

Key desferiu-lhe um chute na barriga e o homem gemeu de dor. Sua mulher acorreu, seguida pelas duas crianças.

— Mas quem são vocês? — gritou ela, amedrontada e soluçando.

Os dois intrusos não pareciam estar de brincadeira.

— Saia daqui, senhora — disse Key, furioso.

— Saíam vocês, caramba! — respondeu ela.

Key agarrou o braço do homem e o torceu.

— Dê o fora daqui antes que eu a faça ser tosquiada pelas FFI!

As crianças estavam aterrorizadas, a mulher levou-as para fora da casa, mas, para atravessar a porta de entrada, tiveram que passar por cima do pai, ainda no chão, que tremia de pavor. Assim que saíram, Claude fechou a porta. Seu rosto estava marcado pelo ódio e, sem mais nem menos, deu um terrível pontapé nas costas de Robert, que berrou.

— Por que fez isso? — perguntou Claude. — Pelo amor de Deus, por quê?

— Porque era preciso! — gritou Robert. — Por causa da guerra!

— Porque era preciso? — repetiu Claude, pasmo.

Claude deu-lhe uma saraivada de socos. Seu corpo inteiro estava tomado pela raiva. Homens que haviam matado Homens não eram mais homens. Seu coração estava repleto de ódio. Key começou a bater também e o sujeito se encolheu para se proteger.

— Sinto muito! — berrava. — Sinto muito!

Batiam com todas as suas forças.

— Sente muito? Sente muito? Mas a essa altura não se pode mais sentir nada!

Key ergueu-o pela camisa, rasgando-a parcialmente, e começou a socar sua barriga. Como o homem se curvara ao meio, Key ordenou que Claude o segurasse. Claude o conteve com força e Key lhe infligiu inúmeros socos na cara. Quebrou-lhe o nariz e os dentes. As falanges de Key estavam cobertas de sangue. Robert berrava, suplicava para que parassem.

— Colaboracionista filho da mãe! Você vale menos que um cão! — vociferava Claude ao seu ouvido, enquanto o mantinha bem ereto para que Key conseguisse acertar nas maçãs do rosto.

Quando acharam que Robert tivera o que merecia, arrastaram-no para fora da casa e o deixaram estirado no chão, na poeira, com o corpo deformado. Claude encontrou um porrete e bateu mais. Depois foram pegar um galão de gasolina na oficina, voltaram à casa e jogaram gasolina no chão e nas cortinas. E Claude, com seu isqueiro, encarregou-se de provocar o incêndio.

Saíram depressa e contemplaram a casa ardendo lentamente na noite.

— Por quê? — gemeu Robert, esvaindo-se em sangue e desfigurado. — Por que fez isso comigo, Claude?

O carola ficou abalado, ouvindo-o chamá-lo pelo nome. Não, ele não era Claude, não era o religioso gentil. Era o vingador de Pal. Agia de maneira a que

tudo aquilo nunca mais voltasse a se repetir. Nunca mais.

— Isso não foi nada, Robert. A França irá julgá-lo. Você é responsável pela morte de dois grandes soldados.

— Por roubar alguns alicates e latas de conservas?

— Cale a boca! Você entregou Pal! — berrou Key. — Confesse! Confesse! — Louco de raiva, pressionou o cano do revólver no rosto de Robert. — Confesse!

— Pal? O agente que levei até Nice? Ora, não traí ninguém. Não fiz nada — jurou o homem torturado. — Participei do mercado negro, sim. Só isso. — Silêncio. Mesmo com dificuldade para falar, Robert prosseguiu: — Sim, roubei algumas conservas para o mercado negro. Para ganhar um trocado, alimentar meus filhos, que estavam famintos. Mas o maqui não morreu de fome, senão eu não teria feito isso. E peguei as ferramentas para a minha oficina. Ferramentas que ninguém usava, ou que eram sobressalentes. Sim, foi errado, mas por que fazer isso comigo? Por que incendiar minha casa por algumas latas de conservas?

Silêncio.

— Servi meu país, lutei contra os alemães. Lutei ao seu lado, Claude. Lutei ao seu lado. Confiávamos um no outro. Lembra-se do depósito de locomotivas que explodimos juntos?

Claude não respondeu.

— Lembra? Levei todos na caminhonete. Ajudei a colocar os explosivos. Lembra? Eu tive que rastejar sob as locomotivas, o que não foi fácil, não foi fácil. As locomotivas são baixas, e eu, que sou um pouco forte, cheguei a acreditar que ia ficar entalado, lembra? Mas depois nós rimos. Rimos.

Silêncio.

— Posso reembolsar a comida, pagarei em dinheiro, posso devolver as ferramentas, inclusive comprei outras. Mas por que fazer isso comigo?... Vocês vieram libertar a França, arriscando suas vidas... Tudo isso para queimar a casa de um ladrão de latas de conserva. Tudo por isso? Então é este o ideal que trouxe vocês até aqui? Meu Deus! Sou um francês honrado. Um bom pai e um bom cidadão.

Robert parou de falar. Não aguentava mais. Todo o seu corpo doía. Tinha vontade de morrer de tanta dor. E sua casa ardia em chamas. Adorava aquela casa. Onde iriam morar?

Houve um longo silêncio. O crepitar das chamas suplantara os ruídos da noite. Key guardou a arma. Pela janela da casa ao lado, onde a mulher e os filhos de Robert haviam se refugiado, aterrados, ele cruzou com o olhar da criança que observava o pai, espancado e humilhado na sua presença.

A casa era tomada por imensas labaredas. O homem, deitado no chão,

soluçava. Claude passou a mão no rosto. Robert era inocente.

— O que fizemos, Key? — sussurrou.

— Não faço ideia. Não somos mais Homens.

Silêncio.

— Precisamos voltar, precisamos ir. Ir e esquecer.

Key assentiu. Ir e esquecer.

— Eu me encarrego de arranjar um avião para Londres — disse ele. — Vá buscar Gordo.

QUARTA PARTE

Ninguém mais gostava dele. Então ele fora embora. No convés do barco que o levava a Calais, Gordo contemplava a Inglaterra se afastando. O vento furioso do fim do outono fustigava seu rosto. Era fim de outubro de 1944, e ninguém mais gostava dele.

*

Key, Gordo e Claude tinham retornado a Londres no início de setembro. Quando chegara, Gordo não cabia em si de tanta euforia: que alegria encontrar os amigos, Stanislas, Doff e Laura, que alegria abraçar Laura. A criança nascera no dia do Desembarque. Um menino, prematuro de um mês, mas cheio de saúde. O pequeno Philippe. E, tão logo o vira, Gordo soubera que aquele garotinho seria sua razão de viver, seu quase filho, seu sonho. Que alegria ver o filho de Pal, carregá-lo nos braços, que alegria estarem todos juntos no grande apartamento de Bloomsbury. Que alegria!

Setembro tinha sido um mês de vitórias, e Gordo apreciara aquele mês. Londres recuperara sua quietude, não havia mais foguetes. Graças à Resistência, as rampas de lançamento instaladas no litoral francês haviam sido localizadas e destruídas pela RAF. A França era um país livre. Ao longo do mês, as últimas cidades haviam sido libertadas e os Exércitos aliados que desembarcaram na Normandia e na Provença tinham se reunido em Dijon. Mesmo que a guerra na Europa ainda não houvesse terminado e prosseguisse no Leste e na Alemanha, a Seção F, por sua vez, concluía sua tarefa. O grupo SOE/SO chegara a um acordo com a França Livre sobre a sorte dos agentes franceses da SOE. Eles poderiam retornar à vida civil na França sem ser incomodados ou integrar o Exército francês numa patente idêntica à obtida na Executiva.

Tinham então contribuído para derrotar os alemães. Nem seus sofrimentos, nem seus temores haviam sido em vão. Podiam se sentir orgulhosos, felizes. Mas não era este o caso. E Gordo não demorou a constatar que não havia mais alegria em Bloomsbury.

Claude e Key estavam retraídos, atormentados, com a alma dilacerada. Não riam mais, não saíam mais. Ninguém sabia do episódio com Robert, ninguém nunca poderia saber, e eles se isolavam nas paredes construídas pelo silêncio da vergonha. Quando se viam sozinhos num quarto e Claude se atrevia a tocar no

assunto, Key, para cortar a conversa, repetia que isso fazia parte dos imprevistos da guerra, que não se podia esperar nada deles, que tinham passado dois anos em condições terríveis, que não precisavam mais pensar nisso, que logo esqueceriam.

— Mas nós tivemos ódio! — lamentava-se Claude.

— Nós lutamos! — amenizava Key.

Claude duvidava disso: os inimigos são mortais, mas o ódio, não. Esse sentimento envenena o sangue e é transmitido de pai para filho, por gerações. E então nada mais o detém, os combates são inúteis. De que vale matar o inimigo se não vencemos nossos instintos de ódio, que são como medusas terríveis?

Gordo não entendia o que estava acontecendo e sentia-se solitário. Sonhara tanto com aquele retorno, mas tinha a impressão de que não gostavam mais dele. Claude o evitava e, quando Gordo lhe perguntava por que ele estava tão triste, o religioso nunca respondia. Uma vez, dissera-lhe simplesmente: “Você não seria capaz de entender, Alain”, e Gordo sentira um aperto no coração.

Stanislas continuava encarregado de grupos interaliados para as seções dos países do Leste. Não tivera tempo de cuidar de Gordo. Doff tampouco, pois ainda estava ocupado com a Contraespionagem.

Quanto a Laura, que costumava ser tão radiante, à medida que o outono avançava foi pega de surpresa pelo calendário e pelo primeiro aniversário da morte de Pal. Por isso, estava triste. O bondoso Gordo considerava datas e calendários péssimas invenções, só servindo para infundir tristeza às pessoas, lembrando que os mortos estão mortos, o que todo mundo já sabe. Ele bem que tentara animá-la, levá-la para esfriar a cabeça, em lojas e cafés. Sem grande sucesso. Por que não voltavam àquele café, perto do British Museum, onde ela lhe revelara a gravidez? Ah, ele sentira tanto orgulho de compartilhar do segredo. Também se oferecera várias vezes para cuidar do pequeno Philippe, para aliviá-la um pouco. Cuidaria bem dele, era um pouco seu pai postiço. Mas ele percebia que Laura não ficava à vontade. Aliás, ela nunca lhe deixava sozinho com a criança, pois era considerado muito bruto, muito distraído. Laura só ficava tranquila quando tinha o filho nos braços. Ah, que lástima, ele, que sonhara com aquela criança por meses e meses de guerra! Algumas tardes, quando fazia um tempo agradável, ele acompanhava Laura nos parques. As árvores de outono flamejavam e ela ria com o filho no colo, magnífico, os dois eram magníficos. Ela jogava Philippe para o alto e a criança ria, como a mãe. E Gordo os observava. Deixavam-no à parte, ele, o gorducho-que-não-serve-para-nada-a-não-ser-empurrar-o-carrinho. Ficava com a impressão de não ter o direito de existir para aquela criança e, com isso, sofria. Por que, afinal, seus amigos o odiavam, logo ele, que os amava tanto?! Gordo tinha a impressão de que a

inexorável maldição do fim da guerra o atingia: a guerra estava terminando e em breve ele não existiria mais!

Tentara conversar sobre o assunto com Claude, várias vezes, mas o amigo não era mais o mesmo. Dividiam o quarto em Bloomsbury, Philippe ficara com o seu antigo quarto, porém Claude evitava Gordo. Esperava sempre que o gorducho dormisse para ir se deitar. Gordo tentava ficar acordado, beliscava-se para não dormir e poder conversar com Claude, queria lhe dizer como estava triste, que o grupo não era como antes e que ele não entendia por quê. Por que aquela vida feliz que ele esperara durante toda a guerra tornara-se uma vida de sombras e tristeza? E então, numa noite de outubro, tudo virara de cabeça para baixo: já passava da meia-noite, todos no apartamento dormiam, mas Gordo resistira e não pregara o olho. Fingira estar roncando. Claude fora se deitar e Gordo dera um pulo, acendera a luz e revelara sua vida infeliz. Mas Claude ficara aborrecido. Era a primeira vez que se zangava com Gordo.

— Não é mais como antes, Carola — dissera Gordo, sentando-se no colchão. Claude dera de ombros.

— Você também não é mais como antes, Gordo.

O gorducho ficara profundamente magoado.

— Sou, sim! Sou o mesmo! Acha que mudei? Hein? Fale! Mudei, é por isso que não quer mais saber de mim? O que aconteceu, Carola? É porque nós matamos homens?

Não houvera resposta.

— É isso, Carola? É porque matei homens? Penso nisso o tempo todo. Tenho pesadelos. Você também, Carola?

Claude se revoltara.

— Pare com essas perguntas. E pare de me chamar de Carola, ou qualquer outra coisa! Está na hora de virar a página! Fizemos o que tínhamos que fazer, pronto! Escolhemos! Escolhemos tudo isso! Escolhemos fazer a guerra e portar armas! Escolhemos nos deixar guiar pela própria raiva, enquanto outros decidiram permanecer em casa, com a bunda na cadeira. Escolhemos pegar em armas. Não havia ninguém a não ser a gente para fazer essa escolha e não terá ninguém para assumi-la em nosso lugar. Nós escolhemos matar! E nos transformamos naquilo que escolhemos. Somos o que somos, Gordo, não o que fomos. Está entendendo?

Gordo não concordava. Mas havia tanta raiva na voz de Claude, ele estava tão arrasado... Por que não lhe dissera desde o início que não gostava do seu apelido? Ele encontraria outro. Poderia chamá-lo de Raposa, achava que Claude se parecia com uma. Após uma longa hesitação, o gentil gorducho se atrevera a responder, num fio de voz: — Mas será que um dia conseguiremos esquecer? Eu

queria esquecer...

— Chega, porra! Quer saber do que somos capazes? De tudo! E sabe do que mais? De todos nós, o mais sortudo foi Pal. Porque ele não vai ter que conviver com o que teria se tornado!

— Não fale assim de Pal! — berrara Gordo.

Claude xingara, enfiara uma calça e saíra do apartamento, furioso. No quarto ao lado, Philippe, acordado, começara a chorar. Key e Laura haviam despertado com um sobressalto, alertados pelos barulhos e gritos.

— O que está acontecendo, Gordo? — perguntara Laura, entrando no quarto.

Fazia tempo que ela não falava com ele com tanta doçura. Mas Gordo não aguentava mais, estava à beira de um ataque de nervos. Precisava sair dali, ir para longe.

— Estou de saco cheio! — gritara.

— Mas, Gordo, o que aconteceu? — repetira Laura.

Ela se aproximara dele e colocara uma mão carinhosa em seu ombro.

Sem responder, Gordo pegara sua velha mala e enfiara nela alguns pertences.

— Mas Gordo... — insistia Laura, sem entender nada.

— Estou de saco cheio! Vou dar o fora daqui! Vou debandar, estou falando!

Seus olhos estavam marejados. Ah, ele se odiava. Key, por sua vez, tentara falar com ele, que não quisera ouvir nada. Fechara a mala, enfiara o sobretudo e as botas e saíra correndo.

— Espere, Gordo! — imploraram Laura e Key.

Ele degringolara pela escada, saíra para a rua e correria o mais rápido possível, fugindo pela noite. Coitado, não existia mais. Só existira na guerra. Fizera amigos e tivera suas qualidades reconhecidas. Laura chegara a lhe dizer que ele era o mais bonito por dentro. O mais bonito por dentro é, de certa forma, o mais bonito e ponto final. Mas ele não era mais o Gordo-nome-de-guerra, e sim Gordo-o-gordo. Parara num beco deserto e desabara em soluços: era o homem mais sozinho do mundo. Nem Claude gostava mais dele, ninguém queria mais saber dele. Nem os homens, nem as mulheres, nem as raposas. Quem sabe seus pais. Isso, seus pais, queria rever a mãe, sua querida mãe que talvez o amasse mesmo ele não passando de um mísero balofo. Queria chorar em seus braços. Queria voltar de vez para a França.

*

Assim, convencido de que ninguém mais gostava dele, Gordo deixara Londres. Pegara o ônibus até o litoral, depois embarcara num pesqueiro que fazia a

travessia. O barco avançava lentamente pelas águas do Canal da Mancha. Adeus, ingleses, adeus, vida.

No apartamento, reinava a incompreensão. Laura, Key, Claude, Doff e Stanislas ficaram procurando Gordo pela cidade durante dois dias. No momento, estavam todos reunidos na cozinha. Tristes, recriminavam-se.

— É culpa minha — disse Claude. — O que foi que deu em mim para gritar daquele jeito...

— E minha... — reforçou Laura. — Não dei muita bola para ele... Por causa de Philippe.

Ela escondeu o rosto com as mãos.

— Nunca mais vamos vê-lo!

Stanislas a consolou.

— Não se preocupe, ele vai voltar. Vivemos dois anos difíceis, as coisas vão melhorar.

Claude, arrasado, saiu da cozinha e foi para o quarto. No que havia se transformado? Depois do que fizera com Robert, estava escorraçando Gordo, seu bom Gordo, o melhor dos Homens. Ajoelhou-se junto à cama. Senhor, o que fizera? Relembrou incessantemente a casa de Robert ardendo em chamas: havia torturado um desgraçado, um ladrão de latas de conserva. Uniu as mãos e começou a rezar. Queria Deus de novo. Em que se transformara? Assustado, rezava.

Senhor, tende piedade de nossas almas, estamos cobertos de cinzas e de sebo.

Não queremos mais matar.

Não queremos mais lutar.

Em que nos transformamos, nós, que éramos Homens e não somos mais nada.

Aonde iremos agora? Nunca mais seremos os mesmos.

Nunca mais seremos Homens, pois os Homens, os verdadeiros, nunca odiaram; só tentaram compreender.

Senhor, em que nossos inimigos nos transformaram, impondo a guerra para nós? Eles nos mudaram, escureceram nossos corações e queimaram nossas almas, embaçaram nossos olhos e sujaram nossas lágrimas. Eles nos transformaram, inocularam seu ódio, fizeram de nós aquilo que somos agora.

De agora em diante, somos capazes de matar, e já o fizemos.

De agora em diante, estamos dispostos a tudo, pela nossa causa.

Recuperaremos o sono, o sono dos justos?

*Recuperaremos a força?
Conseguiremos amar de novo?
Senhor, o ódio ao outro vai ser curado um dia ou nos contaminará
para sempre? Peste das pestes, doença das doenças.
Senhor, tende piedade de nossas almas.
Não queremos mais matar.
Não queremos mais lutar.
Não queremos mais ficar cegos de ódio. Mas como resistir à
tentação?
Um dia vamos nos curar do que vivemos?
Um dia vamos nos curar do que viemos a ser?
Senhor, tende piedade de nossas almas. Não sabemos mais quem
somos.*

Caen era uma cidade livre, apesar de destruída. Os combates haviam sido de rara violência, pois, com o intuito de liquidar os últimos alemães, a RAF bombardeara tudo.

Gordo seguiu para lá no dia seguinte à sua chegada a Calais. Pôs uma braçadeira tricolor da SOE que deixava sempre no bolso do casaco, porque não queria que a guerra terminasse logo. Sem a guerra, ele não era mais nada. Talvez a Seção F pudesse voltar a operar na frente Leste. Todos, então, estariam juntos novamente.

Vagou por entre os escombros. Seus pais moravam do outro lado da cidade. Gordo gostava de Caen, gostava da rua dos cinemas, queria tanto ter sido ator, como os astros americanos. Após concluir o ensino médio, tornara-se lanterninha, o que era um começo. E o tempo passara, depois viera a guerra e a SOE. Fazia muito tempo que não via os pais.

Percorreu as ruínas. Caminhou por cerca de uma hora. Chegou ao seu bairro, à sua rua e, finalmente, quase à sua casa. Parou um instante, contemplando a rua, os pedestres, as casas, a banca de jornal, bem em frente, que não saíra do lugar.

Como se voltava da guerra? Não fazia ideia. Ficou mais um tempo na calçada, depois caminhou para trás e esgueirou-se pelos fundos de um casarão destruído. Protegido, escrutinou a rua. Como se voltava da guerra?

Observou demoradamente a casa à sua frente. Pensava nos pais. Tão próximos. Tinha voltado por causa deles. Mas não retornaria outra vez, era uma viagem longa demais. Talvez a viagem da sua vida. Alguns metros o separavam da casa, mas ele não iria entrar. Assim como nunca voltara a procurar Melinda, não podia rever os pais, não tinha força, o risco de decepção era muito grande.

Partira havia três anos, sem dar notícias. Como voltar? Sentado num monte de escombros, imaginava a cena.

“Voltei!”, gritaria, ao entrar na casa, ostentando a braçadeira.

A casa seria subitamente invadida por um rumor alegre. Os pais reencontrariam o único filho. Correriam até a entrada.

“Alain! Alain!”, gritaria a mãe, pega de surpresa. “Você voltou!”

O pai apareceria, com as bochechas rosadas de felicidade. E lhe daria um abraço apertado. A mãe choraria, mas o pai iria se conter.

“Mas onde esteve durante esse tempo todo? E sem dar notícias, nenhuma notícia! Tivemos tanto medo!”

“Sinto muito, mamãe.”

“E então, o que fez?”

Ele sorriria. Orgulhoso.

“A guerra.”

Mas ninguém acreditaria nele de verdade. Não ele, Gordo. Não era um herói. Seus pais o encarariam, quase aterrados.

“Pelo menos não colaborou com os alemães, espero!”, indagaria o pai.

“Não, papai! Eu estava em Londres! Fui recrutado pelo serviço secreto britânico...”

Sua mãe, tão gentil, esboçaria um sorriso e lhe daria um tapinha no ombro.

“Esse Alain, sempre brincando. Não fale besteira, meu querido. Serviço secreto britânico... Igual à carreira no cinema, hein?”

“Juro que é verdade!”

Gordo pensaria que os pais não eram capazes de entender, afinal, não haviam estado em Wanborough Manor. Mas ele se sentiria muito mal por não ser levado a sério.

“Serviço secreto...”, diria o pai, sorrindo. “Você se escondeu para não ser deportado para a Alemanha, foi isso? Quanta coragem!”

“Ah, a propósito, meu querido!”, exclamaria a mãe. “Imagine só: o filho dos vizinhos participou da libertação da cidade. Matou um alemão, com uma carabina.”

“Eu também matei!”

“Ora, não seja invejoso, meu querido. O importante é que esteja com boa saúde. E que não seja um colaboracionista.”

De cócoras entre os escombros, Gordo suspirou, triste. Não podia voltar para casa. Ninguém iria acreditar nele. Apesar de estar com a braçadeira... Nem assim iriam acreditar. Talvez fosse melhor não mencionar a SOE. Apenas voltar, dizer que se escondera como um miserável, que era o rei dos covardes. Tudo o que queria era um pouco de amor, que sua mãe lhe desse um forte abraço. Ele voltaria, reencontraria os pais, e, mais tarde, à noite, sua mãe iria colocá-lo para dormir. Como antes.

“Será que não quer se deitar ao meu lado?”, ele ousaria pedir após uma longa hesitação.

Ela riria. A mãe dele tinha uma bela risada.

“Não, meu querido”, responderia ela. “Você já está velho demais para isso.”

Ela não iria querer mais. Sem dúvida porque ele tinha ido ao bordel, e as mães devem sentir essas coisas. Gordo soluçava. Como se voltava da guerra? Ele não fazia ideia.

O gorducho passou a noite ali, escondido nas ruínas. Sem se atrever a transpor

a soleira da própria casa. De tanto esperar um sinal do destino, adormeceu. Despertado pelas primeiras luzes da manhã, decidiu ir embora, sem saber para onde. E, na brisa glacial do outono, pôs-se a caminhar. Queria andar, para longe. O mais longe possível do mundo. Atravessou a cidade que acordava. Próximo à catedral, cruzou com uma patrulha do Exército americano parada na praça. Todos os fuzileiros estavam de preto. Gordo se aproximou deles e dirigiu-lhes a palavra com seu inglês incompreensível.

*

Com os cabelos ao vento, Gordo estava a caminho de lugar nenhum, levado pelos soldados americanos, que o acharam muito simpático. Tinham tomado café juntos, em cima do capô do jipe, depois os soldados lhe ofereceram uma carona. Espremeram-se no jipe. Gordo falara para o grupo a única frase que era capaz de pronunciar corretamente em inglês: *“I am Alain and I love you.”*

Deixaram a cidade e rodaram durante bastante tempo em direção ao Leste. Por volta do meio-dia, quando entravam num vilarejo, notaram uma aglomeração no meio da rua. Um magnífico sol de outono iluminava os vinte ou trinta espectadores. Diante de um carro com a sigla FFI estampada, resistentes seguravam uma jovem mulher e preparavam-se para cortar seu cabelo.

A atenção geral foi desviada um instante pela viatura do Exército americano que acabava de estacionar ali. Gordo desembarcou. Os espectadores abriram passagem para o imponente personagem, que pensavam ser um oficial vindo dos Estados Unidos.

Uma moça bonita, loura, pálida, de olhos cintilantes e vermelhos de choro. Ajoelhada, com o rosto marcado pelos socos, soluçava, aterrorizada.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Gordo ao homem que parecia ser o chefe das FFI.

— Colaboracionista — respondeu o líder, impressionado com o francês do americano.

Uma colaboracionista, péssima notícia. Claude dizia que essas pessoas deviam ser julgadas. Mas aquela moça era de dar pena. Gordo pensou que todos os colaboracionistas, quando capturados, deviam dar pena. O medo deixava todo mundo com a mesma expressão.

— Ela colabora com o quê?

— É puta dos Boches. Gosta tanto deles que seguiu os comboios da Wehr-merda.

— O que é isso, Wehr-merda? — perguntou Gordo, sem entender.

— É a Wehrmacht. É para sacanear, caramba.

Houve um silêncio. Gordo observava a moça. Conhecia as putas. Ela parecia muito jovem. Ele segurou o rosto magro dela entre suas mãos enormes. A mulher fechou os olhos, imaginando que levaria uma bofetada, mas ele acariciou sua bochecha para reconfortá-la.

— Você é uma colaboracionista? — perguntou-lhe com doçura.

— Não, oficial.

— Então por que estava com os alemães?

— Porque eu estava com fome, oficial. O senhor já sentiu fome?

Ele parou para pensar. Sim. Ou não. Não fazia ideia, na verdade. A fome era o desespero. Permitir-se ser estuprada para comer não era colaborar, pelo menos não era essa a ideia que Gordo fazia disso. Ele a observou.

— Ninguém vai cortar o cabelo dessa garota — declarou, após refletir por um tempo.

— E por que não? — perguntou o cara das FFI.

— Porque eu estou mandando.

— Só os Franceses Livres administram a França, os americanos, não.

— Mas vocês não são alemães nem animais. E, além disso, a gente não corta o cabelo das pessoas, que ideia maluca é essa? Homens não fazem isso com os Homens.

— Os alemães fazem bem pior.

— Pode ser, mas isso não é uma competição.

O outro não disse nada, e Gordo segurou a mão da garota para ajudá-la a se levantar. A mão dela era minúscula. Ele a conduziu até a viatura, ninguém se interpôs. Ela se instalou entre os soldados. O jipe deu partida novamente, saudado pela multidão, em meio ao estrépito das buzinas que o motorista dava para festejar a liberdade reencontrada. Pouco tempo depois, a garota dormiu, com a cabeça apoiada no ombro de Gordo. Ele sorriu e tocou seu cabelo dourado. E várias de suas lembranças voltaram.

*

Gordo nunca se esqueceria da sua primeira puta. Tinha sido apaixonado por ela. Durante muito tempo a amara.

Fora perto do bairro dos cinemas, no mês da volta às aulas. Ele ia fazer dezoito anos, estava no último ano do colégio. Ao dar uma volta aquele dia, notara uma garota deslumbrante, mais ou menos da sua idade. Pelo maior dos acasos, ela também estava dando um passeio. Era uma bela morena.

Parara um instante para contemplá-la. Estava um calor agradável, como fazia às vezes no outono, e Gordo sentira o coração acelerar. Não se demorara muito tempo no beco naquele dia, sem dúvida por timidez, mas teria sido capaz de passar horas admirando-a. E a recordação daquele encontro não o abandonara mais.

Louco de amor, começara a passar por aquela rua todos os dias, no início uma vez, depois várias vezes no mesmo dia. Ela não saía de lá, como se o esperasse. Um golpe de sorte, sem dúvida. Então ele começara a preparar frases, para puxar conversa, cogitando começar a fumar para parecer mais seguro de si. Imaginara fazer-se passar por um estudante de direito, com a intenção de transmitir seriedade, ou esperar que um bando de canalhas a assediasse para que pudesse salvá-la. Então, um domingo à tarde, a triste realidade o alcançara: nessa mesma rua, Gordo cruzara com alguns maus elementos de sua turma na escola, que não o perdoaram: “Quer dizer, Alain, que você gosta de putas?” A princípio, não quisera acreditar, depois, ao se dar conta, ficara louco. E ao voltar para o colégio, tomando cuidado para evitar aquela maldita rua, fora humilhado pelos colegas, que lhe haviam entoado por dias a fio: “Alain gosta de putas!”

Aquela descoberta o deixara arrasado. Não por causa dela, mas por causa dele mesmo. Não achava degradante amar uma puta, isso não diminuía em nada a beleza dela, e, afinal de contas, era uma profissão igual a qualquer outra. Mas saber que ele poderia estar com aquela mulher tão bonita, apenas por dinheiro, deixava-o obcecado ao longo do dia.

Dois dias depois, como presente pelos seus dezoito anos, seus pais lhe deram dinheiro “para realizar algum projeto”. Seu projeto era ser amado. Voltara novamente à rua, apertando com força o dinheiro na mão.

A moça se chamava Caroline. Belo nome. Gordo percebera, indo ao seu encontro, que abordar uma puta era mais fácil do que abordar qualquer outra mulher, pois a aparência dele pouco importava. Caroline levava-o para um quartinho, no prédio diante do qual ele a via sempre. E, enquanto subiam a escada, Gordo segurara sua mão. Ela, então, se virara para ele, espantada, mas não se zangara.

O quarto era pequeno, mas bem-arejado. Havia uma cama de casal e um armário. Nada o repugnara naquele lugar, embora já tivesse ouvido falar de quartos sórdidos de motel, verdadeiros laboratórios de doenças. Seu coração estava disparado. Era sua primeira vez. Não pensava no dinheiro que gastara para estar ali, já não pensava mais nisso. Sentia apenas um misto de apreensão e alegria diante da ideia de que aquela mulher, que ele amava havia vários meses, fosse sua primeira. Porém, não tinha a menor ideia do que fazer naquele momento.

— Nunca fiz isso — dissera, abaixando a cabeça.
Ela lhe dirigira um olhar carinhoso.
— Vou lhe ensinar.
Ele respondera com um silêncio encabulado, e ela sussurrara: — Tire a roupa.
Ele não tinha nenhuma intenção de se despir, não assim, pelo menos. Se fosse bonito nu, não precisaria amar uma puta.
— Não estou com muita vontade de tirar a roupa — murmurara, constrangido.
Ela ficara estupefata. Aquele era um cliente esquisito.
— Por quê? — perguntara ela.
— Porque sou menos feio de roupa.
Ela dera uma risada agradável, reconfortante, nem um pouco humilhante. Não estava zombando dele. Então puxara as cortinas e apagara a luz.
— Tire a roupa e deite-se na cama.
Como todo mundo fica bonito no escuro, Gordo obedecera. E descobrira um mundo cheio de ternura.
Voltara várias vezes para visitá-la. Um dia, ela havia desaparecido.

*

Anoitecia. Eles caminhavam por uma trilha, no meio de lugar nenhum. Gordo pedira aos americanos para deixá-los numa plantação abandonada, um bom começo para partir para um novo destino. Já caminhavam havia um bom tempo em silêncio. A garota sentia dores nos pés, mas não ousava reclamar, então limitava-se a segui-lo docilmente.

Chegaram a um celeiro isolado. O gorducho se deteve.

— Vamos dormir aqui, oficial?

— Vamos. Está com medo?

— Não. Agora não sinto mais medo.

— Melhor assim. Mas me chame de Gordo, não de oficial.

Ela assentiu.

Aquele era um bom abrigo, o interior cheirava a madeira velha. Gordo juntou a palha num canto e os dois se acomodaram ali. A luz do dia ainda entrava um pouco. Estavam bem. Gordo tirou do bolso gulodices deixadas pelos americanos. Ofereceu-as à garota.

— Está com fome?

— Não, obrigada.

Silêncio.

— É um nome esquisito. “Gordo” — disse a garota, timidamente.

— É meu nome de guerra.

Ela o encarou, impressionada.

— O senhor é americano?

— Sou francês. Mas tenente do Exército britânico. E o seu nome, qual é?

— Saskia.

— É francesa?

— Sim, tenente Gordo.

— Saskia não é francês...

— Não é meu nome de verdade. É como os alemães me chamavam. Os que vinham do front russo me chamavam também de Sassioshka.

— E qual é o seu nome verdadeiro?

— Enquanto houver guerra, serei Saskia. Como o senhor, que é o tenente Gordo. Durante a guerra, usamos nossos nomes de guerra.

— Mas Saskia é um nome carregado de más recordações...

— Cada um tem o nome de guerra que merece.

— Não fale assim. Quantos anos você tem?

— Dezesete.

— Ninguém deveria ser puta aos dezesete anos.

— Ninguém nunca deveria ser puta.

— Tem razão.

— Já foi a um bordel, tenente?

— Já.

— Gostou?

— Não.

Caroline não contava. *As putas*, essa era uma referência aos bordéis tristes.

— Por que fez isso então?

— Porque sou um solitário. É horrível estar sempre sozinho.

— Eu sei.

Silêncio.

— Saskia, como você acabou assim...

— É complicado.

Gordo concordou. Não duvidava.

— Obrigada por ter me salvado.

— Não vamos mais falar disso.

— O senhor me salvou, isso que importa. Pode fazer comigo o que quiser... para ficar menos só... Não precisa pagar, vai ser bom assim.

— Não quero fazer nada com você...

— Não vou contar nada. Estamos bem aqui, não estamos? Sei guardar segredo. Na parte de trás dos caminhões, eu fazia tudo o que eles queriam e

nunca disse nada a ninguém. Alguns queriam que eu gritasse alto ou então que eu ficasse muda. Sabe, tenente Gordo, vi muitos soldados, nas ruas, portando armas, mas no caminhão era diferente: aqueles homens, que um minuto antes estavam vestindo uniformes, eram militares poderosos que haviam conquistado a Europa... Mas, no escuro do caminhão, deitados comigo, ofegando desajeitadamente, não me inspiravam nada além de piedade. Nus, magros, brancos, amedrontados. Alguns queriam inclusive que eu batesse neles. Não lhe parece estranho, tenente, esses soldados que tomaram a Europa, que se exibem diante de seus caminhões, orgulhosos até o momento de entrar e ficar totalmente nus, quererem ser esbofeteados por uma puta? — Silêncio. — Peça-me o que quiser, tenente Gordo. Não direi nada. Vai ser bom.

— Não quero nada, Saskia...

— Todo mundo quer alguma coisa.

— Então você poderia me abraçar, como se fosse a minha mãe.

— Não posso ser sua mãe, tenho dezessete anos...

— No escuro, ninguém enxerga nada.

Ela se afundou na palha e Gordo se deitou ao seu lado, pousando a cabeça nas suas pernas. Ela acariciou o cabelo dele.

— Minha mãe costumava cantar para eu dormir.

Saskia começou a cantar.

— Me abrace.

Ela o apertou com força. E sentiu escorrer por sua pele nua as lágrimas do oficial. Chorou também. Em silêncio. Quiseram cortar seu cabelo, como a um animal. Ela sentia medo, não sabia mais quem era. Não, não era uma traidora. Sua irmã, aliás, estava na Resistência, ela lhe contara um dia. Fazia tanto tempo que não a via... E seus pais, o que acontecera com eles? A Gestapo fora à sua casa, em Lyon, e, depois da prisão de sua irmã, queriam a família toda. Tinham levado os pais, mas ela se escondera no fundo de um grande armário, que não fora revistado. Ficara assim várias horas após as viaturas negras terem ido embora, tremendo de medo. Depois fugira. Contudo, sozinha, do lado de fora, só conseguira sobreviver na esteira de uma coluna da Wehrmacht. Isso acontecera um ano antes, ou seja, ela passara um ano na traseira de um caminhão-baú em troca de latas de conservas e de um pouco de proteção. Quatro estações. No verão, os soldados ficavam todos suados, sujos e fediam. No inverno, ela tremia de frio e nenhum deles queria deixá-la fazer aquilo debaixo de uma coberta, por causa das doenças. Ela gostara da primavera, escutara o canto dos passarinhos, do assoalho de metal do caminhão. E, no verão, o calor voltara.

No escuro do celeiro, Gordo e Saskia, o oficial do serviço secreto e a puta, dormiam, cansados do mundo.

Novembro era cinza em Londres. Não haviam recebido nenhuma notícia de Gordo. Stanislas dizia que ele acabaria voltando, que a vida dele era ali.

Na sala de Chelsea, Laura passava a tarde com a mãe. Era um domingo. A guerra terminara para a Seção F, os agentes haviam sido desmobilizados por Baker Street.

— O que vai fazer agora? — perguntou France.

— Cuidar de Philippe. E depois, terminar meus estudos.

A mãe sorriu. Sua filha falara como se a guerra, afinal, não fosse tão séria. Laura prosseguiu: — Eu gostaria de reunir todo mundo em dezembro, no solar do Sussex. Como no ano passado... Para lembrar. Acha que as pessoas virão?

— Claro.

— Sabe, depois que voltamos da França, não é mais como antes.

— Não se preocupe, vai voltar a ser. Dê tempo ao tempo.

— E Gordo, será que ele terá voltado? Estou preocupada, queria tanto que ele viesse!

— Sem dúvida. Não se preocupe... Você já tem problemas demais.

— Eu gostaria de convidar o pai de Pal também. Ele sequer sabe que tem um neto. Acho que não sabe nem que o filho está morto. Chegou a hora de contar.

France aquiesceu tristemente e acariciou o cabelo da filha.

Na calçada diante da casa, Richard passeava com Philippe num carrinho de bebê.

*

Rezava todos os dias. Frequentava as igrejas de manhã e à noite, passava horas nos bancos duros e desconfortáveis, nas fileiras desertas e glaciais, suplicando para se esquecer de tudo. Queria voltar a ser Claude, o seminarista, no pior dos casos, Claude, o carola, o Claude de Wanborough Manor, que todos consideravam inapto para lutar na guerra. Queria voltar a ser padre, enclausurar-se nos mosteiros, queria ser monge trapista e calar-se para sempre. Sim, que o Senhor o conduzisse para os claustros do silêncio, que o lavasse dos pecados para que a espera da morte não fosse insuportável demais. Sim, talvez sua alma pudesse ser salva, talvez ainda não estivesse completamente perdido. Ainda era casto. Matara, mas continuara casto.

Que o Senhor o confinasse nas montanhas. Queria desaparecer, ele, que não valia nada, ele, que só soubera fazer o mal. O que mais o atormentava no momento era ter magoado Gordo, o único Homem de todos eles. E sabia o preço disso: aquele que magoa um Homem não tem mais futuro, não tem mais horizonte, aquele que magoa um Homem jamais conhecerá a redenção. Muitas vezes, Claude lamentava não ter morrido na guerra, invejava Aimé, Pal e Faron.

Tinha vergonha de conviver com Laura. Ele não a merecia. Acabaria atemorizando a garota. Também não queria mais ver Philippe, pois Pal, seu pai, tinha sido um Homem, nunca espancara ninguém, nunca traíra, nunca praticara o mal. Philippe também se tornaria um Homem, e assim não seria o fim da humanidade. Então, era fundamental não contaminar a criança. Por isso, assim que fosse possível, partiria para longe. Enquanto isso, deixava o apartamento de Bloomsbury de madrugada e só voltava tarde da noite, para não cruzar com Laura nem com Philippe. Muitas vezes, no meio da noite, ouvia os soluços de Key no quarto ao lado, pois também ele se sentia torturado pelo fato de existir. Às vezes, acabava bebendo, mas era raro. Queria sofrer para pagar penitência.

*

Os alemães ainda não haviam capitulado, a SOE continuava ativa, mas a Seção F vivia suas últimas horas. Na Portman Square e em determinados escritórios da Baker Street, era hora de esvaziar as gavetas. Um escritório da SOE tinha sido aberto em Paris, no hotel Cecil, para facilitar a volta dos agentes de nacionalidade francesa. Além disso, intermediava o contato com as famílias dos mortos.

Laura comunicou a Stanislas seu desejo de ir encontrar o pai de Pal, em Paris.

— Ele está sabendo do filho? — perguntou ela.

— Não faço ideia.

— Agora precisa saber.

— Sim.

— Vou lhe apresentar Philippe para amenizar sua dor.

— Sem dúvida alguma... Mas não precisa ter pressa. Vá quando estiver pronta.

— Quero que ele veja Philippe... Quero conversar com ele... Tenho tanto a lhe dizer... Mas como devo comunicar a morte de Pal se ele não sabe de nada?

— Eu poderia ir antes, se quiser — sugeriu Stanislas. — Com Doff. Para fazer a coisa direito. Em nome da SOE. Com honras militares e tudo que for necessário para que o pai se convença do herói de guerra que o filho foi.

Ela pousou a cabeça no ombro do velho piloto.

— Aceito — disse, tristemente. — Acha que ele vai querer vir ao solar do Sussex? Quem sabe não queira passar um tempo na Inglaterra, com Philippe? Seria bom, não acha?

— Seria maravilhoso — respondeu Stanislas.

Ele a tranquilizou, tudo daria certo.

Estavam em Dieppe, num hotelzinho à beira-mar. O quarto deles ficava no segundo andar. Pela janela, Saskia observava as ondas acariciando a areia, enquanto Gordo continuava sentado na cama. Estavam ali havia alguns dias.

— Estou entediada — disse ela, sem desviar os olhos da praia.

Ele fez uma expressão triste.

— Mas aqui estamos protegidos dos homens. Não quer ficar em segurança?

— Quero. Mas acho que vi um rato no refeitório...

— Não precisa ter medo de rato. Eles não vão fazer nada com você.

— Eu queria ir à praia.

— Não podemos... por causa das minas.

Ela suspirou. Ele a achou bonita, a impaciência a deixava bela. Gordo queria agarrá-la, abraçá-la. Mas não se atrevia a tanto.

— Eu queria correr na areia! — exclamou ela, subitamente, cheia de vontade de viver.

Ele sorriu para a menina. Saskia querida, pensou.

— Você poderia ir para a Inglaterra. Não há minas nas praias...

— É um país bonito?

— O mais bonito.

— Chove o tempo todo, não é mesmo? Gosto da chuva...

— Chove muito. Mas isso não é grave, porque é um país bom de viver. A chuva não é nada quando somos felizes...

Ela parecia triste.

— Eu queria reencontrar meus pais. E minha irmã...

O dono do hotel contara a Gordo que os deportados dos campos alemães eram encaminhados para o hotel Lutetia, em Paris. Se os pais e a irmã de Saskia tivessem sido presos ou deportados, e se ainda estivessem vivos, poderiam ser encontrados lá. Gordo não lhe contara isso, de tanta vontade que sentia de ficarem juntos. Mas como lhe esconder que sua família talvez pudesse estar em Paris?

Levantou-se e aproximou-se dela.

— Sabe, Saskia, poderíamos ir a Paris. Para ir atrás de notícias de seus pais... Conheço um lugar.

— Ah, sim! Eu gostaria tanto!

Ela dançou de alegria e se pendurou em seu pescoço. Ia reencontrar a família.

Feliz com a felicidade dela, ele pegou sua mão e a convidou para saírem um pouco. Foram até a beira da praia, onde não havia minas.

Ela tirou os sapatos e caminhou delicadamente, descalça na areia aquecida por uma ou outra estiagem. Seu cabelo louro balançava ao vento, aquele cabelo magnífico. Ela não soltou a mão de Gordo.

— Um dia, vou levá-la a uma bela praia inglesa — disse ele.

Ela sorriu e concordou, rindo. Ela faria tudo que ele quisesse, ele, que a salvara da vergonha e ia levá-la de volta aos pais.

Estavam juntos ali havia alguns dias. Ele não tocava nela, apenas a admirava. Olhar não fazia mal a ninguém, e ela era tão meiga e bonita. Acabara se apaixonando nos últimos dias. A mesma paixão que um dia sentira por Melinda. E talvez também por Caroline. Não cabia em si de tanta alegria: ainda era capaz de amar. Nem tudo estava acabado, nada nunca estava acabado. Sentia-se reviver. Podia sonhar de novo. Se não houvesse Philippe, haveria Saskia. Ela dava sentido à vida. Ele a amava, mas jurou nunca lhe dizer isso. Ou pelo menos não antes que ela lhe dissesse. Os dois se amariam nas praias da Inglaterra.

Duas semanas se passaram. Era meados de novembro. Laura e Philippe, escoltados por Stanislas e Doff, chegaram a Paris para irem atrás do pai de Pal. Hospedaram-se num pequeno hotel, nas proximidades de Les Halles. Stanislas e Doff num quarto, Laura e Philippe em outro.

Em Londres, Stanislas conseguiu o endereço de Pal. Com a ajuda de um mapa de bolso, os três, reunidos no quarto de Laura, analisaram o trajeto até lá. Rue du Bac. Não era complicado.

— Iremos amanhã, está tarde agora — declarou Stanislas, para adiar o momento da terrível notícia.

Eles concordaram.

*

Não longe dali, sem que ninguém soubesse de nada, Gordo e Saskia retornavam à casinha no décimo primeiro *arrondissement*, onde estavam instalados havia pouco mais de uma semana. Ela se arrumara toda, como fazia todos os dias desde que estavam na capital, na expectativa diária de reencontrar a família. Todas as manhãs, esperava. Todas as manhãs, ia com Gordo ao Lutetia. Ficavam até o anoitecer, mas era em vão.

Saskia acordou Gordo assim que amanheceu. Fazia tempo que estava acordada.

— Acorde, hora de ir! — exclamou, impaciente, sacudindo o colchão.

Ele se levantou sem pressa, não queria se precipitar. Naquele quarto minúsculo, ela saltitava alegremente, e ele a achou deslumbrante. Tinha tanto medo de perdê-la! Quis lhe propor não irem ao Lutetia aquele dia, pois pressentia que veriam muita desgraça por lá. Poderiam dar uma trégua e fazer um passeio, ou perambular por cafés, como namorados. Mas ela já estava pronta para partir, cheia de esperança e energia, como se não repetissem inutilmente dias a fio aquele ritual dos órfãos. O gorducho se vestiu e eles saíram.

Em frente ao Lutetia, apesar de ainda ser muito cedo, uma longa fila de espera se formara, filtrada por um protocolo severo. A carteira do Exército britânico de Gordo ajudou-os na triagem. Entraram no grande saguão. Definitivamente, ele não gostava daquele lugar. Tristeza e esperança misturavam-se no semblante de todos.

Já havia filas de pessoas inquietas diante dos balcões e das mesas. Voluntários, enfermeiras, orientação aos que chegavam, precauções, desinfecção, alimentação, inscrição nos registros. Uma horda de fantasmas assustadores, desencarnados e calvos. Espectros do que a humanidade fizera com a própria humanidade.

Como todas as manhãs, Saskia dirigiu-se ao mesmo balcão e deu novamente o sobrenome de seus pais. Nenhum registro nas listas correspondia. Ela repetiu sua solicitação num escritório do térreo.

— Pergunte por sua irmã também — sugeriu Gordo. — Como ela se chama?

— Marie.

Também não encontraram. E, como todas as manhãs, sentaram-se na mesma poltrona larga. Saskia perdia as esperanças. Será que estava sozinha agora? Órfã para sempre? Pelo menos tinha Gordo, o bom Gordo que sempre a protegeria e nunca permitiria que raspassem sua cabeça.

— Vamos esperar mais dias, se for necessário — murmurou ele, ao seu ouvido, depois de ver lágrimas escorrerem por seu rosto.

Discretamente, beijou-a na nuca, por amor. Nunca na vida fizera algo assim.

Uma hora depois, misturaram-se a outras famílias, cruzando com outros fantasmas. Mais uma hora se passou. E, subitamente, Saskia, a avistou: era sua irmã, bem ali. Gritou seu nome, chamou por ela, talvez dez vezes. Era Marie.

Não tinha mais cabelo, seu rosto e seu corpo estavam deformados pela magreza, mas ela estava ali, viva. Correram e jogaram-se nos braços uma da outra. Saskia quase levantou a irmã. Abraçaram-se, apalparam-se como se para terem certeza de que era mesmo verdade, e deixaram as lágrimas brotar, lágrimas de alegria, alívio e sofrimento.

— Marie! — murmurou Saskia. — Marie... Ah, tive tanto medo por você, procurei-a em toda parte! Há vários dias que venho esperá-la aqui!

Não falaram mais nada, não conseguiam mais. O que tinham para dizer não era importante. Os socos e o estupro pouco importavam no momento, só o futuro contava. E Gordo contemplou as duas, ao mesmo tempo comovido e aflito com o destino da humanidade. Nunca ficaria sabendo que Marie passara um ano e meio presa por um agente da Abwehr, no bulevar Saint-Germain, quando transportava o que julgava ser valiosas ordens de guerra, mas que não passavam de cartões-postais de um filho para o pai.

*

Ainda não era meio-dia. Em frente ao Lutetia, Marie e Saskia preparavam-se para ir até a estação de trem. Marie tinha acabado de saber pela irmã da batida da Gestapo na casa da família, logo após sua prisão. E as duas moças decidiram voltar para Lyon, pois talvez seus pais estivessem lá esperando. Precisavam ter esperança. Não queriam ficar aguardando em Paris. Marie não queria botar os pés ali nunca mais devido ao excesso de lembranças ruins.

Na calçada em frente ao hotel, Saskia caminhou um pouco com Gordo. Ele já estava triste por perdê-la. Tinha acabado de cair uma chuva e a silhueta da jovem se refletia nas poças. Ela se aconchegou a ele, que a achou magnífica.

— Eu volto logo — disse ela. — Mas preciso encontrar meus pais...

— Entendo perfeitamente.

— Não demoro. O que vai fazer enquanto isso?

— Não sei. Sem dúvida voltarei para casa, em Londres.

Ela o abraçou.

— Ah, não fique triste — suplicou ela —, senão vou ficar também!

— Depois você vai para Londres?

— Com certeza!

— E vamos visitar as praias?

— Vamos! As praias!

Ela lhe deu um beijo na bochecha.

Gordo tirou do bolso um pedaço de papel, onde escreveu seu endereço, em

Bloomsbury.

— Venha me encontrar! Vou esperá-la todos os dias.

— Não vou demorar. Prometo.

Ela pegou as mãos dele, e fitaram-se em silêncio.

— Você vai me amar, mesmo eu tendo sido prostituta?

— Claro! E você, vai me amar, mesmo eu tendo matado homens?

Ela sorriu com ternura.

— Já te amo um pouco, bobão!

Ele abriu um sorriso radiante. Ela juntou-se à irmã e as duas seguiram seu caminho pelo bulevar. Ela se virou uma última vez e fez um último sinal com a mão para Gordo, feliz, que não desviou os olhos da moça até ela desaparecer na esquina. Ela o amava! Nunca tinha sido amado.

Ainda não era meio-dia. Enquanto Gordo, apaixonado, sonhava na calçada, Stanislas e Doff, poucas centenas de metros adiante, subiam a rue du Bac.

Era meio-dia em ponto quando tocaram a campainha do apartamento. O pai pulou de alegria e pegou sua mala. Seu filho voltara! Ah, aquelas últimas semanas tinham sido difíceis: sem notícias de Werner, sem cartões-postais, sem ninguém. Semanas, talvez meses, não sabia mais. Tentara não se preocupar e manter a esperança. Informara-se o melhor que pudera sobre o desenrolar da guerra no Pacífico, que seu filho supervisionava de Genebra. Esperara, fielmente. Nas ocasiões em que precisara sair, nunca trancara a porta. Que alegria, que alegria imensa reencontrar o filho!

— Paul-Émile! — berrou o pai, precipitando-se para abrir a porta, apertando a mala com força. — Paul-Émile! — gritou novamente, girando a maçaneta, feliz da vida.

Mas seu rosto ficou paralisado naquele exato instante: nenhum dos dois homens no corredor era seu filho. O pai os observou, a decepção estampada em sua expressão.

— Bom dia, senhor — disse o mais velho dos dois. — O pai não respondeu. Queria seu filho. — Meu nome é Stanislas — continuou. — Sou do Exército britânico.

— Adolf Stein — emendou o segundo. — Exército britânico também. Meus cumprimentos, senhor.

O rosto do pai recuperou imediatamente a cor.

— Magnífico! Foi meu filho quem enviou os senhores? Mag-ní-fi-co! Ah, de início, duvidei um pouco. É que estão com uma cara! Vieram de Genebra? Onde está meu filho, então? Está para chegar? Já estou com a mala pronta. Não esqueci o trem das quatorze horas.

Doff olhou para Stanislas. Não entendiam tudo, mas o pai parecia tão animado... não esperavam por aquilo.

— Entrem, entrem, cavalheiros. Gostariam de almoçar?

— Não sei... — respondeu Stanislas.

Doff ficou calado.

— Como não sabe? Isso significa que estão com fome, mas que não querem incomodar! Ah, os ingleses, sempre tão educados. Uma nação formidável, isso é o que vocês são. Vamos, não façam cerimônia. Entrem, espero que seja o suficiente, cozinhei só para dois.

As duas visitas foram guiadas pelo pai.

— A que horas Paul-Émile vem nos encontrar?

Doff e Stanislas se mantiveram em silêncio, perplexos, sem encontrar forças para responder. Então Stanislas articulou: — Paul-Émile não vai vir, senhor.

A decepção estampou-se no rosto do pai.

— Ah, bom... Que pena... Ele nunca consegue ser dispensado. É por causa do Pacífico, não é? Maldito Pacífico, os americanos tinham que se virar sozinhos.

Os dois agentes se entreolharam, atônitos, enquanto o pai desapareceu por um instante na cozinha, para voltar com mais um prato e talheres.

— Não consigo... — murmurou Doff a Stanislas. — É muito difícil... Não consigo.

— Está na mesa! — avisou o pai, trazendo uma bandeja fumegante.

Sentaram-se ao redor da mesa, mas Doff, arrasado devido ao que iam fazer com aquele pai, levantou-se imediatamente.

— Desculpe, senhor, mas... temos um assunto urgente. Acabo de me lembrar. É falta de educação de minha parte sair assim, mas é uma urgência excepcional.

— Uma urgência excepcional! Sem problema! — exclamou, despreocupado, o pai. — Isso é muito comum! Fico imaginando meu Paul-Émile, assoberbado com o Pacífico! Guerra é coisa séria, dia e noite. Temos que ser flexíveis.

Doff virou-se para Stanislas, com vergonha de sua covardia, mas o colega, inclinando a cabeça, tranquilizou-o. Ele se encarregaria de dar a notícia.

— Volta para a sobremesa? Para o café?

— Claro... Caso contrário, não precisa esperar!

Nunca voltaria.

— No que se refere ao café, só tenho do falso, com pó de chicória, é claro. Não se importa?

— Claro que não, gosto dos dois, do verdadeiro e do falso.

E saiu precipitadamente do apartamento. Desceu a escada às pressas. Desamparado, sentou-se nos primeiros degraus. De sua sala, a zeladora o observava.

— Quem é o senhor? — perguntou ela.

— Tenente Stein, do Exército britânico.

Apresentara-se como militar para que ela o deixasse em paz.

— Desculpe, oficial. É que costumam aparecer ladrões...

Doff não a escutava. Odiava-se por delegar a Stanislas aquela insuportável missão.

A zeladora ficou ali, a observá-lo. Não falava, porém sua presença o incomodava, queria ficar sozinho. Mostrou sua identificação.

— Exército britânico, como falei. Pode voltar ao seu trabalho.

— Estou no intervalo.

Ele suspirou. Ela continuava a escutiná-lo, intrigada. Acabou falando: — O senhor é um agente inglês? Como Paul-Émile?

O semblante de Doff se entristeceu de repente.

— Do que está falando? — interrogou ele, num tom brusco.

— Ei, não quero criar caso! Eu só estava me perguntando se o senhor pertence ao mesmo serviço do querido Paul-Émile, caramba... Só isso...

Doff estava perplexo: como a zeladora sabia do vínculo entre Pal e o serviço secreto? Ela fez menção de voltar para sua sala, mas ele se levantou.

— Espere! O que sabe sobre Paul-Émile?

— Sei o que devo saber. Talvez até mais que o senhor... Ele sempre morou aqui, com os pais. Depois que a mãe morreu, cheguei inclusive a cuidar dele. O pai nem deve se lembrar, porque parou de me dar gorjetas. O coitado está ruim da cabeça... Depois do que aconteceu com o filho, nada mais normal, o senhor há de convir.

Doff franziu o cenho. Como é que ela sabia de Pal, quando nem o pai parecia estar ciente?

— E o que aconteceu com ele?

— Ora, se está aqui, é porque deve saber. Afinal, é ou não um agente como ele?

— Quem lhe contou tudo isso? — interrogou Doff.

— Foi o alemão que falou. Quando Pal foi preso, aqui. Neste corredor. O alemão disse a Paul-Émile: “Sei que você é um agente britânico.” Então, como o senhor está me dizendo que é do Exército dos Rosbifes, eu fiquei justamente me perguntando se conhecia Paul-Émile. Só isso.

As perguntas fervilhavam na cabeça de Doff: a zeladora tinha visto Pal ali? Com um alemão? Pal então viera a Paris encontrar o pai... Mas por quê? Doff cogitou por um instante ir chamar Stanislas, depois desistiu. Sugeriu à zeladora que fossem ao seu alojamento a fim de conversarem mais tranquilamente. Ela estava encantada de finalmente despertar o interesse de alguém, alguém que além de tudo era um formoso soldado.

Doff se sentou e a zeladora, emocionada, lhe ofereceu café de verdade, que ela guardava com apreço para ocasiões importantes. Achava o militar um homem bonito: tinha uma voz grave, era simpático. E ainda ocupava o cargo de tenente do Exército de Sua Majestade, o que não era pouca coisa! Era bem mais jovem que ela, que poderia ser mãe dele, mas a zeladora sabia que os jovens eram sensíveis às mulheres maduras. Trancou-se no banheiro por um instante.

— Impressionante como os ingleses falam bem francês... — declarou o pai, que já ficara admirado com o francês de Werner.

Stanislas, incapaz de fazer a associação, não percebeu a menção. Continuaram comendo em silêncio. Os pratos quentes, depois a sobremesa. O pai só voltou a falar quando terminaram.

— Agora me conte... Por que vieram aqui?

— Para falar do seu filho. Tenho uma má notícia, senhor.

— Ele morreu, não é? — disse abruptamente o pai.

— Sim.

O pai passara a desconfiar disso tão logo os homens chegaram. Ou talvez desde sempre. E os dois pais se fitaram. O filho deles estava morto.

— Sinto muito, senhor — murmurou Stanislas.

O velho permaneceu impassível. O dia tão temido chegara: ele estava morto, não voltaria mais. Nenhuma lágrima escorria pelo rosto do senhorzinho, nenhum grito saía de sua boca. Ainda não.

— Como aconteceu?

— A guerra. Sempre essa maldita guerra.

A cabeça do pai estava rodando.

— Fale do meu filho, oficial. Fale do meu filho, faz tanto tempo que não o vejo que tenho medo de ter esquecido tudo.

— Seu filho era corajoso.

— Sim, corajoso!

— Um grande soldado. Um amigo fiel.

— Fiel, sempre!

— Para nós, ele era Pal!

— Pal... Que bonito!

O pai sentia as garras insuportáveis do luto apertando seu corpo gradativamente. Sentia falta de ar, como se o mundo estivesse prestes a parar à sua volta. Uma cachoeira de lágrimas escorreu por seu rosto. Pérolas de sofrimento.

— Fale mais, oficial! Fale! Fale!

E Stanislas contou tudo. Contou sobre as escolas, Wanborough Manor, Lochailort, Ringway, Beaulieu. Contou sobre o grupo, sobre as extravagâncias de Gordo, os momentos difíceis marcados pela coragem. Contou sobre os três anos que haviam passado juntos.

— Não está se esquecendo de Laura, a namorada dele? — perguntou subitamente o pai.

Stanislas interrompeu seu relato.

— Como sabia de Laura?

— Paul-Émile me contou.

O velho piloto arregalou os olhos.

— Como conseguiu lhe contar?

— Ele me falou quando esteve aqui.

Stanislas ficou estupefato.

— Ele veio aqui? Quando foi isso?

— Em outubro do ano passado.

— Aqui? Em Paris? — O oficial engasgou.

— Sim, sim. Foi uma alegria reencontrá-lo! Foi um belo dia. Belíssimo. Ele veio me buscar para que fôssemos embora juntos. Para Genebra. Mas não fui com ele. Quis esperar um pouco. Até o dia seguinte, pelo menos. Tínhamos combinado que ele voltaria, mas isso não aconteceu.

Stanislas jogou-se para trás no encosto da cadeira. O que Pal tinha feito? Viera encontrar o pai? Viera a Paris para encontrar o pai? Comprometera a segurança dos companheiros para rever o pai? Mas por quê? Meu Deus, por quê?

As lágrimas encharcavam o rosto do pai, mas sua voz continuava firme.

— Sabe, eu estava preocupado. Quer dizer, mais ou menos. Graças aos seus cartões.

— Cartões?

O pai deu um sorriso triste.

— Cartões-postais. Ah, que cartões! Sempre bem-escolhidos.

Ele se levantou e foi pegá-los na lareira. Espalhou-os sobre a mesa, em frente a Stanislas.

— Ele me comunicou sua partida em... — refletiu por um instante — setembro de 1941. Pedi para que me escrevesse. Para que eu não sentisse tanto medo por ele. E ele cumpriu sua promessa. Fiel, o senhor disse? É a palavra certa para ele. Fiel.

Stanislas, atônito, lia um a um os cartões-postais, com as mãos trêmulas. Havia dezenas, a maioria deles da autoria de Kunszer. O oficial, porém, não sabia de nada. O que constatava era que Pal violara todas as regras de segurança, mesmo sabendo previamente as consequências disso, nada o detivera.

— Como esses cartões chegaram às suas mãos?

— Pela minha caixa de correio. Sem selo, num envelope. Como se tivessem sido deixados por alguém...

Pal, o que Pal tinha feito?! A vontade de Stanislas era desmoronar de desespero: aquele que ele considerara seu filho cometera traição, sequer Pal tinha sido um Homem. Tremia. Pal voltara a Paris para visitar o pai. Certamente a Abwehr o esperava, deve tê-lo seguido e ele deve ter arrastado Faron em sua queda. E Laura, grávida. Ele a jogara como aperitivo aos alemães. Será que

devia chamar Doff? Não. Jamais. Nem Doff, nem ninguém jamais ficaria sabendo. Nem que fosse por Philippe, para que nunca sentisse vergonha do pai, como ele próprio sentia naquele momento. Não sabia mais o que pensar. Deveria renegar aquele a quem amara como se fosse seu próprio filho?

— Para onde Pal queria levá-lo? — perguntou Stanislas.

— Para Genebra. Ele dizia que lá estaríamos em segurança.

— Por que o senhor não foi?

— Eu não queria ir imediatamente. Não daquele jeito. Queria me despedir do meu apartamento. Dos meus móveis. Como eu lhe disse, íamos nos encontrar no dia seguinte, aqui. Para almoçar e depois pegar o trem das quatorze horas. Para Lyon. Esperei por ele, meu Deus, como esperei. Ele nunca mais voltou.

Stanislas contemplou o pai, que soluçava. Mas não lhe causava pena. Seu filho viera resgatá-lo no momento mais crítico da guerra e o pai quisera se despedir dos móveis. Stanislas esperava que Pal tivesse sido preso naquele dia, e não no seguinte, quando viera encontrar o pai para convencê-lo a partir. Aquilo significaria que Pal não tinha sido capaz de se revoltar contra o pai. A necessária revolta dos filhos contra os pais. Sem dúvida Pal tivera medo dos últimos dias fatídicos: os últimos dias de seu pai. Mas os últimos dias de nossos pais não deveriam ser dias de tristeza, eram dias de porvir e perpetuação. Pois, no último dia de seu pai, o próprio Pal se tornava pai.

— O que será de mim agora? — O pai se desesperou, não querendo mais viver.

— Pal teve um filho.

O rosto do pai se iluminou.

— Com Laura?

— Isso. Um belo menino. Tem quase seis meses.

— Que notícia boa! Sou avô! É um pouco como se meu filho não tivesse morrido, não acha?

— É. Um pouco.

— E quando poderei conhecer essa criança?

Stanislas mentiu:

— Um dia... em breve... Neste momento, ele está em Londres, com a mãe.

Laura não podia encontrar o velho. Nunca devia saber o que Pal fizera. De volta ao hotel, mentiria para ela, diria que não havia mais pai, faria o que fosse preciso. Combinaria com Doff, sem lhe explicar nada também, pois ninguém nunca deveria saber. E, se fosse preciso, mataria o velho para que o segredo fosse mantido. Sim, mataria se fosse necessário!

— Conte-me essa história em detalhe — ordenou Doff à zeladora, quando ela voltou finalmente, trazendo na bandeja o bule de café e biscoitos.

Ele notou que ela havia passado perfume.

— Em detalhe desde quando? Da morte da mãe?

— Não! Desde essa história com o alemão. Pense bem, é importante.

Ela tremeu de animação: estava tendo uma conversa importante.

— Foi há um ano, capitão. Em setembro, me lembro direitinho do dia. Eu estava aqui nesta poltrona, esta aqui. Sim, foi isso.

— E depois?

— Ouvi uma confusão no corredor, bem em frente à minha sala. O senhor sabe, coronel, as paredes são finas e a porta é como se fosse de papelão. Quando o portão do prédio fica aberto muito tempo no inverno, sinto o vento e a friagem entrando na minha sala. Sim, senhor, é igual a papelão.

— Então a senhora ouviu um barulho no corredor...

— Exatamente. Vozes de homens. Em francês e alemão, não precisei nem encostar o ouvido na parede. Então abro a porta, com muita discrição, eu diria até que a entreabri, isto é, só um pouquinho, o suficiente para ver... Faço muito isso, não para espionar, só para me certificar de que não são ladrões. Então olhei e reconheci o pequeno Paul-Émile, que eu não via há tempos! E depois notei também o homem, que o ameaçava com uma arma, um sujeito nojento que eu conhecia porque já tinha vindo aqui me fazer umas perguntas.

— Que tipo de perguntas?

— Perguntas sobre Paul-Émile, seu pai e sobre Genebra.

— Genebra?

— Porque o filho estava em Genebra, num banco. No cargo de diretor, acho. Mas não falei muito, para ele me deixar em paz, caramba.

— Mas quem era esse sujeito?

— Um policial francês, foi o que ele disse da primeira vez. Mas, em seguida, quando o revi no corredor, com o revólver e falando sua língua cheia de pompa com outros dois sujeitos que eu nunca tinha visto, percebi que era um alemão.

— Sabe o nome dele? — interrompeu-a Doff, que estava fazendo anotações num caderno de couro verde.

— Não.

— Bom. Continue...

— Em seguida, meu general, esse alemão imundo jogou Paul-Émile no almoxarifado, bem à esquerda da entrada. Eu não conseguia mais vê-lo, mas ouvia os golpes que ele desferia em Paul, mandando que escolhesse. Dizia — ela fez um sotaque germânico grosseiro —: “Sei que o senhor é um agente inglês, e que há vários em Paris.” Disse mais ou menos isso, sem sotaque, pois ele falava

francês perfeitamente e foi por isso, aliás, que não desconfiei de nada quando ele afirmou que era um policial francês.

— Escolher o quê?

— Se Paul-Émile falasse, o alemão não faria mal ao seu pai. Caso contrário, o pai acabaria como um polonês ou algo assim.

— E...?

— Ele falou. Não ouvi tudo, mas Paul-Émile falou e o levaram. E o alemão imundo ficou vindo aqui, com frequência. Não me pergunte por quê, não sei nada sobre isso, mas sei o que vi. E depois, quando veio a Libertação, ele sumiu do mapa, evidentemente.

Doff ficou sem palavras. Pal entregara Faron, entregara Laura. Sua amada. Não, isso era impossível... Como ele poderia ter mandado Laura para a morte? Que confusão Pal arranjara ao vir ali! E por quê? Doff decidiu que ninguém nunca deveria saber, nem Stanislas, nem ninguém. Guardaria o segredo pelo resto da vida. Philippe jamais saberia a verdade sobre o pai.

Doff sentia-se mal, com calor, dor de cabeça. Levantou-se num impulso brusco, quase derrubando a bandeja e o café que ele não bebera.

— Já vai, meu general?

Doff fitou severamente a zeladora.

— A senhora contou essa história a mais alguém além de mim?

— Não. Sequer ao pai. Eu morria de medo do alemão, que vivia voltando.

— Sabe guardar um segredo?

— Sei.

— Então nunca conte essa história a ninguém. Nunca, a ninguém. Esqueça essa história, leve-a para o túmulo... É segredo de Estado, sigilo mundial.

Ela tentou protestar, em vão. Doff assumiu um tom autoritário e ameaçador, articulando lentamente: — Guarde este segredo. Caso contrário, mandarei fuzilá-la por alta traição!

Ela arregalou os olhos, horrorizada.

— Pam! — gritou Doff, imitando uma execução, os dedos formando uma pistola. — Pam! Pam!

Ela dava um sobressalto a cada detonação. O alemão ameaçara-a do mesmo jeito, um ano antes. Os militares eram todos, sem exceção, sujeitos imundos.

*

Stanislas desceu a escada e saiu em frente ao prédio. Na calçada, Doff fumava um cigarro à sua espera. Entreolharam-se e suspiraram juntos.

— Pronto — disse Stanislas.

— Pronto — respondeu Doff.

Silêncio.

— Como ele recebeu a notícia?

— Vai ficar bem...

Doff balançou a cabeça.

— Sabe, Stan, acho que vou arquivar o caso... Tudo foi dito, não precisamos mais vir aqui. Culpa do destino.

— Sim, sim, arquivar o caso. Culpa do destino. Nada a acrescentar, e não vir mais aqui. Guerra miserável...

— Guerra miserável.

Deram alguns passos em direção ao rio Sena.

— Ah, esse Pal. Um herói, hein? — acrescentou Stanislas.

— Com certeza, um herói.

Não voltaram ao hotel imediatamente. Precisavam beber alguma coisa.

Eram quase três da tarde quando Laura tocou a campainha do apartamento.

Por que Stanislas e Doff não tinham voltado ao hotel? Havia saído às onze e meia, e ela esperara quatro horas no quarto, sem sair desde a noite da véspera. Estava preocupada, não aguentava mais ficar aguardando e decidira ir até a rue du Bac. Colocara Philippe em seu carrinho e fora até a casa do velho.

Ele abriu a porta. Pensava ser Stanislas de volta. Não conseguia mais conter os soluços, mas abriu assim mesmo.

Vendo o homem aos prantos, Laura compreendeu que Stanislas e Doff haviam lhe dado a notícia. Mas por que não tinham retornado ao hotel logo em seguida?

— Bom dia, senhor. Sou Laura... Não sei se Stanislas falou de mim...

Ele sorriu tristemente e assentiu. Laura. Ela também viera de Londres? Já? Pouco importa. Achou-a magnífica.

— Então o senhor que é o pai de Paul-Émile... — murmurou ela, com os olhos marejados. — Ele me falou tanto do senhor...

O homem sorriu de novo.

— Laura, querida... Você é ainda mais bonita do que eu poderia imaginar.

Num impulso repentino, os três se abraçaram.

— É o meu neto?

— O nome dele é Philippe... Como o senhor. Ele não é lindo?

— Magnífico.

Acomodaram-se na sala e ficaram se olhando, sem falar, tomados pela tristeza. Depois, a pedido do pai, Laura falou sobre Pal, como Stanislas fizera. Ela contou sobre Londres e os momentos de felicidade. Contou como achava Philippe parecido com o pai e o avô concordou. Enquanto a mãe falava, Philippe, nos braços dela, sorria e, em seu balbúcio, entabulava uma grande conversa com o mundo.

O avô não se cansava de admirar a moça e a criança. Eram a família de seu filho, sua descendência. A perpetuação do seu nome. As lágrimas continuavam a brotar.

Conversaram durante quase duas horas. Às cinco da tarde, o pai, exausto, convidou Laura para voltar no dia seguinte.

— Foi um dia difícil — disse ele. — Preciso ficar um pouco sozinho, entende?

— Claro. Foi uma grande alegria conhecê-lo.

— Para mim também. Volte amanhã cedo. Ainda temos tanto a conversar.

— Amanhã. Bem cedo.

— Gosta de bolo? — perguntou o pai. — Eu poderia comprar um bolo para amanhã.

— Um bolo. Excelente ideia — concordou Laura. — Comeremos juntos e conversaremos mais.

Abraçaram-se, o avô beijou o neto. E ela se foi.

Na rua, sentiu vontade de caminhar. Andar lhe faria bem. Amanhã convidaria o pai para ir ao solar do Sussex. Talvez quisesse fazer um breve discurso. Talvez quisesse morar em Londres por um tempo. Por Philippe. Ela sorriu. O futuro brilhava à sua frente.

*

Gordo saiu do hotel Cecil, onde a SOE mantinha seus escritórios na França. Seguindo as indicações de um oficial, com quem cruzou por acaso em frente ao Lutetia, onde se hospedara depois da partida de Saskia, fora até lá para regularizar sua situação, sem saber mais se era agente inglês ou cidadão francês.

No Cecil, tivera direito a uma entrevista sucinta e sem protocolo. Havia lhe explicado que a Seção F tinha sido desativada, então ele poderia juntar-se às fileiras do Exército francês, caso desejasse, na patente idêntica à obtida a serviço da SOE: tenente.

— Não, obrigado — declinara Gordo. — Não quero mais guerra, não quero mais nada.

Seu interlocutor dera de ombros. Impusera um chá de cadeira ao gorducho, depois lhe entregara um certificado sugerindo que ele tivera uma participação importante na guerra. Só isso. Nenhum rufar de tambor, nenhuma continência militar, nenhum papel para assinar. Nada. Até logo e obrigado. Gordo sorria, não ia se irritar com isso. A SOE se extinguia da mesma maneira que surgira. Tinha sido a maior improvisação de toda a história da guerra.

O gorducho vagava ao acaso pelas ruas. Admirava seu diploma com orgulho, aproximando-o e afastando-o dos olhos para poder contemplá-lo por inteiro. Iria mandá-lo para os pais. A guerra estava terminada, para ele e para seus companheiros. Para a Seção F. Uma página de sua história fora definitivamente virada. O que seria deles?

Continuou andando, a direção não tinha importância. Sem saber, encaminhava-se para a rue du Bac. Sem saber, fazia, em sentido inverso, o trajeto de Pal, que, numa manhã de setembro de 1941, deixara Paris para trilhar

as veredas da guerra. Foi então que a viu, acompanhada do filho, Philippe, em seu carrinho de bebê: Laura. Ela sorria para ele, reconheceu de longe sua imensa silhueta. Que surpresa! Que extraordinária surpresa aquele reencontro, ali, naquelas circunstâncias. Ela sorria, mais linda do que nunca. Ela e o filho órfão de pai reencontravam Gordo: pensaram no destino, talvez no acaso, mas o mundo é muito pequeno para que possamos jurar nunca mais ver alguém. Só se perdem de vista os que realmente querem isso.

Gordo correu até Laura, abraçando-a com todas as suas forças.

— Tive tanto medo de nunca mais encontrá-lo! — exclamou a jovem.

Sentira medo por ele. Gordo fechou os olhos de felicidade e, discretamente, pousou a mão na cabeça do novo filho.

— O que está fazendo em Paris? — perguntou o gorducho.

— Vim visitar o pai de Pal. Stanislas e Doff também estão comigo.

Sorriram.

— Volte para Londres com a gente — disselhe Laura. — Volte para Londres, você não quer?

— Quero.

— Estão todos à sua espera. Queremos nos reunir no solar dos meus pais. Por alguns dias. Em memória de Pal e dos mortos.

— Todos juntos?

— Todos juntos. Como na época das escolas. Mas não teremos mais que acordar de madrugada. Não sofreremos mais. Vencemos a guerra.

Philippe, em seu carrinho, manifestou-se.

— Quer segurá-lo? — ofereceu Laura.

— Eu adoraria.

Ela pôs o filho nos braços de Gordo, transbordante de amor, e ele o apertou delicadamente contra si, enquanto a criança colocava suas minúsculas mãos sobre as enormes bochechas daquele que se tornaria um pouco seu pai.

O que seria deles? Isso não importava. Os demônios voltariam, sabiam disso, pois a Humanidade esquece facilmente. Para se lembrar, construiria monumentos e estátuas, confiaria sua memória às pedras. As pedras nunca esquecem, mas ninguém presta atenção nelas. E os demônios voltariam. Mas sempre haveria Homens em algum lugar.

— O que será de nós? — perguntou Gordo.

— Isso não é importante — respondeu Laura.

Ela pegou a mão livre dele.

— Arranjei uma namorada — anunciou, orgulhosamente.

Ela sorriu.

— Você é o melhor Homem do mundo.

Ele corou.

— O nome dela é Saskia... É um nome de guerra também. Hoje, ela me disse que me amava.

— Eu também, também te amo! — protestou Laura.

Ela lhe deu um beijo na bochecha. Um beijo longo e sincero como Gordo jamais recebera. Ele suspirou de prazer. Elas o amavam.

— Talvez Saskia e eu tenhamos filhos — disse.

— Espero que sim.

Caminharam até o rio Sena, aninhados um no outro. Pensaram no futuro, contemplando o rio. Os que não queriam mais amar, amariam finalmente, e os que queriam ser amados, o seriam com certeza. Podemos amar várias vezes, de maneiras diferentes.

No mesmo instante, na rue du Bac, o pai estava deitado na cama de seu filho, apertando a mala contra si. Não acordaria mais; chorara suas últimas lágrimas, o sofrimento o levava. Não haveria mais filho, não haveria mais cartas. E o senhorzinho fechou os olhos para morrer.

Fora um belo dia. Um desses dias em que, sem qualquer motivo específico, faz bem viver. No âmagô do céu, dois vultos dançavam: o pai reencontrara o filho. Finalmente. Abraçavam-se.

EPÍLOGO

Dezembro de 1955. Estavam todos reunidos no solar do Sussex.

O tempo passara. A guerra terminara em maio de 1945. A SOE fora integralmente dissolvida em janeiro de 1946.

Diante do chafariz, rememoravam. O tempo passava e apagava muita coisa, era difícil lembrar de tudo. Então, para não se esquecerem, todos se reuniam, anualmente, na mesma data, no mesmo local. E se lembravam de Pal, Faron, Aimé e todos os mortos da guerra.

Estavam na sala, todos sem exceção, com suas famílias. Ao abrigo da grande sacada envidraçada, as crianças brincavam animadamente. A alegria imperava.

Claude tornara-se chefe de gabinete no Quai d'Orsay. Estava noivo. Às vezes, quando encontrava tempo, acreditava em Deus.

Key nunca voltara à França. Entrara para o Serviço Secreto de Inteligência. Estava casado, tinha dois filhos. Sua grande aflição no momento eram os comunistas.

Adolf Doff Stein também se casara. Era pai de três belas crianças e ocupava a presidência de uma grande indústria têxtil, com sede em Londres. Guardara o segredo.

Stanislas tampouco falara, jamais falaria. Durante os primeiros anos do pós-guerra, voltara à atuar como advogado, antes de finalmente se aposentar. Achava bem-merecido. Às escondidas, distribuía chocolate para as crianças, fascinadas, que o chamavam todas de Vovô.

Laura entrou na sala, com uma bandeja de bebidas e bolos nas mãos. Tinha trinta e cinco anos. Depois de Pal, nunca mais tivera ninguém. Mas continuava bela e radiante. Um dia, encontraria alguém, teria outros filhos. Ainda tinha uma vida inteira pela frente.

Sentado no chão, Gordo ria e brincava com as crianças. Eram todos seus filhos. Saskia nunca fora a Londres para encontrá-lo e às vezes ele sonhava com ela. Desde o pós-guerra, trabalhava como garçom num restaurante francês em Londres. Não raro subtraía uma prova dos pratos. Discretamente.

Dentre as crianças que riam, estava Philippe. Tinha onze anos. Era uma bela criança, amável, risonha, inteligente, fiel. Por pudor, ninguém lhe dizia, mas era a réplica exata do pai.

Depois de comerem algumas fatias de bolo, Gordo pegou Philippe pela mão e

o levou para o lado de fora. Em Londres, ia frequentemente buscá-lo na escola. Não passava um dia sem que se vissem.

Os dois vultos caminharam até o chafariz. Acariciaram o granito. Depois deram mais alguns passos na direção do grande lago. No céu, os últimos passarinhos esvoaçavam antes do anoitecer.

— O que devo saber para a vida, agora que já tenho onze anos? — perguntou Philippe.

Gordo refletiu por um instante.

— Temos que ser bons com as raposas. Se vir uma, lhe dê pão. Isso é importante. As raposas estão sempre com fome.

O menino balançou a cabeça.

— O que mais?

— Seja um bom garoto.

— Está bem.

— Seja bom com sua mãe. Ajude-a. Ela é uma mulher formidável.

— Está bem.

Silêncio.

— Eu queria que você fosse meu pai — disse a criança.

— Não diga isso.

— É verdade.

— Não fale assim que eu choro.

— Papai...

— Não me chame assim!

— Papai, será que um dia teremos guerra de novo?

— Com certeza.

— E então o que devo fazer?

— O que o seu coração mandar.

— E o que o coração diz durante a guerra?

— Para a gente ser corajoso. Coragem não é não ter medo, é ter medo e resistir assim mesmo.

— Mas o que todos vocês fizeram esses anos? Esses anos sobre os quais não podemos mais falar...

Gordo sorriu, sem responder.

— Você nunca vai me contar, não é? — perguntou a criança, suspirando.

— Nunca.

— Talvez alguém escreva um livro. Então eu saberei.

— Não.

— Por quê? Gosto de livros!

— Os que estavam lá não vão escrever...

— E os outros?

— Os outros também não. Não se pode escrever sobre o que não se viveu.

Philippe calou-se, resignado. Gordo pegou sua mão. Contemplaram o mundo. O gorducho vasculhou então em seu bolso e tirou um saquinho de balas. Deu-o ao único filho que jamais teria. O menino começou a comer e Gordo lhe deu um tapinha na cabeça com suas mãos rechonchudas, encabulado. Parecia estar tocando um tambor. Começou a chover. Chovia, mas os pingos não os atingiam.

— Você também vai morrer? — perguntou o filho.

— Um dia. Mas daqui a muito tempo.

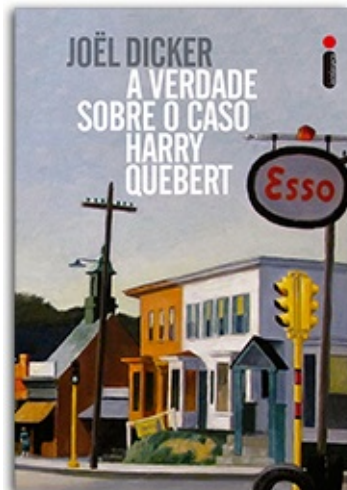
A criança suspirou, feliz. Aquele muito tempo lhe parecia enorme. Aconchegou-se em Gordo e abraçou-o com força. Era seu filho. E Gordo aproveitou a chuva para chorar um pouco. Furtivamente. Gostaria de falar mais, dizer-lhe o quanto o amava, mas manteve o silêncio. Não era mais tempo de palavras.

SOBRE O AUTOR



JOËL DICKER nasceu em Genebra, na Suíça, em 1985. Seu segundo romance, *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, foi finalista do Prêmio Goncourt e vencedor do Grande Prêmio de Romance da Academia Francesa e se tornou fenômeno literário mundial. Escrito quando o autor tinha apenas 24 anos, *Os últimos dias de nossos pais*, seu primeiro livro, foi agraciado com o Prêmio dos Escritores de Genebra.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



[A verdade sobre o caso Harry Quebert](#)

LEIA TAMBÉM



[*Tigres em dia vermelho*](#)
[Liza Klaussmann](#)



[*O dia seguinte*](#)
[Rhidian Brook](#)



[Toda luz que não podemos ver](#)
[Anthony Doerr](#)